**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA**

GRAZIELA SCHNEIDER URSO

**A FACE RUSSA DE NABÓKOV:
POÉTICA E TRADUÇÃO**

VERSÃO CORRIGIDA

**São Paulo
2010**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA**

GRAZIELA SCHNEIDER URSO

**A FACE RUSSA DE NABÓKOV:
POÉTICA E TRADUÇÃO**

*Dissertação apresentada ao Programa de
Literatura e Cultura Russa do Departamento de
Letras Orientais da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo, para a obtenção do título de Mestre
em Letras*

Orientadora: Profa. Dra. Elena Vássina

**São Paulo
2010**

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Urso, Graziela Schneider

A Face Russa de Nabókov: Poética e Tradução / Graziela Schneider
Urso; orientadora Elena Vássina – São Paulo, 2010.
459 f. : tab. + anexos

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e
Cultura Russa – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Elena Vássina.

1. Nabókov, Vladímir Vladímirovitch. 1899-1977 2. Literatura Russa
3. Cultura Russa 4. Língua Russa 5. Tradução 6. Autotradução. I.
Título. II. Vássina, Elena.

A FACE RUSSA DE NABÓKOV: POÉTICA E TRADUÇÃO

GRAZIELA SCHNEIDER URSO

BANCA EXAMINADORA

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em ____/____/____

*Aos meus pais, irmão e irmã,
com todo o meu amor*

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Elena Vássina, por ter me incentivado e acolhido como aluna e por seu precioso apoio e dedicação como orientadora, o eterno agradecimento por compartilhar o amor à literatura e cultura russa.

Aos Prof. Drs. Bruno Gomide e Biagio D'Angelo, por toda a atenção, pelo esmero na leitura do trabalho e pelas inspiradas sugestões.

Ao Prof. Dr. Brian Boyd, pela consideração e disposição, e pelo encontro na admiração desmedida por Nabókov.

Ao Prof. Dr. Dmítri Guriévitch pela valiosa ajuda e contribuições essenciais nas horas compartilhadas durante o cotejo.

Ao Professor emérito Boris Schnaiderman, porque sem ele esta caminhada não se realizaria.

Aos meus pais, João e Maria, irmãs, Catharina e Mirian, e irmãos, Fabiano e Thiago, minhas incessantes e eternas fontes de inspiração, sem os quais nada seria possível.

A Rodrigo Ferreira de Lima, sem o qual a finalização deste trabalho não teria sido possível, pela força, atenção e inestimável ajuda.

A todos os colegas da área de russo, em especial Anastácia Bytsenko, que deu o primeiro impulso para o início da pesquisa e debruçou-se sobre minha tradução, dividindo comigo o encanto pela obra nabokoviana nas horas de conversas e cotejo; Priscila Marques, que compartilhou dúvidas e descobertas ao longo do caminho; e Denise Sales, pela companhia nos tantos anos percorrendo as veredas da tradução do russo.

A João e Maria, pela persistência, amparo, infinito cuidado e incentivo até o último momento.

À Catharina e Thereza, eternas companheiras, sempre dispostas a me ouvir, ajudar e animar neste percurso, acreditando em mim. À querida Leila Gunther, que, mesmo sem saber, sempre me escuta. À Lucia Sano, por todo seu apoio e sábios conselhos.

Aos meus queridos amigos Marcelo Daniliauskas, Julia di Giovanni e Daniela Peçanha, por toda paciência e carinho, sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis. Às minhas mosqueteiras gregas, Anastassía, Lina e Maria, tão longe, tão perto.

À FAPESP, pelo auxílio fundamental para o desenvolvimento da pesquisa e do trabalho.

À Silvia, ao Fernando e aos meninos da Gráfica Multiofício, pela prontidão e inestimável ajuda na concretização do trabalho.

Ofício

Ver. Rever. Desver.
Rever o visto, desrever.
E novamente rever.

Longe, o tradutor
Mais longe ainda, um autor
Depois, o revisor
E o linotipista
E o revisor do revisor.

Serão palimpsestos?
Serão alfarrábios, escritas cuneiformes,
Hieróglifos – ou apenas glifos?
Grifos ou negritos?
Itálico ou redondo?
Tipo 33 ou 36?

O revisor vê. Revê.
Tudo visto e revisto
Ainda relê
E finalmente deslê.

(Dante Moreira Leite)

RESUMO

URSO, G. S. *A face russa de Nabókov: poética e tradução*. 2010. 480 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

No Brasil, o nome Nabókov remete tão somente a escritor norte-americano, criador de “Lolita” e raro se lembra de sua origem russa. Nem os leitores, nem a crítica literária brasileira associam Nabókov à literatura russa, apesar de ter-se consagrado primeiramente como autor russo e por mais de 20 anos ter escrito nessa língua, com a qual ele se identifica tanto como escritor, tradutor e autotradutor, quanto como professor e teórico. A presente dissertação é o primeiro trabalho a trazer a tradução direta do russo da coletânea de contos “Primavera em Fialta” (1956), obra-prima do momento russo de Nabókov, inédita no Brasil. Propõe-se a adentrar o arcabouço nabokoviano, delinear sua poética e traçado distintivo, ressaltando seus procedimentos estilísticos e lingüísticos. Finalmente, objetiva-se observar o processo tradutório de Nabókov, suscitando questões atreladas às mudanças de paisagem e língua literária e investigando a relação entre escritura, tradução e identidade cultural e artística.

Palavras-chave: 1. Nabókov, Vladímir 2. Literatura Russa 3. Cultura Russa 4. Língua Russa 5. Tradução 6. Autotradução

ABSTRACT

URSO, G. S. *Nabokov's Russian face: poetics and translation*. 2010. 480 f. Master thesis. FFLCH, University of São Paulo. São Paulo, 2010

In Brazil, Nabokov is usually best remembered as the North-American author of “Lolita”, and his Russian origins are rarely mentioned. Brazilian readers and literary critics never think of linking Nabokov with Russian literature, even though he was first known as a Russian writer, for over two decades, and even though he identified himself as such, as well as being a translator, self-translator, teacher and theoretician. This master thesis is the first one to offer a direct translation from Russian into Portuguese of “Spring in Fialta” (1956), a remarkable collection of short stories from Nabokov’s Russian period, considered a masterpiece, never yet published in Brazil. It will also describe Nabokov’s poetics and stylistic peculiarities, as well as the linguistic process at work in the short stories. This work aims at studying Nabokov’s translation process, raising issues linked with the changes in his literary landscape and language, and observing the relation between writing, translation, as well as cultural and artistic identity.

Keywords: 1. Nabokov, Vladimir 2. Russian Literature 3. Russian Culture 4. Russian 5. Translation 6. Self-Translation

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: CRIAÇÃO COMO VIDA.....	13
2	TRADUÇÃO.....	25
2.1	Primavera em Fialta.....	27
2.2	O círculo	50
2.3	Melro	62
2.4	Cortina de fumaça.....	75
2.5	A visita ao museu	82
2.6	Nuvem, lago, torre	94
2.7	Lábios colados	105
2.8	<i>Ultima Thule</i>	120
3	FALA, TRADUÇÃO	152
3.1	Traduzir Nabókov: de través	152
3.2	(Re)ler, (Re)traduzir, (Re)escrever.....	153
4	(AUTO)TRADUÇÃO COMO (RE)CRIAÇÃO.....	158
4.1	A arte da tradução.....	158
4.2	<i>Modus Vertendi</i> nabokoviano.....	169
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178
	REFERÊNCIAS	183
	ANEXOS	186
I	Tabela de Transliteração	186

II	Cotejo Ilustrativo Russo-Inglês.....	188
III	Cronologia	448

“memórias são ‘seguranças’. Obviamente, mais seguras do que os ‘originais’,
e com o tempo, cada vez mais”. (Stravínski)

“Como el Dios del primer versículo de la Biblia, cada escritor crea un mundo. Esa creación, a diferencia de la divina, no
es ex nihilo; surge de la memoria, del olvido que es parte de la memoria, de la literatura anterior, de los hábitos de un
lenguaje y esencialmente de la imaginación y de la pasión.” (J. L. Borges)

“E teço versos como quem refaz
a vida.”

(Odylo Costa, filho)

1 INTRODUÇÃO: CRIAÇÃO COMO VIDA¹

Tudo em Nabókov é re-torno – re-ler, re-visar, re-criar. A reiteração dá a ideia de seu incessante trabalho de construção e re-elaboração poética, que intensifica e aprofunda a relação entre o receptor e o objeto artístico. “Nabókov não apenas *escreve* de uma maneira nova, aprendemos com ele a também *ler* de um jeito novo” (BERBEROVA, 1970):

“uma pessoa não pode *ler* um livro: ela só pode **relê-lo**. Um bom leitor, um leitor primordial, um leitor ativo e criativo é um **re-leitor**. [...] Quando lemos um livro pela primeira vez o próprio processo laborioso de mover nossos olhos da esquerda para a direita, linha após linha, página após página, esse complicado trabalho físico sobre o livro, o próprio processo de descobrir o que é livro em termos de espaço e tempo, ficam entre nós e a apreciação artística. [...] Não temos um órgão físico (como temos o olho para um quadro) que assimile a imagem toda e então pode apreciar seus detalhes. Mas em uma segunda, terceira, quarta leitura nos comportamos diante de um livro, até certo ponto, como nos comportamos diante de um quadro” (NABOKOV, 1980, negrito meu).

A busca por um “equilíbrio artístico harmonioso entre a mente do leitor e a do autor”, em um processo que conta com “imaginação impessoal e deleite artístico” do leitor, (NABOKOV, 1980) faz da arte da composição nabokoviana, intertextual e metamórfica, um percurso entre tradição e inovação, permeado de diálogos culturais e jogos labirínticos de palavras e enredos.

¹ As grafias dos nomes em português levarão acento, salvo em casos de citações em que o autor tenha utilizado outra grafia.

Vladímir Vladímirovitch Nabókov vive passando por múltiplas transformações. Nasce em São Petersburgo em 23 de abril de 1899, “quando a cidade ainda era capital do Império Russo” (VOLKOV, 1997), onde teve uma infância idílica e sólida formação cultural, como “uma perfeita criança trilingue em uma família com uma ampla biblioteca (NABOKOV, apud HAMILTON)” que depois “exemplifica as privações culturais da emigração sobrevivente” (VOLKOV, 1997).

Em uma típica família aristocrática, “VN aprendeu primeiro inglês e depois francês com várias governantas; seu pai, quando percebeu que seu filho lia e escrevia em inglês, mas não em russo, contratou um instrutor de uma escola local para ensinar VN e seu irmão Serguei sua língua nativa. A família Nabókov *costumava falar em casa uma mescla de francês, inglês e russo, e essa diversidade linguística desempenharia um papel primordial no desenvolvimento de VN como artista.*” (HAMILTON, grifo meu).

Quando da Revolução Russa, os Nabókov foram obrigados a deixar São Petersburgo, partindo primeiro para a Criméia, e logo emigrando para a Europa Ocidental, em condições precárias, para nunca mais voltar.

É o início de uma sucessão de episódios trágicos: a forçosa partida, as dificuldades, o assassinato do pai, novas adversidades, novas partidas inevitáveis e novos re-começos, a morte do irmão Serguei em um campo de concentração, os anonimatos, os favores dos amigos e conhecidos, a eterna vida itinerária:

“As imagens daquilo que o rodeava na infância tornam fácil de entender por que ele parecia recusar-se a construir um lar verdadeiro novamente, preferindo alojamentos temporários em apartamentos alugados, casas cujos proprietários estavam ausentes e, finalmente, uma suíte de hotel. Ele perdera um lar, uma terra e um mundo, e estava obviamente determinado a nunca tornar-se tão ligado a um lugar outra vez” (PROFFER, 1994)

Entretanto *sua* Terra e *sua* Língua continuam em sua ficção. O constante estado de impermanência, “neither here nor there” leva a intermitentes processos de re-negociação de identidade, culminando em um estilo, linguagem e escritura nabokoviano muito *sui generis*: nem russo, nem inglês, nem francês, mas seu russo, seu inglês, seu francês (con)fundindo-se em uma linguagem entremeada, “deslocante”, movediça, flutuante, pêndula.

Vladímir Nabókov estuda literatura francesa e russa na Universidade de Cambridge. Depois do brutal assassinato do pai, por razões políticas, em 1922, muda-se para Berlim, onde vive até 1937, exercendo inúmeras atividades para sobreviver com dificuldades, sobrando-lhe menos tempo do que gostaria para escrever.

Em 1925 casa-se com Véra Slónim, sua eterna companheira. Em 1934 nasce seu único filho, Dmítri Vladímirovitch Nabókov, que depois se tornaria seu tradutor.

Ainda na Rússia, desde muito cedo, começara a escrever poesia, e nos anos berlinenses consolida-se, como Vladímir Sírin, um dos escritores mais reconhecidos da literatura russa da emigração, publicando vasta obra prosaica, dramática e poética, destacando-se como “um tremendo escritor, maduro, sofisticado, moderno [...]; um grande escritor russo, como um fênix, [que] nascera do fogo e das cinzas da revolução e do exílio. A partir de então, nossa existência tinha adquirido significado. Toda minha geração estava justificada. Estávamos salvos.” (BERBEROVA, 1970).

Não por acaso, Nabókov escolhe o pseudônimo Sírin, pássaro mitológico do folclore russo, da época pagã, que remete a mundo poético e paradisíaco, temática recorrente em suas obras.

A recepção da obra nabokoviana mostrava que “algo grande, distinto, algo original, prodigioso em escala mundial, podia emergir entre os Akáki Akákievitchs² da Europa”, e de que ele era um caso isolado, “o único escritor russo (tanto na Rússia como na emigração) que pertence a *todo* mundo Ocidental (ou ao mundo em geral), e não só à Rússia” (IDEM, 1970). Nesse contexto, por um lado, da emigração, por outro, de momento cosmopolita, “na perspectiva do passado e do futuro, Nabókov é a resposta a todas as dúvidas dos exilados, dos perseguidos, ofendidos e prejudicados, os ‘despercebidos’ e os ‘perdidos’!” (IBIDEM, 1970).

A primeira metade de sua vida literária ele escreve quase que exclusivamente em russo. É no primeiro período de emigração, a maior parte do tempo em Berlim e Paris, ainda como Vladimir Sírín, que cria os contos, reunidos e publicados em “Primavera em Fialta” (1956), além de outras obras fundamentais como “Машенька” (1926) [Máchenka/Máchenka], “Защита Лужина” (1930) [Zaschíta Lújina/A Defesa Lújin], “Камера обскура” (1932) [Kámera obskúra/Riso no Escuro], “Отчаяние” (1936) [Otcháianie/Desespero], “Приглашение на казнь” (1938) [Priglachénie na kazn/Convite ao Cadafalso], “Дар” (1937) [Dar/O Presente], entre outras, algumas traduzidas para o português a partir das versões em inglês, marcando “o surgimento de um ramo do modernismo literário típico de Petersburgo na cena internacional” (VOLKOV, 1997).

“[N]a arte da literatura (entendo-a como uma arte) a língua é a única realidade que divide essa arte universal em artes nacionais”. (NABOKOV, 1981): entre o tradicional e o moderno, o particular e o universal, Nabókov “desenvolveu [...] uma estética cosmopolita baseada em princípios clássicos, mas a partir de uma perspectiva moderna”. [...] “A revolução, na Rússia, criara novas realidades que tornaram irreversível sua imigração,

² Personagem de “O Capote” de Nikolai Gógol. Cf. o texto de Eikhenbaum, “Como é feito o Capote de Gogol”, in *Teoria da Literatura – Formalistas Russos*, Porto Alegre, Globo, 1973.

contribuindo para a criação do ramo do modernismo no exterior (VOLKOV, 1997), transformando as prementes universalidade e mutabilidade do autor em algo permanente.

A coletânea “Primavera em Fialta” (1956) foi escolhida justamente por apresentar contos escolhidos pelo próprio autor, representativos da obra russa do escritor e ilustrativos do estilo e das temáticas nabokovianas, de suas “cadeias de símbolos”, que descortinam “a questão da *criação* poética e a questão da *Rússia*” (BERBEROVA), centrais nesses contos e em sua produção como um todo.

A pena de Nabókov revisita constantemente a questão identitária, o passado na terra pátria, o presente de apátrida, de estrangeiro em qualquer lugar. É reconhecida por seus estudiosos a temática do paraíso perdido, a memória insistente, as remissões, alusões e elisões. Os contos de “Primavera em Fialta” (1956) retratam as descontinuidades, perdas e separações, o eterno retorno, o tempo mitológico e cíclico.

Nos contos estão condensados temas como o eterno retorno, as perdas, o irrecuperável, a memória, a relatividade e a não-linearidade espaço-temporal, por meio de monólogos interiores e fluxos de consciência, alternância do narrador, o elemento surpresa, a ironia, o grotesco; a minúcia, a palavra precisa, o ritmo narrativo marcado e o tom sugestivo; a mescla da tradição com olhos novos, a intertextualidade, a defesa da elegância, do primor, da especificidade, em detrimento do “vulgar”, “lugar-comum”, enfim, a predileção por “ardis literários e alusões” e “o ‘cenário’ e o ponto de vista” que “se alteram repentinamente, revelando a presença do autor onipotente” (VOLKOV, 1997):

“O filistinismo implica não só uma coleção de ideias convencionais, mas também o uso de frases prontas, clichês, banalidades expressas em palavras desbotadas. Um verdadeiro filisteu não tem nada além dessas ideias triviais nas quais ele consiste por inteiro. [...] Russos têm, ou tiveram, um nome especial para o filistinismo presunçoso. *Poshlism* não é só o obviamente inútil, mas, em especial, o falsamente importante, falsamente belo, pseudo-inteligente, falsamente atraente. Atribuir o implacável rótulo de *poshlism* a alguma coisa não é só um julgamento estético, mas também um indiciamento moral. O genuíno, o ingênuo, o bom nunca é *poshlost*.” (NABOKOV, 1981)

O dever estético de pertencer à “elite cultural *émigré*”, que “‘não era exilada, mas emissária’, responsável pela preservação da herança russa, sob ataques dos novos donos do país, e por chamar atenção acerca das trágicas consequências do experimento comunista”, de portar “a influência da mensagem cultural” *emigré*, “endereçada ao público ocidental moderno tanto quanto às futuras platéias da Rússia ‘pós-comunista’,” de plantar “na mente ocidental a imagem mítica, legendária de sua cidade nativa, justo naquele trágico período, quando, na terra natal, seu mito estava sendo arrancado pela raiz” (VOLKOV, 1997) era também moral. Sua história e cultura eram resgatadas, recriadas e resguardadas em suas obras.

“Quase sem ter consciência disso, [...]” os exilados “herdaram a tradição russa – uma atitude séria da criação literária, considerada como uma missão que deve ser cumprida com fervor e que demanda esforço e sacrifício contínuo.” (ISWOLSKY, 1942).

Quando a Rússia “reaviu” a inestimável herança nabokoviana,

“[u]ma animada polêmica desenvolveu-se em torno da obra de Nabokov, que para muitos parecia preocupado demais com a ‘estética’ e condescendente. Respondendo a tais acusações, Andrei Bitov afirmou que ‘não está claro o que predomina – orgulho e esnobismo, ou timidez e modéstia’. [...] ‘Não acredito que Nabokov pretendesse ensinar inglês ao idioma russo, mas de alguma forma ele conseguiu ensinar russo à língua inglesa, o que não é pouco’. (VOLKOV, 1997)

Depois de passarem alguns anos em Paris, devido à ascensão e iminentes ameaças do Nazismo, em 1940, o escritor, sua mulher e seu filho se mudam para os EUA. O novo exílio acarreta novas perdas e arduidades, a precisão de novo começo, país, idioma e identidade, e Nabókov “pondera as possibilidades de reformular radicalmente sua identidade de escritor”, conforme coloca Julian Connolly (2005), um dos maiores

estudiosos de Nabókov nos últimos anos, ao lado de Alexander Dolinin e Brian Boyd, entre outros.

Quando está prestes a re-emigrar, Nabókov inicia um processo de alteração da língua de criação, do russo para o inglês. É nesse momento que ele começa a se apoderar da autotradução, a princípio por uma profunda insatisfação com a tradução de W. Roy de “*Кamera obskupa*” (1932) [*Kámera obskúra/Riso no Escuro*], depois de inúmeras e insistentes exigências de “uma tradução exata, completa e correta”, cisma: “o que é mais difícil em relação a um autor que busca a precisão absoluta no seu trabalho, faz os maiores esforços para alcançá-la, e então vê o tradutor desfazer calmamente cada frase sagrada” (NABOKOV, 1989), como se estivesse “testemunhando um assassinato e não pudesse fazer nada para impedi-lo” (NABOKOV, 1981).

Não é difícil imaginá-lo, posteriormente, em suas aulas de literatura, lendo “fragmentos [...] com rajadas de observações desdenhosas sobre a tradução, juntamente com as correções apropriadas” (FRANK, 1992).

A mutação de russo para inglês e do *alter ego* Sírín para Nabókov simboliza uma tradução de si mesmo, uma transferência um tanto quanto consciente, e a transformação da língua de criação apresenta-se como cisão e projeto artístico-literário. Depois de duas rupturas, primeiro quando deixa a Rússia, e depois a Europa Ocidental, paira a ideia de mutilação e escolha:

“[...] olhando para a beleza perdida e a imensa opulência de sua infância, pode-se com razão esperar um sentimento de tristeza, senão de amargura. É lugar-comum na crítica de Nabokov que essa perda prematura energizou seu gênio e modelou sua mais poderosa ferramenta, a memória [...]”; “ele não apenas tinha sobrevivido à essa perda esmagadora, ele tinha continuado a florescer” [...]. “Ainda mais difícil de avaliar é a dificuldade do que ele fez em seguida [...]: trocar de idioma após ter desenvolvido um novo e brilhante estilo em russo.” (PROFFER, 1994)

Segundo Connolly (2005) “Quando o próprio Nabókov contemplava as mudanças sísmicas que ele experienciou, tendia a vê-las não como aleatórias, díspares, ou deslocadas [...] [mas] preferia enxergar sua vida de forma estética. [...] uma das imagens mais importantes e recorrentes em sua ficção é a noção da vida como ‘texto’.”.

Assim, cada passo seu, tanto da vida como da criação, re-tradução e re-escritura, parece ser ao mesmo tempo casual e consciente, explicável, justificável, parte de um plano ou projeto de vida, artístico: “Nabókov acreditava na arte pela vida” (BOYD, 1990).

Em muitas cosmogonias, a criação é filha da palavra. A “literatura pertence não ao departamento das ideias gerais, mas ao departamento das palavras e imagens específicas” (NABOKOV, 1981): “[o]s anjos, explicou-nos Nabókov, – são grandes e fortes. Capazes de matar com a asa. A palavra – é o ‘bater das asas’³.” (NABOKOV, apud PARAMANOV, 2000).

As imagens, a palavra, em seu estado bruto, a ser revolvida e transformada, e esta interrelação, este intercalar de mundos – real e imaginário – o próprio trabalho criativo, ou seja, o ato artístico, e o que está dentro e fora dele, suas implicações metaliterárias, metalinguísticas são sua matéria-prima, e em torno dela giram os outros temas nabokovianos, como o eterno retorno, a imponderabilidade e passagem do tempo, a irrecuperabilidade *à la* Drummond “[d]a grande dor das cousas que passaram”, a finitude:

“É peculiar de Sírín a compreensão, ou talvez apenas uma convicção sentida com profundidade, de que o mundo da criatividade literária, *o verdadeiro mundo do artista*, aparece feito mágica por meio da ação de imagens e artifícios de aparentes simulacros do mundo real, na verdade consiste de um material completamente diferente – tão diferente que a passagem de um mundo para o outro, seja qual for a direção em que se realiza, é semelhante à morte. [...] [A]pesar das transições serem realizadas em direções diametralmente opostas, ambas são igualmente descritas por Sírín como uma desintegração do cenário. Os dois mundos, em sua relação mútua, são para Sírín ilusórios.” (KHODASEVICH, 1970).

³ Do conto de Nabókov “Удар крыла” [Udár krílá], “O bater das asas” (1924).

É nos Estados Unidos que o autor consolida-se como professor de literatura, impulsionando o interesse pela cultura russa. “Ensinando literatura russa em universidades americanas, Nabókov divulgou incansavelmente Gógol, enfatizando a perfeição formal e a visão existencial de suas obras e destacando as crassas deficiências das traduções existentes em inglês.” (VOLKOV, 1997) Além de Gógol, Nabókov transmitia o legado de Púckhin, Liêrmontov, Tchêkhov e Tolstói, entre outros⁴.

Em meio a seus projetos artístico-literários, ele mergulha no que viria a ser uma de suas maiores lides: a tradução de “Evguêni Oniêguin”, de Púchkin, cujos comentários são mais extensos do que a própria⁵. “Nabokov sustenta que, depois do Bardo, Puchkin foi o maior dos poetas; sua leitura constante, disse certa vez, aumentaria a capacidade pulmonar dos leitores.” (VOLKOV, 1997)

Em “Fala, Memória”, que “foi incluído no currículo da moderna literatura americana em universidades de todo o país” e cuja “resenha do *New York Times* proclamou Nabokov o maior escritor vivo do mundo” (VOLKOV, 1997), ele continua revisitando São Petersburgo, como metonímia da sua Rússia:

“ele retornou à cidade natal, revisitando afetuosamente imagens enevoadas da sua ‘luminosa, quimérica Petrogrado’, tema principal de sua poesia. A existência *émigré* só lhe acrescentou tons nostálgicos. [...] Uma de suas melhores poesias do período de Berlim – ‘Memória, raio lancinante, transforma meu exílio...’ – pinta um quadro fantástico da antiga capital [...] Os principais temas abordados são destino, liberdade e a possibilidade/impossibilidade de escolha, o mistério da natureza e a essência do tempo. Mas, a cada retorno à narrativa, quase sempre Nabokov refere-se a Petersburgo, verdadeiro *leitmotiv* do livro (VOLKOV, 1997).

Somente depois da publicação de “Lolita” (1955), que se tornara um êxito, re-torna à Europa, onde permanece para o resto de sua vida, vivendo em um hotel em Montreaux,

⁴ Cf. o livro de Nabókov sobre Gógol, *Nicolai Gógol – Uma Biografia*, São Paulo: Ars Poética, 1994; e a reunião de suas aulas sobre literatura russa: *Lectures on Russian literature*. New York: Harvest, 1981. Edited by Fredson Bowers.

⁵ Cf. *Eugene Onegin: A Novel in Verse*, Vol. 1 e 2. New Jersey: Princeton University Press, 1991.

podendo finalmente dedicar todo o seu tempo a escrever, traduzir e/ou acompanhar a tradução de suas obras, realizar revisões ou recriações de seus textos, além de ocupar-se da lepidopterologia, sua outra paixão, “como se as convulsões da história nada tivessem alterado.” (BOYD, 1990). Falece em Lausanne em 02 de julho de 1977.

Entretanto, a “literatura *émigré* permanecia no exílio; a obra dos antigos, como [...] Nabokov, e de gente nova, como Brodsky, ainda circulava na clandestinidade” (VOLKOV, 1997):

“Estritamente proibido, a ponto de seu nome não ser mencionado na imprensa, ‘Nabokov desceu sobre nós como uma avalanche’, anunciou um crítico soviético. ‘Isso significa que tudo que podíamos ter manuseado em cinquenta anos de leitura regular e oportuna, agora, está nos chegando como uma torrente, uma inundação’. Esse tardio e dramático encontro com Nabokov produziu um efeito marcante sobre o mito de Petersburgo. [...] Todavia, os intelectuais russos sempre foram loquazes. Por isso que a simples ‘descoberta’ de Nabokov levou a uma discussão ampla acerca do papel da cultura *émigré*, na formação do novo mito da cidade, e sobre a enorme importância dessa cultura, para o modernismo de Petersburgo. [...] Em suma, a literatura *émigré* não retornou ao reino cultural de Leningrado pisando um tapete de flores. O conflito deixara marcas em ambos os lados.” (VOLKOV, 1997)

Não obstante, “os materiais aparecidos na Rússia a partir de 1985, e que estavam escondidos, modificam completamente a visão da cultura russa deste século. Penso até que toda a nossa abordagem da cultura a partir da década de 1920 tem que levar em conta esses materiais. [...]” (SCHNAIDERMAN, 2006)

O próprio Nabókov pondera: “Muitos artistas foram exilados, e, como se tornou muito evidente hoje, as principais maravilhas da literatura russa da nossa época foram produzidas por expatriados. Isso é, contudo, um assunto um pouco pessoal, e é aqui que eu deveria parar” (NABÓKOV, 1981).

E Berbérova condensa:

“Estou nas ‘encruzilhadas poeirentas’ e olho para sua ‘procissão real’ com gratidão e com a consciência de que minha geração (inclusive eu, claro!) viverá nele, de que ela

não desapareceu, não se dissolveu entre o cemitério Billancourt, Xangai, Nova York e Praga. Todos nós, com todo nosso peso, sejamos bem-sucedidos (se é que os há) ou mal-sucedidos (uns bons doze), apoiamo-nos nele. *Se Nabókov está vivo, significa que eu também estou!*” (BERBEROVA, 1970).

On Translating *Eugene Onegin*

I

What is translation? On a platter
 A poet's pale and glaring hear,
 A parrot's screech, a monkey's chatter,
 And profanation of the dead.
 The parasites you were so hard on
 Are pardoned if I have your pardon,
 O, Pushkin, for my stratagem:
 I traveled down your secret stem,
 And reached the root, and fed upon it;
 Then, in a language newly learned,
 I grew another stalk and turned
 Your stanza, patterned on a sonnet,
 Into my honest roadside prose –
 All thorn, but couising to your rose.

2

Reflected words can only shiver
 Like elongated lights that twist
 In the black mirror of a river
 Between the city and the mist.
 Elusive Pushkin! Persevering,
 I still pick up tatiana's earring,
 Still travel with your sullen rake.
 I find another man's mistake,
 I analyze alliterations
 That grace your feasts and haunt the great
 Fourth stanza of your Canto Eight.
 This is my task – a poet's patience
 And scholastic passion blent:
 Dove-droppings on your monument.

Vladimir Nabokov

1955–1967

2 TRADUÇÃO⁶

A seguir, apresentam-se as traduções dos contos. O corpus da tradução consta de oito contos, escritos em russo na década de 1930, parte da coletânea “Primavera em Fialta” (“Весна в Фиальте”/“Viesná v Fialte”), reunida pelo próprio Nabókov e publicada em 1956, ainda não traduzidos para o português: “Primavera em Fialta” (Весна в Фиальте/Viesná v Fialte), 1938; “O círculo” (Круг/Krug), 1936; Melro (Королек/Koroliôk), 1933; “Cortina de fumaça” (Тяжелый дым/Tijîôli dim), 1935; “A visita ao museu” (Посещение музея/Posseschénie muziêia), 1938; “Nuvem, lago, torre” (Облако, озеро, башня/Óblako, ózero, báchnia), 1937; “Lábios colados” (Уста к устам/Ustá k ustám), 1929; e “Ultima Thule”, 1939.

Os contos restantes dessa coletânea, “Памяти Л.И.Шигаева” (Pámiati L. I. Chigáieva/Em Memória de L.I.Chigáiev); “Набор” (Nabôr/Recrutamento); “Лик” (Lik/Lik); “Истребление тиранов” (Istreblêníe tiránov/A destruição dos tiranos); “Василий Шишков” (Vassíli Chíchkov/Vassíli Chíchkov) e “Адмиралтейская игла” (Admiraltêiskaia iglá/O auge do Almirante⁷) foram traduzidos para o português por Jório Dauster⁸, que também realizou outras traduções de Nabókov, a partir das versões dos textos em inglês produzidas pelo próprio autor, seu filho, Dmítri, ou outros tradutores, sempre com supervisão do autor.

A coletânea “Primavera em Fialta” (1956) inicialmente faria parte de uma trilogia de coletâneas de contos. Os dois primeiros volumes, “Возвращение Чорба” (Vozvraschénie Tchôrba/O Retorno de Tchorb), e “Соглядатай” (Sogliadátai/Olho), saíram respectivamente em 1930 e 1938; “Primavera em Fialta” teria sido publicada em 1939,

⁶ Foi utilizada uma tabela de transliteração, baseada na tabela utilizada pela área de russo da USP, com algumas modificações (Cf. Anexo I).

⁷ Tradução minha dos títulos, provisória.

⁸ Cf. as traduções de Jório Dauster de contos de Nabókov *Detalhes de um por-do-sol e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; e *Perfeição e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

mas acabou saindo somente em 1956, principalmente devido à deflagração da Segunda Guerra Mundial.

Os contos traduzidos dialogam com as distintas fases de produção artística nabokoviana, seja no contexto da obra desse primeiro momento, como em relação aos romances e contos posteriores.

Segundo Zholkovskii (1993), “Primavera em Fialta” (1956) é a obra-prima do período russo de Nabókov, com contos paradigmáticos desse primeiro momento de sua vida literária, que são, em sua maioria, desconhecidos dos estudiosos e leitores brasileiros.

Por meio dos textos da referida coletânea, a qual pode ser entendida como metatexto nabokoviano, pode-se acessar a poética da obra de Nabókov-Sírin como um todo.

1. Primavera em Fialta

A primavera em Fialta é enevoadada e entediante. Tudo úmido: os troncos malhados dos plátanos, cedros, cercas, cascalho. Ao longe, em uma faixa de luz fosca, na moldura vacilante das casas azuladas, que com dificuldade se levantavam de joelhos, cambaleando, para escalar a ladeira (atrás delas, um cipreste cemiterial estendido), o contorno do monte de São Jorge, impreciso, menos parecido a suas fotografias coloridas de outrora, à espera de turistas (lá pelo ano de mil novecentos e dez, a julgar pelos chapéus das damas e cocheiros jovens), apinhando-se nas barras de carrosséis enregelados em meio a uma pedra arreganhada em cristais de ametista e o rococó marinho das conchas. Não venta, o ar está quente, reflexo de queimada. O mar, inebriado e diluído na chuva, oliváceo e turvo; as ondas indolentes não conseguem rebentar de jeito nenhum.

Justamente em um dia como esses eu me abro como um olho, no meio da cidade, em uma rua escarpada, absorvendo tudo ao mesmo tempo: o balcão com cartões postais, a vitrine com crucifixos, o cartaz de um circo itinerante, um dos cantos descolado do muro, a casca de laranja ainda toda amarela na velha calçada grafite, conservando aqui e ali, como em um sonho, vestígios remotos de um mosaico. Gosto muito dessa cidade; quem sabe é porque na sinuosidade de seu nome pareço sentir o aroma melado-úmido da mais amarfanhada das flores, miúda, escura; ou não seria pelo tom, decerto nítido, eco de Ialta; quem sabe é porque sua primavera sonolenta unge a alma de maneira especial; sei lá; mas como fiquei feliz por despertar nela, e então subir ao encontro de córregos, sem chapéu, a cabeça úmida, capa de chuva, em mangas de camisa!

Fui com o expresso noturno, cujo arroubo, próprio de locomotivas a vapor, faz de tudo para colecionar com estrondo a maior quantidade de túneis possível; fui sem planejar, para ficar um ou dois dias, aproveitando uma trégua em meio a uma viagem de negócios. Em casa deixei mulher, filhos: sempre presente no nítido norte de minha essência, sempre

flutuando ao meu lado, até me atravessa, e, assim mesmo, fora de mim, um sistema de felicidade.

De um degrau um menino se levantou e se foi, a barriga protuberante cor de argila, umbigo à mostra, claudicando nas malvas e fazendo malabarismos para carregar três laranjas ao mesmo tempo, deixando uma escapar invariavelmente, até que ele mesmo caiu, e então num instante uma menina com um pesado colar ao redor do pescoço moreno e uma saia bem comprida, como as das ciganas, com três mãos tomou-lhe todas. Adiante, em um terraço úmido o garçom de um café secava as mesinhas; apoiado na balaustrada do meu lado, conversava com ele um desesperançoso bigodudo vendedor de doces elaborados que brilhavam seu lustro lunar em um cesto cheio, desesperançoso. Ou parou de chuveirar, ou Fialta se acostumou, e ela mesma já não sabia o que respirar, o ar umedecido ou a chuva morna. Um inglês tipo exportação de calça larga xadrez surgiu de debaixo de um arco, tirando o tabaco da bolsa de borracha e enchendo o cachimbo, entrou em uma farmácia, onde, atrás do vidro, em um vaso azul, grandes esponjas desbotadas há muito morriam de sede. Meu Deus, que deleite eu experimentei, reverberando por todas as veias, como tudo em mim respondia gratificante aos rumores e aromas daquele dia cinzento, impregnado de primavera, mas que em si mesmo ainda não a tinha farejado! Minha cabeça estava diáfana depois de uma noite mal dormida; eu captava tudo: o sibilar de um tordo em um jardim de amendoeiras atrás de uma capela, a estreiteza tranquila daqueles veios de ruínas em lugar de casas, muito além do véu de ar, o alento tomado do mar, o brilho ciumento de eriçados estilhaços de garrafas no topo de um muro (atrás dele a altivez engessada de um ricaço local), o cartaz do circo, colado naquele muro; um índio alado, galopando e atirando o laço, cingindo uma zebra disparatada, elefantes apalermados sentados em tinas salpicadas de estrelas.

Agora aquele mesmo inglês me deixou para trás. Num piscar de olhos, paralelamente com todo o resto, absorvendo também ele, reparei como, deslizando para o lado o grande olho verde-água inflamado no canto interno, com a pontinha da língua, feito um raio, ele lambeu os beijos. Lancei um olhar automático para aquela direção e vi Nina.

Toda vez que nos encontrávamos, durante todos os quinze anos de nossa... não sei como dar um nome exato: proximidade? Romance?.. era como se ela não me reconhecesse de cara; e agora também por um instante ela permaneceu parada, deu meia volta, esticando uma sombra no pescoço, envolto em uma echarpe amarelo cítrica, tomada por curiosidade, incerteza empática... e então soltou um grito, acenando, brincando com todos os dez dedos no ar, e, no meio da rua, com o ímpeto declarado das velhas amizades (e aquela mesma delicadeza, com a qual fazia o sinal da cruz na minha testa rapidamente, quando nos despedíamos), me deu três beijinhos estalados e pôs-se a caminhar ao meu lado, dependurando-se em mim, acertando o seu passo com o meu aos saltos, dançando, de saia justa ferrugem, uma fenda na batata da perna.

– Ferdinánduchka⁹ está aqui, claro, – respondeu ela e, imediatamente, gentil e alegre, era sua vez de perguntar sobre minha mulher.

– Está perambulando por aí com Seguiur, – continuava ela sobre o marido, – e eu preciso comprar uma coisinha, já, já vamos embora. Espere aí, para onde você está me levando, Vássienka?

Para falar a verdade, para o passado, o que eu fazia toda vez que encontrava com ela, repetindo todo o acúmulo de enredos desde o começo até a última parte, como nos contos de fada, o que já foi narrado se resume a cada nova volta. Dessa vez nos encontramos na nebulosa e quente Fialta, e eu não poderia celebrar esse encontro com maior engenho (acrescente aqui a lista de vinhetas pintadas à mão, com todos os méritos

⁹ Diminutivo afetoso de Ferdinand.

anteriores do destino), mesmo se eu soubesse que era o último; último, digo; já que não sou capaz de imaginar nenhuma organização sobrenatural que me consinta marcar um novo encontro com ela no além.

Já faz muito tempo que conheci Nina, em 1917, acho, julgando por aqueles lugares que o tempo se encarregou de devastar. Foi em alguma comemoração de um dia onomástico¹⁰ na casa da minha tia, em sua propriedade em Lújsk¹¹, em um límpido inverno de interior (ah, como me lembro do primeiro sinal de estar chegando ali: aquele celeiro vermelho em meio ao campo branco). Eu tinha acabado de terminar o liceu; Nina já estava noiva: contemporânea do século, apesar de pequena e magra, ou quem sabe justamente por isso, ela parecia ser bem mais velha, exatamente do mesmo jeito que, aos trinta e dois, parecia muito mais jovem. Seu então noivo, oficial de guerra dos mais corretos, bem-apanhado, corpulento e todo certinho, pesava cada palavra, lapidada e conferida de uma vez por todas, falava com um barítono suave, monótono, que ficava ainda mais suave e monótono quando ele falava com ela; numa palavra, uma daquelas pessoas sobre as quais toda opinião se esgota em relação a sua probidade impecável (um bom sujeito, ideal de padrinho para um duelo), e que, quando se apaixonam, então não simplesmente amam, mas idolatram; no momento trabalha como engenheiro de sucesso em algum país tropical bem distante, para o qual ela não o seguiu.

As janelas se iluminam e esticam, transversais, debruçadas sobre a neve espessa, sombria: deita-se entre elas uma faixa de luz em leque acima da porta de entrada. Não me lembro por que todos nós irrompemos da ressonante sala com colunas para essa escuridão estática, povoada somente por abetos, tímidos, duas vezes maiores por causa da corpulência da neve: será que os guardas nos chamaram para darmos uma olhada no clarão

¹⁰ Nas culturas cristãs ortodoxas, como a russa e a grega, há o costume do *именины* (imeníni), dia onomástico. Trata-se de um costume de batizar um indivíduo com o nome do santo festejado no dia de seu nascimento.

¹¹ Cidade ao sul de São Petersburgo, onde de fato uma tia de Nabókov possuía uma propriedade.

promissor de algum incêndio longínquo, será que nos enlevaríamos com um cavalo de gelo, esculpido perto da lagoa pelo tutor suíço¹² dos meus primos; somente então a memória entra em ação, quando já estamos voltando para a casa acesa, andando um atrás do outro pela vereda estreita em meio a soturnos montes de neve com aquele ranger, que, por vezes, acontecia de ser o único assunto de uma noite de inverno taciturna. Eu era o último da fila; na minha frente a três passos resvaladiços ia uma pequena silhueta arqueada; os abetos calados expunham suas pinhas carregadas; dei um passo em falso, deixando escapar o lampião com a bateria já morta que alguém tinha me empurrado, e, tateando, não consegui encontrá-lo imediatamente; no mesmo instante, atraída por meu praguejar, com uma risada nervosa, engraçada, que antevê o sabor do riso, impetuoso e baixo, Nina virou para mim, fugidia. Estou chamando-a Nina, mas então eu mal sabia seu nome, nós mal tivemos tempo para qualquer coisa... “Quem é?” – perguntou ela curiosa, e eu já estava beijando seu pescoço, macio e todo abrasado por causa da pele de raposa incandescente, que teimava em ficar no meio do caminho, até que ela virou para mim e pousou, com uma simplicidade pura, tão dela, seus lábios compassivos, obedientes, nos meus.

Mas, a explosão de alegria de uma recém-começada guerra de bolas de neve no lusco-fusco nos separou instantaneamente, e alguém, escapando, caindo, crepitando, gargalhando, ofegante, galgando um monte de neve, pôs-se a correr, queixou-se do monte de neve, que realizara a amputação de uma bota de feltro. E depois, até partirmos não tocamos no assunto um com o outro, não combinamos nada daqueles futuros, de longe já lançados, quinze anos itinerantes, carregados das frações de nossos encontros dispersos, e em seu encalço em um labirinto de gestos e sombras de gestos, com os quais se formara aquela noite (somente posso reconstituir seu contorno geral agora, outra noite, semelhante

¹² Em russo, *Швейцарцем* (Chveitsártsiem) suíço; no contexto, metonímia para tutor.

àquela, mas sem Nina), eu estava, se bem me lembro, atordoado não tanto por seu descaso para comigo, mas em especial porque era como se esse descaso fosse a coisa mais natural do mundo, já que eu ainda não sabia que, se eu falasse duas palavras, aquilo se transformaria imediatamente em um sentimento maravilhoso e colorido, alegre, bom, o mais ativo possível, como se o amor feminino fosse água da fonte, que contém os sais essenciais, que ela estava tão disposta a dar de beber da sua concha para todo mundo, ao menor sinal.

– A última vez que nos vimos, acho, foi em Paris, – reparei, para evocar em seu pequeno rosto com maçãs salientes e lábios framboesa-escuro uma expressão que eu conhecia tão bem; e, com efeito: ela deu um sorriso daqueles, como se eu tivesse feito uma brincadeira sem graça ou, mais detalhadamente, como se todas essas cidades, onde o destino nos marcou encontros, aos quais ele mesmo não deu as caras, todas essas plataformas, escadas, travessas um tanto quanto simuladas, eram mera decoração, restos de outras vidas encenadas até o fim e que tinham tão pouco a ver com o jogo dos nossos destinos, que evocá-las era quase de mau tom.

Acompanhei-a até uma lojinha aleatória debaixo das arcadas; ali, na penumbra das miçangas, ela se demorava um tempão, correndo com os dedos uns portas-moedas de couro carmesim, cheios de papel de seda, examinando os preços nas etiquetas, como se quisesse descobrir sua idade; e então queria porque queria aquele ali mesmo, mas ocre, e, depois de chiar dez minutos, se operava aquele milagre que me desconcertava, no mesmo instante em que ela ia pegar as moedas das minhas mãos, teve um estalo, e nós saímos, sem comprar nada.

A rua toda estava tão úmida, deserta; das janelas expostas das casas pálidas vinha um cheiro de brasas, que incitava minha memória tártara; uma pequena nuvem de mosquitos tratava de cerzir o ar em cima de uma mimosa florescente, seus braços

debruçados até o chão; dois trabalhadores de chapéu de abas largas beliscavam queijo com alho, de costas para um cartaz, no qual estavam colados um hussardo, um domador de bigodes e um tigre alaranjado forrado de branco, mas na ambição de fazê-lo o mais feroz possível, o artista foi longe demais, indo parar no lado oposto, e acabou conferindo ao focinho algo de humano.

– *Au fond*¹³, queria um pente, – disse Nina, tardiamente arrependida.

Como estava acostumado com sua instabilidade, indecisão, repentes, efêmero frenesi itinerante! Ela sempre ou tinha acabado de chegar ou estava para partir. Se eu tivesse que apresentar uma amostra de suas poses em um concurso sobre a existência terrena, talvez eu a colocasse defronte a um balcão de uma agência de viagens, as pernas entrelaçadas, a ponta de um pé batendo no chão, os cotovelos e a bolsa no balcão e atrás deste um funcionário, tirando o lápis da orelha, ponderando junto com ela sobre o plano de um vagão-leito.

A primeira vez que a encontrei no exterior foi em Berlim, na casa de conhecidos. Eu estava prestes a me casar; ela tinha acabado de se separar do noivo. Entrei, avistei-a de longe e, dando uma olhada ao redor nos outros homens da sala, determinei, automático, mas infalível, quais deles a conheciam melhor do que eu. Ela estava sentada no canto de um sofá, as pernas sobre ele, seu corpo pequeno e aconchegado, arqueado em forma de z; perto do salto alto havia um cinzeiro sobre o sofá; e quando seus olhos encontraram os meus, quando escutou meu nome, tirou de seus lábios uma piteira comprida, feito uma haste, e exclamou um esticado, alegre: “Não!” (no sentido de “não acredito nos meus próprios olhos”), e imediatamente todos entenderam, ela primeiro, que nós tínhamos um relacionamento antigo: Nina não se lembrava nada do beijo, mas, em compensação (e apesar de tudo), restara-lhe a impressão geral de algo carinhoso, a recordação de uma

¹³ Em francês, “No fundo”.

espécie de amizade, que entre nós nunca existiu na realidade. Assim, todo o feitio de nosso relacionamento era primordialmente fundamentado no inexistente, em uma graça imaginária, isso sem contar, entretanto, com o bem sincero de sua despreocupada, generosa, amiga voluptuosidade. O encontro foi bem insignificante no que diz respeito às palavras ditas, mas, já não havia nada no nosso caminho, e, ao lado dela à mesa de chá, testei com desfaçatez até onde ia sua misteriosa paciência.

Depois ela some de novo, e um ano mais tarde eu e minha mulher fomos nos despedir de meu irmão, que ia a Viena, e, quando o trem levantou os chassis e começou a rodar, partindo, rumamos para a saída do outro lado da plataforma, onde, inesperadamente, ao lado do vagão do expresso a Paris, avistei Nina, o rosto enterrado em rosas, no meio de um grupo de pessoas – que eu não conhecia, e isso me irritava profundamente – formando um círculo e olhando para ela, como desocupados ficam olhando quando há uma briga de rua, uma criança abandonada ou um ferido, ou seja, é claro que eles vieram para se despedir dela. Nina acenou para mim com as flores, eu a apresentei para Elena Konstantínovna, e trocar algumas palavras naquela vida acelerada de brisa de estação foi o suficiente para que duas mulheres, totalmente diferentes entre si, comessem a se chamar pelos nomes¹⁴ já a partir do próximo encontro, diminuindo-os com tanta liberdade, como se eles esvoaçassem em seus ouvidos desde a infância. Então, na sombra azul do vagão, referiu-se a Ferdinand pela primeira vez: fiquei sabendo que iria se casar com ele. Já era hora de embarcar, ela distribuiu beijos para todos apressada, mas com devoção, entrou na plataforma, desapareceu; e então através do vidro vi como ela se instalava no compartimento, esquecendo-se de nós de repente, passando para outro mundo, e foi como se todos nós, as mãos nos bolsos, espreitássemos uma vida acima de qualquer suspeita através da janela, até que ela voltou a si de novo, tamborilando sobre o vidro, e então

¹⁴ Em russo, chamar “pelo nome” significa tratar com intimidade.

ergueu os olhos, depurando um quadro; mas não deu em nada; alguém a ajudou, e ela assomou, toda satisfeita. Um de nós, já obrigado a alcançar o passo do trem, entregou-lhe uma revista e um *Tauchnitz*¹⁵ (ela só lia inglês quando viajava); tudo deslizava para trás com impecável delicadeza, eu apertava o bilhete para entrar na plataforma, irreconhecível de tão amassado, e na minha cabeça ressoou, impertinente, uma balada de outro século (associada, diziam, a algum drama de amor parisiense), ressurgida da caixinha de música da memória só Deus sabe por quê, que cantava uma minha parente afastada, uma solteirona, feiosa, com um rosto amarelado feito cera de igreja¹⁶, mas possuída por uma voz tão poderosa, arrebatadora e cheia, que ela, feito nuvem ígnea, consumia-a toda, tão logo começava:

On dit que tu te maries,

*Tu sais que j'en vais mourir, —*¹⁷

e essa melodia, ressentimento lancinante e elo entre matrimônio e morte evocado pela música, e a própria voz da cantora, acompanhando a recordação, como se fosse dona da canção, não me deixaram em paz por algumas horas seguidas; depois vinham à mente com intervalos cada vez maiores, como as últimas ondas, que arrebatam miúdas, ralinhas, cada vez mais raras e cada vez mais dissipadas, ou como os tremores indistintos de um campanário enfraquecido, depois que o tocador já estava de novo sentado no círculo de sua alegre família. Um ou dois anos mais tarde, eu estava em Paris a negócios, e perto da curva

¹⁵ Tauchnitz era o nome de uma família alemã de editores e impressores. Christian Bernhard, Freiherr von Tauchnitz, fundador da empresa de Bernhard Tauchnitz, iniciou a impressão de *Collection of British and American Authors*, famosa entre os viajantes anglófonos da Europa de então.

¹⁶ As velas das igrejas ortodoxas russas são amareladas.

¹⁷ Em francês, “*Dizem que você vai se casar/ E você sabe que assim vou morrer*”. Várias referências possíveis: uma obra de Alfred de Musset, “*Frédéric et Bernerette*”; uma de Alphonse Daudet, “*Fromont jeune et Risler aîné*”; uma canção de T. Cazorati (1871–1879); e, finalmente, Alexandre Dumas Filho, em “*L’Ami des Femmes*”.

da escada do hotel, onde eu buscava um ator de quem precisava, de novo nos esbarramos, sem combinar: precipitando-se para baixo, uma chave na mão, “Ferdinand saiu para jogar esgrima”, – disse ela, à vontade, e, olhando para a parte inferior do meu rosto, refletiu rápido consigo mesma (sua sagacidade amorosa era admirável), virou e me levou, flutuando pela castorina azul sobre os tornozelos delicados; na cadeira perto da porta de seu quarto havia uma bandeja à parte com os restos do primeiro café da manhã, vestígios de mel na faca e grande quantidade de migalhas na louça acinzentada de porcelana, mas o quarto já estava arrumado, e por causa da corrente de ar que provocamos o babado de musselina bordada com dalias brancas foi aspirado e ficou preso em meio às folhas reavivadas da porta-balcão, que dava para uma sacada estreitíssima de ferro fundido, e só quando nós nos trancamos elas soltaram o vinco da cortina com um suspiro bem-aventurado; um pouco mais tarde entrei nessa pequena sacada, e do vazio e do nevoeiro do acinzentado lilás da rua da manhã vinha um cheiro de gasolina e de folha outonal de bordo: é, tudo aconteceu de forma tão simples, algumas exclamações e risinhos, produzidos por nós, que tanto não correspondem à terminologia romântica, mas já não havia por onde expor a palavra de brocado: traição; e assim como eu ainda não podia perceber aquela compaixão doentia, que envenenaria meus encontros com Nina, eu me sentia, provavelmente, completamente feliz (ela com certeza já se sentia feliz), quando nós saímos dali e fomos para algum escritório procurar uma mala extraviada dela, depois fomos para um café, onde estava o marido com seu séquito de então.

Não vou nomeá-lo, e por decoro até mudarei o nome daquele húngaro que escreve em francês, daquele escritor ainda famoso... não gostaria de perder tempo com ele, mas ele se solta de minha pena. Hoje sua fama se extinguiu, e fico contente com isso: significa que eu não era o único a ter objeções contra seu encanto demoníaco; eu não era o único a experimentar aquele calafrio venenoso, quando tinha em minhas mãos um de seus livros.

O rumor em torno de gente como ele se espalha rápido, mas logo fica pesado, frio, quase esquecido, e só resta epitáfio e anedota para contar história. Debochador, arrogante, sempre com trocadilhos cianídricos na ponta da língua, com aquela estranha expressão de expectativa dos olhos egípcios, esse metido a irônico parecia irresistível para presas miúdas. Depois de explorar a natureza inventiva à perfeição, ele ficava alardeando em especial o título de criador, que colocava acima daquele de escritor; nunca pude entender como é possível inventar livros, para que serve a imaginação; e, sem temer seu olhar escarnecedor e incitante, certa vez confessei-lhe, que, fosse eu escritor, só ao meu coração permitiria ter imaginação, e mais, talvez consentisse à memória, essa longa sombra noturna de verdade, mas a mente não tira as máscaras de jeito nenhum.

Naquela época, quando nos encontramos, já conhecia seus livros; o êxtase superficial por que me deixara levar, lendo-o pela primeira vez, já tinha sido substituído por uma leve aversão. No começo de sua carreira ainda era possível distinguir através das janelas ornamentadas de sua espantosa prosa um jardim, a disposição familiar e devaneadora de árvores... mas ano após ano as tintas se tornavam cada vez mais carregadas, o róseo e o lilás cada vez mais ameaçadores; e agora já não se podia ver nada através daquele vidro precioso, opulento, e parece que, se quebrasse, nada além de uma noite negra e totalmente vazia fustigaria a alma. Mas ele era o perigo em pessoa quando estava no auge, que veneno destilava, que flagelo descarregava, se se metessem com ele! Depois do torvelinho de sua passagem ele abriu atrás de si uma superfície nua, onde deixava fileiras de árvores derrubadas, um redemoinho de cinzas, e algum crítico do passado, gemendo de dor, rodopiava feito pião nas cinzas. Seu “*Passage à niveau*”¹⁸ ecoava em Paris, ele estava, como se costuma dizer, muito assediado, e Nina (cuja desenvoltura e perspicácia compensavam a falta de cultura) já tinha assumido o papel, não

¹⁸ Em francês, “*Passagem de nível*”, literalmente. Também tem a acepção de “*encruzilhada*”. Metaforicamente, “*transitivo*”, “*de pouca duração*”.

direi de musa, mas de companheira íntima do marido-criador; e tem mais: de conselheira discreta, resvalando de leve por suas sinuosidades veladas; embora na realidade é de se duvidar que tenha conseguido ler sequer um de seus livros, era impressionante como conhecia melhor do que ninguém os pormenores, por causa das conversas dos amigos escolhidos. Quando entramos no café, tocava uma orquestra de mulheres; reparei de passagem como em uma das colunas facetadas, revestidas com espelhos, refletia-se a coxa de avestruz de uma harpa, imediatamente depois avistei as mesas reunidas, e no meio das longas laterais, de costas para o veludo, estava Ferdinand, sentado à cabeceira, e, por um instante, aquela pose, a posição das mãos, separadas, e os rostos dos comensais voltados para ele me evocaram uma caricatura de pesadelo... o que exatamente me evocavam, eu mesmo não entendi então; mas depois, quando entendi, surpreendi-me com o sacrilégio da comparação, não mais profana, aliás, do que sua própria arte. Ele estava de olho na música; vestia sob um casaco castanho um suéter de lã branco, de gola alta franzida; sobre os cabelos penteados para trás das têmporas havia fumaça de tabaco, feito um halo, reproduzida atrás dele no espelho; o rosto ossudo e, como se costuma chamar, de estirpe, estava impassível, só os olhos deslizavam para lá e para cá, cheios de satisfação. Depois de trair os lugares comuns, onde o profano estaria inclinado a procurá-lo, ele escolheu esse respeitável café, entediante, e se tornou *habitué* de seu senso de ridículo, extremamente *sui generis*, para ele especial, vendo graça justo no mais lastimável chamariz daquele lugar: a orquestra de uma meia dúzia de mulheres, fiando música, exausta e pudica, que não sabia, de acordo com uma expressão dele, onde meter o peito, bem supérfluo no mundo da harmonia. Depois de cada número uma epilepsia de aplausos o invadia, o que já suscitava (assim me parecia) as primeiras dúvidas no dono do café e nos singelos clientes, mas que por sua vez divertia muito seus amigos. Estavam lá: um pintor com uma cabeça perfeitamente careca, mas acidentada, de leve, que ele sempre incluía em seus quadros

(Salomé e a bola de boliche); um poeta, que, utilizando cinco fósforos, podia representar toda a história do pecado original, e um pederasta, educado, com olhos suplicantes; um pianista muito famoso, cujo rosto até que não era tão mau, mas os dedos tinham uma expressão horrorosa; um espirituoso escritor soviético, com cabelo escovinha e cachimbo, não entendia, pio, que sociedade era aquela onde ele tinha ido parar; ali também estavam sentados tudo quanto é tipo de cavalheiros, agora confundidos na minha memória, e, de todos, sem dúvida dois ou três tiveram algo com Nina. Ela era a única mulher à mesa, debruçada, agarrada ao canudo, abaixando o nível de líquido da taça com uma rapidez algo infantil, e só quando o fundo começou a gorgolejar e guinchar, e ela empurrou o canudo com a língua, só então, por fim, surpreendi seu olhar, que eu buscava, obstinado, ainda sem me conformar que ela tivesse conseguido esquecer totalmente o que havia acontecido de manhã; esquecer a tal ponto, que, quando se encontrou comigo com os olhos, ela me respondeu com um sorriso de interrogação e, só com os olhos, de repente ocorreu-lhe que convinha sorrir de outra maneira. Enquanto isso, já que as mulheres removeram os instrumentos, como se fossem móveis, e saíram temporariamente do palco, Ferdinand achincalhava um velhote estrangeiro, sentado não muito longe dali, com algo vermelho na botoeira da lapela e barba grisalha, no meio, combinando com o bigode para formar um aconchegante ninho amarelado para a boca, devoradora voraz. Sabe-se lá por que as insígnias da velhice sempre divertiam Ferdinand.

Passei pouco tempo em Paris, mas três dias vagando com Ferdinand selaram aquele tipo de relação de aparências, que ele era tão especialista em começar. Posteriormente até acabei por ser-lhe conveniente: minha companhia comprou uma de suas histórias, para fazer um filme, e ele até me estorvou com telegramas. Nesses dez anos nós inclusive passamos a nos tratar com mais intimidade, e em dois ou três pontos restaram pequenos depósitos de recordações comuns... Mas nunca me sentia eu mesmo em sua presença, e

agora fico sabendo que ele também está em Fialta. Experimentei um costumeiro desânimo; só uma coisa me alentava: o recente fiasco de sua nova peça.

Ele está vindo ao nosso encontro, de sobretudo totalmente impermeável, com cinto e bolsos externos, máquina fotográfica no ombro, sapatos multicoloridos, guta-perchas, lambendo, impassível (mas, apesar disso, com matizes de vejam-como-lambo-engraçado), um longo pirulito feito pedra-da-lua, especialidade de Fialta. Ao seu lado, com um passo estilo sapateado, caminhava Seguiur, um cavalheiro almofadinha com um rubor de menina até os olhos e cabelo azul-escuro quase negro engomado, amante da arte e completo idiota; para alguma coisa ele devia ser útil para Ferdinand (sempre que tinha uma oportunidade Nina exclamava de passagem, com sua irreproduzível manha, descomprometida e doce: “mas que gracinha esse Seguiur”, sem entrar em detalhes). Eles se aproximaram, eu e Ferdinand nos cumprimentamos de maneira exagerada, procurando nos apertar o máximo possível, sabendo, por experiência, que de fato aquilo era tudo, mas fazendo de conta que tinha apenas começado; mas conosco era sempre assim: depois de uma costumeira separação nos encontrávamos, uma ressaca de cordas sintonizadas como acompanhamento, em um alvoroço de êxtase, no rumor de sentimentos arraigados; mas os lanterninhas fechavam as portas, e já não deixavam ninguém entrar.

Seguiur se queixou do tempo, mas a princípio eu nem entendi sobre que tempo ele falava: se a essência primaveril, acinzentada, úmida, de estufa de Fialta podia ser chamada de tempo, então ela se encontrava naquele lugar, fora de tudo aquilo que poderia servir de objeto de uma conversa minha com ele, como o delicado cotovelo de Nina, que eu podia segurar entre dois dedos, ou o brilho do papel alumínio jogado ao longe no meio da rua arqueada. Nós quatro continuamos, caminhando juntos, todos com o objetivo comum de compras aleatórias. “Que índio maravilhoso!” – gritou Ferdinand de repente, com um apetite desenfreado, puxando-me pela manga com força, empurrando-me, apontando para

um cartaz. Um pouco mais adiante, perto da fonte, ele deu seu pirulito demorado para uma menina aborígene, de colar; nós paramos para esperá-lo: agachado, ele dizia algo, voltando-se para suas pestanas, baixas, untadas de fuligem, alcançando-nos depois, arreganhando os dentes e fazendo uma daquelas observações indecentes, com as quais tanto gostava de enfeitar seu discurso. Depois, um objeto infeliz, deplorável, exposto em uma loja de souvenirs atraiu sua atenção: um simulacro de pedra do Monte Saint George, com um túnel preto como base, que era um tinteiro, e um porta canetas à semelhança de trilhos ferroviários. Escancarando a boca, tremendo de entusiasmo, ele revirava essa coisa empoeirada, volumosa e totalmente lunática nas mãos; pagou sem regatear e, ainda com a boca aberta, saiu, carregando a monstruosidade. Como um déspota rodeado de corcundas e pigmeus, ele se apegava a essa ou aquela deformidade, e esse estado podia durar de cinco minutos a vários dias, ou até mais tempo, se a coisa tivesse alma.

Nina começou a sonhar com o almoço, e, aproveitando um momento em que Ferdinand e Seguiur entraram em uma agência dos correios, eu me apressei em levá-la dali. Eu mesmo não entendo o que significava para mim essa pequena mulher, de ombros estreitos e pernas puchkinianas¹⁹ (como diante de mim falou sobre ela um poeta russo, sensível e amaneirado, uma das poucas pessoas que suspira por ela platonicamente), e entendo menos ainda o que o destino queria de nós, unindo-nos constantemente. Por muito tempo não a vi depois daquele encontro em Paris, e um dia chego em casa e vejo: está bebendo chá com minha mulher, olhando meias de seda baratas, o anel de casamento cintilando em sua mão. Um dia, no outono, mostraram-me seu rosto em uma revista de moda. Um dia, na Páscoa, ela me enviou um postal e um ovo. Certa vez, na casa de pessoas desconhecidas, no cabide, entre os sobretudos (os proprietários tinham visitas), vi o seu casaco de peles. Outra vez, ela acenou com a cabeça, detrás da página de um livro do

¹⁹ Púchkin é famoso por suas descrições de pernas femininas perfeitas.

seu marido, página esta que falava de uma empregada ocasional, mas que continha algo dela (talvez independente de sua vontade conscienciosa): “Seu semblante, – escreveu Ferdinand – era mais um instantâneo da natureza do que um retrato minucioso, e rememorando-o, não se guardava nada além de uma centelha de traços desconexos: o veludo iluminado das maçãs salientes, o âmbar escuro dos olhos ligeiros, os lábios, delineados em um sorriso cordial, sempre pronto a se transformar em um beijo ardente.” E ela continuava aparecendo e aparecendo, precipitada, nas margens da minha vida, sem influenciar em nada o texto principal. Uma vez, quando minha família estava na datcha, e eu escrevia, deitado na cama, em uma torturante sexta-feira ensolarada (desemboavam tapetes), ouvi sua voz na entrada: passou para deixar uma caixa com emblemas de viagens, eu nem tinha terminado de escrever o começado, e, depois de muitos meses, apareceu, atrás de sua caixa, um alemão simpático, que (de acordo com sinais indescritíveis, mas inquestionáveis) era membro da mesma associação, bem internacional, que eu. Às vezes, em algum lugar, no meio de uma conversa qualquer, mencionavam o nome dela e ela corria pelas escadas de alguma frase, sem virar. Indo parar em uma cidade dos Pirineus, passei uma semana na casa de uns amigos dela, ela também hospedada ali com o marido, e eu nunca vou esquecer a primeira noite, que eu passei assim: como esperei, como estava convencido de que ela viria atrás de mim, mas não veio; como os grilos estavam coléricos na lua molhada, como o abismo do jardim de pedra tremia, como os riachos murmurejavam, e como me dilacerava entre a itinerante lassidão, bem-aventurada, do sul, e a sede selvagem de sua vinda furtiva, os tornozelos róseos nos chinelinhos de plumas de cisne; mas a noite ressoava, e ela não veio, e quando, no dia seguinte, durante um passeio por colinas cheias de azaléias, eu lhe contei sobre minha espera, ela fez um gesto de tristeza com as mãos, e imediatamente deu uma olhada rápida, calculando, se as costas de Ferdinand, sempre gesticulando, e seu amigo, estavam longe o suficiente. Lembro como de

metade da Europa falava com ela por telefone, por muito tempo sem reconhecer sua voz ladrada, quando ela me ligava para tratar de assuntos do marido; e me lembro de ter sonhado com ela: minha filha mais velha corria para contar que o porteiro tivera uma infelicidade, e quando desci para falar com ele, vi que ali, na entrada, em uma caixa, debaixo da cabeça trapos de aniagem enrolados, pálida, envolta em um xale, Nina estava dormindo o sono dos mortos, como refugiados miseráveis dormem em estações esquecidas por Deus. E o que quer que acontecesse comigo ou com ela – claro, ela também tinha suas “alegres preocupações” familiares (seu trava-línguas) – nunca nos perguntávamos sobre nós, de jeito nenhum, como nunca pensávamos sobre nós nos intervalos de nosso destino, e quando nos encontrávamos, a velocidade da vida mudava imediatamente, os átomos se misturavam, e nós vivíamos em outro tempo, menos denso, medido não pelas separações, mas pelas sombras dos poucos encontros, que desviavam nossa vida curta, aparentemente fácil. E a cada novo encontro eu ficava mais aflito; quero enfatizar que eu não experimentava nenhum abismo interno de sentimentos, e que nenhuma sombra de tragédia nos acompanhava; minha vida conjugal permanecia inviolável, e, por outro lado, Ferdinand (ele mesmo eclético, em uma existência lasciva, inventivo em criar maneiras de enganar a natureza) preferia não vigiá-la, apesar de que talvez tirasse proveito indiretamente, e quase que involuntariamente das relações rápidas da esposa. Eu ficava inquieto porque em vão deixava escapar algo bonito, delicado e incomparável, que aproveitava sorvendo os grãos mais casuais, encantadores, mas lastimáveis, e menosprezando tudo o que aquilo talvez promettesse, em um sussurro, de simples, mas também de verdadeiro. Eu estava inquieto porque queira ou não queira eu tomava a vida de Nina, a mentira e o disparate dessa vida. Eu estava preocupado porque, apesar da ausência de desentendimentos, era compelido, na interpretação abstrata de minha própria existência, de acordo com a regra, a escolher entre o mundo em que eu viveria como em

um quadro, com minha esposa, filhas, o dobermann-pinscher (guirlandas idílicas, um anel e uma bengala fina), entre essa paz feliz, inteligente, boa... e o quê? Por acaso havia qualquer possibilidade de uma vida com Nina, uma vida que mal se podia imaginar, embebida de uma tristeza passional, insuportável, uma vida, em que a cada instante se escutaria, tremendo, o silêncio do passado? Um absurdo, um absurdo! E ela ainda se unia ao marido por uma grande amizade forçada... Absurdo! Então o que eu deveria ter feito, Nina, com você, como iria desaguar as reservas de tristeza, que se acumularam gradualmente da repetição de nossos encontros descuidados, e realmente sem esperança!

Fialta compreende uma cidade antiga e uma nova; mas o antigo e o novo se entrelaçaram... e então lutam, seja para se desembaraçarem, seja para se substituírem, cada um com os seus próprios métodos: o novo luta com honestidade, com palmeiras, uma fachada de casa de câmbio, uma quadra de tênis com areia vermelha; já o antigo, sai do canto se arrastando de muletas na forma de uma ruela, ou do átrio de alguma igreja que desmoronou. No caminho para o hotel, passamos em frente a uma vila branca, ainda não terminada, ainda vazia, com entulho no interior, e no muro: de novo, todos aqueles elefantes, erguendo os joelhos monstruosos e infantis, sentados em uma tina; uma amazona com um tonelete etéreo (já com bigodes desenhados) descansava em um cavalo gordo; e o palhaço com nariz de tomate andava na corda-bamba, segurando um guarda-chuva, sempre decorado com aquelas mesmas estrelas: uma vaga recordação da pátria celeste dos circenses. Aqui, no mezanino de Fialta, o cascalho úmido estalava com um ar balneário, e se ouvia melhor o suspiro preguiçoso do mar. No pátio posterior do hotel um ajudante de cozinha corria com uma faca atrás de uma galinha que apressava o passo. O conhecido engraxate de sorriso banguela ofereceu-me seu trono negro. Debaixo dos plátanos havia uma motocicleta de marca alemã, uma velha limusine suja, que ainda guardava uma imagem de carroça, e um carro amarelo, parecido com um besouro: “É nosso, quer dizer,

de Seguiur – disse Nina, acrescentando: – Vamos dar uma volta com a gente, hein Vássienka?”, mesmo sabendo perfeitamente que eu não podia ir. Na laca de seus élitros passa um pouco de guache do céu e galhos; por um momento nos refletimos no metal de um dos faróis que parecia uma granada, quando passamos na frente daquela bola; alguns passos depois, sabe-se lá por que eu olhei em volta e vi o que realmente aconteceria em meia hora: como eles três, de capacete, sentaram, sorrindo e acenando para mim, translúcidos, como espectros, e através deles via-se a cor do mundo, e então arrancaram, partiram, diminuíram (o último adeus de Nina com as duas mãos): mas, realmente, o carro ainda estava parado, polido e intacto, como um ovo, e Nina foi comigo para a varanda de vidro do restaurante do hotel e através da janela vimos que Ferdinand e Seguiur se aproximavam (por outro caminho, não pelo qual viemos nós).

Na varanda, onde comemos, não havia ninguém além daquele inglês, que eu tinha visto pouco tempo antes; na mesa diante dele um copo grande com uma bebida vermelho-escarlate claro lançava um reflexo oval sobre a toalha. Reparei em seus olhos translúcidos o mesmo desejo obstinado, que já tinha visto uma vez, mas agora não se atinham de modo algum a Nina; ele não estava olhando para ela, de jeito nenhum, mas dirigia o olhar fixo, ávido, para o canto superior da ampla janela perto da qual estava sentado.

Tirando a luva das pequenas mãos delicadas, pela última vez na vida Nina comeu mariscos, que tanto adorava. Ferdinand também estava ocupado com a comida, e eu me aproveitei de sua fome para iniciar uma conversa, que me dava uma sombra de poder sobre ele: recordei justamente seu fracasso recente. Após um curto período de moda de clarividência religiosa, durante a qual uma bem-aventurança caiu sobre ele, que realizou peregrinações um tanto quanto duvidosas, história que terminou em escândalo, ele voltou seus olhos escuros para a bárbara Moscou. Sempre fiquei irritado com convicções cheias de si de que a extremidade da arte se encontra em algumas relações metafísicas com a

extremidade da política, cujo contacto genuíno faz com que a mais refinada literatura, claro, torne-se um meio tão banal e acessível, como qualquer bobagem ideológica, pela horrível lei da imundície, ainda pouco estudada. No caso de Ferdinand, essa lei, é verdade, ainda não tinha sido posta em prática; os músculos de sua musa ainda estavam bastante fortes (sem contar que ele cuspiu sobre o bem-estar do povo), mas desses arabescos pícaros, não inteligíveis para todos, sua arte se tornou ainda mais repulsiva e sem vida. Em relação à peça, ninguém entendeu nada; eu mesmo não fui assisti-la, mas imaginava bem aquela noite hiperbórea, entre as quais ele lançou, em espirais impossíveis, diversas rodas de símbolos inomináveis; e agora, não sem prazer, perguntei-lhe se ele lia críticas sobre si mesmo.

– Críticas! – exclamou ele – Boas críticas. Qualquer personalidade obscura quer me passar um sermão. Muito obrigado. Tocam meus livros com precaução, como um aparelho elétrico desconhecido. Querem analisá-los a partir de todos os pontos de vista, menos o essencial. É como se um naturalista, descrevendo cavalos, começasse a falar sobre o selim, o teliz, ou sobre *Mme.* de V. (ele nomeou uma senhora do meio literário realmente muito parecida a um cavalo mostrando os dentes). Eu também quero um pouco de sangue de pombo – ele continuava, com a mesma voz alta, cortada, falando com o garçom, que entendeu seu desejo só de olhar para a direção dos dedos, apontando sem cerimônia para o copo do inglês. Seguiur recordou o nome de um amigo, pintor, que gostava de pintar em vidro, e a conversa tomou um rumo menos ofensivo. Entretanto, de repente o inglês se levantou, decidido, subiu em uma cadeira, de lá pisou no parapeito, endireitando-se em toda sua enorme estatura, tirou uma borboleta noturna com asas de castor do canto superior da moldura e a transportou, hábil, para uma caixa.

—... Isso, como o cavalo branco de Wouwerman – disse Ferdinand, deliberando sobre algo com Seguiur. – *Tu es très hippique ce matin*²⁰, – reparou ele.

Logo, ambos saíram para telefonar. Ferdinand gostava dessas chamadas telefônicas de longa distância de forma extraordinária, e, um virtuose em dotá-las, seja qual fosse a distância, de cordial calor, quando era necessário, como agora, assegurar hospedagem gratuita.

De algum lugar distante chegavam sons de trompetes e cítaras. Eu e Nina fomos perambular de novo. Aparentemente, o circo enviou mensageiros: uma marcha de publicidade; mas não acompanhamos do início e ela virou para cima, em uma ruazinha lateral: a carroceria dourada de uma carruagem se afastava, um homem de albornoz conduzia um camelo, uma fileira de quatro imitações baratas de índios, um depois do outro, levava os mastros de cartazes, enquanto atrás, em um pônei muito pequeno com uma crina muito grande, estava, reverente, um menino alheio, de marinheiro, que tinha inventado de montar.

Lembro que passamos em frente a uma cafeteria, quase seca, mas ainda assim vazia; o garçom estava olhando fixamente um órfão horrível (e depois, talvez, cuidou dele): o absurdo instrumento de escrita, deixado no caminho, na balaustrada, por Ferdinand. Lembro ainda que: gostamos de uma velha escada de pedra, e subimos; eu olhava para um ângulo agudo de seu passo ascendente, quando, segurando a saia, primeiro arrumando o comprimento, agora a largura, ela subia os degraus cinzentos; Nina exalava o calor familiar e, o pensamento subindo com ela, vi nosso penúltimo encontro, em uma noite de gala em uma casa parisiense, onde havia muitas pessoas, e meu querido amigo Jules Darboux, querendo me fazer um refinado favor estético, puxou minha manga, dizendo: “Quero lhe apresentar...”, e me levou até Nina, que, sentada no canto de um sofá,

²⁰ Em francês, “Você está muito hípico hoje!”

formando um z, com um cinzeiro perto do salto, tirou dos lábios uma longa boquilha turquesa e disse um prolongado, feliz: “Não!”, e então a noite toda meu coração ficou dilacerado, e passei de grupo em grupo com meu copo pegajoso, olhando para ela às vezes, de longe (ela não olhava para mim), ouvindo conversas, ouvindo um cavalheiro dizendo para outro: “é engraçado como elas cheiram igual, cheiram a queimado, independente do perfume, todas essas belas e frias morenas”, e, como acontece muitas vezes, aquela vulgaridade, sabe-se lá relacionada a quê, enrolou-se, firme, ao redor de lembranças, alimentando a tristeza.

Subindo a escada, chegamos a uma área rústica: dali era possível ver o Monte Saint George, cinza-claro, com uma coleção de manchas de uma brancura óssea, do lado oposto (algum vilarejo pequeno); contornando o pé do monte, corria o vapor de um trem invisível, que se escondeu de repente; ainda mais abaixo era possível ver atrás de diferentes telhados um único cipreste, de longe parecido com a ponta negra apertada de um pincel de aquarela; à direita via-se o mar, cinza, com rugas iluminadas. Aos nossos pés uma chave enferrujada, e no muro da casa semidestruída adjacente à sacada, deixaram penduradas pontas de arame... Pensei que, em algum momento, havia vida ali, a família comia nas noites frescas, crianças desajeitadas desenhavam, sob a luz de uma lâmpada. Ficamos parados, como se estivéssemos ouvindo algo; Nina, mais no alto, colocou sua mão no meu ombro, sorrindo, e me beijou com cuidado, para não estragar o sorriso. Com uma força insuportável revivi (ou assim parece-me agora) tudo o que havia entre nós, começando com um beijo, como este; e eu disse o barato e oficial *tu*, substituindo o inspirado, significativo *você*²¹, para o qual o circunavegador, todo enriquecido pelo círculo, retorna: “E se eu te amo?” Nina olhava, eu repeti, queria acrescentar... mas algo como um morcego

²¹ Em russo, há uma distinção bem marcada, muito significativa, entre o uso do pronome “вы” (vi), que denota tratamento respeitoso, e seria equivalente ao “vós”, ou “o senhor/a senhora” em português; e “ты” (ti), equivalente ao “tu” do português. Para a presente tradução, optou-se por “você”, considerando-o mais adequado para o contexto do conto.

cintilou em seu rosto, uma expressão rápida, estranha, quase feia, e ela, que dizia palavras obscenas simplesmente, como se estivesse no céu, ficou desconcertada; eu também me senti constrangido... “Brincadeira, brincadeira,” – Eu me apressei em exclamar, abraçando-a gentilmente do lado direito do peito. Sabe-se lá de onde apareceu em suas mãos um buquê cheio de violetas escuras, miúdas, perfumando, desmedidas, e, antes de retornar ao hotel, ainda ficamos um pouco perto do parapeito, e tudo ficou sem esperança, como antes. Mas a pedra estava quente, como o corpo, e, de repente, entendi, o que até então, vendo, não havia entendido, por que até pouco tempo o papel alumínio brilhava, por que o reflexo do copo tremia, por que o mar cintilava: o sol penetrava o céu branco sobre Fialta imperceptivelmente, e agora estava ensolarado por todos os lados e esse brilho branco aumentava, aumentava, tudo se dissolvia nele, tudo desaparecia, e eu já estava na estação, em Milão, com o jornal, com o qual fiquei sabendo que o carro amarelo, que eu vira debaixo dos plátanos, sofreu um acidente nos arredores de Fialta, voando a toda velocidade no furgão de um circo errante, e que Ferdinand e seu amigo, canalhas invulneráveis, salamandras do destino, basiliscos da sorte, livraram-se com danos locais e temporários para suas escamas, enquanto Nina, apesar de há tempos imitá-los, dedicada, no fim, era mortal.

Paris, 1938

2. O círculo

Em segundo lugar: porque um vertiginoso anseio pela Rússia o invadiu. Em terceiro, finalmente, porque ele se ressentia de sua juventude de então – e tudo o mais em torno dela – rancor, estranheza, ardor – e das ofuscantes manhãs verdes, quando era possível ensurdecer-se no bosque por causa dos papa-figos. Sentado no café, diluindo o dulçor branco com o jorro do sifão, ele se lembrou do passado com um aperto no coração, com tristeza – mas que tipo de tristeza? – é, uma tristeza que ainda não foi investigada por nós o suficiente. Todo esse passado se suspendeu junto com seu peito, que se suspendia em um suspiro – e seu falecido pai, Iliá Ilítch Bitchkóv, *le maître d'école chez nous au village*²² se pronunciou devagar, endireitando os ombros, com uma gravata borboleta preta volumosa, casaco de tussor, abotoado no alto à maneira antiga, aberto da metade para baixo – a corrente ao longo do colete; o rosto avermelhado, a cabeça calva, mas coberta com algo parecido a uma penugem de lã macia, como aquela na ponta do esgalho de um cervo na primavera, – uma infinidade de rugas nas bochechas, o bigode macio, a verruga carnuda no nariz, como se a espessa narina desse mais uma volta. Quando era colegial, estudante, Innokênti ia passar as férias com seu pai em Liêchino²³, – e se você for ainda mais fundo, pode lembrar como derrubaram a velha escola no fim do vilarejo e construíram uma nova. A fundação, a liturgia²⁴ ao vento, K. N. Godunóv-Tcherdínsev lançando a moeda de ouro²⁵, a extremidade da moeda grudando no barro... Nesse novo edifício de pedra granulosa, alguns anos seguidos – e até hoje, ou seja, desde que entrou

²² Em francês, “professor do nosso vilarejo”.

²³ Várias referências possíveis: um vilarejo na região de Moscou; outros dois na região de Nôvgorod; ou ainda, um na região de Smoliênsk.

²⁴ Em russo, *молѣбен* (moliêben), liturgia realizada ou como agradecimento ou em caso de catástrofes; pode ocorrer em templos, casas ou ao ar livre.

²⁵ Em russo, *золотой* (zolutói), moeda de ouro. Moedas de ouro, bem como lã e cabelos, eram colocados nas fundações de construções como um ritual antigo, porque simbolizam abundância, riqueza, fertilidade. Jogar a moeda em um *moliêben* faz parte da celebração dessa simbologia.

para o quadro de funcionários da memória – havia um claro cheiro de cola; na sala de aula, diferentes dispositivos educacionais besuntados – por exemplo, retratos de parasitas dos campos e florestas... mas eram as aves empalhadas que Godunóv-Tcherdínsev dava que mais irritavam Innokênti. O povo é o nosso passatempo. É, ele se sentiu um plebeu sóbrio, o ódio o sufocava (ou assim parecia), quando olhava para o outro lado do rio, para todo aquele volume enorme, vedado, senhorial, genuíno, refletido na água (e, de repente – a nuvem láctea de uma cerejeira selvagem em meio às coníferas).

A nova escola foi construída bem no limiar do século: quando Godunóv-Tcherdínsev voltou de sua quinta viagem à Ásia Central, passou o verão com sua jovem esposa – ele tinha exatamente o dobro de sua idade – em sua propriedade de São Petersburgo. Como foi fundo. Meu Deus! – para um nevoeiro vago de cristal, parece que tudo isso aconteceu debaixo da água. Innokênti viu-se ainda bebê entrando com o pai na casa de campo, flutuando pelos cômodos maravilhosos – seu pai andando na ponta dos pés, segurando um ramalhete estridulante de lírios-do-vale molhados – e era como se tudo estivesse molhado: brilhando, estridulando, tremendo – e não era possível distinguir mais nada – mas isso mais tarde fez-se lembrança indecorosa – as flores, a ponta dos pés e as têmporas suadas de Iliá Ilítch tornaram-se símbolos secretos de obsequiosidade, sobretudo quando soube que o “nosso senhor”²⁶ havia livrado o pai de um assunto político pequeno, mas pegajoso, – ele teria ido parar nos confins do mundo, não fosse pela intercessão daquele.

Tânia costumava dizer que eles têm parentes não apenas no reino animal, mas também no vegetal e no mineral. E, de fato; em homenagem a Godunóv-Tcherdínsev foram nomeadas novas espécies de faisão, antílope, rododendro, e até mesmo uma serra inteira (ele mesmo descrevia principalmente insetos). Mas essas suas descobertas, méritos

²⁶ Em russo, *барин* (bárin). Nobre, terra-tenente, aristocrata ou alto funcionário na Rússia tsarista.

científicos, mil aventuras, e o desprezo pelo qual ele era famoso não podiam forçar todos a ter uma relação indulgente com sua nobreza e riqueza. Além disso, não esqueçamos dos sentimentos de uma parte conhecida de nossa intelligentsia, que desdenha de toda naturalismo não-aplicado e por isso reprova Godunóv-Tcherdántsev por ele estar mais interessado em “bichos frontais” do que no mujique russo. Quando jovem Innokênti acreditava facilmente nas histórias (idiotas) sobre suas concubinas de viagens, a crueldade à chinesa e as realizações de encargos secretos do governo, para atazanar os ingleses... Sua imagem real era vaga: uma mão sem luva, lançando a moeda de ouro (ou mesmo antes – a visita à casa de campo – o proprietário confundindo-se com um calmuco azul, o encontro no hall). Depois Godunóv-Tcherdántsev foi para Samarkand, ou Viêni²⁷ (de onde costumava iniciar suas jornadas); demorando em retornar, sua família, aparentemente, preferia a propriedade da Criméia à de Petersburgo, mas passava os invernos na capital. Lá, no bulevar perto do mar, ficava seu palacete de dois andares pintado de uma cor olivácea. Às vezes Innokênti passava ao largo: lembra, em toda a janela, através da cortina de gaze, uma estátua embranquecia, feminina – nádegas branco-açucaradas com covinhas. Atlantes oliváceos escarpados nas laterais sustentavam a varanda: a tensão de seus músculos de pedra e o ricto soturno pareciam, para um aluno de oitava série, uma alegoria impetuosa do proletariado escravizado. E uma ou duas vezes, ali mesmo no bulevar, em uma primavera ventosa do Nievá²⁸, ele encontrou a pequena Godunóva-Tcherdántseva, com o *fox terrier*, a governanta, – elas passavam como um torvelinho – mas de forma tão nítida, – Tânia devia ter, digamos, uns doze anos então, – andava rapidamente, com suas botas altas de amarrar, um casaco curto azul marinho com botões dourados de marinheiro, e dava umas batidinhas na barra da saia azul – com o quê? – acho que com uma correia de couro, – e o vento do gelo em movimento agitava as fitas do chapéu de marinheiro, e ao

²⁷ Samarkand e Viêni: cidades situadas na Ásia central; a primeira é uma das mais antigas do mundo; a segunda foi fundada por russos.

²⁸ Rio que atravessa a cidade de São Petersburgo.

lado precipitava-se a governanta, atrasando um pouco o passo, encurvando sua estatura de astracã, segurando a mão que se soltava, bem enrolada na luva felpuda.

Ele morava com a tia (costureira) perto de Ókhta²⁹, era taciturno, intratável, e se matava de estudar, consumia-se, sonhando no máximo em passar raspando –, mas, para surpresa geral, acabou o colegial de maneira brilhante, e, em seguida, ingressou na faculdade de medicina; com isso a veneração de seu pai por Godunóv-Tcherdínsev aumentou misteriosamente. Passou um verão como estudante em Tviêr³⁰; em algum momento, em junho do ano seguinte, foi a Liêchino, e ficou sabendo, não sem aflição, que a casa de campo perto do rio reavivara.

Ainda sobre o rio, a margem alta, a antiga casa de banhos: para chegar a eles, degraus, e em cada degrau, um sapo; uma trilha de argila descendente, cujo começo nem todos encontravam entre os amieiros atrás da igreja. Vassíli, filho do ferreiro, de pouca idade, indefinida, era companhia constante do lado do rio – ele mesmo não sabia com exatidão, se eram quinze ou vinte anos – troncudo, desgrenhado, calças remendadas, as plantas dos pés descalços enormes, com uma coloração que lembrava a de cenouras sujas, e tão sombrio quanto o próprio Innokênti era naquela época. As estacas refletiam-se na água como uma harmônica, num enroscar e desenroscar-se; sob as tábuas carcomidas da casa de banhos murmúrios, estalidos; minhocas serpenteavam indolentes na terra lamacenta em uma lata de balas. Vassíli colocou um pedaço substancial de minhoca no anzol, cuidando para que a ponta não atravessasse, e salpicou a peça com uma cuspidinha sacramental, descendo para a floresta ao longo das balaustradas sobrecarregadas de chumbo. Anoitecia; algo enorme, coberto de plumas, violeta-róseo se estendia por todo o céu – um mar aéreo de morros com agulhões, – morcegos adejavam – com o mutismo enfático e a rapidez maldosa dos seres membranosos. Entretanto, os peixes começaram a

²⁹ Bairro histórico de São Petersburgo; também pode se referir a um afluente do rio Nevá e região.

³⁰ Tviêr: cidade situada ao norte de Moscou, na confluência dos rios Volga e Tviertsá; foi capital de um poderoso estado medieval e uma cidade provincial modelo da Rússia Imperial.

fisgar a isca – e, desdenhando da vara de pescar, simplesmente segurando a linha nos dedos, esforçando-se, tremendo, Vassíli puxava de leve testando a resistência dos espasmos submersos, e de repente apanhava um gobião ou uma carpa; com um ar casual, e até um estalo insolente, arrancava o anzol da boca pequena, redonda, e desdentada do peixe, que então soltava, delirante (debatendo-se, com sangue rosa na brânquia rasgada), em um pote de vidro, onde uma tourinha, lábio inchado, já estava nadando. Era muito bom quando acontecia do tempo estar quente e nublado e a chuva ficava invisível no ar, dissipando-se na água e entrelaçando-se em círculos, entre os quais aqui e ali aparecia um círculo de outra origem, de um centro inopinado – um peixe saltava ou uma folha caía – girando, de uma vez, pela corrente. E que maravilha era nadar debaixo daquele chuvisco quente, no limiar da mistura de dois elementos homogêneos, mas formados de maneiras diferentes – a água encorpada do rio e a fina água celestial! Innokênti aproveitava bem para nadar e depois se esfregar por muito tempo com a toalha. Os meninos camponeses se esbaldavam até não poder mais – finalmente, saíam – e, tremendo, batendo os dentes, uma listra turva de muco escorrendo do nariz para a boca, esticavam as calças nas coxas molhadas.

Naquele verão ele estava ainda mais taciturno do que de costume e mal falava com o pai – eram só resmungos e hums. Por sua vez Iliá Ilítch experimentava um estranho mal-estar na presença dele – especialmente porque supunha, com horror e comoção, que seu filho, como ele mesmo jovem, vivia de corpo e alma no puro mundo do ilegal. O quarto de Iliá Ilítch: um raio de sol empoeirado; em cima da mesa – que ele mesmo fez, pirogravura, laca – em um porta-retratos de pelúcia uma fotografia da falecida esposa – tão jovem, de vestido com pedrinhas, cinto-corselete, o encantador rosto oval (naqueles anos rostos ovais coincidiam com o ideal de beleza feminina): ao lado – um peso para papéis de cristal com uma paisagem nacarada no interior e um galo de tecido para secar penas; na janela

intermediária um retrato de Liêv Tolstói, composto inteiramente por microscópicos caracteres impressos de “Kholstomêr”³¹. Innokênti dormia em um pequeno quarto, ao lado, em um sofá de couro. Depois de um longo dia, livre, dormia-se às mil maravilhas; mas acontecia de uma visão tomar um rumo especial – a força das sensações como que o tirava do círculo de sono – e por algum tempo ele permanecia deitado, meio acordado, com enjôo de tanto medo de se mexer.

De manhã ele caminhava para a floresta, apertando um livro debaixo do braço, as mãos enfiadas na tira que amarrava a *kosovorôtka*³² branca. Debaixo da viseira virada de lado, os cabelos com pitorescas mechas amendoadas invadiam a testa acidentada, as sobrancelhas unidas franziam-se – ele poderia ser bonito, mas era muito beijudo. Na floresta ele se sentava em um grosso tronco de bétula, há pouco derrubado pela tempestade (e até então com todas as folhas ainda agitadas por causa do golpe), fumava, barrava o caminho das formigas apressadas com um livro ou se entregava a uma meditação sombria. Um jovem solitário, impressionável, suscetível, ele percebia o lado social das coisas de maneira especialmente aguda. Assim, tudo que circunda a vida estival de Godunóv-Tcherdântsev lhe parecia detestável – digamos, a criadagem, – “criadagem”, ele repetia, contraindo o maxilar, com voluptuosa aversão. Tinha em mente o motorista gorducho, suas sardas, libré aveludada, polainas laranjas, colarinho engomado, que sustentava uma ruga arruivada do seu pescoço, e o sangue lhe afluía, quando da cocheira ele começava a conduzir o carro, também horrível por dentro, com seu estofado de couro vermelho vivo brilhante; o laçao grisalho de costeletas, que arrancava com a boca o rabo de *fox terrier* recém nascidos; o preceptor inglês, que costumava atravessar o vilarejo sem chapéu, de capa de chuva e calças brancas, o que servia de pretexto para que os meninos tirassem o

³¹ Conto de Liêv Tolstói, cujo personagem principal é um cavalo. Cf. o texto de Chklovski, “A Arte como Procedimento”, in *Teoria da Literatura – Formalistas Russos*, Porto Alegre, Globo, 1973.

³² Em russo, *kocovorômka* (kosovorôtka), literalmente, gola de revés. Camisa tradicional russa, usada por camponeses, que possui a gola inclinada e abotoada de lado.

sarro da “procissão” ou das “ceroulas”; as faxineiras, que iam escardar as aléias de manhã, inspecionadas por um velhote surdo corcunda de camisa cor-de-rosa, que afinal ficava varrendo perto da entrada com gabolice especial e zelo antiquado... Innokênti, sempre com o mesmo livro debaixo do braço – que o impedia de cruzar os braços, como tinha vontade, – estava parado, encostado em uma árvore no parque, e olhava, sombrio, para lá e para cá, para o telhado brilhante da casa branca, que ainda não tinha despertado...

A primeira vez, parece, que ele os viu, foi de uma colina: na estrada, contornando a colina, surgiu uma cavalgada – à frente, Tânia, montada feito homem em um alto cavalo baio-claro, ao lado, o próprio Godunóv-Tcherdínsev, um senhor insignificante em um esquipador cinza-rato de estatura bem baixa; atrás deles – um inglês com calças de montar, mais algumas pessoas; atrás – o irmão de Tânia, um menino de uns treze anos, que de repente esporeou o cavalo, ultrapassou todo mundo e atravessou o morro a galope, os cotovelos à maneira de um jóquei.

Depois disso, houve outros encontros casuais, e então... Está bem, lá vai: em um dia quente, em meados de junho...

Em um dia quente, em meados de junho, dos dois lados da estrada ceifadores num vaivém – este apontando para o lado direito da clavícula, aquele para o esquerdo, as camisas grudadas – “Deus lhe ajude” – disse Iliá Ilítch, de passagem³³; ele estava de panamá, solene, carregando um buquê de violetas noturnas. Innokênti caminhava ao lado, silencioso, a boca em movimentos circulares (triturava sementes). Aproximavam-se da casa de campo. No parque, no gramado para jogar tênis, aquele mesmo velhote cor-de-rosa surdo, de avental, molhava um arbusto em um balde, e, agachando na terra, recuando, traçava um sulco grosso cremoso. “Deus lhe ajude” – disse Iliá Ilítch, de passagem.

³³ A expressão em russo “Бог поможь” (Bog pomôsch) é uma saudação tradicional do campo, da parte de quem passa por trabalhadores.

A mesa estava posta em uma aléia, a luz russa jaspeada brincava na toalha. A governanta, de boá, cabelos cor de aço penteados para trás, já servia chocolate em uma xícara azul-escura, que os lacaios levavam. Havia muita gente e barulho no jardim, uma infinidade de convidados – familiares e vizinhos. Godunóv-Tcherdántsev (muito entrado em anos, barba amarelo-acinzentada e rugas nos olhos), o pé em um banco, brincava com um *fox terrier*, fazendo-o pular – e o cachorro não só pulava muito alto, tentando agarrar uma bola molhada, mas até conseguiu, suspenso no ar, dar um jeito de saltar ainda mais alto, contorcendo o corpo inteiro. Elizaviêta Pávlovna, – alta, corada, com um grande chapéu ondulado, passeava pelo jardim com outra senhora, juntando as mãos, admirada, contando algo no caminho, com vivacidade. Iliá Ilítch, parado com o buquê, cumprimentava... Em meio a essa variegada névoa (já que Innokênti, apesar de ter ensaiado um pouco de desprezo civil na véspera, estava muito sem jeito) tremeluziam jovens, crianças correndo, o xale de alguém com papoulas em fundo preto, um segundo *fox terrier*, – e, o mais, mais importante: o rosto de Tânia, que deslizava entre sombra e luz, ainda vago, mas já com a ameaça daquele encanto fatal, que completava dezesseis anos naquele dia.

Sentamos. Ele estava na extremidade mais sombria da mesa, onde mais olhavam do que falavam entre si, todos virando a cabeça do mesmo jeito, para lá onde havia burburinho e riso, e um maravilhoso bolo rosa-acetinado, coberto de velas, exclamações de crianças, o latido dos dois *fox terrier*, que por pouco não pulavam na mesa... enquanto aqui os anéis das sombras das tílias se entrelaçavam com pessoas da pior espécie: Iliá Ilítch, sorrindo, absorto; uma menina feia de vestido leve, cheirando a suor por causa da agitação; uma velha francesa de olhos maldosos, com um ser minúsculo e invisível no colo, debaixo da mesa, que volta e meia tilintava... O vizinho de Innokênti era irmão do procurador, um homem obtuso, maçante, além de gago; Innokênti conversava com ele só porque tinha um

medo mortal do silêncio e, embora a conversa fosse extenuante, ele se agarrava a ela desesperadamente, – depois, em compensação, quando começou a vir para cá com mais frequência, e encontrava o pobre coitado por acaso, nunca falava com ele, evitando-o como se evita uma cilada ou uma lembrança vergonhosa.

Rodopiando, uma fruta alada caiu lentamente da tília para a toalha.

Lá, onde estava a nobreza, Godunóv-Tcherdínsev falava alto, por cima da mesa com uma velhota de rendas, falava segurando a cintura versátil da filha, que estava ao lado, jogando uma bola para cima com a palma da mão. Innokênti ficou um tempo lutando com um suculento pedaço de bolo, que teimava em cair fora do prato, – e que, agora, por causa do toque desajeitado, tinha voado, a framboesa desgraçada – debaixo da mesa – (onde vamos deixá-la). Iliá Ilítch continuava sorrindo à toa, a língua no bigode; alguém pediu que passasse os biscoitos – ele deu uma bela gargalhada, e passou. De repente, Innokênti ouviu bem perto da orelha uma voz rápida e ofegante: Tânia, olhando para ele, sem sorrir, e segurando a bola na mão, propôs – quer ir com a gente? – E ele ficou quente, desconcertado, saiu da mesa com dificuldade, empurrando o vizinho – não conseguiu tirar de uma vez a perna direita do banco do jardim onde todos estavam sentados.

Sobre ela falavam: mas que senhorita bonita; ela tinha olhos cinza-claros, sobrancelhas sedosas, uma boca bem grande, delicada e pálida, incisivos afiados – e quando ela ficava doente ou de mau humor, acima do lábio, uma penugem aparente. Ela adorava todos os jogos de verão, jogava todos muito bem, com uma encantadora concentração – e, claro, nada de pescaria simples com Vassíli, que ficou perplexo – o que aconteceu? – aparecia de repente, perto da escola, à noite, acenando para Innokênti, arreganhando os dentes, inseguro, elevando a lata de minhocas à altura do rosto – então Innokênti estremecia por dentro, consciente de ter traído o povo. Entretanto, a alegria dos novos amigos foi curta. Acontece que ele não foi admitido no centro de sua vida, mas

apenas na periferia verde, participando dos passatempos de verão, sem nunca entrar na própria casa. Isso o enfurecia; ele ansiava por um convite, somente para recusá-lo, altivo – e em geral ficava o tempo todo atento, taciturno, queimado, desgrenhado, com o jogo constante do maxilar, – e era como se cada palavra de Tânia jogasse uma pequena sombra de ofensa em sua direção, e, meu Deus, como ele odiava todos – seus primos, amigas, cachorros alegres... Tudo isso se confundiu subita, silenciosamente, desapareceu – e então, na escuridão aveludada de uma noite de agosto, ele estava sentado sobre a cancela do parque, esperando; entre a camisa e o corpo pinicava um bilhete, que, como nos romances antigos, uma menina descalça trouxera para ele. O convite lacônico para um encontro pareceu-lhe gozação, mas assim mesmo ele sucumbiu – e estava certo: em meio ao sussurro uniforme da noite distinguia-se o crepitar de passos leves. Sua chegada, seu murmúrio e sua proximidade eram um milagre para ele; o súbito toque de seus dedos frios, ligeiros, assombrou sua inocência. Através das árvores ardia uma lua enorme, que subia, rápida. Banhando-se em lágrimas e tremores, apoiando-se nele cegamente, com os lábios salgados, Tânia dizia que no dia seguinte ia embora com a mãe para o sul, que tudo estava acabado, oh, como podia ter sido tão obtuso... “Fique, Tânia” – implorou, mas subiu um vento, ela começou a soluçar ainda mais... Quando ela fugiu, ele permaneceu sentado, imóvel, o barulho nos seus ouvidos; esperou um pouco, e se foi pelo caminho escuro, que parecia mover-se e, depois, houve a guerra com os alemães, em geral tudo se dispersou – mas pouco a pouco se concentrou de novo, ele era assistente do professor Behr, em um balneário na República Tcheca, em 1924, acho, trabalhando com ele em Sabóia, e um dia – parece que em Chamonix – encontrou um jovem geólogo soviético por acaso; conversaram, e, mencionando que ali morrera Fêdtchenko como um mero turista (ele era explorador de Ferganá³⁴!), cinquenta anos atrás, o geólogo acrescentou que é sempre assim

³⁴ Cidade no Uzbequistão.

que acontece: a morte está tão acostumada a perseguir essas pessoas intrépidas em montanhas e desertos selvagens, que, já sem qualquer propósito especial, brincando, prejudica-os em qualquer outra circunstância, e para sua própria admiração, surpreende-os, improvisada – assim morreram Fêdtchenko, Siêvertsev, Godunóv-Tcherdínsev, sem falar em estrangeiros clássicos, – Speke, Dumont d'Urville³⁵... Alguns anos depois Innokênti estava em Paris de passagem, e, visitando um colega a negócios, já correndo escada abaixo, vestindo a luva em uma das plataformas, saiu do elevador uma senhora alta, encurvada, e no mesmo instante ele reconheceu nela Elizaviêta Pávlovna. “Claro que me lembro do senhor, como não lembrar,” – disse ela, olhando para ele, não para o rosto, mas meio que por cima do ombro, como se houvesse alguém atrás dele (ela tinha ficado um pouco vesga). “Bom, venha a nossa casa, meu caro,” – ela continuou, saindo do momentâneo estupor, virando com a ponta do sapato o canto de um tapete grosso, cheio de poeira, para pegar a chave que estava debaixo. Innokênti entrou atrás dela, atormentado, porque não conseguia lembrar de jeito nenhum o que exatamente lhe haviam contado sobre como e quando tinha morrido seu marido.

E então Tânia chegou, toda matizada por aqueles vinte anos, com o rosto suavizado e os olhos abrandados – de imediato começou a fumar e rir, lembrando com ele do distante verão, sem constrangimento – e ele se espantou que nem Tânia, nem a mãe recordavam o falecido e falavam com tanta facilidade do passado, sem chorar copiosamente como ele, um estranho, estava com vontade – ou será que estavam mantendo a pose? Apareceu uma menina pálida, de cabelo negro, dez anos – “Essa é minha filha – vem cá”, – disse Tânia, enfiando a bituca desbotada em uma concha, que fazia às vezes de cinzeiro. O marido de

³⁵ John Hanning Speke (4 de maio de 1827 – 15 de setembro de 1864) foi um oficial do Exército britânico indiano que realizou expedições exploratórias à África. Jules Sébastien César Dumont d'Urville (Condé-sur-Noireau, 23 de Maio de 1790 – Meudon, 8 de Maio de 1842) foi um oficial naval e explorador francês que viajou pelo sul e oeste do Pacífico, Austrália, Nova Zelândia e Antártica.

Tânia, Kutássov³⁶, voltou para casa, – e Elizaviêta Pávlovna, encontrando-o no cômodo ao lado, alertou sobre o convidado em seu francês caseiro, exportado da Rússia: “Le fils du maître d'école chez nous au village”³⁷, – então Innokênti lembrou como Tânia dissera uma vez a uma amiga, aludindo a suas (belas) mãos, “Regarde ses mains”³⁸, – e agora, ouvindo como a menina, com uma melodia linda, pátria, responde às perguntas da mãe, ele ainda pensou, com alegria maliciosa: “quicá agora não haja mais de onde tirar para ensinar crianças à estrangeira”, ou seja, não se deu conta de imediato que hoje essa língua russa é a mais vã, um luxo.

A conversa não engrenou; Tânia, confusa, assegurava que uma vez ele tinha lhe ensinado versos revolucionários sobre como festeja um déspota, a mão fatal há muito desenha as letras terríveis no mural. “Em outras palavras, nosso primeiro jornal mural³⁹,” – disse Kutássov, que gostava de gracejar. Ainda revelou-se que o irmão de Tânia morava em Berlim, e Elizaviêta Pávlovna pôs-se a falar dele... De repente Innokênti percebeu: nada, nada se perdeu, na memória acumulam-se tesouros, crescem depósitos secretos na escuridão, na poeira – e então um viajante de repente pede ao bibliotecário um livro que não aparece há vinte anos. Ele se levantou, despediu-se, não o detiveram muito. Que estranho: as pernas tremiam. Que encontro impressionante. Atravessando uma praça, ele entrou em um café, pediu uma bebida, soergueu-se, para tirar seu chapéu amassado debaixo de si. Que inquietação horrível na alma... E ele estava inquieto por várias razões. Em primeiro lugar, porque Tânia estava tão encantadora, tão invulnerável, como outrora.

Berlim, 1936

³⁶ Possivelmente, de *кытаб* (kútat), enroupar, vestir, abrigar, agasalhar.

³⁷ Em francês, “Filho do professor do nosso vilarejo.”

³⁸ Em francês, “Olhe para suas mãos.”

³⁹ Referência aos “jornais murais” soviéticos.

3. Melro

Os objetos convocados são recolhidos e reunidos de diferentes lugares, e alguns têm de superar não só a distância, mas também a temporalidade: com quem se tem mais desvelos, com esse nômade ou com aquele – com o jovem álamo, vamos dizer, que cresceu ali do lado, mas agora há muito tempo foi cortado, ou com determinado pátio, que até agora mesmo existe, mas se encontra longe daqui? Depressa, por favor.

Um pequeno álamo oval em seu pontilhado verde de abril já chegou e ficou, onde lhe foi ordenado – perto de um muro alto de tijolos – enviado de uma vez só de outra cidade. Em frente, cresceu uma casa, grande, sombria, suja, e pequenas sacadas mesquinhas se abrem, uma após a outra, feito gavetas. Aqui e ali estão distribuídos pelo pátio: um barril, outro barril, a sombra delicada das folhagens, uma urna e uma cruz de pedra, apoiada no muro. Ainda assim, tudo isso é só um esboço, e ainda há muito a ser complementado e terminado, mas em uma das sacadas já saem pessoas reais – os irmãos Gustav e Anton – e no pátio, empurrando um carrinho com uma mala e uma pilha de livros, entra o novo inquilino – Romantóvski.

Do quintal, especialmente se o dia estiver ensolarado e as janelas escancaradas, uma densa escuridão parece se derramar sobre os quartos (em algum lugar sempre é noite – uma parte do dia e da noite fica dentro, uma parte fora). Romantóvski olhou para as janelas pretas, para os dois homens de olhos arregalados, que o observavam da sacada, e, levando a mala ao ombro, vacilou, como se alguém o tivesse acertado na nuca, precipitou-se para a casa. No reflexo do sol permaneceram o carrinho com os livros, o barril, o outro barril, o pequeno álamo cintilante e a inscrição de alcatrão no muro de tijolos. Vote na chapa de número tal. Provavelmente, os irmãos a borraram antes das eleições.

É assim que vamos organizar o mundo: cada um suará, e cada um se fartará. Haverá trabalho, haverá o que devorar, haverá algo puro, quente, claro...

(Romantóvski se instalou no quarto vizinho. Era ainda pior do que o deles. Mas debaixo da cama ele encontrou uma pequena boneca de guta-percha: até a chegada dele deve ter morado ali um homem de família).

No entanto, apesar do mundo ainda não estar finalizado e completo em sua condição de materialidade, ainda conservava aqui e ali âmbitos intangíveis e invioláveis; os irmãos se sentiam firmes e confiantes na vida. O mais velho, Gustav, trabalhava em um armazém de móveis; o mais novo estava temporariamente sem trabalho, mas não se desanimava. O rosto completamente rosa de Gustav e suas sobrancelhas longas, eriçadas, de linho. Seu tórax amplo, feito um armário, o eterno pulôver de lã cinza áspera, e elásticos nas dobras dos braços grossos – para que as mangas não ficassem um relaxo. O rosto bexiguento de Anton e seu bigode escuro, aparado como um trapézio. Sua jaqueta vermelha e a magreza farpada. Mas quando ambos apoiavam seus cotovelos sobre o parapeito de ferro das sacadas, os traseiros eram os mesmos, tim tim por tim tim – grandes, triunfantes, o mesmo tecido xadrez apertando e grudando nos quadris.

Mais uma vez: o mundo vai suar e se fartar. É proibida a entrada de preguiçosos, parasitas e músicos. Enquanto o coração bombeia sangue, é necessário viver, diabos. Fazia já dois anos que Gustav guardava dinheiro para casar com Anna, comprar um armário, um tapete.

Ela vinha à noite, umas três vezes por semana – anafada, braços fartos, sardas no grande intercílio, uma sombra plúmbea sob os olhos, dentes separados, um deles inclusive saltado. Os três se embebedavam de cerveja. Ela levantava os braços nus até a nuca, mostrando a cintilante penugem avermelhada debaixo do braço, e, inclinando a cabeça, escancarava tanto a boca que era possível ver todo o céu da boca e a úvula, parecida com a

ponta de um frango assado. Os dois irmãos gostavam de seu riso anatômico, eles sempre faziam cosquinhas nela.

Durante o dia, enquanto o irmão estava no trabalho, Anton ficava em uma agradável taverna, ou se espreguiçava entre os dentes-de-leão na grama ainda fria e clara à margem do canal, e seguia com o olhar, invejoso, jovens barulhentos que carregavam o carvão para a barcaça, ou olhava para cima com cara de bobo para o ocioso céu azul, que evocava o sono. Mas – algo esbarrou na regrada vida dos irmãos.

Já quando Romantóvski entrou com o carrinho no pátio, ele despertou neles irritação e curiosidade. Com seu faro infalível eles pressentiram: este – não é como todo mundo. Um simples mortal não veria nada disso em Romantóvski à primeira vista, mas os irmãos viram. Ele, por exemplo, não andava como todo mundo: quando pisava, levantava de leve a sola de borracha de maneira especial: pisa e decola, exatamente a cada passo havia uma possibilidade de discernir algo incomum acima das cabeças comuns. Ele era o que chamamos de palito, um rosto pálido com nariz pontiagudo e olhos terrivelmente transtornados. Das mangas curtas do casaco transpassado assomavam mãos compridas com uma evidência intrusiva e despropositada (aqui estamos nós, o que devemos fazer?). Ele saía e voltava em horas imprevisíveis. Em um dos primeiros dias, Anton o viu de pé, perto da estante de livros perguntando preços, ou até mesmo comprando, porque o comerciante batia, ágil, um livro no outro – empoeirados – e ía com eles atrás da estante. Outras extravagâncias ficaram claras: a luz fica acesa quase a noite toda; é insociável. A voz do Anton ressoa:

– Esse dândi se acha. Precisamos ficar de olho.

– Vou vender o cachimbo para ele – disse Gustav. Origem nebulosa a do cachimbo. Anna o trouxe certa vez, mas os irmãos admitiam apenas *tsigárka*⁴⁰. Caro, mas ainda não utilizado, com uma pequena haste oca postiça em seu bocal reto. Para ele – um estojo de camurça.

– Quem é? O que o senhor deseja? – Perguntou Romantóvski atrás da porta.

– Vizinhos, vizinhos – disse Gustav com voz de baixo. E os vizinhos entraram, olhando ao redor, ávidos. Na mesa um pedaço de salsichão embrulhado em papel e uma pilha de livros tortuosos – um estava aberto em uma imagem: navios de muitas velas e em um canto superior uma criancinha alada de bochechas avultadas.

– Vamos nos apresentar, – disseram os irmãos. – Moramos lado a lado, por assim dizer, e é tudo meio... Na cômoda um fogareiro a álcool e duas laranjas. – Prazer em conhecê-los – disse baixinho Romantóvski, e, sentando na beira da cama, inclinando a testa com uma veia saltada, começou a amarrar os sapatos.

– O senhor estava descansando – disse Gustav com uma gentileza ameaçadora – viemos visitá-lo na hora errada...

Ele não respondeu nada; nada; mas de repente se endireitou, virou-se para a janela, levantou um dedo e enregelou-se.

Os irmãos observavam: a janela estava normal – uma nuvem, a copa do álamo, o muro defronte.

– Por acaso os senhores não estão vendo? – perguntou Romantóvski. Eles, o vermelho e o cinza, aproximaram-se da janela, e até se inclinaram, tornando-se idênticos. Nada. E de súbito ambos sentiram: tem algo de errado – oh, oh, errado! Viraram. Romantóvski estava perto da cômoda, com uma pose afetada.

⁴⁰ Em russo, *Цигарки* (tsigárki) cigarros enrolados com papel ordinário, geralmente com *махорка* (makhórka), planta e tabaco de qualidade inferior.

– Deve ter sido só impressão – disse ele, sem olhar para os irmãos. – Era como se algo estivesse voando... Uma vez vi um avião caindo.

– Acontece – concordou Gustav. – Mas nós não viemos a troco de nada. O senhor não gostaria de comprar?.. É totalmente novo... E tem uma caixa...

– Uma caixa? Veja bem. Sabem, raramente fumo. – Então vai fumar mais. Vamos fazer mais barato. Três e cinquenta.

– Três e cinquenta. Veja bem.

Ele girava o cachimbo nas mãos, mordendo lábio inferior, pensando em algo. Suas pupilas não olhavam para o cachimbo, mas iam da direita para a esquerda feito um pêndulo.

Entretanto, os irmãos começaram a se dilatar, crescer, encheram o quarto, a casa inteira, então a casa ficou pequena para eles. Comparado com eles, o pequeno álamo já não era maior do que árvores de brinquedo, tão instáveis, de lã tingida, em suportes redondos verdes. A casa de papelão empoeirado com janelas de mica batia no joelho dos irmãos. Enormes, triunfantes, cheirando a suor e cerveja, com suas disparatadas vozes de vaca, latrinas no lugar de cérebro, eles despertavam o tremor do medo humilhante. Eu não sei por que eles avançam em mim. Imploro, deixem-me em paz, eu não encosto em vocês, então não encostem em mim – eu vou desistir – apenas deixem-me em paz.

– Mas eu não tenho troco – disse Romantóvski, calmo. – de repente vocês podem trocar dez.

Trocaram, e, sorrisos escancarados, saíram. Gustav escondeu bilhete verificado contra a luz em um cofrinho de ferro.

Entretanto eles não deixaram o vizinho em paz. Eles ficavam simplesmente enfurecidos, que, apesar de terem travado conhecimento, a pessoa continuasse tão inacessível. Ele se esquivava deles, por isso era necessário ficar à espreita e caçá-lo, para

no momento exato capturar sua pupila fugidia. Depois de descobrir a vida noturna de sua lâmpada, Anton não aguentou e, aproximando-se descalço da porta, de onde transluzia um tenso fio dourado de luz, bateu. Mas Romantóvski não respondeu.

– Dorme, dorme, – disse Anton, batendo na porta com a palma da mão.

A luz olhava calada através da fenda. Anton ficou revirando a maçaneta. De repente o fio de ouro se interrompeu.

Desde então, ambos, sobretudo Anton, por não trabalhar de dia, montaram guarda para o vizinho insone. Mas o inimigo era astuto e dotado de um ouvido refinado. Por mais silenciosa que fosse a aproximação à porta, a luz atrás dela se apagava instantaneamente, como se nunca tivesse existido – e apenas se esperasse muito tempo parado, prendendo a respiração, no corredor frio, era possível aguardar o retorno do delicado feixe. É assim que os besouros desfalecem.

A vigilância se mostrou bem extenuante. Finalmente os irmãos o capturaram uma vez na escada e começaram a espreme-lo.

– Suponhamos que eu esteja acostumado a ler à noite. O que vocês têm com isso? Deixe-me passar, por favor.

Quando ele virou, Gustav derrubou seu chapéu de brincadeira. Romantóvski o ergueu, sem dizer nada.

Alguns dias mais tarde, à noite, aproveitando o momento – ele voltava do toalete e não teve tempo de correr para seu quarto – os irmãos se apinharam em volta dele. Eles eram apenas dois, mas mesmo assim eles deram um jeito de se apinhar – e o convidaram para visitá-los.

– Tem cerveja – disse Gustav, piscando. Ele tentou recusar.

– Mas o que é isso, vamos! – gritaram os irmãos, pegaram-no por debaixo do braço e o arrastaram. (Com isso, eles sentiam como ele era magro, seus antebraços finos, fracos,

que tentação irresistível – imagine, apertar bem, até moer – ah, é difícil se conter, mas apalpar, andando, assim, de leve...)

– Está doendo – disse Romantóvski. – Deixem-me, por favor. Eu posso ir sozinho.

Cerveja, a noiva de boca avantajada de Gustav, ar carregado. Tentaram embebedar Romantóvski. Sem gola, com uma abotoadura de cobre sob um grande pomo de Adão desprotegido, um rosto longo e pálido e pestanas tremelicantes, ele se sentou em uma cadeira em uma pose complicada, um pouco encolhido, arqueado, e, quando se levantou, retorcia-se feito espiral. Eles o obrigaram, porém, a se enrolar de novo, e por conselho dos irmãos Anna sentou em seus joelhos, e ele, olhando desconfiado o dorso do pé inchado na armação de um sapato demasiado apertado, aguentou o quanto pôde a angústia e não ousou se livrar da ruiva estagnada.

Por um momento parecia-lhes que ele estava derrotado, que ele lhes pertencia, e Gustav até disse:

– Olha só. Você desprezou nossa companhia em vão. Conte uma coisa pra gente. A gente acha ofensivo você ficar sempre calado. O que você fica lendo à noite?

– Contos de fada, muito, muito antigos – disse Romantóvski, com uma voz que de repente os irmãos ficaram muito entediados. O tédio era terrível, sufocante, mas a embriaguez impediu que a tempestade rebentasse, mas, pelo contrário, deu sono. Anna deslizou dos joelhos de Romantóvski e trombou uma coxa já dormente na mesa: as garrafas vazias balançaram, feito pinos, e uma caiu. Os irmãos se inclinaram, desmoronaram, ficaram embasbacados, olhando para a visita através de lágrimas de sono. Ele, estremecendo e irradiando, endireitou-se e começou a se encolher, desaparecendo gradualmente.

Isso não pode continuar assim. Ele envenena a vida de pessoas honestas. Mas, pode até ser que no fim do mês ele se mude – inteiro, inquebrantável, empinando o nariz,

soberbo. Não apenas ele não anda e respira como todo mundo – nós não conseguiríamos captar a diferença, encontrar, às apalpadelas, a orelha pela qual seria possível puxá-lo. Com ódio de tudo o que você nunca pode perder, ponderar, computar.

Começaram pequenas torturas. Na segunda-feira eles deram um jeito de derramar fécula de batata no lençol dele, que, como se sabe, pode fazer com que tirar uma pessoa do sério à noite. Na terça-feira, ele foi encontrado na esquina – carregando uma braçada de livros – e foi tão meticulosamente encurralado, que os livros caíram na designada poça. Na quarta-feira untaram o assento do vaso com cola de carpintaria. Na quinta-feira, a fantasia dos irmãos se esgotou.

Ele ficava calado; calado. E na sexta-feira, alcançando Anton com seu trote alado perto dos portões do pátio, empurrou-lhe um jornal ilustrado – o senhor quer, diga-me, dar uma olhada? Essa inesperada gentileza desconcertou e atíçou muito mais os irmãos.

Gustav ordenou que sua noiva incitasse Romantóvski para que houvesse um pretexto. Você faz esforços involuntários de deixar a bola rolar, antes de chutar. Animais brincalhões também preferem um objeto ambulante. E embora seja provável que Anna fosse sumamente repulsiva para Romantóvski com sua pele leitosa de manchas de percevejo, o vazio dos olhos claros e os pequenos promontórios molhados das gengivas entre os dentes, ele considerou pertinente esconder a aversão, temendo, deve ser, que o desprezo por Anna deixaria seu noivo colérico.

Como ele ia ao cinema de qualquer jeito uma vez por semana, no sábado ele a levou junto, na esperança de que, com isso, ele se livraria dessa situação. Furtivamente, a uma distância razoável, ambos de boné novo e sapato vermelho, os irmãos deslizavam atrás – e naquelas ruas dúbias, naquele lusco-fusco empoeirado, havia centenas de pessoas como eles, mas apenas um Romantóvski.

Na alongada sala a noite já bruxuleava – noite de lua, de fabricação própria – quando os irmãos, escondendo-se e encolhendo-se, sentaram-se na fileira do fundo. Em algum lugar na frente – sentia-se a presença doce-torturante de Romantóvski. No caminho Anna não conseguiu arrancar nada do acompanhante desagradável, e ela nem entendeu muito bem o que Gustav queria dele. Enquanto eles andavam, ela queria bocejar só de olhar para sua magreza e tristeza. Mas no cinema ela o esqueceu, grudando um ombro indiferente nele. Espectros conversavam com vozes de trombeta. O barão provou o vinho e baixou a taça com cuidado – ao som de uma bala caída.

Depois o barão foi capturado. Quem iria imaginar que ele era o principal falsário? Foram atrás dele com veemência, freneticamente. Um automóvel passou voando com explosivo estrondo. Em um bar brigaram com garrafas, cadeiras, mesas. Uma mãe estava colocando uma criança encantadora para dormir.

Quando tudo acabou, e Romantóvski, tropeçando, saiu para o frescor e a escuridão, Anna exclamou: “Oh, foi uma maravilha!..”

Ele limpou a garganta e em um minuto disse: “Não vamos exagerar. Tudo isso é, na realidade – bem chato.”

– Você que é chato – replicou ela, carrancuda, e então riu baixinho, lembrando a linda criança.

Atrás deles, sempre à mesma distância, os irmãos deslizavam. Ambos estavam sombrios. Ambos estavam carregados de uma energia sombria. Anton disse, sombrio:

– Afinal, isso não se faz – passear com a noiva alheia. – Especialmente no sábado à noite – disse Gustav. Um pedestre, alcançando-os, olhou para seus rostos por acaso e andou mais rápido, involuntariamente.

Ao longo das cercas o vento noturno varria detritos sussurrantes. Lugares desertos e escuros. À esquerda, acima do canal, luzinhas se entreabriam aqui e ali. À direita, casas

esboçadas às pressas viravam para o descampado de costas negras. Pouco tempo depois, os irmãos apertaram o passo.

– Minha mãe e irmã estão no interior – disse Anna, calma e bastante acolhedora em meio à noite suave. – Quando me casar, talvez a gente vá visitá-las. Minha irmã, no verão passado... de repente Romantóvski virou.

– No verão passado, ela ganhou na loteria – continuou Anna, também olhando ao redor, mecânica.

Gustav assobiou alto. – Ah, sim, são eles! – exclamou Anna e começou a gargalhar, alegre. – Ah, Ah, esses pilantras!..

– Boa noite, boa noite – disse Gustav com uma voz precipitada e ofegante. – O que você está fazendo aqui, seu imbecil, com a minha noiva? – Não estou fazendo nada, nós fomos...

– Sei, sei, – disse Anton e, recuando, acertou-o nas costelas.

– Por favor, não briguem. Vocês sabem muito bem... – Deixem-no, meninos – disse Anna, toda risinhos. – Temos que dar uma lição – disse Gustav, pegando fogo e com um sentimento irresistível de ter um gostinho, já que agora ele também, seguindo o exemplo do irmão, vai atacar essa espinha cartilaginosa, estalante.

– Aliás, uma vez aconteceu uma história engraçada comigo – começou a falar Romantóvski como uma metralhadora, mas Gustav começou a estalar suas articulações, estalar todos os cinco nós de sua enorme mão, e isso era completa e indescritivelmente doloroso. Cambaleando para trás, Romantóvski escorregou e quase caiu; cair significaria morrer ali, naquele instante.

– Deixem-no ir – disse Anna. Ele virou e, segurando um lado, foi para frente, ao longo das cercas escuras, sussurrantes. Os irmãos foram atrás dele, quase pisando em seu

calcanhar. Gustav, consumindo-se, rugiu, e esse rugido estava prestes a se transformar em um salto.

Longe, adiante, transparecia uma luz de salvação – havia uma rua iluminada – e embora apenas uma lâmpada devia estar acesa, ela parecia, essa cava na noite, uma iluminação maravilhosa, feliz, uma região resplandecente, cheia de pessoas salvas. Ele sabia que, se começasse a correr, tudo estaria acabado, pois seria impossível conseguir correr até o fim; tinha que ir com calma e fluidez, assim podia ser que conseguisse, tinha que ficar calado, e não levar as mãos para o lado que estava ardendo. Ele caminhava, voando, como de costume, e parecia que ele estava fazendo isso de propósito, para escarnecer – ou ainda, quem sabe, ele realmente voaria.

A voz de Anna: – Gustav, deixe-o em paz. Depois você não se controla, você mesmo sabe – lembra de uma vez, quando você e o pedreiro...

– Cale a boca, sua vadia, ele sabe o que é necessário! (Essa é a voz de Anton).

Agora, até a região de luz, onde já é possível divisar a folhagem de castanheiros, e, parece, um pedestal, e lá, à esquerda, uma ponte – até aquela luz desvanecida, suplicante – agora, agora não está tão longe... Mas assim mesmo não devia correr. E embora ele soubesse que era um erro fatal, foi mais forte do que a vontade, de súbito ele levanta vôo, soluça, e se precipita para frente.

Ele correu e era como se gargalhasse enquanto corria. Gustav o alcançou em dois pulos. Ambos caíram, e entre o sussurro feroz e o estalido havia um som especial, resvaladiço, uma vez, e mais uma vez – até o cabo – e então Anna imediatamente fugiu no escuro, segurando o chapéu na mão.

Gustav levantou. Romantóvski estava deitado no chão, tossindo e falando polonês. Tudo cessou. – Agora, vamos – disse Gustav. – Eu o furei. – Arranca – disse Anton. – Arranca dele. – Já arranquei – disse Gustav. – E como eu o furei! Eles correram, não em

direção à luz, mas no meio de um terreno baldio escuro, e, quando, contornando o cemitério, saíram em uma travessa, então se entreolharam e começaram a andar com passos normais.

Chegando em casa, ele caíram imediatamente no sono. Anton sonhou que estava sentado na grama e diante dele flutuava uma barça. Gustav não sonhou nada.

De manhã cedo apareceram policiais, reviraram o quarto do morto e perguntaram uma ou duas coisinhas para Anton, que tinha assomado à porta. Gustav ficou na cama – farto, sonolento, vermelho como presunto da Véstfalia, com sobrancelhas brancas eriçadas.

Agora a polícia foi embora, e Anton voltou. Ele se encontrava em um estado anormal, rebentando-se de rir, agachando, dando socos silenciosos na palma da mão.

– É para morrer de rir – disse ele. – Sabe o que ele era? Um melro!

Melro era gíria para falsário. E Anton contou o que conseguiu descobrir: fazia parte de uma gangue, parece, e tinha acabado de sair da prisão, mas até então falsificava dinheiro; decerto um cúmplice o esfaqueou.

Gustav também morreu de rir, mas depois de repente mudou o semblante:

– Ele enganou a gente, aquele embusteiro! – Exclamou e correu completamente nu para o armário onde guardava o cofrinho.

– Deixe pra lá, a gente passa para frente – disse Anton. – Quem não sabe não percebe.

– Não, mas que embusteiro – repetia Gustav. Meu pobre Romantóvski! Eu mesmo pensei, como eles, que você era realmente especial. Pensei, confesso, que você era um notável poeta, forçado a morar naquele quarteirão negro por causa da pobreza. Pensei, a julgar por certos indícios, que toda noite – endireitando um verso ou alimentando uma ideia florescente – celebraria uma invulnerável vitória sobre os irmãos. Meu pobre Romantóvski! Agora está tudo acabado. Os objetos escolhidos se dispersam de novo, que

pena. O pequeno álamo empalidece e, desprendendo-se, volta para lá, de onde foi tirado. O muro de tijolos derrete. As pequenas sacadas vão fechando, uma após a outra, e, virando-se, a casa se distancia flutuando. Tudo se distancia flutuando. Desintegram-se a harmonia e o sentido. De novo o mundo me atormenta com sua vaziez multicolorida.

Berlim, 1933

4. Cortina de fumaça

Quando as luzes, pairando sobre as ruas, acenderam-se quase de um só golpe até a *Bayerischer Platz*⁴¹, tudo no cômodo apagado se deslocou devagar em sua rota sob o efeito dos raios da rua, que para começar fizeram uma réplica da estampa das cortinas de musselina. Por três horas, descontando o breve intervalo do jantar (breve e completamente silencioso, graças ao pai e à irmã que tinham brigado de novo e liam à mesa), ele, um jovem esguio, ereto, de pincenê, ficou deitado no sofá, cintilando na penumbra. Aturdido por um sentimento que conhecia bem, plangente, prolongado, continuou deitado, olhando, virando os olhos, e, qualquer traço longitudinal, aro, a sombra de um aro, revolvía-se no horizonte do mar ou na orla de uma margem distante. Assim que o olho aprendeu o mecanismo dessas metamorfoses, elas começaram a acontecer por si só, como em vão pedras continuam ganhando vida por trás das costas de taumaturgos, e, agora, nesse ou naquele lugar do cosmos do cômodo, de repente tomava forma e se intensificava uma perspectiva imaginária, uma miragem gráfica, sedutora em sua transparência e solidão: um fio de água, por exemplo, e o promontório preto com uma pequena silhueta de araucária.

Da profundidade do cômodo vizinho, separado do seu por portas corrediças (através do vidro fosco, ondulante, iluminava-se o brilho amarelo de uma lâmpada distante derramado pela maré, e mais embaixo transluzia, como em águas profundas, o apoio escuro-indeterminado de uma cadeira, colocada assim em vista do desejo da porta deslizar devagar, com estremecimentos), de quando em quando se ouvia uma conversa indistinta, taciturna. Lá (devia ser na otomana distante), sua irmã estava sentada com o namorado, e, a julgar pelas misteriosas pausas, que finalmente se tornavam tossidas ou risadas doces e interrogativas, eles estavam se beijando. Havia ainda os sons da rua: espiralava-se para

⁴¹ *Bayerischer Platz* é uma praça em Berlim, no bairro de Schöneberg.

cima, como uma coluna leve, o ruído de um carro, coroado por uma buzina no cruzamento, ou, ao contrário, começava com a buzina e passava voando para um tinido, com a possível participação de um tremor da porta.

E assim como através de uma medusa a luz permeia a água e cada uma de suas oscilações, tudo penetra através dela, e a sensação dessa flutuação se transformava em um simulacro de clarividência: deitado de costas no sofá, transportado para o lado pelo curso das sombras, ele seguia transeuntes distantes e imaginava a calçada bem diante dos olhos, com precisão meticulosa, na qual via um cão, o desenho de galhos desfolhados, no céu ainda não totalmente descolorido, a alternância de vitrines: uma cabeça de manequim, anatomicamente não mais avançada do que uma dama de copas; uma loja de molduras com paisagens de azaléias e o inevitável *Inconnue de la Seine*⁴² (tão popular em Berlim), entre numerosos retratos de chefes de Estado, lojas de lustres, onde todos eles estavam iluminados, e involuntariamente você se pergunta, quais delas são próprios, familiares...

De repente, ele se deu conta, deitado, feito uma múmia, na escuridão, como era constrangedor: a irmã talvez estivesse pensando que ele não estava em casa. Mas era extremamente difícil se deslocar. Era difícil – já que a forma de sua substância tinha perdido completamente seus indícios distintivos e fronteiras estáveis, seu braço podia ser, por exemplo, uma travessa do outro lado da casa, a espinha dorsal – uma nuvem sulcada por todo o céu com uma estrela fria no oriente. Nem a escuridão listrada do cômodo, nem o mar noturno iluminado pela maré dourada, que transformava o vidro da porta, davam-lhe um meio fidedigno para medir e delimitar a si mesmo, e só então ele encontrou esse meio, um sentimento versátil, de repente a língua girou na boca (como lançada de um torpor para verificar se estava tudo bem) encontrou às apalpadelas a leveza alheia de um fiapo de

⁴² *L'Inconnue de la Seine* (francês para “a mulher desconhecida do Seine”) era uma jovem desconhecida cuja máscara de morte se tornou um adorno popular nos lares de artistas a partir do início do século XX. Seu semblante era inspiração para diversos trabalhos literários. O poema *L'Inconnue de la Seine* (1934), de Nabókov, escrito em russo, foi publicado no mesmo ano em *Posliédnie Nóvosti*. Argumenta-se que esse poema se refere tanto ao mito russo da russálka (equivalente ao da sereia), como à máscara.

carne preso nos dentes e, ao mesmo tempo, ele pensou, durante os vinte anos de vida, quantas vezes tinha mudado essa atmosfera invisível, mas palpável, dos dentes, com a qual a língua ficaria acostumada, até que o chumbo caísse, deixando um precipício que com o tempo se preencheria de novo.

Impelido não tanto pelo silêncio escancarado atrás da porta, mas pelo desejo de encontrar algo afiado para ajudar um trabalhador solitário e cego, finalmente, ele se estirou, levantou e, depois de acender uma luminária que estava em cima da mesa, recuperou por completo sua imagem corpórea. Ele se viu e sentiu (o pincenê, o bigode preto, a pele manchada da testa), com a mesma ojeriza que sempre sentia, quando em um instante caiu em si e uma névoa escura anunciava... o quê? Uma imagem de indícios forma, finalmente, uma força atroz, que incomoda a alma? De onde saiu isso, que cresce em mim? Meu dia foi como sempre, universidade, biblioteca, mas sobre o telhado molhado de uma taverna na beira de um terreno, para onde por encargo do pai tive que me arrastar, até a casa dos Ossípov, estendia-se da chaminé uma fumaça sonâmbula, intumescida por causa da umidade, farta, que não queria subir, não queria se desprender das doces cinzas e, foi justo então que o peito estremeceu, justo então...

Na mesa um caderno de oleado puído, ao lado, um barbeador com a abertura de pedra enferrujada ao redor afundava no mata-borrão manchado de tinta. Além disso, a lâmpada iluminava um alfinete de segurança. Ele o destravou, e, com a ponta, seguindo algumas instruções inquietas da língua, extraiu o fiapo, engoliu... melhor do que qualquer manjar... Depois disso, a língua, satisfeita, sossegou.

De repente, através do vidro movediço da porta, apareceu, grudada do lado de fora, aquela mão de sereia; em seguida, as metades se abriram espasmódicas, e surgiu a cabeça despenteada da irmã.

– Gríchenka – disse ela – por favor, seja bonzinho, pegue um cigarro com papai.

Ele não respondeu nada, e ela estreitou bem as fendas brilhantes dos olhos aveludados (via muito mal sem seus óculos de armação de chifre), tentando discernir se ele estava dormindo.

– Pegue, Gríchenka – repetiu ela, ainda mais suplicante – vai, faça isso por mim. Não quero ir ter com ele depois de ontem.

– Talvez eu também não queira – disse ele. – Rapidinho – disse a irmã, gentil. – Hein, Gríchenka?

– Está bem, deixe-me em paz, – disse ele, finalmente, e, reunindo meia folha da porta, com cuidado, ela se esfumou no vidro.

De novo ele se deslocou para a mesa iluminada, com a esperança de lembrar onde é que tinha metido o maço de cigarros que um amigo esquecera algum dia. Agora já não via alfinetes brilhantes e o caderno puído estava de outra maneira, semiaberto (como uma pessoa muda de posição em um sonho). Entre os livros, parece. A prateleira se prolongou imediatamente sobre a mesa, a luz da luminária alcançou as lombares. Então havia trastes aleatórios (mais do que tudo), e os manuais sobre economia política (eu queria algo completamente diferente, mas foi do jeito que papai queria), havia também os livros favoritos, que tinham deleitado o espírito em diferentes momentos, “Tenda” e “Vida, minha irmã”, “Noite com Claire” e “Bal du compte d'Orgel”, “A Defesa Lújin” e “As doze cadeiras”, Hoffman e Hölderlin, Boratínski e um antigo Baedeker⁴³ russo. Ele sentiu, e não era a primeira vez – um tremor na alma, leve, misterioso, e estancou, escutando – será que não se repetiria? A alma estava aguçada ao extremo, os pensamentos escureciam, e quando voltou a si, ele não lembrou de imediato por que estava perto da mesa e mexia nos livros.

⁴³ “Шатер” (Chatiôr), uma coletânea de poemas de Gumilióv; “Сестра моя жизнь” (Sestrá moiá jizn), de Pasternak; “Вечер у Клер” (Viêcher u Kler), de Gazdanov; “Le Bal du Comte d'Orgel”, de Radiguet; “Защита Лужина” (Zaschíta Lújina), do próprio Nabókov, sob o pseudônimo Sírin; “Двенадцать стульев” (Dvienádsat stúliev), de Ilf e Petróv; Hoffmann, Hölderlin, escritor e poeta alemães; Baratínski, poeta russo; e Бэдекер (Baedeker), um guia russo.

A caixa branco-azulada de papelão, metida entre Sombart e Dostoiévski, estava vazia. Pelo visto, não tinha como escapar. Havia, porém, outra possibilidade.

Lânguido e quase silencioso, arrastando os pés, com chinelos noturnos velhos e calças caídas, ele se transferiu de seu quarto para a entrada e lá encontrou a luz às apalpadelas. No tremó, perto do afetado boné bege do visitante, tinha ficado um pedaço de papel macio, amassado; invólucro de rosas libertas. Ele ficou procurando no sobretudo do pai, penetrando os dedos apreensivos no inconsciente mundo de um bolso alheio, mas não encontrou nele a caixinha de cigarros de reserva que tinha esperança de obter, conhecendo a pesada prudência paterna. Não há nada a fazer, precisava ir ter com ele...

Mas ali, isto é, em algum lugar indefinido de seu itinerário sonâmbulo, ele foi parar de novo em um fio de névoa, e, desta vez, o tremor restaurado na sua alma era tão imperioso e, o mais importante, tão mais vivo do que todas as percepções externas possíveis, que ele não se reconheceu nem imediata nem plenamente, seus limites e semblante, um jovem encurvado com um rosto lívido não barbeado e orelha vermelha, que flutuou silenciosamente no espelho. Alcançando-se, ele entrou na sala de jantar.

Ali, à mesa, posta há tempos pela finada criada para o chá da tarde, estava sentado o pai, arranhando a barba preto-grisalha com um dedo, e nos dedos da outra mão segurava pelas plaquetas o suprimido pincenê à distância, estudando um grande mapa de Berlim, rasgado nas dobras. Há alguns dias, na casa de conhecidos, houve um ardoroso debate, à la russa, sobre quão perto era ir da rua tal para a rua tal, pela qual, aliás, nenhum dos debatedores nunca tinha passado, e, agora, a julgar pela expressão surpreendentemente insatisfeita no rosto inclinado do pai, com dois oitos cor-de-rosa dos dois lados do nariz, verificou-se que então ele estava errado.

– O que você quer? – disse ele, levantando os olhos para o filho (talvez com a secreta esperança de que eu me sentasse, tirasse o xairol do bule de chá, servisse para mim,

para ele). – Cigarros? – Continuou ele, com aquele mesmo tom inquisitivo, surpreendendo a direção do olhar do filho, atrás dele, para pegar o maço, que estava perto do aparador, mas o pai já o tinha passado da esquerda para a direita, então eles se atrapalharam.

– Ele foi embora? – o pai fez uma terceira pergunta. – Não – disse o filho, pegando um punhado de cigarros de seda.

Saindo da sala de jantar, ele ainda reparou como o pai virou com o corpo todo em sua cadeira para o relógio de parede com um ar, como se o relógio estivesse dizendo alguma coisa, e, em seguida, começou a girar de volta, mas então a porta fechou, e eu não vi mais nada. Não vi mais nada, não estava nem aí para isso, mas, também isso, a distância recente do mar, o rosto pequeno e corado da irmã, os rumores indistintos da noite circular, diáfana, tudo, pelo visto, ajudava a formar aquilo, que agora finalmente tinha se definido. Assustadoramente claro, como se a alma se tivesse iluminado por uma explosão silenciosa, uma memória futura faiscasse, faiscasse o pensamento de que, exatamente como agora às vezes vem à memória o jeito da falecida mãe, de fazer cara de choro e levar as mãos às têmporas quando de uma briga bem alta à mesa, algum dia teria de lembrar, com implacável, irreparável agudeza, os ombros ressentidos do pai, sentado diante do mapa estraçalhado, sombrio, de casaco de frio para ficar em casa, espazido de cinzas e caspa; e tudo isso se misturou com força vital às impressões de hoje, da fumaça azul, comprimida entre folhas amarelas sobre o telhado molhado.

No meio da porta, dedos invisíveis, ávidos, tomaram-lhe aquilo que ele tinha nas mãos, e então ele estava de novo deitado no sofá, mas já não havia o tormento de antes. Enorme, vivo, estendeu-se e se arqueou um verso; em um ângulo se inflamou doce e quente uma rima e então surgiu, como a sombra movediça de uma linha distante em uma parede, quando subimos as escadas com uma vela.

Embragados da aliteração da música italiana, do desejo de viver, da sedução nova de velhas palavras – “*frigus, margo*”, “*ventus*”⁴⁴ – ínfimos poemas, mortais, que no tempo do surgimento dos próximos inevitavelmente vão se consumir, como uns após os outros se consumiram os anteriores, inscritos no caderno negro; mas tanto faz: agora acredito em promessas arrebatadoras de poemas ainda não cristalizados, que ainda estão rodopiando, o rosto banhado em lágrimas, a alma rebentando de felicidade, e eu sei que essa felicidade é a melhor coisa que existe na terra.

Berlim, 1934 ou 1935

⁴⁴ Em latim, “frio”, “margem” e “vento”, respectivamente. As palavras usadas em russo, *хлад* (khlad), *брег* (briêg), *вѣтр* (viêtr), estão em eslavo eclesiástico.

5. A Visita ao museu

Alguns anos atrás um amigo parisiense, uma pessoa extravagante, para não dizer outra coisa, sabendo que eu planejava passar dois ou três dias perto de Montisert, pediu que eu fosse ao museu local, onde, de acordo com sua informação, devia estar um retrato de seu avô pintado por Leroy⁴⁵. Sorrindo e elevando as mãos, desenganado, ele me confiou uma história bastante esfumaçada, que, eu confesso, ouvi sem atenção, em parte porque não gosto das obsessões alheias, mas principalmente porque sempre tinha dúvidas sobre a capacidade do meu amigo de permanecer desse lado da fantasia. Aconteceu aproximadamente assim, depois da morte do avô, que faleceu no tempo devido em sua casa em São Petersburgo durante a guerra com o Japão, o mobiliário de seu apartamento em Paris foi posto em leilão, e depois de viagens obscuras o retrato foi adquirido pelo museu da cidade, onde o artista Leroy nascera. Meu amigo queria saber se de fato o retrato estava lá, e, se estava, se ele podia resgatá-lo e, se podia, qual era o preço. À minha pergunta, por que ele não se correspondia com o museu, ele respondeu que tinha escrito várias vezes, mas não obteve resposta.

Decidi para mim mesmo que não realizaria o pedido; daria como pretexto uma doença ou mudança no itinerário. Eu tinha aversão a todos os tipos de atrações, fosse um museu ou um edifício antigo, e, além disso, o encargo de um excêntrico simpático me parecia decididamente insensata. Mas, aconteceu o seguinte, perambulando em busca de papelerias pelas ruas mortas de Montisert e maldizendo o pináculo da mesmíssima catedral, pescoçada, que crescia em cada vão, para onde quer que se virasse, fui surpreendido por uma chuva violenta, que logo começou a acelerar a desfolha dos bordos:

⁴⁵ Possivelmente, Jules Gustave Le Roy, pintor francês. Foi mantida a grafia do texto russo, Leroy.

o outubro sulino já está por um fio. Eu me lancei sob um dossel, e fui parar nos degraus do museu.

Era um edifício pequeno com colunas, construídas com pedras multicoloridas, uma inscrição dourada sob os frescos do ático e dois bancos de pedra com patas de leão de cada lado da porta de bronze; uma de suas folhas estava aberta, e atrás dela parecia escuro em comparação com o cintilar da chuva. Eu me prostrei nos degraus que, apesar do beiral do telhado, tornavam-se gradualmente manchados, e então, vendo que a chuva iria continuar carregada por um bom tempo, e por não ter o que fazer decidi entrar. Mal pisei nas lajes lisas e ressonantes do vestíbulo, um banco retumbou em um canto distante, e um guarda do museu se levantou ao meu encontro, afastando o jornal e olhando para mim por cima dos óculos – um veterano de guerra banal com uma manga vazia. Paguei um franco, e, tentando não olhar para umas estátuas na ante-sala (tão convencionais e insignificantes, como o primeiro número do programa do circo), entrei em uma sala.

Tudo era como devia: a cor cinza, o sono da substância, a desmaterialização da matéria; o armário com moedas desgastadas, sobre o veludo dos compartimentos, e, no topo do armário – duas corujas – uma, chamada, em uma tradução literal, de “Príncipe Grande”, outra, “Príncipe Médio”; minerais eméritos deitados em caixões abertos de papelão empoeirado; uma fotografia de um espantado cavalheiro de cavanhaque à moda de Napoleão III se ergue sobre uma coleção de estranhas bolas pretas de diversos tamanhos, que ocupavam um lugar de honra sob a vitrine inclinada: elas lembravam em muito esterco congelado, e eu fiquei pensando sobre elas involuntariamente, já que não conseguia adivinhar sua natureza, composição e designação. O vigia, que me seguia com miúdos passos de feltro, mas mantendo sempre uma distância respeitável em relação a mim, agora se aproximou, uma das mãos nas costas, o espectro da outra no bolso, regurgitando, a julgar por seu pomo de Adão. “O que é isso?” – Perguntei, sobre as bolas. – “A ciência

ainda não sabe – ele respondeu, sem dúvida repetindo a frase feito papagaio. – Elas foram encontradas –, continuou, no mesmo tom falso – em mil oitocentos e noventa e cinco por Louis Pradier, conselheiro municipal e Cavaleiro da Legião da Ordem” – e com o dedo tremendo ele apontou para a fotografia. “Bem – disse –, mas quem decidiu, e por quê, que eles são dignos de um espaço no museu?” “Agora preste atenção a esse crânio!” – Gritou o velho, animado, obviamente mudando de assunto. “De qualquer forma é interessante saber do que elas são feitas,” – eu o interrompi. “A ciência...” – Começou ele de novo, mas, engoliu seco e olhou, contrariado, para seus dedos, nos quais estava grudada a poeira do vidro.

Eu ainda examinei um vaso chinês, decerto trazido por um oficial da marinha; um grupo de fósseis porosos; uma minhoca pálida em álcool turvo; um mapa vermelho-esverdeado de Montisert do século XVII; e uma tróica de ferramentas enferrujadas, amarradas com uma fita fúnebre – uma pá, uma enxada, uma picareta. “...Para cavar o passado” – pensei, distraído, mas nem me fui em busca de uma explicação do guarda, que, beirando as vitrines, seguia-me silencioso e tímido. Atrás da primeira sala havia outra, e era como se fosse a última, e ali, no meio, como uma banheira suja, um grande sarcófago, e nas paredes quadros pendurados.

Reparando imediatamente em um retrato masculino entre duas paisagens horrorosas (com vacas e pose), cheguei mais perto e fiquei um pouco transtornado ao encontrar a própria existência do que até então me parecia a invenção acidental e errante de certa mente. Uma pintura a óleo muito mal feita de um homem de sobrecasaca, costeletas, um grande pincenê com uma cordinha, parecido com Offenbach, mas, apesar da infame convencionalidade do trabalho, era possível, provavelmente, examinar seus traços como se fosse um horizonte de semelhança com meu amigo. No cantinho sobre o fundo

preto estava representada a assinatura escarlate “Leroy” – a mesma falta de talento que a própria obra.

Senti no meu ombro uma respiração acre, e virando, vi os olhos bons do guarda.

– Diga-me – perguntei – se, suponhamos, alguém quisesse comprar este ou aquele quadro – a quem é necessário se dirigir?

– Os tesouros do museu – são a honra da cidade – respondeu o velho –, e honra não se venda.

Eu me apressei em consentir, temendo sua eloquência, mas de qualquer forma pedi o endereço do curador do museu. Ele tentou desviar minha atenção para a história do sarcófago – no entanto, insisti na minha. Finalmente, o velho deu o nome de um certo *monsieur* Godard e explicou onde eu podia encontrá-lo.

Para ser sincero, eu gostei de saber que o retrato existia. É divertido presenciar a realização de um sonho, mesmo que não seja seu. Decidi resolver logo a questão, e, quando tomo o gosto pela coisa, então é impossível me deter. Saindo do museu a passos acelerados e sonoros, vi que a chuva tinha parado, o azul se difundiu pelo céu, uma mulher de meias salpicadas pedalava uma bicicleta prateada, e apenas nas montanhas circundantes ainda se esfumavam nuvens. De novo a catedral brincou comigo de esconde-esconde, mas eu fui mais astuto do que ela. Quase indo parar debaixo dos frenéticos pneus de um ônibus vermelho, cheio de jovens cantarolando, atravessei a estrada de asfalto e um minuto depois tocava a campainha no portão do *monsieur* Godard. Ele era um homem entrado em anos, magricela, de gola alta, peitilho, com uma pérola no nó da gravata, o rosto muito semelhante a um galgo branco, – e, ainda por cima, lambeu os beijos como um verdadeiro cachorro, colando um selo em um envelope, quando entrei em sua sala pequena, mas ricamente mobiliada, com um tinteiro de malaquita na escrivaninha e um vaso chinês estranhamente familiar sobre a estufa. Duas espadas de esgrima estavam cruzadas acima

do espelho, no qual se refletia a sua nuca estreita, grisalha, e algumas fotografias de um navio de guerra interrompiam agradavelmente a flora azul do papel de parede.

– Em que posso servi-lo? – Disse ele, jogando a carta selada por ele no cesto de lixo: esse gesto pareceu-me insólito, mas eu não considerei necessário me intrometer. Em poucas palavras, fiz uma exposição do motivo de minha vinda e até anunciei a grande soma que meu amigo estava disposto a dispensar, embora, é verdade, ele pedira que eu não anunciasse, mas esperasse as condições do museu.

– Tudo isso é muito bonito – disse *monsieur* Godard – só que você está enganado: esse quadro não está no nosso museu. – Como não? – exclamei – se eu acabei de vê-lo! Gustave Leroy, retrato de um nobre russo.

– Realmente nós temos uma tela de Leroy – disse *monsieur* Godard, folheando um caderno oleado e pousando sua unha longa e preta na linha encontrada. – Mas não é um retrato, e sim uma paisagem rural: O Retorno do Rebanho.”

Reiterei que tinha visto o quadro com meus próprios olhos havia cinco minutos, e que nenhuma força me obrigaria a duvidar disso.

– Concordo – disse *monsieur* Godard –, mas também eu não sou nenhum louco. Sou curador do nosso museu já há quase vinte anos e conheço esse catálogo como o Pai Nosso. Diz aqui: “O Retorno do Rebanho”, significa que o rebanho está retornando, e a menos que o avô do seu amigo seja retratado como um pastor, não posso supor a existência de seu retrato no nosso museu.

– Ele está de sobrecasaca – gritei – juro que ele está de sobrecasaca!

– E, em geral – perguntou *monsieur* Godard, de modo suspeito – o senhor gostou de nosso museu? Apreciou o sarcófago?

– Escute – e já havia, parece, uma vibração na minha voz – faça-me um favor, vamos lá agora mesmo e combinamos o seguinte: se o retrato estiver pendurado lá, então o senhor vai vendê-lo para mim.

– E se ele não estiver? – *Monsieur* Godard ficou curioso. – Então eu vou pagar o mesmo montante.

– Tudo bem, – disse ele. – Pegue este lápis e escreva isso para mim com a ponta vermelha, a vermelha.

Realizei sua exigência, arrebatado. Quando leu minha assinatura, reclamou da dificuldade de pronunciar sobrenomes russos, assinou debaixo dela e, dobrando a folha rapidamente, meteu-a no bolso do colete. – Venha, – disse ele, soltando um punho. No caminho ele deu uma olhada em uma loja e comprou um saquinho de balas grudentas, que começou a me oferecer com certa insistência, e quando recusei categoricamente, tentou derrubar umas duas na minha mão – eu tirei a mão, várias balas caíram no meio fio, ele as recolheu e me alcançou trotando. Quando nos aproximamos do museu, vimos que na frente dele havia um bonde vermelho – vazio.

– A-ha, – disse *monsieur* Godard com uma voz satisfeita – Vejo que hoje temos muitos visitantes.

Ele tirou o chapéu e, segurando-o na frente do corpo, subiu os degraus, solene.

No museu as coisas não estavam bem. Chegavam exclamações báquicas, risadas *vivace*, e até mesmo algo que parecia o ruído de uma briga. Entramos na primeira sala; lá o guarda velhote mantinha dois sacrílegos com emblemas festivos em suas lapelas, e geralmente, cinza-rosados e enérgicos, tentando tirar de debaixo do vidro os estrumes pretos do conselheiro municipal. O resto dos jovens daquela mesma corporação rural-esportiva estava fazendo o maior barulho, zombando, alguns em cima do verme no álcool, alguns em cima do crânio. Um arruaceiro ficou extasiado com os tubos da calefação a

vapor, fazendo de conta que era parte da exposição; outro mirou os punhos e os dedos em uma coruja. Ao todo havia umas trinta pessoas, o que culminou em tumulto e um barulho denso de passos e exclamações.

Monsieur Godard começou a bater palmas e apontou para um cartaz com a inscrição: “Os visitantes do museu devem estar vestidos decentemente.” Então ele abriu passo – e eu atrás dele – para a segunda sala. Imediatamente o grupo todo se apinhou lá. Eu impeli Godard para o retrato, e ele estancou diante dele, inflando o peito, depois recuou um pouco, como se o estivesse admirando, e pisou com seu salto feminino no pé de alguém.

– Lindo quadro – exclamou ele, todo sincero, – Bom, não vamos ser mesquinhos. O senhor tinha razão, e deve haver um erro no catálogo.

Quando disse isso, seus dedos abstratos pegaram nosso contrato e o picotaram em pedaços minúsculos, que, como flocos de neve, espargiram-se na escarradeira maciça.

– Quem é este macaco velho? – Perguntou um homem de suéter listrado sobre o retrato, e como o avô do meu amigo foi representado com um charuto na mão, outro zombeteiro pegou um cigarro e pediu fogo ao retrato.

– Vamos combinar um preço – disse eu. – E em todo caso, vamos sair daqui. – Abram caminho, senhores – gritou *monsieur* Godard, afastando curiosos. No final da sala encontrava-se uma passagem, que eu não havia notado antes, penetramos ali. – Não posso decidir nada, – disse *monsieur* Godard, gritando mais forte do que o barulho. – A decisão só é boa quando apoiada pela lei. Precisava primeiro consultar o prefeito, que acaba de morrer, e ainda não foi eleito. Acho que comprar o retrato o senhor não vai conseguir, contudo quero ainda mostrar-lhe outros de nossos tesouros.

Nós nos encontramos em uma sala de proporções um pouco maiores. Lá, em uma longa mesa, debaixo do vidro, foram descobertos livros grossos, com cara de mal

passados, manchas amarelas nas folhas ásperas. Encostados nas paredes havia manequins militares de botas de montar e bocas-de-sino.

– Vamos discutir – implorei, empenhando-me em dirigir as piruetas de *monsieur* Godard para o sofá de pelúcia no canto. Mas o guarda me impediu. Agitando seu único braço, ele nos alcançou, acompanhado por um alegre rebanho de jovens, entre os quais um usava um capacete de bronze na cabeça com um resplendor rembrandtiano.

– Tire, tire isso daí! – Exclamou *monsieur* Godard, e o safanão de alguém fez o capacete do vândalo sair voando com um estrépito.

– Vamos continuar – disse *monsieur* Godard, puxando minha manga, e fomos parar na seção de esculturas antigas.

Por um minuto me perdi entre enormes pernas de mármore e duas vezes dei voltas em torno de um joelho titânico, até ver *monsieur* Godard de novo, que estava me procurando atrás do calcanhar branco da gigante ao lado. Aqui, um homem de chapéu-coco, que evidentemente a escalou, de repente caiu de uma tremenda altura no chão de pedra. Um companheiro começou a erguê-lo, mas ambos estavam embriagados, e deixando de mão, *monsieur* Godard voou para a sala contígua, onde cintilavam tecidos orientais, galgos voavam por tapetes celestes, e em uma pele de tigre havia um arco e uma aljava.

Mas foi estranho: por causa da extensão e da mescla de cores, estava difícil, turvo – e, fosse porque todos os novos visitantes dispararam em frente, ou porque queria escapar mais depressa do museu desnecessariamente prolongado, para no silêncio livre finalizar as negociações com *monsieur* Godard, uma inquietude me dominou. Entretanto, nós nos trasladamos para mais uma sala, que era realmente enorme, a julgar pelo fato de nela caber um esqueleto de baleia inteiro, parecido à armação de uma fragata e mais adiante se abriam mais e mais salas, telas lustrosas e oblíquas de extensas pinturas, cheias de nuvens

carregadas, entre as quais flutuavam ídolos delicados da pintura religiosa de casulas azuis e rosas, e tudo isso se resolvia com a súbita ondulação das cortinas nubladas, e lustres se acendiam, e em aquários iluminados peixes serpenteavam caudas translúcidas, e quando nós subimos a escada correndo, no topo, da galeria, vimos embaixo a multidão de pessoas encanecidas e guarda-chuvas, examinando um enorme protótipo do universo.

Finalmente, em um local tétrico, mas suntuoso, designado para as máquinas a vapor, por um instante consegui deter meu guia desatento.

– Chega – gritei – Vou embora. Amanhã conversamos...

Ele já não estava ali. Virei, vi, a um *verchok*⁴⁶ de mim as rodas altas de uma locomotiva suada e por muito tempo tentei encontrar entre as maquetes de estações o caminho de volta... Que estranho brilhavam no escuro as luzes violetas de sinalização atrás de um leque de trilhos molhados, como cortava meu pobre coração... De repente, tudo se transmutou de novo: na minha frente estendia-se uma passagem infinitamente longa, onde havia muitos armários de escritório e pessoas elusivas apressadas, mas, lançando-me para outro lado, encontrei-me entre milhares de instrumentos musicais – na parede espelhada refletia-se uma enfiada de pianos de cauda, e no meio havia um tanque com um Orfeu de bronze sobre uma rocha verde. O tema da água não termina aqui, já que, precipitando-me para trás, fui parar na seção de fontes, córregos, lagos artificiais, e era difícil passar por suas extremidades sinuosas e resvaladiças.

Aqui e ali, às vezes de um lado, às vezes do outro, escadas de pedra com poças nos degraus, deixando uma impressão estranha e assustadora, descendiam em abismos nebulosos, onde ressoavam silvos, o tinido de louça, o toque de máquinas de escrever, batidas de martelo e muitos outros sons, como se ali houvesse espaços de exposições, já fechados ou ainda inacabados. Depois eu fui parar no escuro, onde tropecei em um

⁴⁶ Antiga medida russa de largura, aproximadamente 4,4 cm.

mobiliário desconhecido, até que, vendo uma luzinha vermelha, saí para uma plataforma, que ressoava sob meus pés... então atrás dela de repente se abriu uma sala luminosa, decorada com bom gosto, em estilo império, mas nem vivalma, vivalma... Já era indescritivelmente terrível par mim, mas, cada vez que eu virava e tentava retornar pelas passagens já percorridas, eu me encontrava em mais algum lugar ainda não visto – um jardim de inverno com hortênsias e vidros quebrados, atrás da qual enegrecia uma noite artificial, ou um laboratório vazio, com alambiques empoeirados nas mesas. Finalmente, entrei correndo em um lugar, onde havia cabides, monstruosamente carregados com sobretudos pretos e casacos de pele de astracã; ali, nas profundezas, atrás da porta, de repente estalaram aplausos, mas quando escancarei a porta, não havia teatro algum ali, apenas uma névoa leve, bruma, perfeitamente forjada, com as manchas completamente convincentes e difusas de postes de luz. Mais do que convincentes! Eu me dirigi para lá, e logo uma sensação aprazível e palpável de realidade, finalmente substituiu toda aquela sujeira irreal, no meio da qual acabara de passar. A pedra sob meus pés era uma verdadeira calçada, coberta de neve recém caída, maravilhosamente perfumada, na qual os raros transeuntes já tinham conseguido deixar pegadas pretas, frescas. A princípio, o silêncio, e a umidade nevada da noite, de algum modo assombrosamente familiares, agradável para mim depois de meu exaltado vagar. Confiante, comecei a me dar conta, com precisão, de onde eu tinha saído, e do porquê da neve, e o que eram aqueles postes de luz exagerados, mas que aqui e ali irradiavam, turvos, na escuridão castanha. Examinei e, inclinando-me, até toquei um pedestal de pedra... depois olhei para a palma da minha mão, cheia do frio molhado e granuloso, como se pensasse que lia nele a explicação. Senti como estava vestido leve, ingenuamente, mas a clara consciência de que, do labirinto do museu eu saí para a liberdade total, de novo na vida real, essa consciência era tão forte, que nos primeiros dois ou três minutos eu não experimentei nem surpresa, nem medo. Continuando

o exame sem pressa, olhei em volta, para a casa, perto da qual estava – e imediatamente prestei atenção nos degraus de ferro e as mesmas grades, que desciam na neve do subsolo. Algo me deu uma pontada no coração e já com uma curiosidade nova, inquieta, olhei para o meio fio, seu invólucro branco, pelo qual se estendiam linhas negras, para o céu pardo, no qual às vezes se arrasta uma estranha luz, e para o grande parapeito ao longe: sentia-se um fosso atrás dele, algo estalava e gorgolejava, e, depois, além da cavidade da escuridão, estendia-se uma cadeia de luzes de feltro. Os sapatos encharcados rufam na neve, dei alguns passos e fiquei vendo a casa sombria à direita: apenas em uma janela brilhava uma lâmpada discreta sob uma cúpula de vidro verde – aqui, um portão de madeira trancado, ali, devem ser persianas dormentes de uma loja... e à luz de um poste de luz, cuja forma há muito me gritou sua boa nova impossível, decifrei a ponta de uma placa: “sertam-se sapatos...” – mas não foi a neve, não foi a neve que apagou o “sinal duro”⁴⁷. “Não, já, já vou acordar,” – pronunciei em voz alta e, tremendo, com o coração palpitando, virei, andei, parei de novo – e de algum lugar ressoou, afastando-se, um ruído suave, preguiçoso e regular de cascos, e a neve estava assentada como um solidéu em um pedestal um pouco oblíquo, e mostrou seu branco vago na pilha de lenha detrás da cerca, e irreparavelmente eu já sabia onde estava. Que pena! Não era a Rússia da minha memória, mas a do mundo real, de hoje, que me foi proibida, desesperadamente escrava e desesperadamente natalícia. Um semi-fantasma de terno leve estrangeiro prostrado em uma neve indiferente, uma noite de outubro, em algum lugar na Moika ou na Fontanka, talvez até no Canal Obvódni⁴⁸ – e era preciso fazer alguma coisa, ir para algum lugar, fugir, proteger ferozmente minha vida quebradiça, ilegal. Oh, como era comum em sonhos acontecia de eu experimentar algo semelhante, mas agora isso era a realidade, era tudo real – o ar, como que peneirado pela

⁴⁷ O “sinal duro” no final de palavras foi abolido na reforma ortográfica realizada pelo governo bolchevique em 1918, durante a Guerra Civil Russa.

⁴⁸ Mõika e Fontánka: ruas de São Petersburgo; Canal Obvódni, literalmente, “canal de desvio”, também da referida cidade.

neve, o canal ainda não congelado, o viveiro de peixes, e a quadradice peculiar das janelas sombrias e amarelas. Do nevoeiro veio ao meu encontro um homem de chapéu de pele, com uma pasta debaixo do braço, e lançou-me um olhar surpreso, e depois ainda virou, passando. Esperei, até ele se esconder e, então comecei a retirar tudo que estava no bolso de maneira assustadoramente rápida, a rasgar, a jogar na neve, a pisar – documentos, uma carta da irmã de Paris, quinhentos francos, um lenço, cigarros, mas para me desfazer por completo de todas as escamas de emigrante, seria necessário me despojar e destruir a veste, a roupa interior, os calçados, tudo – ficar idealmente nu, e embora eu tremesse de angústia e frio, fiz o que pude.

Mas chega. Não vou começar a contar nem como me prenderam, nem sobre minhas provações subsequentes. Basta dizer que conseguir voltar para o exterior me custou uma incrível paciência e me deu muito trabalho, e que desde então jurei nunca mais realizar encargos de uma loucura alheia.

Paris, 1938

6. Nuvem, lago, torre

Um dos meus representantes, um solteiro dócil, discreto, excelente empregado, ganhou uma viagem a passeio em um baile beneficente, organizado por emigrantes da Rússia. Embora o verão berlinense tivesse transbordado plenamente (era a segunda semana úmida, fria, ofensiva para tudo o que tinha verdejado em vão, e só os pardais não estavam desalentados), ele não tinha vontade de ir a lugar algum, mas, quando ele tentou vender sua passagem no escritório da Agência de Viagens a Passeio, responderam-lhe que para isso era necessária uma autorização especial do Ministério dos Transportes; quando ele esteve lá, constatou-se que para começar era preciso elaborar uma complicada petição com um notário, em papel timbrado, e, além disso, obter o chamado “certificado de permanência na cidade durante o verão” com a polícia, esclarecendo-se, ao mesmo tempo, que isso lhe custaria um terço do valor do bilhete, ou seja, justamente o montante que, no prazo de alguns meses, ele poderia ter esperança de receber. Então ele deu uns suspiros, e decidiu ir. Pegou um cantil de alumínio emprestado de conhecidos, mandou consertar as solas dos sapatos, comprou um cinto e uma camisa de flanela de estilo despojado – uma daquelas que esperam tão ansiosamente a hora da lavagem para assentarem. Aliás, ela era enorme para esse estimável homem, baixinho, o cabelo sempre cortado com esmero, os olhos inteligentes e bons. Agora não consigo lembrar seu nome e patronímico. Vassíli Ivánovitch, acho.

Ele dormiu mal na véspera da partida. Por quê? Não apenas porque de manhã precisava se levantar extraordinariamente cedo e então levou para seu sonho a cara do relógio, que tiquetaqueava ao lado no criado-mudo, mas também porque naquela noite sem mais nem menos ele começou a imaginar que essa viagem, que lhe fora imposta por acaso por um destino feminino de vestido decotado, viagem esta sobre a qual ele decidira tão

contrariado, de repente traria para ele uma felicidade maravilhosa, vibrante, que tinha algo em comum com sua infância, com o êxtase despertado nele pelas melhores obras da poesia russa, com um horizonte noturno visto uma vez em um sonho, e com aquela mulher alheia, que ele amava havia oito anos, num impasse (mas isso era ainda mais inteiro e significativo do que todo o resto). E, além disso, ele pensava que uma genuína vida boa deve ser voltada para alguma coisa, para alguém.

A manhã se ergueu nublada, mas quente, abafada, com um sol interno, e foi muito agradável chacoalhar no bonde em direção à longínqua estação, que era o ponto de encontro: infelizmente, várias pessoas iam participar da excursão. Quem seriam eles, esses sonolentos acompanhantes – como são aqueles que ainda são totalmente desconhecidos para nós? No caixa número seis, sete da manhã, como fora indicado em uma observação na passagem, ele os avistou (já o esperavam: ele acabou se atrasando uns três minutos). Um loiro magricela com um traje tirolês, queimado, da cor de uma crista de galo, enormes joelhos com pelos laranja-dourados e nariz lustroso logo chamou atenção. Era o líder encarregado da Agência, e tão logo o recém-chegado se juntou ao grupo (composto por quatro mulheres e o mesmo número de homens), ele o levou para o trem escondido atrás de outros trens, carregando nas costas sua mochila colossal com uma espantosa facilidade e o toc toc firme das ferraduras dos sapatos. Instalaram-se em um pequeno vagão vazio de uma terceira classe duas vezes terceira, e Vassíli Ivánovitch, sentando em um canto e colocando uma bala de hortelã na boca, logo abriu um pequeno volume de Tiútchev, que há muito tinha a intenção de reler (“Estamos no lodo. É proferida a mentira”⁴⁹ – e todo o maravilhoso sobre a exclamação rósea); mas pediram-lhe que deixasse o livro de lado e se juntasse ao grupo. Um funcionário dos correios já entrado em anos, de óculos, com o

⁴⁹ Verso modificado do poema “*Silentium*”, de F. Tiútchev, poeta que Nabókov admirava. O verso, “Мысль изреченная есть ложь” (Misl izretchiônnaia est loj), “O pensamento proferido é uma mentira”. Na tradução do próprio Nabókov para inglês, “A thought once uttered is untrue.” No conto, o autor reproduz como “Мы слизь. Реченная есть ложь” (Mi sliz. Retchiônnaia est loj).

crânio, o queixo e o lábio superior hirsuto cinza-azulado, como se ele tivesse barbeado para esta viagem uma abundante e incomum vegetação, logo anunciou que tinha ido à Rússia e sabia um pouco de russo, por exemplo, “bejo”⁵⁰, e piscou de um jeito, lembrando suas travessuras em Tsarítsin⁵¹, que sua esposa gorda ensaiou no ar o esboço de uma bela bofetada de mão cheia. Estava um barulho só. Quatro pessoas, cuja única ligação era o fato de trabalharem na mesma empresa de construção, atiravam-se pesadas piadas – um homem mais velho, Schultz, um homem mais jovem, outro Schultz, e duas moças com bocas enormes, traseiros gigantes, agitadas. Uma viúva ruiva, um pouco farsesca, de saia esporte, também conhecia algo sobre a Rússia (o litoral de Riga). Ainda havia um jovem moreno, olhos opacos, chamado Schramm⁵², com alguma coisa de indefinida, aveludada e vil, no semblante e nos trejeitos, o tempo todo mudando de assunto, para falar sobre este ou aquele aspecto vantajoso da excursão, dando o primeiro sinal de admiração: era, como se soube mais tarde, um animador especial da Agência de Viagens a Passeio.

A locomotiva, cotovelos trabalhando, percorreu rápida uma floresta de pinheiros, e então – com alívio – os campos; compreendendo vagamente todo o disparate e horror de sua situação e, talvez, tentando se convencer de que tudo estava muito bom, Vassíli Ivánovitch deu um jeito de desfrutar as efêmeras dádivas da estrada. E, de fato: como tudo era fascinante, que encanto o mundo passa a ter quando se dá corda e gira feito um carrossel! Como as coisas ficam mais claras! O sol abrasador escorregou para o canto da janela e, de repente, derramou-se sobre o banco amarelo. A sombra amassada do vagão galopou desembestada pela recosta coberta de grama, onde as flores se fundiam em linhas fluorescentes. Uma encruzilhada: um ciclista à espera, um pé apoiado no chão. Árvores entreviam-se agrupadas ou solitárias, viravam indiferentes e suaves, mostrando a última moda. A umidade azul de uma ravina. Uma memória de amor, disfarçada de prado. Tufos

⁵⁰ Corruptela de “*поселуи*” (potselúi), aqui “*патлуи*” (patslúi), imita alguém que tenta falar russo.

⁵¹ Atual Volgogrado; de 1589 a 1925 a cidade se chamava Tsarítsin, e de 1925 a 1961, Stalingrado.

⁵² Em russo, *Шрам* (Chram), cicatriz.

de nuvens felpudas – galgos celestiais. Eu e ele sempre ficamos impressionados com o anonimato, terrível para as almas, de todas as partes da paisagem, a impossibilidade de algum dia saber para onde é que aquela trilha nos leva – e veja este recôndito, que tentador! Às vezes, em um penhasco distante ou em um clarão da floresta, aparece um lugar encantador, como se estivesse suspenso por um momento, como se fosse o ar detido no peito, – uma clareira, um terraço – uma expressão tão plena da beleza, delicada, benevolente – que parecia que parariam o trem – lá, para sempre, com você, meu amor... mas milhares de troncos de faia já começavam a pular frenéticos, rodopiando na água fervilhante do sol, e de novo deixava a felicidade escapar. Às vezes, nas estações, Vassíli Ivánovitch olhava para a configuração de alguns objetos totalmente insignificantes – uma mancha em uma plataforma, um caroço de cereja, uma bituca – e dizia para si mesmo que nunca, nunca mais recordaria ou evocaria aquelas três coisas, naquela disposição recíproca, este contorno, que ele vê agora com uma clareza imortal; ou ainda, olhando para aquele monte de crianças esperando o trem, ele concentrava todas as suas forças na tentativa de perscrutar pelo menos um destino notável – na forma de um violino ou uma coroa, uma hélice ou uma lira – e observou até que todo esse grupo de estudantes provincianos pareceu-lhe uma fotografia antiga, reproduzida agora com uma pequena cruz branca sobre o rosto do menino da ponta: a infância do herói.

Mas só era possível olhar pela janela aos poucos. Todos receberam folhas pautadas com versos da agência:

Diga adeus ao desassossego vazio

Tome um bastão vultoso

E adentre o vasto caminho

Junto com as pessoas boas.

Pelas colinas pátrias
Junto com as pessoas boas
Sem desassossego deserto,
Sem dúvida, mande às favas.

Quilômetro por quilômetro
Mi-ré-dó e dó-ré-mi,
Junto com o sol, junto com o vento,
Junto com as pessoas boas.

Era para ser cantado em coro. Vassíli Ivánovitch, que não é de cantar, e ainda por cima mal podia pronunciar as palavras alemãs, aproveitou o bramido ininteligível de vozes fundidas para apenas entreabrir a boca e balançar um pouco a cabeça, como se estivesse realmente cantando –, mas o líder, com um gesto do insinuante Schramm, suspendeu a cantoria geral de repente, impetuoso, e, apertando os olhos, desconfiado, para a direção de Vassíli Ivánovitch, exigiu que ele cantasse um solo. Vassíli Ivánovitch limpou a garganta, e começou, acanhado; depois de um momento de martírio solitário todos o acompanharam, mas ele já não se atrevia a escapar.

Ele tinha levado: seu pepino favorito, da loja russa, um pão e três ovos. Quando a noite caiu, e o sol escarlate baixo entrou por inteiro no vagão já sujo e nauseado, aturdido por seu estrondo característico, todos foram convidados a apresentar suas provisões, de sorte que fossem divididas em partes iguais – isso era bem fácil, já que todos exceto Vassíli Ivánovitch tinham levado a mesma coisa. O pepino virou piada, foi declarado não

comestível e atirado pela janela. Devido à contribuição insuficiente, Vassíli Ivánovitch recebeu um pedaço menor de linguiça.

Ele foi forçado a jogar *skat*⁵³, zombaram dele, ficaram fazendo perguntas, testando se ele podia indicar no mapa a rota realizada na viagem – em poucas palavras, ele era a diversão de todos, primeiro bondosos, depois ameaçadores, e cada vez mais, com a aproximação da noite. As duas meninas se chamavam Greta, a viúva ruiva era um pouco parecida com o próprio líder-galo; Schramm, Schultz e o outro Schultz, o funcionário dos correios e sua esposa, todos eles se fundiram gradualmente, confundiram-se, formando um ser misto, flexível, com múltiplas mãos, do qual não se podia escapar. Esse ser recaía sobre ele por todos os lados. Mas, de repente, em uma estação, todos apearam; já estava escuro, embora uma nuvem muito longa, muito rosa, ainda pairasse no ocaso, e, atravessando a alma, mais adiante, na estrada, um poste de luz, feito uma estrela vacilante em meio à fumaça lenta da locomotiva; grilos estridulavam na escuridão, e de algum lugar, meu amor, vinha um cheiro de jasmim e de feno.

Pernotaram em uma hospedaria em ruínas. Um percevejo grande é horrível, mas há certa graça nos movimentos de sedosos peixinhos-de-prata. Separaram o funcionário dos correios de sua esposa, colocada com a ruiva, e ele foi dado a Vassíli Ivánovitch por uma noite. As camas ocupavam todo o cômodo. Em cima colchão de penas, embaixo urinol. O funcionário disse que por algum motivo não estava com sono, e começou a falar sobre suas experiências russas, com um pouco mais de detalhes do que no trem. Ele era um monstro, sólido, obstinado, com ceroulas de prisioneiro, garras nacaradas nos pés sujos e pele de urso no meio de peitos gordos. Uma mariposa noturna se agitava no teto, brindando com sua sombra. – Em Tsarítsin – disse o funcionário – há agora três escolas: a

⁵³ *Skat* é um jogo de cartas que remonta ao começo do século XIX, muito popular na Alemanha.

alemã, a tcheca e a chinesa. Pelo menos é o que alega meu cunhado, que foi para lá fabricar tratores.

No dia seguinte, desde cedinho, de manhã, até as cinco da tarde, levantaram pó pela estrada, que atravessava colina por colina, preguiçosa, e, em seguida, percorreram uma estrada verde em meio a um denso bosque. Deram um enorme pão redondo para Vassíli Ivánovitch, que tinha menos bagagens, levar debaixo do braço. Como eu odeio você, pão de cada dia! Ainda assim, seus olhos preciosos, experientes, notavam o que era necessário. Contra o pano de fundo da escuridão de abetos, uma agulha seca suspensa na vertical de uma teia invisível.

Novamente irromperam em um trem, e novamente o vagão pequeno, sem compartimentos, estava vazio. O outro Schultz começou a ensinar Vassíli Ivánovitch a tocar bandolim. Deram muita risada. Quando se cansaram disso, armaram uma diversão gloriosa, liderados por Schramm; essa diversão consistia no seguinte: as mulheres se deitavam nos bancos que escolhiam, os homens já tinham se escondido debaixo deles; quando uma cabeça vermelha e orelhas assomavam desse ou daquele banco, ou uma mão grande, os dedos em posição de levantar saias (o que provocava gritinhos), então vinha à tona quem tinha caído com quem. Três vezes Vassíli Ivánovitch se deitou na pior das escuridões, e por três vezes não tinha ninguém no banco quando ele se arrastou para sair debaixo dele. Ele foi declarado perdedor e forçado a comer uma bituca.

Passaram a noite em colchões de palha em um celeiro e de manhã bem cedinho de novo partiram a pé. Bordos, penhascos, córregos espumantes. Vassíli Ivánovitch estava tão esgotado por causa do calor, das canções que precisavam ser incessantemente urradas, que na parada do meio-dia adormeceu imediatamente e só acordou quando começaram a esbofetear mutucas imaginárias nele. E, ainda assim, depois de uma hora de caminhada,

aquela mesma felicidade, sobre a qual uma vez ele sonhara acordado, descortinou-se para ele de repente.

Era um lago límpido, azul, com uma expressão extraordinária da água. No meio uma grande nuvem se refletia em sua totalidade. Do outro lado, sobre uma colina, coberta de denso verde de madeira (que era tão poética, quanto sombria), erguia-se, direto, de dátilo a dátilo, uma antiga torre negra. Naturalmente, essas paisagens são comuns na Europa Central, mas essa, essa mesma, pela inexprimível e irreproduzível confluência de suas três partes principais, por seu sorriso, por uma misteriosa inocência – meu amor! meu bem! – era algo tão único, tão familiar, há muito prometido, e o contemplador compreendia isso de tal maneira, que Vassíli Ivánovitch levou a mão ao coração, como se precisasse ver se ele estava mesmo ali, para doá-lo.

De longe, Schramm estava cravando no ar o *alpenstock* do líder, vai saber Deus para quê queria chamar a atenção dos excursionistas, que estavam na grama, em círculo, posando, amadores, enquanto o líder, sentado em um cepo, traseiro para o lago, beliscava. Em silêncio, escondendo-se em suas próprias costas, Vassíli Ivánovitch foi para a margem, para uma pousada, onde, rastejando no chão, rindo, batendo a cauda, fervoroso, um cachorro ainda bem novo o cumprimentou. Ele entrou com o cachorro na casa, um sobrado malhado, com uma janela semicerrada debaixo de uma pálpebra telhada, convexa, e encontrou o proprietário, um velho galhardo, parecido de leve com um veterano de guerra, o qual se exprimia tão mal e tão arrastado em alemão que Vassíli Ivánovitch mudou para russo; mas aquele compreendia como se estivesse em um sonho e continuou na língua do seu dia a dia, de sua família. Acima havia um quarto para viajantes. – Sabe, vou ficar com o quarto para a vida toda – teria dito Vassíli Ivánovitch, assim que entrou nele. Não havia nele nada de especial – pelo contrário, era um quarto dos mais comuns, o chão vermelho, margaridas borradas nas paredes brancas, e um pequeno espelho, a metade cheia da

infusão de margaridas –, mas da janela era possível ver claramente o lago, com a nuvem e a torre, e sua estática e perfeita correspondência de felicidade. Sem raciocinar, sem examinar nada profundamente, sem questionar, apenas rendendo-se a uma atração, cuja verdade consistia em sua própria força, nunca antes experimentada, Vassíli Ivánovitch compreendeu, em um segundo ensolarado, que ali, naquele pequeno quarto, com uma vista que levava às lágrimas, a vida seria finalmente como ele sempre desejara. Como exatamente seria, o que exatamente aconteceria ali, ele não sabia, claro, mas tudo ao redor era ajuda, promessa e alegria, por isso não podia haver qualquer dúvida de que ele deveria se instalar ali. Em um abrir e piscar de olhos ele entendeu como aquilo se realizaria, como fazer para não ter mais que voltar a Berlim, como enviar para cá seus poucos pertences – livros, o terno azul, a fotografia dela. Tudo era tão fácil! Ganhava comigo o suficiente para uma exígua vida russa.

– Meus amigos, – ele gritou, correndo de volta para baixo, para o prado, a margem.

– Meus amigos, adeus! Ficarei para sempre naquela casa. Já não seguirei caminho com vocês. Já não irei adiante. Não irei para lugar algum. Adeus!

– Como é que é? – Falou o líder com uma voz estranha, fazendo uma pequena pausa, durante a qual o sorriso nos lábios de Vassíli Ivánovitch desbotou devagar, enquanto os que estavam sentados na grama soergueram-se e olharam para ele com olhos pétreos.

– O que foi? – balbuciou ele. – Eu decidi, aqui...

– Quietos! – De repente, vociferou com uma terrível força o funcionário dos correios. – Você tem que voltar a si, seu porco bêbado!

– Esperem, cavalheiros, – disse o líder – um minutinho – e, lambendo os beiços, virou-se para Vassíli Ivánovitch:

– O senhor deve, realmente, ter enchido a cara, – disse ele com calma. – Ou enlouqueceu. O senhor está realizando uma viagem a passeio conosco. Amanhã, conforme a rota determinada – dê uma olhada na sua passagem – vamos todos voltar a Berlim. Está fora de questão que algum de nós – neste caso, o senhor – recuse-se a continuar o caminho coletivo. Hoje cantamos uma canção – lembre-se do que dizia. Agora, chega! Preparem-se, crianças, vamos continuar.

– Uma cerveja nos espera no Ewald – disse Schramm, carinhoso. – Cinco horas de trem. Caminhada. Alojamento de caça. Minas de carvão. Um monte de coisas interessantes.

– Vou apresentar queixa – começou a gritar Vassíli Ivánovitch. – Devolvam minha mala. Tenho o direito de ficar onde desejo. Mas isso é um convite ao cadafalso⁵⁴ – teria acrescentado ele, quando o agarraram pelos braços.

– Se for necessário, vamos carregá-lo – disse o líder –, mas duvido que seja agradável. Sou responsável por cada um de vocês e vou levar cada um de vocês de volta, vivo ou morto.

Como em um conto de fadas bárbaro, arrastado pela estrada em meio a florestas, comprimido, contorcido, Vassíli Ivánovitch não podia sequer se virar, e só sentiu que o resplendor se afastava atrás de suas costas, triturado por árvores, e então já não estava lá, e ao redor copas escureciam sussurrando ociosas. Assim que se sentaram no vagão e o trem se deslocou, começaram a espancá-lo – bateram por muito tempo e de maneira bastante refinada. Inventaram, entre outras coisas, perfurar sua palma com um saca-rolhas, depois a planta do pé. O funcionário dos correios, que visitara a Rússia, construiu um chicote com uma vara e um cinto, com o qual começou a atuar, feito um diabo, destro. Muito bem! Os

⁵⁴ Nome do romance de Nabókov “*Приглашение на казнь*” (Priglachiênie na kazn), “Convite ao Cadafalso”, ainda não traduzido no Brasil. Cf. o artigo de Peterson, “Nabokov's Invitation: Literature as Execution”, PMLA, Vol. 96, No. 5 (1981).

outros homens confiaram mais em seus saltos de ferro, e as mulheres se contentaram com beliscões e bofetadas. Foi uma maravilha.

Quando voltou a Berlim, ele me visitou. Tinha mudado muito. Sentou, quieto, colocando as mãos nos joelhos. Contou. Ficou repetindo sem parar que era obrigado a renunciar ao posto, implorou que o deixasse ir, disse que já não podia mais, que já não tinha forças para ser um homem. Naturalmente, eu o deixei ir.

Marienbad, 1937

7. Lábios colados

Os violinos ainda soluçavam, executando uma espécie de hino de paixão e amor, mas Irina e o comovido Dolínin já se apressavam em direção à saída do teatro. Uma noite de primavera os atraía, um mistério os atraía, um mistério que se instalara, intenso, entre eles. Seus corações vibravam em uníssono.

– Você poderia me dar sua ficha da chapelaria – pronunciou Dolínin (riscado).

– Por favor, deixe-me pegar seu chapéu e mantô (riscado).

– Por favor – pronunciou Dolínin – deixe-me pegar as suas coisas (entre o “suas” e o “coisas” foi inserido “e as minhas”). Dolínin foi até a chapelaria e, depois de apresentar a ficha (corrigido: “as fichas de ambos”)...

Então Iliá Boríssovitch refletiu. É constrangedor, é constrangedor demorar-se na chapelaria. Acabava de acontecer um ímpeto de inspiração, uma centelha de amor entre o solitário, já entrado em anos Dolínin, e a eventual vizinha de camarote, uma moça de preto; eles decidiram fugir do teatro, para bem longe dos uniformes e decotes. Mais adiante o autor imaginou o Kupiêtheski ou o Tsárski Sad⁵⁵, acácias, penhascos, uma noite estrelada. O autor mal podia esperar para agarrar aquela noite estrelada junto com os heróis. Entretanto, era necessário pegar as coisas, e isso perturbava o efeito. Iliá Boríssovitch releu o escrito, bufou, fitou a bola de cristal peso de papel e, depois de muito pensar, decidiu sacrificar o efeito pela verossimilhança. Isso acabou sendo difícil. Ele tinha um talento puramente lírico, a natureza e as emoções lhe ocorriam com surpreendente facilidade, mas, em compensação, ele não sabia enfrentar os detalhes cotidianos, como, por exemplo, abrir e fechar portas ou apertos de mão, quando há um monte de personagens na sala e um ou dois têm que cumprimentar muita gente. Além disso, Iliá Boríssovitch lutava

⁵⁵ Jardins públicos em Kíev.

constantemente com pronomes, por exemplo, “ela”, que cismava em substituir não só a heroína, mas também uma bolsa, ou mesmo uma poltrona, e, para não repetir um nome próprio, tinha que dizer “a moça” ou “sua interlocutora”, mesmo que não houvesse conversa alguma. Para Iliá Boríssovitch escrever era uma luta desigual com objetos de primeira necessidade; objetos de luxo pareciam bastante condescendentes, mas, ao mesmo tempo, às vezes eles também teimavam, estancavam, atrapalhavam a liberdade de movimento – e agora, esse fim pesado com o alvoroço da chapelaria, e prestes a conferir um bordão ao herói, Iliá Boríssovitch ficou francamente radiante com o resplendor de seu sólido castão, mas, infelizmente, não pressentia o que esse caro bordão iria reivindicar, com que tortura exigiria menção, quando Dolínin, sentindo com as próprias mãos um corpo jovem e flexível, atravessasse um riacho primaveril carregando Irina.

Dolínin era simplesmente “já entrado em anos”; Iliá Boríssovitch ia fazer cinquenta e cinco anos. Dolínin era “um colosso de tão rico” – sem uma explicação precisa das fontes de rendimento; Iliá Boríssovitch, diretor de uma empresa de instalação de banheiros, que, aliás, tinha recebido naquele ano o encargo de revestir de azulejos as paredes cavernosas de várias estações do metropolitano, e realmente prosperava. Dolínin morava na Rússia, decerto no sul da Rússia, e conhecera Irina há muito tempo antes da última guerra. Iliá Boríssovitch morava em Berlim, para onde emigrou com a mulher e o filho em 1920. Sua experiência literária era longa, mas diminuta: um obituário no “Tújni Véstnik”⁵⁶ sobre um comerciante liberal local (1910), dois poemas em prosa (agosto de 1914 e março de 1917), *ibidem*, e um livro, em que constam o mesmo registro de óbitos e os mesmos dois poemas em prosa, – um belo livro, que saiu no auge da guerra civil. Finalmente, já em Berlim, Iliá Boríssovitch escreveu um pequeno ensaio, “Navegadores e

⁵⁶ Literalmente, “O Mensageiro do Sul”.

Viajantes⁵⁷“, e o publicou em um jornal russo de Chicago de tiragem modesta; mas logo esse jornal evaporou, outros órgãos da imprensa não devolviam manuscritos, e não negociavam de jeito nenhum. Então houve dois anos de calma literária: a doença e a morte da esposa, a inflação, mil compromissos. O filho acabou o colegial em Berlim, ingressou na Universidade de Friburgo. Assim, em 1925, no início da velhice, o bem-sucedido e em geral muito solitário Iliá Boríssovitch sentiu uma comichão de escritor, uma sede – oh não, não de glória, apenas afeto e atenção da parte do público leitor – que decidiu conceder para si mesmo plena liberdade, escrever um romance e publicá-lo por conta própria.

No momento em que o herói, o saudoso, o experiente Dolínin, ouviu o chamado de uma nova vida, e por pouco não estancou para sempre na chapelaria, saiu com a jovem para a noite primaveril, estava escolhido o nome do romance: a saber: “Lábios colados.” Dolínin instalara Irina em sua casa, mas ainda não havia nada entre eles – ele queria que ela mesma se aproximasse dele e exclamasse:

– Quero que você me tome, tome minha pureza, meu tormento... Sou toda sua. Sua solidão – é a minha solidão, e não importa se você me amar por muito tempo ou pouco tempo, estou preparada para tudo, porque ao nosso redor a primavera é um convite de humanidade e bondade, porque os céus e a terra irradiam a beleza divina, porque eu amo você...

– É um trecho forte – disse Eufrátski. – Muito forte.

– O quê? – Não está um tédio? – perguntou Iliá Boríssovitch, olhando por cima dos óculos de armação de chifre. – Hein? Diga francamente...

– Decerto ela se rendeu a ele – supôs Eufrátski.

⁵⁷ Possível alusão à obra de M. A. Kuzmín “*Плавающие нелемечьющие*” (Plaváiuschie putechéstvuiuschie); ou ainda à obra homônima de V. I. Chichkón, escritor russo-soviético.

– Errou, leitor, errou⁵⁸, – disse Iliá Boríssovitch (no sentido de “errar o chute”), sorriu, não sem malícia, sacudiu o manuscrito de leve, cruzou as coxas gordas para ficar mais confortável, e continuou a leitura.

Ele lia o romance para Eufrátski em pequenas porções, conforme produzia. Eufrátski, que uma vez o surpreendera na ocasião de um concerto, para o qual vendia os ingressos, era um jornalista renomado – ou melhor, com pseudônimos às dúzias: até aquele momento Iliá Boríssovitch tinha conhecidos apenas no meio industrial alemão, mas, agora, frequentando reuniões, conferências, pequenas representações teatrais, conhecia de vista os da assim chamada confraria de escritores; tinha ficado bem amigo de Eufrátski e apreciava sua opinião, como estilista, embora o estilo de Eufrátski fosse conhecido como: atual. Iliá Boríssovitch sempre o convidava para sua casa, eles bebiam conhaque e falavam sobre literatura – ou melhor, o anfitrião falava, enquanto o visitante ávido acumulava impressões, para depois divertir os amigos com elas. É verdade, Iliá Boríssovitch tinha um gosto um pouco pesado para literatura. Púchkin, claro, ele reconhecia, mas o conhecia mais de óperas, e em geral encontrava nele “uma tranquilidade olímpica e uma incapacidade de comover”. De poesia, de cor, ele só se lembrava de “Mar”, de Weinberg, e de um poema de Skitálets⁵⁹, em que “enforcado” rima com “enrolado”. Será que Iliá Boríssovitch gostava de caçoar dos decadentes? É, gostava, mas, por outro lado, ele mesmo admitia, com franqueza, que pouco entendia de poesia. Mas, em compensação, ele gostava de deliberar sobre prosa russa, fervoroso – estimava Lugovói, apreciava Koroliênko, achava que Artsibáchiev⁶⁰ corrompia a juventude... Sobre escritores mais

⁵⁸ Frase de um romance de Ivan Turguêniev “Дым” (Dim), de 1867. Também referência ao primeiro livro que Nabókov escreveu.

⁵⁹ Weimberg, Piotr Issáievitch (1831 – 1908), poeta, tradutor e historiador de literatura russo. Skitálets, nome de batismo Stiêpan Gavrilovitich Petrov (1869 – 1941), escritor, poeta e prosador russo.

⁶⁰ Aleksêi Alekseiêvitch Tikhônov (1853 – 1914), escritor russo conhecido pelo pseudônimo de Lugovói; Vladímir Galaktiónovitich Koroliênko (1853 – 1921), contista, jornalista e ativista de direitos humanos russo; Mikhail Petrovitch Artsibáchiev (1878 – 1927), escritor e dramaturgo russo.

novos, ele dizia, elevando as mãos, desengonado: “É um tédio o que escrevem!” o que levou Eufrátski a um silencioso êxtase.

– Um escritor deve ser de corpo e alma – reiterava Iliá Boríssovitch – compassivo, sensível, justo. Eu posso ser um nulo, um insignificante, mas tenho meu credo. Se ao menos uma de minhas palavras de escritor penetrar na alma de alguém... – E Eufrátski o fitou com olhos nublados, saboreando antecipadamente, com uma ternura atormentada, o relato mímico de amanhã, a gargalhada uterina desse, o guincho ventríloquo daquele...

Então chegou o dia em que foi terminada a primeira versão do romance. À sugestão de Eufrátski de ir para um café Iliá Boríssovitch respondeu com misteriosa solidez: – Não posso. Estou polindo o estilo.

Polir consistia em investir contra a palavra “jovem”, que tinha ocorrências demais, substituindo-a aqui e ali pela palavra “menina”, que ele pronunciava como se tivesse dois “i”; minina.

Um dia depois, à noite, em um café. Um sofá vermelho. Dois homens. Pela aparência se diria: homens de negócios. Um – digno, imponente, não-fumante, com uma expressão de benevolência e confiança no rosto cheio; o outro – macilento, sobrancelhas grossas, dois vincos apreensivos, que iam das narinas de lince para os cantos caídos da boca, da qual brota oblíquo um cigarro ainda não aceso. A voz baixa do primeiro:

– Escrevi o final de um ímpeto. Ele morre, é, morre...

Silêncio. O sofá vermelho é macio. Pela janela, como um peixe em um aquário, um bonde iluminado passa nadando de cabo a rabo.

Eufrátski deu um clique no isqueiro, soltou fumaça pelas narinas, e disse:

– E por que você, Iliá Boríssovitch, antes que o romance saia em uma edição separada, não o lança em uma revista?

– Eu não tenho patrocínio... Quem vai aceitá-lo? Eles publicam sempre os mesmos.

– Bobagem. Eu tenho uma ideia, mas ainda tenho que desenvolvê-la melhor.

– Eu adoraria... – pronunciou Iliá Boríssovitch, sonhando.

Depois de mais alguns dias, no escritório de Iliá Boríssovitch, a exposição da ideia:

– Envie sua composição – Eufrátski semicerrou os olhos e concluiu, a meia voz: – para “Arion”.

– “Arion”? – perguntou Iliá Boríssovitch, alisando o manuscrito, nervoso.

– Não tem nada demais. É o nome da revista. Por acaso você não conhece? Ai, ai, ai! O primeiro número saiu na primavera, no outono sairá o segundo. Precisa acompanhar um pouco a literatura, Iliá Boríssovitch. – Mas como assim – é só enviar?

– Isso, a Paris, ao editor. Você deve conhecer Galátov de nome, não?

Iliá Boríssovitch encolheu um de seus ombros gordos, culpado. Eufrátski, explicou, franzindo o cenho: escritor, novas formas, mestria, construção complexa, o Joyce russo... – Joyce – repetiu Iliá Boríssovitch, resignado. – Primeiro, tem que datilografar – disse Eufrátski. – E, por favor, você precisa se inteirar sobre a revista.

Ele se inteirou. Em uma loja deram-lhe um volume roliço cor-de-rosa, que ele comprou, observando em voz alta: – Iniciativa jovem. Precisa incentivar, sabe. – A iniciativa jovem acabou – disse o proprietário da loja. – Um número foi tudo que saiu.

– Você não está bem informado – retorquiu Iliá Boríssovitch com um sorriso. – Sei que o próximo sairá com certeza no outono.

Quando voltou para casa, ele cortou o volume com cuidado. Nela, encontrou o negócio ininteligível de Galátov, dois ou três contos de autores vagamente conhecidos, alguns poemas nebulosos e um artigo bem sensato sobre a indústria alemã, assinado por um “Tígrin”. “Nunca aceitarão – pensou Iliá Boríssovitch, angustiado. – São do mesmo grupo.”

Entretanto ele chamou uma dona Liubánskaia (estenografia e datilografia), respondendo a um anúncio de jornal, e começou a ditar para ela, comovido, exaltado, elevando a voz, sempre observando que impressões o romance provocava nela. Ela girava o lápis pelo bloco – pequena, morena, com um eczema na testa; e Iliá Boríssovitch andava pelo escritório em círculos, reduzindo os círculos quando se aproximava de algum trecho de efeito. Quase no final do primeiro capítulo a sala se transformou em um grito.

– E toda a sua vida passada pareceu-lhe um erro terrível – bramiu Iliá Boríssovitch – e já com uma voz comum de escritório disse: – Transcreva tudo isso até amanhã, quatro cópias, deixe uma margem maior, venha amanhã, como hoje.

À noite ele ficou imaginando o que escreveria a Galátov quando enviasse o romance: “... julgamento consciencioso... contribuí aqui e ali...” De manhã (que encantadora cortesia do destino) Iliá Boríssovitch recebeu uma carta: “Prezado Borís Grigórievitch, fiquei sabendo por nosso amigo comum sobre sua nova criação. A redação de “Arion” está interessada em lê-la, já que gostaria de incluir algo “mais fresco” no próximo volume.

P. S. Que estranho: recentemente me lembrei de suas requintadas miniaturas no “Tújni Véstnik”...

“Requisitado. Lembrado...” – pronunciou Iliá Boríssovitch, perplexo. Então ele telefonou para Eufrátski e, recostando-se meio de lado na poltrona, o cotovelo da mão que segurava o fone apoiado na mesa, com a outra mão um gesto amplo, e, todo radiante, entoou a mesma ladainha:

– É, meu caro, meu caro – e de repente viu que os objetos brilhantes sobre a mesa estavam tremendo, bifurcando-se, flutuando feito miragem úmida. Ele piscou, e tudo ficou em seu lugar, enquanto a voz cansada de Eufrátski respondeu, lânguida: – O que é isso... estamos entre colegas... um favorzinho de nada...

As cinco pilhas alinhadas cresciam cada vez mais. Dolínin, que ainda não havia possuído Irina sequer uma vez, descobriu por acaso que ela estava apaixonada por outro, um jovem pintor... Às vezes, Iliá Boríssovitch ditava no escritório da empresa, e então as datilógrafas alemãs, ouvindo um grito longínquo, ficavam espantadas, afinal, quem seu bondoso chefe poderia estar repreendendo. Dolínin falou com ela de coração aberto, ela lhe disse que nunca iria deixá-lo, porque apreciava muito sua maravilhosa alma solitária, mas, infelizmente, o corpo pertencia a outro; Dolínin fez uma reverência, silencioso. Finalmente chegou o dia em que ele fez o testamento em seu favor, chegou o dia em que ele deu um tiro em si mesmo (de uma *Mauser*), chegou o dia em que Iliá Boríssovitch, sorrindo, devoto, perguntou a Liubánskaia, que tinha trazido o último lote de páginas transcritas, quanto ele lhe devia, tentando pagar mais.

Ele releu “Lábios colados”, embevecido, e deu uma cópia a Eufrátski para revisão (a datilógrafa já tinha incorporado algumas alterações, nas lacunas da escrita corrida). Eufrátski se limitou a interpolar em uma das primeiras linhas uma vírgula temperamental. Iliá Boríssovitch trasladou cuidadosamente essa vírgula para o exemplar designado à “Arion”, assinou o romance com um pseudônimo, retirado do nome da falecida esposa, atou as páginas com cliques, incluiu uma longa carta, colocou tudo isso em um envelope grande e conveniente, pesou, foi ele mesmo aos correios e enviou o romance, registrado.

Ele colocou o recibo na carteira e se preparou para semanas de espera febril. No entanto, a resposta de Galátov veio com espantosa rapidez – no quinto dia: “Prezado Iliá Grigórievitch! A redação está em pleno êxtase por causa do material que você enviou. Raramente tivemos ocasião de ler páginas em que o rastro da “alma humana” estivesse tão evidente. Seu romance emociona com um rosto de expressão incomum⁶¹. Nele há “desconsolo e delicadeza”. Algumas descrições, como, por exemplo, a do teatro, bem no

⁶¹ Tal verso encontra-se no poema *Myza* (Musa), de Evguêni Baratíski (1800 – 1844).

início, competem com imagens análogas de obras dos nossos clássicos, e, em certo sentido, superam-nas. Digo isso com plena consciência da “responsabilidade” de uma apreciação dessas. Seu romance seria um verdadeiro adorno para a “Arion”.

Assim que Iliá Boríssovitch se acalmou um pouco, ele, ao invés de ir para o escritório, foi ao Tiergarten⁶², sentou em um banco e começou a pensar na esposa, como ela ficaria feliz, junto com ele. Mais tarde ele foi para a casa de Eufrátski. Este estava deitado na cama, fumando. Juntos, eles examinaram cada frase da carta. Quando chegaram à última, Iliá Boríssovitch levantou os olhos, resignado, e perguntou:

– Por que, diga-me, está “seria”, e não “será”, já que eu adoraria dar-lhes meu livro –, ou seriam só volteios de gentileza?

– Não, aqui, infelizmente, é outra coisa – respondeu Eufrátski – É provável que eles estejam escondendo por orgulho. Mas acontece que a revista está fechando as portas – é, isso foi esclarecido há alguns dias; o público, sabe, lê qualquer lixo, mas “Arion” é destinada para o leitor exigente. É isso que está acontecendo...

– Eu já ouvi isso – disse Iliá Boríssovitch, apreensivo – mas pensei que era calúnia de concorrentes ou ignorância. Então quer dizer que não haverá segundo número? Isso é terrível.

– Estão sem dinheiro. A revista é desinteressada, idealista – e estas, infelizmente, perecem.

– Mas, como assim, como assim! – Gritou Iliá Boríssovitch, erguendo as mãos. – Afinal, eles aprovaram minha composição, afinal, eles gostariam de publicar!.. – É, que falta de sorte – pronunciou Eufrátski com voz indiferente. – Mas diga-me, Iliá Boríssovitch... – e começou a falar sobre outra coisa. À noite Iliá Boríssovitch refletiu profundamente, debateu algo consigo mesmo e, ligando para Eufrátski de manhã, levantou

⁶² *Tiergarten*, literalmente, "jardim de animais", em alemão.

algumas questões de cunho financeiro. Eufrátski respondeu, indolente, mas com extrema precisão. Iliá Boríssovitch refletiu mais, e, no dia seguinte, fez uma proposta a Eufrátski, para ser submetida à “Arion”. A proposta foi aceita, e Iliá Boríssovitch enviou uma soma a Paris. Em resposta, ele recebeu uma carta, com os sentimentos de nossa mais sincera gratidão e um comunicado de que o segundo volume sairia dali a um mês. O P.S. concluiu com um pedido educado: “Por favor, vamos assinar o romance não como I. Ánniensi, como você sugere, mas Iliá Ánniensi. “Você tem toda razão, – disse Iliá Boríssovitch. – Eu só não sabia que já existia um escritor que usa esse nome. Fico feliz que meu romance verá a luz em sua revista. Por gentileza, assim que a revista sair, enviem-me cinco exemplares”. (Ele tinha em mente uma velha parenta e dois ou três conhecidos do trabalho. O filho não lia russo.)

Então começou um período da vida de Iliá Boríssovitch que os espirituosos denominaram com o termo breve “aliás”. Fosse em uma livraria, fosse em alguma reunião, ou mesmo na rua, um semidesconhecido, agradável e respeitável senhor de óculos de chifre aproximava-se de você com uma saudação (“Ah! Como vai?”), encetava uma conversa sobre isso ou aquilo, passava despercebido disso e daquilo para literatura, e de repente dizia: “Aliás...”; e então sua mão mergulhava convulsiva no peitilho, e imediatamente retirava a carta, “Aliás, veja o que me escreve Galátov – sabe? Galátov, o Joyce russo. Você pega a carta e lê: “... a redação está em pleno êxtase... nossos clássicos... adorno...” “Confundi meu patronímico – diz Iliá Boríssovitch com um sorriso bondoso. – Sabe – escritor... distraído... A revista sairá em setembro, leia minha pequena composição. E, escondendo a carta, ele se despede de você e continua andando, com pressa, inquieto.

Fracassos literários, jornalistas menores, correspondentes de alguns ex-jornais se burlavam dele com selvagem volúpia. Com um alarido desses um arruaceiro passado da idade tortura um gato, com um brilho desses no olhar um homem já não jovem, infeliz nos

deleites, conta uma piada de mau gosto. Mofavam, evidentemente, por trás de suas costas, mas alto, descaradamente, sem ter o mínimo medo da excelente acústica dos locais de fofoca. Obviamente não chegou nada até o ouvido tetraz de Iliá Boríssovitch. Ele floresceu, adquiriu um andar novo, de escritor, começou a se corresponder com seu filho em russo com uma tradução interlinear alemã da maioria das palavras. No escritório já sabiam que Iliá Boríssovitch não era só uma excelente pessoa, mas ainda um *Schriftsteller*⁶³, e alguns conhecidos dos comerciantes confidenciavam seus segredos amorosos a ele, “Descreva assim...” Em direção a ele, sentindo uma brisa quente, começou a deambular, dia a dia – pela entrada de serviço, ou pela entrada principal – uma miséria multicolor. Muitos famosos da emigração eram respeitosos com ele. O que dizer – Iliá Boríssovitch estava realmente cercado de respeito e glória. Não havia uma festa de gala em casas de pessoas da intelligentsia em que seu nome não era mencionado – de que forma, com uma faísca, mas não dá na mesma? O importante não é como, mas o quê, – diz a verdadeira sabedoria.

No final do mês Iliá Boríssovitch teve que fazer uma viagem de negócios, e ele perdeu a nota que apareceu nos jornais russos sobre a iminência de “Arion”. Ele voltou para Berlim cansado, inquieto, absorvido por pensamentos de negócios. Na mesa da ante-sala havia um pacote grande, cúbico. Sem tirar o sobretudo, ele abriu o pacote, imediatamente. Cor-de-rosa, fria e roliça. E com letras púrpuras: “Arion”. Cinco exemplares.

Iliá Boríssovitch quis abrir um deles, o volume estalou, doce, mas continuou fechado – ainda cego, recém nascido. Ele tentou de novo – um vislumbre de versos alheios, alheios. Ele jogou o peso das folhas dobradas da direita para a esquerda e caiu na página do índice. Deu uma volta com os olhos nos nomes e títulos, mas não encontrou, não

⁶³ Em alemão, “escritor”.

encontrou... O volume tentou se fechar, ele o reteve, chegou ao fim da lista – nada! O que significa isso, Senhor, o que... Não pode ser... Só desapareceu do índice – acontece, acontece... Ele já estava no escritório e enfiou uma faca branca no corpo espesso e estratificado do volume. Em primeiro lugar – Galátov, depois – poesia, depois dois contos, poesia de novo, e de novo prosa – mais adiante algumas resenhas, alguns artigos. De repente Iliá Boríssovitch sentiu uma extenuação, uma indiferença a tudo. Bom, fazer o quê... Pode ser que houvesse material demais. Vão publicar no próximo número. Certeza. Mas, de novo, esperar, esperar... Bom, fazer o quê... Mecanicamente, ele passava as páginas frescas com o polegar. Papel bom. Fazer o quê, ao menos eu ajudei... Não podia exigir que fosse eu ao invés de Galátov ou... E aqui... saltou e começou a girar, e continuou, continuou, as mãos nos quadris, querido, encantador: “... jovem, os seios mal tomaram forma... os violinos ainda soluçavam... chapelaria... a noite de primavera os encontrou com uma ca...” e no verso da página, inevitável, como a continuação dos trilhos depois de um túnel, “...rícia e a paixão do sopro... “– Como eu não adivinhei imediatamente! – exclamou Iliá Boríssovitch.

Título, “Prólogo a um romance.” Assinado, “A. Ílin”; e, entre parênteses: “Continua”. Um pedaço pequeno, três páginas e meia, mas que pedaço... Abertura. Que chique. Ílin é melhor do que Ánniensi, senão ainda poderiam ser confundidos. Mas por que “Prólogo a um romance”, e não apenas “Lábios colados”, capítulo 1? Ah, isso não tem a mínima importância.

Ele leu suas páginas três vezes. Então colocou o livro de lado, deu uma volta pelo escritório, assobiando, despreocupado, como se absolutamente nada tivesse acontecido – Bom, é isso, aí está o volume – um volume é como um volume – qual é o problema? Então ele correu para ele e releu-se mais oito vezes seguidas. Então ele deu uma olhada no índice

– Ílin, pg. 205 – encontrou a pg. 205, e, saboreando as palavras, leu de novo. E durante muito tempo ele ficou brincando assim.

A revista substituiu a carta. Iliá Boríssovitch ia para todos os cantos com “Arion” debaixo do braço, e cada vez que encontrava alguém, abria a página, já acostumada com isso. Apareceram resenhas em jornais. No primeiro destes não havia menção alguma a Ílin. No segundo, escreveram: “Prólogo a um romance”, do Sr. Ílin – é algum mal-entendido. No terceiro havia somente: “Apareceram ainda fulano de tal e A. Ílin.” No quarto, finalmente, (uma encantadora revista, modesta, publicada em algum lugar da Polônia), estava escrito: “A obra de Ílin cativa por sua sinceridade. O autor representa o nascimento do amor e a música como pano de fundo. Entre os inegáveis méritos deve-se considerar o caráter literário da redação.” Começou o terceiro período, depois do período “aliás” e do período de porte do livro: agora era a resenha que Iliá Boríssovitch retirava da carteira.

Ele estava feliz. Encomendou mais cinco exemplares. Ele estava feliz. Reticência era explicada como rotina, objeção – animosidade. Ele estava feliz. “Continua”. E, então, em um domingo, Eufrátski ligou:

– Adivinhe, – disse ele – quem quer falar com você? Galátov! É, ele veio ficar alguns dias.

Uma voz desconhecida, espirituosa, enérgica, levemente entorpecente começou a soar. Combinaram.

– Amanhã, às cinco horas na minha casa. É uma pena que não seja hoje. – Não posso – respondeu a voz espirituosa. – Estão me arrastando para ver “Pantera Negra”. Aliás, há muito tempo não me encontro com Evguênia Dmítrievna...

A atriz veio em turnê, de Riga para a Berlim russa. Começava às oito e meia. No meio do jantar de repente Iliá Boríssovitch olhou para o relógio, sorriu, malicioso, e foi ao teatro. O teatro era bem ruim – nem era mesmo um teatro, e sim uma sala, mais destinada

para palestras do que para apresentações. O espetáculo ainda não tinha começado, no átrio frio crepitavam conversas russas. Iliá Boríssovitch deu a uma velha de negro o bordão, o chapéu-coco, o sobretudo, pagou, afundou a ficha no bolso do colete e, esfregando as mãos, tranquilo, olhou ao redor. Ao lado estava um grupo de três pessoas: um jovem, sobre o qual Iliá Boríssovitch só sabia que escrevia sobre cinema, a esposa angular do jovem, com um lornhão, e um senhor desconhecido, de terno afetado, pálido, barba negra, lindos olhos ovinos e uma corrente dourada no pulso cabeludo.

– Mas por quê, por quê, – dizia a dama, com vivacidade – Por que você incluiu isso? Já que...

– Mas por que você implica com o pobre coitado? – respondeu o barítono radiante do senhor. – É uma mediocridade, vamos admitir. Mas, obviamente, houve razões...

Ele acrescentou algo a meia voz, e a senhora, retinindo o binóculo, exclamou:

– Desculpe-me, mas, na minha opinião, se você publica só porque ele dá dinheiro...

– Mais baixo, mais baixo, – disse o senhor. – Não revele nossos segredos.

Então os olhos de Iliá Boríssovitch se encontraram com os do jovem, marido da senhora angular e aquele gelou, depois estremeceu, soltou um gemido e começou a cercar sua esposa, que, contudo, continuou:

– O problema não é esse infeliz do Ílin, mas os princípios. – Às vezes é necessário sacrificá-los – respondeu o barítono, contido.

Mas Iliá Boríssovitch já não ouvia, via através de uma neblina, completamente perdido, ainda sem consciência total do horror do que tinha acontecido, mas, apenas tentando, instintivamente, afastar-se o mais rápido possível de algo vergonhoso, repugnante, intolerável, ia correr para a mesa vaga, onde vendiam ingressos de forma vaga, mas de repente virou para trás, convulsivo, empurrando assim Eufrátski, que corria em sua direção, foi parar na chapelaria de novo, estendeu sua ficha. A velha de negro, – 79, aqui

está... Ele começou a se apressar, assustado, o braço já erguido para se enfiar na manga do sobretudo, mas Eufrátski já vinha a galope e com ele aquele, aquele...

– Este é o nosso editor – disse Eufrátski e Galátov, arregalando os olhos e tentando não deixar Iliá Boríssovitch recobrar os sentidos, agarrou-o pela manga, ajudando-o, e disse, rápido:

– Muito prazer em conhecê-lo, muito prazer em conhecê-lo, deixe-me ajudar.

– Oh, meu Deus, deixe-me em paz, – disse Iliá Boríssovitch, lutando com o sobretudo, com Galátov – deixe-me em paz. É horrível. Não posso. É horrível.

– É apenas um mal-entendido, é óbvio – atravessou Galátov feito um raio.

– Deixe-me, por favor – gritou Iliá Boríssovitch e, escapando de suas mãos, agarrou o chapéu-coco do balcão, e, ainda vestindo o casaco, saiu.

– O que é isso, o que é isso, ah, o que é isso, – balbuciava ele, caminhando pela calçada, mas de repente abriu as mãos: tinha esquecido o bordão.

Ele continuou, mecanicamente, mas, depois, tropeçou de leve e parou, como se a corda tivesse acabado.

– Vou buscá-lo quando começarem. Tenho que esperar um pouco...

Carros passavam, o bonde soava, a noite estava clara, seca e elegante. Ele começou a voltar lentamente, em direção ao teatro. Ele pensou que estava velho, solitário, que tinha muito pouca alegria, e que os velhos devem pagar pela alegria. Pensou que talvez até hoje mesmo, ou com certeza amanhã, Galátov viria com explicações, exortações, justificativas. Ele sabia que devia perdoar tudo, ou nada de “continua”. E ainda pensou que iriam valorizá-lo plenamente quando ele morresse, e lembrou, reuniu em um montículo os grãos de elogios que ele tinha ouvido nos últimos tempos, caminhou pela calçada, devagar, para trás e para frente, e mais tarde voltou para buscar o bordão.

Berlin, 1929

8. *Ultima Thule*⁶⁴

Você se lembra, uma vez que a gente almoçou (tomar refeição) uns dois anos antes de sua morte? Se, é claro, a memória pode viver sem sua cobertura de cabeça. Pensamento aproposístico: vamos imaginar um novíssimo manual de epistolografia. Para um maneta: um forte aperto de (reticências). Para um falecido: afalecidamente. Mas deixemos essas vinhetas cheias de culpa de lado. Se você não se lembra, eu me lembro por você: a memória de você pode passar, pelo menos gramaticalmente, por sua memória, e por palavras ornadas posso realmente supor que, se depois da sua morte, eu e o mundo ainda existimos, é só porque você se lembra do mundo e de mim. Agora, eu me dirijo a você pela seguinte razão. Agora, eu me dirijo a você no seguinte caso. Agora eu me dirijo a você apenas para conversar com você sobre Falter. Que destino! Que mistério! Que letra! Quando eu me cansar de me persuadir de que ele é um louco ou um *kvak* (como você chamava charlatões no modo inglês), eu vejo nele uma pessoa que... que... porque a bomba de verdade que explodiu nele não o matou... virou um deus – e como diante dele todos os visionários do passado são insignificantes: poeira deixada pelo rebanho na iridescência do pôr do sol, o sonho dentro de um sonho (quando se sonha que se acordou), os primeiros estudantes da nossa instituição de ensino hermética e fechada: ele está fora de nós, na realidade – olha a garganta inflada e azulada da serpente, que me encanta. Você se lembra, uma vez que a gente almoçou em um hotel que pertencia a ele, na fronteira da Itália, suntuosa e com terraços múltiplos, onde o asfalto se prolifera infinitamente pela glicínia e o ar cheira a borracha e paraíso? Adam Falter ainda era nosso, então, e se nada nele pressagiava – como dizer isso? – vou dizer: clarividência –, em compensação toda a sua armadura de força (não cartilagens, mas rolamentos, a conectividade para carambolar de

⁶⁴ Em latim, *Ultima Thule*. *Ultima*, o mais afastado, o mais remoto, último. *Thule*, do grego *Thoulē*, *Thylē*; região no extremo norte do mundo antigo.

seus movimentos corpóreos, a precisão, a frieza aquilina), agora, *post factum*, explica o que ele passou: havia do que subtrair.

Oh, minha querida, como você riu com aquela enseada – e nunca mais, e mordo as mãos, para não começar a tremer, mas não consigo, deslizo, choro em silêncio, em b e em u, e todo esse disparate físico humilhante: pestanejar quente, uma sensação de sufocamento, lenço sujo, convulsivo, alternando-se com lágrimas, vontade de bocejar – ah, não posso sem você... e, assoando-me, soluçando, e começo de novo a tentar provar para a cadeira, agarrando-a, para a mesa, batendo nela, que sem que você não *bossu*. Você está me ouvindo? É um questionário banal, que espíritos não respondem – mas como nossos condenados à morte estão dispostos a responder por eles; eu sei! (dedo para o céu) deixa eu te contar... Sua cabeça querida, o riacho de sua têmpora, o cinza miosótis de um olho de soslaio para um beijo, a calma expressão das orelhas, quando levantava o cabelo, como posso me reconciliar com esse desaparecimento, com esse buraco na vida, onde tudo agora se desintegra, resvala, toda a minha vida, cascalho molhado, objetos, hábitos... e que barreira sepulcral pode me impedir com calma e satisfação de tombar neste abismo. Vertigem da alma. Você se lembra como imediatamente depois da sua morte eu corri para fora do sanatório e não caminhei, mas meio que pulei e até mesmo dancei (prensando não o dedo, mas a vida), sozinho naquela estrada sinuosa entre pinheiros extremamente escamosos e escudos espinhosos de sisais, em um mundo verde couraçado, que encolhe os pés calmamente para não se infectar comigo. Ah, é, tudo ao redor calou-se circunspecto e atencioso, e só quando eu olhei para alguma coisa, essa alguma coisa, caindo em si, começou a se deslocar de maneira artificial ou farfalhar, ou zumbir, como se não

percebesse minha presença. “Natureza indiferente”⁶⁵ – que absurdo! Um contínuo evitar, seria mais preciso.

É uma pena. Tão querida. E, segurando em você, por dentro, por um pequeno umbigo, nosso filho seguiu seus passos. Mas, meu pobre senhor, não se faz um filho em uma mulher quando ela tem tuberculose da garganta. Tradução involuntária do francês para francês. Você morreu no seu sexto mês e levou o resto, como se não fosse liquidar a dívida toda. E como eu queria, o viúvo de nariz vermelho comunicou às paredes, ter um filho dela. *Êtes vous tout a fait* uma certa, *docteur*, que la science ne connaît pas de ces *câs exceptionnels où l'enfant nait dans la tombe*⁶⁶? E o sonho que eu tive: foi como se este médico, com um quê de alho (meio Falter, meio Alexander Vassílievitch), respondeu, extraordinariamente de boa vontade, que sim, é assim, isso acontece, e eles (isto é, nascido póstumo) chamam cadavernatus.

Você ainda não me apareceu em sonho nenhuma vez desde então. É a censura que não a deixa passar, ou é você mesma que evita essas visitas de prisão para mim. No começo eu, ignoramus infame, temia, de forma supersticiosa, humilhante, os pequenos estalidos que os cômodos sempre emitem durante a noite, mas que agora se refletem em mim como terrível lampejo, acelerando a corrida do cacarejante coração de asas baixas. Mas ainda piores foram as esperas noturnas, quando eu ficava deitado, e tentava não pensar que você de repente poderia me responder com uma batida se eu pensasse nisso; mas isso significava apenas complicar os parênteses, colchetes, depois dos parêntesis simples (pensava sobre tentar não pensar), e o medo no meio ia crescendo, crescendo. Ah, como era terrível esse seco arranhar dentro do tampo da mesa, e como não era parecido, é claro, com a entonação de sua alma, de sua vida. Um espectro vulgar com trejeitos de pica-

⁶⁵ Referência ao poema de Púchkin “Брожу ли я вдоль улиц шумных...” (Brojú li iá vdol úlits chúmnikh), “Vago ao longo de ruidosas ruas”, de 1829.

⁶⁶ Em francês, “Você tem certeza absoluta, doutor, que a ciência não tem conhecimento de casos excepcionais em que uma criança nasce na sepultura?”

pau, um palhaço incorpóreo, um espectro infame se aproveitando da minha dor despida. Já de dia, pelo contrário, eu era destemido, eu a invocava, em qualquer manifestação de sensibilidade, sentado no cascalho da praia, onde outrora se estendiam suas pernas douradas – e, quando então uma onda vinha correndo, ofegando, mas, como ela não tinha nada a dizer, dissipava-se em desculpas. Pedras como ovos de cuco, um pedaço de telha, sob a forma de um pente de pistola, estilhaços de vidro topázio, algo como uma cauda de líber, muito seco, minhas lágrimas, uma conta microscópica, uma caixinha de cigarro, com um marinheiro de barba amarela no meio de uma bóia, uma pedra parecida com a planta do pé de um pompeano – um ossinho ou uma espátula, uma lata de querosene, estilhaços de vidro cor de romã, a casca de uma noz, uma ferrugem sem relação com coisa alguma, um caco de porcelana – e em algum lugar decerto existem as partes restantes, complementares, e eu imaginava o eterno tormento, o trabalho forçado que seria o melhor castigo para aqueles que, como eu, tiveram os pensamentos fugindo para bem longe durante a vida, a saber: encontrar e reunir todas essas partes, para recompor uma molheira, uma sopeira – errantes corcundas pelo litoral selvagem e enevoadado, e se tiver uma tremenda sorte, então talvez na primeira manhã, e não na trilionésima, poderá restaurar a louça – e lá vai ela, esta dolorosa questão de sorte, felicidade premiada – e aquele mesmo bilhete sem o qual talvez não haja a bonança na eternidade.

Naqueles primevos dias de primavera a linha estreita dos pedregulhos era simples e vazia, mas pelo bulevar perto do mar, acima de mim, passeavam transeuntes, e alguém, acho, disse, olhando para minhas omoplatas: o artista Sineússov⁶⁷, que outro dia perdeu sua esposa. E, provavelmente, eu ficaria sentado assim para sempre, esgaratando resíduos marítimos secos, olhando a espuma que tropeçava, a falsa delicadeza de

⁶⁷ Em russo, Синеусов (Sineússov), literalmente “Bigode-azul”. Possivelmente remete a Sineús e Truvor, legendários irmãos do varegue Riurik; crônicas relatam que Riurik se tornou príncipe de Nôvgorod, Sineús de Bieloozero e Truvor de Izborsk; depois de dois anos Sineús e Truvor morreram e Riurik poder supremo.

compridas nuvens em série ao longo do horizonte, e os torneamentos térmicos lilás-escuro no gélido azul-esverdeado do mar, se realmente alguém não me reconhecesse da calçada.

Mas (perdendo-me na sílaba de seda dilacerada) retorno a Falter. Como você se lembrou agora, uma vez nós fomos para lá, rastejando naquele dia quentíssimo como duas formigas em uma tira de um cesto de flores, porque eu estava curioso para dar uma olhada no meu antigo professor, cujas aulas se resumiam a espirituosas polêmicas com Kraiévitch⁶⁸, ele mesmo resiliente e esmerado, com um grande nariz branco e a risca do cabelo envernizada; depois, por esse caminho reto, ele foi para a felicidade comercial, enquanto seu pai, Iliá Falter, era só o cozinheiro mais velho do Ménard, Iliá, o cozinheiro, a seu dispor, inclinado. Meu anjo, meu anjo, talvez todo o nosso terreno agora pareça a você um trocadilho, como “terno e eterno” (lembra?), e o verdadeiro sentido de realidade, dessa frase pungente, purificada de todas as nossas interpretações estranhas, soníferas, fantasiadas, soando agora tão pura e doce, que para você, meu anjo, era engraçado, como a gente podia levar o sonho a sério (porém, eu e você pressentimos por que tudo se dispersa no tato furtivo: palavras, convenções cotidianas, sistemas, identidades – então, sabe, eu acho que o riso – é algum macaco da verdade aleatório perdido no mundo).

E então eu o revi depois de um intervalo, vinte anos, talvez, e constatou-se que eu tinha razão, quando, aproximando-nos do hotel, interpretei todos os seus ornamentos clássicos – cedro, eucalipto, bananeira, quadra de tênis de terracota, o cerco para carros atrás da grama, – como um cerimonial de fortuna feliz, como um símbolo dessas alterações, que então exigia a antiga imagem de Falter. Durante os anos de separação de mim, em sua totalidade imperceptíveis para ambos, de pobre estudante nodoso com olhos vivos como a noite e bela caligrafia, fortemente inclinada para a esquerda, ele se transformou em um cavalheiro bem apessoado, bastante corpulento, conservando assim

⁶⁸ Possivelmente alude a K. D. Kraiévitch, físico e professor que escreveu um manual escolar.

mesmo a vivacidade da visão, a beleza das mãos grandes; só que eu nunca o reconheceria de costas, porque, ao invés do cabelo liso, grosso, de corte arredondado, via-se no meio de um tufo negro a calvície castanha do bronzeado de forma quase jesuíta. De camisa de seda, cor de liquidação, gravata xadrez, calças largas cinza-peroladas e sapatos malhados, parecia que ele estava fantasiado, mas o nariz grande era sempre o mesmo, e com esse nariz ele farejou infalivelmente o delicado cheiro do passado, quando, aproximando-me, dei umas palmadas no ombro musculoso e lhe propus meu enigma. Você estava um pouco distante, deslizando os tornozelos desnudos em saltos cobalto e, contida, com interesse malicioso, olhando ao redor a mobília do enorme hall, vazio naquele momento; poltrona de couro de hipopótamo, um bar de estilo austero, revistas inglesas sobre uma mesa de vidro, afrescos propositadamente simples, representando virgens de bronze de seios frágeis em um fundo dourado, dentre as quais uma, com cabelos estilizados em mechas paralelas, que caíam ao longo da bochecha, sabe-se lá por quê, apoiava-se em um joelho. Poderíamos pensar que o dono de toda essa beleza algum dia deixaria de vê-la? Meu anjo... Então, depois de tomar minhas mãos nas suas e apertá-las, franzindo o supercílio e perscrutando-me com os olhos escuros apertados, ele observava a pausa que suspende a vida, como observam os que estão prestes para espirrar, sem ainda saber de jeito nenhum se conseguiria –, mas conseguiu, espirrou o passado, e me chamou pelo nome em voz alta. Ele beijou sua mão, sem inclinar a cabeça, e, benevolente, começou a se alvoroçar, claramente deleitando-se com o fato de que eu, pessoa de antigamente, o surpreendi em todo o esplendor daquela vida, que ele mesmo organizou com o poder de sua escultora força de vontade; acomodou-nos no terraço, pediu coquetéis e almoço, introduziu-nos ao seu cunhado, um membro da intelligentsia com uma particular veste escura, contrastando estranhamente com a exótica afetação do próprio Falter. Nós bebemos, comemos, falamos do passado, como de um doente terminal, eu consegui equilibrar uma faca nas costas de

um garfo, você afagou o maravilhoso cachorro nervoso, que obviamente temia o dono – e depois de um instante de silêncio, durante o qual Falter de repente disse um claro “sim”, como se estivesse concluindo um conselho médico, despedimo-nos, prometendo-nos um ao outro algo que, nem ele, nem eu tínhamos a intenção de cumprir. Você não achou nada de extraordinário sobre ele, não é verdade?

E com certeza, ah, como esse tipo perdeu a graça, sustentando o pai bebum com a ajuda de aulas na juventude cinza, e, em seguida, devagar, alcançou a prosperidade, obstinado, animado, já que, além do hotel não muito rentável ele tinha muitos negócios de comércio vinho, que iam muito bem. Mas, como eu entendi depois, você não tinha razão quando dizia que isso é um pouco entediante, que o suor sempre emana desses enérgicos sortudos. Não, agora tenho uma inveja insana do principal traço do antigo Falter, a precisão e fortaleza de sua “substância resoluta”, como, lembra, por motivo completamente diferente dizia o pobre Adolf. Sentado nas trincheiras ou em um escritório, correndo para pegar um trem, ou levantando uma manhã escura em um quarto sem aquecimento, resolvendo relações comerciais, indo ao encalço de algum amigo ou inimigo, não só ele sempre dominava todas as suas habilidades, não só vivia sempre com o gatilho apertado, mas sempre tinha certeza de que alcançaria as fileiras de hoje e de amanhã, e todas as fileiras de seus objetivos paulatinos, sem dúvida, e, além disso, ele trabalhava economicamente, já que seu alvo era baixo, conhecia exatamente os limites de suas possibilidades. Seu principal mérito diante de si mesmo era que ele ignorava conscientemente seus próprios talentos, contando com o comum, convencional, embora fosse dotado de habilidades estranhas, algo fascinantes, que outro, menos precavido, tentaria aplicar na prática. Talvez só ainda na juventude ele nem sempre era capaz de se conter, e misturava o condicionamento banal de estudante com o assunto banal de manifestações do pensamento matemático extraordinariamente refinadas, que deixavam na

minha sala de aula um calafrio de poesia quando ele, ia embora correndo. Penso com inveja que se possuísse a fortaleza de seus nervos, a alma tão resiliente, a força de vontade tão condensada, ele me daria agora a essência da descoberta sobrenatural que ele fizera recentemente, ou seja, ele não teria medo de que essa informação me esmagaria; e eu de minha parte seria obstinado o suficiente para surpreendê-lo e fazê-lo contar tudo até o fim.

Do bulevar alguém me chamou com um grito sibilante e delicado, mas como do dia do nosso almoço com Falter passara mais do que um ano, não reconheci imediatamente, no homem que jogou uma sombra sobre as minhas pedras, seu resignado cunhado. Por gentileza mecânica levantei-me em sua direção na calçada, e ele enunciou sua ladainha para mim: tinha passado por acaso em minha pensão, onde as simpáticas pessoas não só lhe informaram sobre sua morte, mas de longe lhe indicaram minha figura no meio da praia vazia – figura que se tornara uma espécie de atração (por um instante tive vergonha de que a corcunda de minha dor é visível de todos os terraços).

– Nós nos conhecemos com Adam Ilítch, – disse ele, mostrando as raízes dos incisivos e tomando o seu lugar na minha consciência murcha. Devo ter perguntado algo sobre Falter.

– Como assim, você não sabe? – surpreendeu-se o linguarudo, e então eu fiquei sabendo da história toda.

Certa vez no último outono, Falter foi a trabalho à cidade mais vinícola das cidades costeiras, e, como de costume, parou em um hotel calmo e pequeno, cujo proprietário há tempos lhe devia. É preciso imaginar esse hotel, situado debaixo do braço alado de uma colina, coberta de acácias, e uma ruela não totalmente construída com meia dúzia de pequenas datchas de pedra, onde radiolas cantavam em um pequeno espaço humano entre a via láctea e o sopor de oleandros, e descampados, onde gafanhotos produziam seu circo noturno, e a janela escancarada de Falter, no terceiro andar. Depois de passar uma noite

higiênica em um pequeno dormitório feminino no Bulevar da Reciprocidade, ele, de excelente humor, com a cabeça lúcida e as ancas leves, voltou ao pequeno hotel por volta das onze, e imediatamente subiu para o seu quarto. A frente da noite cinzenta de estrelas, sua expressão silenciosa, insana, o enxame de luzes no centro histórico, um divertido problema de matemática, razão pela qual ele se correspondeu com um cientista sueco no ano passado, olores secos e doces, como que sentado sem pensamentos e afazeres aqui e ali nos buracos da escuridão, o sabor metafísico de um vinho comprado e revendido com sucesso, recebido de longe outro dia; do reino pouco tentador a notícia da morte de uma irmã uterina, cuja imagem há tempos desbotou na memória – tudo isso, assim imagino, flutuava na consciência de Falter, enquanto ele andava pela rua e então subiu para o seu quarto, e embora separadamente esses pensamentos e impressões não tinham nada de novo ou especial para esse homem de nariz sólido, nada comum, mas superficial (já que em sua essência humana, nós nos dividimos em profissionais e amadores, – Falter, como eu, era amador), em sua totalidade eles formaram talvez o meio mais propício para o colapso, o desastroso, como um prêmio principal, monstruosamente fortuito, nada previsível para sua razão acostumada, o relâmpago sobrenatural que o atravessou naquela noite, naquele hotel.

Cerca de meia hora se passara desde o momento de seu retorno, quando o sono coletivo do pequeno edifício branco, com seu crepe anti-mosquito que mal ondulava e uma florzinha rasteira, foi, abruptamente – não, não interrompido, mas dilacerado, dividido, explodido por sons, que permaneceram inesquecíveis para os que ouviram, minha querida, esses sons, esses sons horríveis. Não eram nem os guinchos de porcos de um covarde, morto por malfeitores apressados em um fosso, nem o urro de um soldado ferido que um cirurgião embrutecido livra das pernas gigantes, eles eram piores, oh, piores... e se compararmos, disse depois *monsieur Paon, hôtelier*⁶⁹, então talvez o mais provável é que

⁶⁹ Em francês, “proprietário de hotel”.

eles lembrassem os gritos afogados, quase exultantes, de uma mulher que está dando à luz, de forma infinitamente dolorosa, mas de uma mulher de voz masculina e um gigante no ventre. Era difícil distinguir qual era a nota dominante da tempestade que dilacerava aquela garganta humana – dor ou medo, a trombeta da loucura, ou, e o último é o mais preciso de todos, a expressão de um sentimento do desconhecido, e é ele que concedia o ganido, que se evadia do quarto de Falter, com algo, que despertou nos ouvintes o desejo apavorado de suspendê-lo imediatamente. Os recém-casados da cama ao lado cessaram, revirando os olhos, paralelamente, e suspendendo a respiração; um holandês, que morava embaixo, irrompeu no jardim, onde já se encontravam a governanta e camareiras de dezoito anos, empalidecidas (apenas duas ao todo, multiplicadas pelo vaivém). O proprietário, que mantinha, segundo suas palavras, total presença de espírito, precipitou-se para cima e certificou-se de que a porta, atrás da qual o furacão de gritos perdurava, tão poderoso, que era difícil ficar diante dela, estava trancada por dentro e que não abria nem com batidas, nem com palavras. Falter, vociferante (se é que se podia adivinhar que era ele mesmo ele vociferando – sua janela escancarada estava escura, e os sons insuportáveis, que emanavam de lá, não tinham o carimbo da identidade de alguém), difundiu-se para além dos limites do edifício e na escuridão circundante se aglomeravam vizinhos; um canalha tinha cinco cartas na mão, todos os trunfos. Agora já era completamente impossível conceber como alguém poderia manter as cordas... de acordo com um relato Falter gritou cerca de um quarto de hora, de acordo com outro, talvez mais confiável, uns cinco minutos seguidos. De repente (enquanto o proprietário decidia a questão, se seria o caso de arrombar a porta com esforços conjuntos, apoiar uma escada por fora, ou chamar a polícia), os gritos, depois de alcançar o auge da agonia, do horror, do assombro, e daquilo que era impossível definir, metamorfosearam-se em uma miscelânea de gemidos e

cessaram. Sobreveio um silêncio tão profundo, que, no primeiro momento os presentes sussurravam.

Em todo caso, o proprietário bateu de novo à porta, detrás dela vieram suspiros, passos incertos e, depois se ouviu alguém tentando a fechadura, como se não conseguisse destravar. O punho fraco, mole, começou a dar umas batidas do lado de dentro. Então o proprietário fez o que, para falar a verdade, poderia ter feito bem antes: achar outra chave reserva e destravou.

– Luz, por favor – disse Falter no escuro, baixinho. Pensando que ele havia quebrado a lâmpada no momento do ataque, o proprietário mecanicamente verificou o interruptor... mas a luz acendeu, obediente, e Falter, piscando, com doloroso assombro, correu com os olhos, da mão, que havia feito a luz, para o bulbo de vidro cheio, como se fosse a primeira vez que via como faz isso.

Uma mudança estranha, adversa, aconteceu em todo o seu aspecto: parecia que tinham removido o esqueleto. O rosto suado e agora como que flácido, o lábio caído e os olhos cor-de-rosa expressava não apenas um cansaço embotado, mas ainda um alívio, um alívio animal após o parto do monstro. Nu da cintura pra cima, com calças de pijama, estava de pé, o rosto afundado, esfregando a palma de uma mão no dorso da outra. Às perguntas naturais do proprietário e dos inquilinos ele não respondeu nada, apenas inflou as bochechas, afastou os que se aproximavam, e, saindo do quando, começou a urinar copiosamente bem nos degraus das escadas. Então deitou na cama e adormeceu.

De manhã, por telefone, o proprietário advertiu sua irmã que Falter tinha enlouquecido, e, semiacordado, lânguido, ele foi levado para casa. O médico que costumava tratá-los sugeriu a ocorrência de um surto e receitou o tratamento correspondente. Mas Falter não melhorou. É verdade, depois de algum tempo ele começou a se deslocar livremente, a assobiar, até, às vezes; a dizer insultos em voz alta, e a pegar

alimentos proibidos pelo médico. A mudança, no entanto, permaneceu. Era como se fosse um homem que tivesse perdido tudo: o respeito pela vida, qualquer interesse por dinheiro e negócios, o senso de tradições convencionais ou sagradas, hábitos do dia a dia, educação, decididamente tudo. Era perigoso deixá-lo ir para algum lugar sozinho, porque com uma curiosidade superficial, rapidamente esquecida, mas ofensiva para os outros, ele começava a falar com transeuntes fortuitos, perguntava sobre a origem da cicatriz do rosto de alguém ou sobre o significado exato de palavras de uma conversa escutadas por acaso, que não lhe dizia respeito. De passagem, ele pegava uma laranja de uma bandeja e a comia com a casca e tudo, respondendo com um semissorriso indiferente ao falatório da vendedora que o alcançara. Exaurindo-se ou entediando-se, ele se agachava *à la turca* na calçada, e, para passar o tempo, tentava apanhar saltos de mulheres como se fossem moscas. Uma vez ele se apropriou de alguns chapéus, cinco de feltro e dois panamá, que foi recolhendo meticulosamente em cafés – e houve desentendimentos com a polícia.

Seu estado interessou um famoso psiquiatra italiano, que foi ver alguém no hotel de Falter. Era um cavalheiro ainda não muito velho, que estudava, como ele mesmo gostava de anunciar, “a dinâmica da alma”, e nos trabalhos publicados, bastante populares em vários círculos acadêmicos, argumentou que todas as enfermidades mentais são explicadas pela memória subconsciente das infelicidades de antepassados do paciente e que, se o doente sofre, digamos, de megalomania, então para sua cura total basta determinar quais dos seus tataravós eram fracassados ambiciosos, e explicar para o bisneto, que o tataravô morreu, vai descansar para sempre; nos casos complexos, era necessário recorrer um pouco à ação teatral, fantasiados com roupas de época, representando uma determinada variedade da morte do tataravô, cujo papel é dado ao paciente. Esses quadros vivos ficaram tão na moda que o professor teve que explicar ao público na imprensa o risco de suas representações fora de seu controle direto.

Perguntando à irmã de Falter o italiano descobriu que os Falter não conheciam seus antepassados; seu pai, é verdade, não tinha nada contra encher a cara, mas, de acordo com a teoria “a doença reflete apenas o passado distante”, como, digamos, o epos popular sublima apenas assuntos antigos, ele não precisava dos detalhes de *Falter-père*⁷⁰. Ainda assim, ele sugeriu tentar cuidar do paciente, na esperança de obter dele mesmo, por meio de indagações capciosas, a explicação de seu estado; depois dele os antepassados aparecerão da soma de si mesmos; que essa explicação existia, foi confirmado pelo fato de que quando as pessoas próximas conseguiram penetrar no silêncio de Falter ele aludiu de forma breve e destituída a algo que tinha saído da ordem, que ele experimentou naquela noite incompreensível.

Uma vez o italiano se isolou com Falter no quarto do último, e, como era experiente conhecedor do coração humano, de óculos de chifre e lenço no bolso do peito, ele conseguiu, ao que parece, uma resposta exaustiva sobre a causa de seus ganidos noturnos. Talvez isso não tivesse acontecido sem hipnotismo, já que Falter depois garantiu ao investigador que tinha tagarelado contra sua vontade e que ele estava fora de si. Contudo, ele acrescentou que tanto fazia, mais cedo ou mais tarde ele teria realizado essa experiência, mas que ele com certeza nunca a repetiria. Em todo caso, o pobre autor de “Os Heróicos da Loucura” foi vítima da Medusa de Falter. Como a visita íntima entre médico e paciente estava mais longa do que o normal, a irmã de Falter, que tricotava um cachecol cinza no terraço, há um tempo sem ouvir o tenor encorpado, esperto ou falsamente insinuante, que a princípio chegava indistinto da janela semiaberta, subiu para o quarto do irmão e o encontrou olhando com curiosidade entediada um folheto publicitário com as paisagens de um sanatório nos Alpes, provavelmente trazido pelo médico, enquanto o próprio médico, sentado pela metade em uma poltrona sobre o tapete,

⁷⁰ Em francês, “pai”.

com um intervalo de roupa branca entre o jaleco e as calças, estava derrubado, as pequenas pernas abertas, o rosto pálido-café caído para trás; como se verificou depois, o coração não aguentou. À diligente intervenção das autoridades policiais Falter respondeu distraído e breve; mas quando acabou se cansando desses aborrecimentos, ele explicou que, resolvendo por acaso o “enigma do universo”, ele cedeu a exortações sofisticadas e confiou a seu interlocutor ávido de saber, que morreu de susto. Os jornais pegaram essa história, embelezaram-na convenientemente e, a pessoa de Falter, fantasiado de sábio tibetano, alimentou as notícias nada melindrosas durante alguns dias.

Mas, como você sabe, naquela época eu não lia jornais: você estava morrendo. Agora, depois de ouvir o relato detalhado sobre Falter, senti um desejo bem forte e um pouco pudico.

Com certeza, você entende. Naquele estado em que eu estava, pessoas sem imaginação, ou seja, destituídas de seu apoio e da busca, recorrem a feiticeiros de propaganda, quiromantes fantasiados de turbantes, vivendo de magia e de veneno de rato ou borracha cor-de-rosa, a cartomantes morenas, ensebadas – mas sobretudo a espíritas, que adulteram a energia ainda desconhecida em traços lácteos de espectros e suas intervenções substancializadas de forma tola. Mas eu sou dotado de imaginação, e por isso eu tinha duas opções: a primeira delas era o meu trabalho, minha arte, o consolo da minha arte; a segunda consistia em que de repente pegar e acreditar, que até mesmo uma pessoa um pouco trivial como Falter, na realidade bastante comum, apesar da costumeira mente “*petite*”⁷¹, sabia, real e definitivamente, algo a que nenhum profeta, nenhum mago nunca, jamais poderia chegar.

Minha arte? Você se lembra, não é verdade, daquele estranho sueco ou dinamarquês ou islandês, para o diabo com ele – em uma palavra, aquele loiro comprido,

⁷¹ Em francês, “pequena”.

laranja-bronzeado, com pestanas de cavalo velho, que se apresentou para mim como “famoso escritor”, e me ofereceu honorários, alegrando você (você já não levantava da cama e não podia falar, mas me escrevia com giz colorido na pequena lousa de ardósia coisas engraçadas como que o que você mais amava na vida eram “versos, flores do campo e dinheiro estrangeiro”⁷²), ofereceu-me, eu estava dizendo, uma série de ilustrações do poema “*Ultima Thule*”, que ele tinha acabado de escrever na sua língua. Eu me inteirar sobre os detalhes de seu manuscrito com certeza estava fora de questão, assim como o francês sofrível, no qual nos comunicávamos, ele sabia mais de ouvido, e ele não poderia traduzir seus símbolos para mim. Eu consegui entender apenas que seu herói – um rei do norte, melancólico e misantropo; que em seu reino, no nevoeiro do mar, em uma ilha triste e longínqua, desenrolavam-se algumas intrigas políticas, assassinatos, motins, um cavalo cinza que perde o cavaleiro e voa no nevoeiro pelo pântano... Ele ficou satisfeito com meu primeiro *blanc et noir*⁷³, e nos entendemos sobre os temas dos desenhos restantes. Já que ele deixou de aparecer uma semana depois, como havia prometido, eu telefonei para ele no hotel, e soube que ele havia partido para a América.

Naquele momento eu escondi de você o desaparecimento do empregador, e não continuei com os desenhos, e você estava tão doente, que eu não queria pensar sobre a minha pena dourada e minhas rendas de tinta nanquim. Mas, quando você morreu, quando de manhã cedo e tarde da noite se tornaram especialmente insuportáveis, com um desejo doentia e dolorosa, cuja consciência me arrancava lágrimas, eu continuei o trabalho atrás do qual eu sabia que ninguém viria, mas justo porque ele me parecia oportuno – sua natureza espectral e abstrata, a ausência de objetivos e de recompensas, levou-me a uma região aparentada com a qual para mim você vive, meu objetivo espectral, minha querida, minha tão querida criação terrena, atrás da qual ninguém nunca virá; e assim como tudo

⁷² Possível alusão a Dierjávín, poeta russo que, no leito de morte teria escrito essas palavras.

⁷³ Em francês, “branco e preto”.

me distraía, impingindo-me a tinta da temporalidade ao invés do desenho gráfico da eternidade, torturando-me com suas pegadas na praia, pedras na praia, sua sombra azul em uma praia terrível e ensolarada, decidi voltar a Paris, para realmente por a mão na massa. “*Ultima Thule*”, a ilha que nasce no mar deserto e desmaiado de meu anseio por você, atraía-me, como a pátria de meus pensamentos menos exprimíveis.

No entanto, antes de deixar o sul, eu deveria sem falta ver Falter. Essa foi a segunda ajuda que inventei para mim. Consegui me convencer de que ele não era só um louco que não acreditava só na descoberta que ele tinha feito, mas que justo essa descoberta – era a fonte de sua loucura, e não vice-versa. Soube que no outono ele tinha se mudado para a nossa região. Soube também que a sua saúde estava debilitada, que a chama da vida tinha se extinguido dele, deixando seu corpo sem zelo e sem ânimo; que provavelmente ele morreria em breve. Soube, por fim, e foi especialmente importante para mim, que nos últimos tempos, apesar do colapso, ele tinha se tornado extraordinariamente loquaz, e convidada visitantes dias a fio – mas, infelizmente, outro tipo de curiosos vinham vê-lo, diferentes de mim – para conversas de alfinetadas à mecânica do pensamento humano, estranhamente sinuosas, que não revelavam nada, mas que pelo ritmo e sibilo eram quase socráticas. Sugeri uma visita, mas seu cunhado me respondeu que para o pobre coitado qualquer diversão é agradável e que ele estava forte o suficiente para chegar à minha casa.

E então eles apareceram, isto é, esse mesmo cunhado e seu invariável terno preto, sua esposa (uma mulher alta, taciturna, a compleição, uma fortaleza e distinção, que lembrava o antigo aspecto do irmão, e agora servia de sermão quotidiano para ele, um quadro moralista adjacente), e o próprio Falter... cujo aspecto me surpreendeu, apesar de eu estar preparado para a mudança. Como vou expressar? O cunhado dissera que era como se tivessem removido o esqueleto de Falter; para mim parecia outra coisa, que extraíram a

alma, mas em compensação multiplicaram seu espírito por dez. Com isso quero dizer que bastava um olhar sobre Falter para compreender que não se pode esperar dele nenhum sentimento humano, usado na vida terrena, que amar alguém, ter pena, que fosse apenas dele mesmo, ser benevolente com a alma alheia, compadecer-se dela se fosse o caso; servir ao bem, por costume ou o quanto pudesse, ao menos segundo seus próprios padrões – Falter perdera a habilidade de tudo isso, como perdera a habilidade de cumprimentar ou de usar um lenço. Mas, ao mesmo tempo, ele não causou impressão de desvairado – oh, não, muito pelo contrário! – em seus traços estranhamente úmidos, no olhar desagradável e farto, mesmo nos pés chatos, que não mais calçavam sapatos da moda, mas baratos sapatos provençais com solas de corda, tinha-se a sensação de uma força concentrada, e essa força não se importava com o esmorecimento e claro definhamento do corpo, que ela administrava, apreensiva.

Na relação pessoal comigo agora ele já não era o mesmo da época do nosso breve e último encontro, mas o mesmo que me lembrava de nossas aulas na juventude. Não tenho dúvida de que ele estava perfeitamente consciente de que, no sentido do calendário, havia passado desde então quase um quarto de século; mas ainda assim, era como se junto com a alma tivesse perdido o sentido do tempo (sem o qual a alma não pode viver), e ele, não tanto nas palavras, mas no raciocínio de todas as suas maneiras, claramente se dirigia a mim como se tudo isso tivesse acontecido ontem – e ao mesmo tempo não tinha a mínima simpatia por mim, nenhum calor, nada, nenhum grão de poeira.

Sentaram-no em uma poltrona, e ele desmoronou estranhamente, como se esparramam chimpanzés, quando um adestrador o faz parodiar um sibarita. Sua irmã ficou tricotando e durante toda a conversa não soergueu a cabeça grisalha de cabelo curo sequer uma vez. O marido tirou do bolso dois jornais, um local e um de Marselha, e também emudeceu. Só quando Falter, notando uma fotografia sua, grande, que por acaso estava

bem no seu campo de visão, perguntou, onde é que você estava, e o cunhado, sem se desligar dos jornais, disse, mais alto do que o normal, como quando falam com surdos, proferiu:

– Você sabe muito bem que ela morreu. – Ah, é – observou Falter, com descuido desumano e dirigindo-se para mim, acrescentou: – Bom, que ela entre no reino dos céus – é assim, acho, que se deve dizer segundo a sociedade?

Então, começou a seguinte conversa entre nós; eu a escrevi de memória, mas, é fiel, acho:

– Queria vê-lo, Falter – eu disse (chamando-o, na realidade, pelo nome e patronímico, mas, no traslado, a sua imagem atemporal não tolera essa sujeição humana a um determinado país e um passado consanguíneo) – eu queria vê-lo para falar com você francamente. Será que você considera possível pedir a seus familiares que nos deixem a sós... – Eles não contam – observou Falter, abrupto. – Com franqueza – continuei, – está subentendida uma possibilidade recíproca de fazermos todos os tipos de perguntas e uma prontidão para respondê-las. Mas, já que eu vou fazer as perguntas, e espero as suas respostas, tudo depende de você me garantir ser direto; de minha parte, você não precisa se preocupar.

– Para perguntas diretas respostas diretas – disse Falter. – Neste caso, deixe-me ir direto ao ponto. Vamos pedir que seus parentes saiam um minuto, e você me conta literalmente o que você disse ao médico italiano. – Era só o que me faltava – disse Falter.

– Você não pode se recusar. Em primeiro lugar, eu não vou morrer por causa do seu relato – garanto; não repare que estou com um aspecto cansado e abatido, tenho força suficiente. Em segundo lugar, eu prometo guardar o seu segredo comigo e até mesmo, se quiser, dar um tiro na cabeça imediatamente depois do seu relato. Está vendo, eu admito, a

minha loquacidade vai ser mais desagradável para você do que a minha morte. Então como é, concorda?

– Eu decididamente me recuso – respondeu Falter e tirou um livro que o estava impedindo de se acotovelar da mesa que estava a seu lado.

– Para de alguma forma entabular uma conversa, vou me resignar à sua recusa temporariamente. Vamos começar do princípio. Então Falter, a essência das coisas se revelou para você. – Depois disso, ponto – interrompeu Falter. – Concordo: não me diga; mas eu tenho duas importantes deduções: as coisas têm essência e essa essência pode se revelar para a mente. Falter sorriu:

– Só não as chame de deduções, *signore*⁷⁴. Elas são estações. O raciocínio lógico é muito conveniente, para pequenas distâncias, como um caminho de comunicação do pensamento, mas, infelizmente, a terra é redonda e isso está refletido até na lógica: para que um avanço sucessivo do pensamento seja ideal, você volta para o ponto de partida... com a criação de uma simplicidade do gênio, com um agradável sentimento de abraçar a verdade, enquanto abraçou apenas a si mesmo. Para que se pôr a caminho? Limite-se a essa afirmação – a essência das coisas se revela – na qual já há um erro que você cometeu; não posso explicá-la, já que o menor indício em uma explicação já seria um raio. Diante da imobilidade de uma afirmação o erro é imperceptível. Mas tudo o que você chama dedução já expõe a falha: o fatídico desenvolvimento se torna um pergaminho.

– Está bem, eu me contento com isso, por enquanto. Agora, deixe-me fazer uma pergunta. Quando uma hipótese vem à mente de um cientista, ele a verifica com cálculos e experiências, ou seja, com o mimetismo da verdade, e sua pantomima. Sua plausibilidade contamina outras pessoas, e a hipótese é considerada a explicação verdadeira de um determinado fenômeno, enquanto não encontrarem defeitos nela. Se não me engano, toda a

⁷⁴ Em italiano, “senhor”.

ciência consiste nesses pensamentos infortunes, ou aposentados: veja bem, algum dia cada um deles teve patente alta; restou fama ou aposentadoria. No seu caso, Falter, eu suspeito que você tenha tido algum outro método de descobrimento e verificação. Podemos chamá-la – de revelação? – De jeito nenhum – disse Falter.

– Espere. Eu agora não estou tão interessado no procedimento da descoberta, mas na sua certeza da veracidade do descobrimento. Em outras palavras, ou você tem um procedimento para verificar o descobrimento, ou a consciência da verdade está embutida nele.

– Está vendo – respondeu Falter – na Indochina, no sorteio da loteria é um macacão que tira os números. Eu era esse macaco. Outra imagem: em um país de pessoas honestas um escaler estava atracado na costa, não pertencia a ninguém; mas ninguém sabia que ele não pertencia a ninguém; o seu suposto pertencimento a alguém o tornava invisível para todos. Por acaso, eu fiquei nele. Mas, talvez, o mais simples seria eu dizer que no momento do jogo, não necessariamente jogo matemático – matemática, tenho que advertir, é apenas o eterno pula sela sobre os próprios ombros com sua própria reprodução – eu combinava diferentes pensamentos, e então eu combinei tanto que explodi, como Berthold Schwartz⁷⁵. Eu sobrevivi; talvez outra pessoa também tivesse sobrevivido no meu lugar. Mas, depois do caso com o meu admirável médico eu não tenho a menor vontade de me aborrecer com a polícia de novo.

– Você está se animando, Falter. Mas vamos voltar ao principal: o que exatamente você diz que é a verdade? O macaco foge da sorte.

– Verdades, sombras de verdades – disse Falter – tão raras no mundo – no sentido de espécies, e não espécimes, naturalmente – e aqueles que estão à mão são tão desprezíveis, tão deteriorados que... como posso dizer... o retrocesso com o

⁷⁵ Berthold Schwarz era um monge franciscano de Freiburg, Alemanha. De acordo com a lenda, ele era um alquimista e o primeiro europeu a descobrir a pólvora, entre 1313 e 1353, mas há controvérsias. Relatam-se histórias sobre como ele morreu, numa explosão, mas não há evidência para comprová-las.

reconhecimento da verdade, a resposta instantânea de todo o ser – é um fenômeno pouco conhecido, pouco estudado. Mas, nas crianças... quando uma criança acorda ou volta a si depois da escarlatina... uma descarga elétrica de realidade; uma realidade relativa, claro, você não tem outra. Considere um truísmo, ou seja, o cadáver de uma verdade relativa. Examine agora a sensação física que as palavras despertam em você: negro é mais escuro do que castanho, ou gelo congelando. O seu pensamento está com preguiça e até de se levantar, como se o mesmo professor umas cem vezes em uma aula entrasse e saísse da sua sala. Mas quando criança, em um frio pesado, uma vez lambi o cadeado brilhante de um portão. Deixemos de lado a dor física, ou o orgulho das próprias descobertas, se ele é dos bons – não é isso que é a autêntica reação à verdade. Está vendo, esse sentimento é tão pouco conhecido que não se pode sequer encontrar a palavra exata... Todos os nervos respondem “sim” de uma só vez – ou algo do gênero. Dispenseemos também a surpresa, uma vez que é apenas a assimilação por falta de costume do objeto da verdade, não ela mesma. Se você me disser que fulano é um ladrão, eu imediatamente considero, mentalmente, todas as miudezas subitamente iluminadas, que eu mesmo observei, e ainda consigo me surpreender que uma pessoa que parecia tão respeitável, é, de fato, um embusteiro, mas a verdade já foi imperceptivelmente absorvida por mim, e então minha própria surpresa assume imediatamente a imagem inversa (como considerar um embusteiro tão evidente como esse honesto); em outras palavras, o ponto sensível da verdade está justamente no meio do caminho entre a primeira e a segunda surpresa.

– Está bem. Tudo isso está muito claro. – Mas a surpresa levada a dimensões incríveis, inimagináveis – continuou Falter – pode agir de forma extremamente doentia, e, no entanto, ela não é nada comparada com o abalo da verdade. E isso você já não “absorve”. Ela não me matou por acaso – tão por acaso como estourou em mim. Duvido que com essa força de sensações fosse possível pensar em verificar. Mas *post factum* essa

verificação pode ser realizada, embora pessoalmente eu não tenha necessidade do seu mecanismo. Imagine alguma verdade de senso comum – digamos, que dois ângulos iguais a um terceiro, são iguais entre si; essa afirmação conclui que o gelo é quente ou que há rochas no Canadá? Em outras palavras, uma determinada verdade não contém nenhuma outra verdade genérica, e muito menos aquelas que pertencem a outras espécies e planos do conhecimento ou do pensamento. Mas o que você pode dizer sobre a verdade, que conclui em si a explicação e a prova de todas as possíveis afirmações mentais? Você pode acreditar na poesia de uma flor do campo ou na força do dinheiro, mas nem um nem outro predetermina a fé na homeopatia ou a necessidade de se exterminar antílopes nas ilhazinhas do lago Victoria Nyanza⁷⁶, mas, depois de aprender o que aprendi – se é que se pode chamar isso de aprendizado, – recebi uma chave de absolutamente todas as portas e gavetas do mundo, só que não há nenhuma razão para eu utilizá-la, já que qualquer pensamento sobre seu sentido prático já por si só passa por toda uma série de tampas levantadas. Posso duvidar de minha capacidade física de imaginar até o fim todas as consequências de minha descoberta, ou seja, até que ponto eu ainda não endoideci, ou, pelo contrário, quão longe deixei para trás tudo o que se entende por loucura –, mas não posso duvidar de jeito nenhum de que para mim, como você disse, “a essência se abriu.”

Água, por favor.

– Aqui está a água. Mas deixe-me ver, Falter, será que eu o entendi bem? Por acaso você é, de agora em diante, um candidato à onisciência? Desculpe, eu não sinto isso. Admito que você sabe algo importante, mas nas suas palavras não há indícios concretos da sabedoria absoluta.

– Estou guardando minha força – disse Falter. – É, e eu não afirmei que sei tudo agora – por exemplo, a língua árabe, ou quantas vezes na vida você fez a barba, ou quem

⁷⁶ O Lago Vitória ou Victoria Nyanza é um dos Grandes Lagos Africanos, localizado num planalto elevado na parte ocidental do Grande Vale do Rift, na África oriental.

produziu as linhas daquele jornal que o meu cunhado tonto está lendo. Eu só estou dizendo que sei tudo que podia aprender. Qualquer um que examine uma enciclopédia pode dizer o mesmo, não é verdade; mas apenas a enciclopédia, cujo título exato eu aprendi (então, a propósito, posso usar um termo mais sofisticado: aprendi o título das coisas), é de fato abrangente – e nisso está a diferença entre mim e o mais versado dos homens. Está vendo, eu aprendi – e agora estou levando você ao mais extremo daquele precipício italiano, – não olhem, senhoras – Eu aprendi uma coisa muito simples com relação ao mundo. Ela é por si só tão clara, tão comicamente clara, que só a minha natureza humana infeliz pode considerá-la monstruosa. Agora quando eu digo “congruente”, por congruência entendo algo infinitamente distante de todas as congruências que você conhece, exatamente como a própria natureza da minha descoberta não tem nada em comum com a natureza de conjecturas físicas ou filosóficas: assim, o fundamental em mim, congruente com o fundamental no mundo, não está sujeito aos tremores corporais que tanto me abalaram. Ao mesmo tempo, o possível conhecimento de todas as coisas, que decorre do conhecimento do fundamental, não dispõe em mim de um aparato suficientemente sólido. Com força de vontade estou me condicionando a não sair do cativeiro, mantendo as regras do seu pensamento, como se nada tivesse acontecido, ou seja, estou agindo como um pobre coitado que recebeu um milhão, mas continuou a viver no porão, porque ele sabe que com a menor concessão ao luxo ele venderia o fígado ao diabo.

– Mas você tem um tesouro, Falter – e isso é uma tortura. Vamos deixar o raciocínio sobre sua relação com ele e falar sobre ele mesmo. Repito, levei em conta sua recusa em me permitir olhar para sua medusa e, além disso, estou disposto a não fazer sequer as conclusões mais evidentes, porque, como você sugere, qualquer conclusão lógica é a conclusão de um pensamento em si mesmo. Proponho a você outro método de perguntas e respostas: não vou começar a perguntar sobre a composição de seu tesouro,

mas você não vai revelar seu segredo se disser se ele está no oriente, ou se ele tem pelo menos um topázio, ou se alguma pessoa passou por suas adjacências. Ao mesmo tempo, se você responder sim ou não a qualquer uma de minhas perguntas, eu não só me comprometo a não escolher um determinado caminho para avançar mais em questões semelhantes, mas também me comprometo a dar fim à conversa.

– Teoricamente você está me atraindo para uma armadilha rústica – disse Falter, vibrando de leve, como se fosse rir. – Na prática isso só seria uma armadilha se você pudesse me fazer pelo menos uma pergunta que eu conseguisse responder com um simples sim ou não. Uma chance dessas é muito rara. Portanto, se você gosta de passatempos vazios – vá em frente, por favor. Eu pensei um pouco, e disse:

– Falter, deixe-me começar como um turista tradicional começa a análise de uma igreja antiga, que ele conhece de fotografias. Deixe-me perguntar: Deus existe?

– Frio – disse Falter. Não entendi, e perguntei de novo.

– Chega – rosnou Falter. – eu disse “frio”, como se diz no jogo quando você tem que encontrar um objeto escondido. Se você estiver procurando debaixo de uma cadeira ou debaixo da sombra de uma cadeira, e o objeto não pode estar ali, simplesmente porque ele está em outro lugar, a questão sobre a existência da cadeira ou da sombra da cadeira não tem a mínima relação com o jogo. Dizer que talvez a mesa exista, mas o objeto não está lá, é o mesmo que dizer que talvez o objeto esteja lá, mas a cadeira não existe, ou seja, de novo você cai no dileto círculo do pensamento humano.

– Mas você há de concordar, Falter, que se você disser que o incógnito/se busca não se encontra em nenhum lugar próximo da noção de Deus, incógnito este que é, de acordo com sua terminologia, um “título”, então, consequentemente, a noção de Deus não é um título, e, se for assim, não há uma necessidade capital dessa noção, e uma vez que não há necessidade de Deus, então Deus não existe.

– Significa que você não entendeu minhas palavras sobre a correlação entre um possível lugar e a impossibilidade de encontrar o objeto nele. Está bem, vou lhe dizer de forma mais clara. Mencionando uma determinada noção, você se colocou na condição de segredo, como se aquele que procura se escondesse sozinho. Insistindo na sua pergunta, você não só se esconde, mas ainda acredita que, compartilhando com o objeto incógnito a qualidade de “escondedura”, você o aproxima de si. Como posso responder sua pergunta, se Deus existe, quando talvez se trate de uma ervilha ou de bandeirinhas de futebol? Você não está procurando nem no lugar nem do jeito certo, *cher monsieur*, isso é tudo que posso responder. E se você acha que dessa resposta pode tirar alguma conclusão da falta de necessidade ou da necessidade de Deus, então isso acontece justamente porque você não está procurando nem no lugar nem do jeito certo. E não foi você que prometera não pensar logicamente?

– Agora eu também vou surpreendê-lo, Falter. Vamos ver como você consegue se esquivar de uma afirmação direta. Então, não se pode procurar o título do mundo nos hieróglifos de uma divindade?

– Desculpe-me, – disse Falter. – Por meio de floreios de sílabas e truques gramaticais você só maquia a esperada negação em esperado sim. Agora eu só nego. Nego a utilidade da procura pela verdade no domínio da teologia universalmente aceita – e para evitar trabalhos desnecessários por parte de seus pensamentos, acrescento logo que o epíteto que utilizo – é beco sem saída. Não caia nele. Paro a conversa por ausência de interlocutor, se você exclamar “A-ha, há outra verdade!” – porque isso vai significar que você se escondeu tão bem que se perdeu.

– Está bem. Eu acredito em você. Suponhamos que a teologia encubra a pergunta. É isso, Falter?

– Uma senhora enviou cem rublos – disse Falter, – Tudo bem, deixemos também esse caminho errado. Embora, talvez você pudesse me explicar por que ele está errado (porque há algo estranho, elusivo, que o enfurece), e então sua relutância em responder ficaria clara para mim?

– Poderia – disse Falter – mas isso seria equivalente a revelar a essência, ou seja, justamente aquilo que você não vai obter de mim.

– Você está se repetindo, Falter. Por acaso você vai se esquivar, se eu, digamos, perguntar se podemos esperar a vida após a morte. – Você se interessa muito por isso?

– Tanto quanto você, Falter. Tudo o que você souber sobre a morte, somos ambos mortais.

– Em primeiro lugar, – disse Falter – preste atenção no seguinte ardil: Qualquer homem é mortal; você é (ou eu sou) um homem; isso significa que você também pode ser imortal. Por quê? Porque um determinado homem justamente já deixou de ser qualquer um. Ao mesmo tempo eu e vocês somos mortais, mas sou mortal de forma diferente de você.

– Pare de espicaçar minha pobre lógica, e responda simplesmente se existe ao menos um simulacro da existência de uma pessoa no além, ou tudo acaba em uma escuridão ideal.

– *Bon*⁷⁷, – disse Falter, hábito de russos na França. – Você quer saber se o Sr. Sineússov viverá eternamente no conforto do Sr. Sineússov, ou se de repente tudo vai desaparecer? Aqui existem dois pensamentos, não é verdade? Iluminação permanente e alucinação negra. Além disso, apesar da diferença de matiz metafísico, eles são muito semelhantes entre si. Inclusive eles se movem paralelamente. Eles se movem bastante rápido, até. Viva o totalizador! Fiu fiu, olhe pelos binóculos, eles estão disputando para ver

⁷⁷ Em francês, “Bom”.

quem ganha, e você gostaria muito de saber qual vai chegar primeiro à linha da verdade, mas porque você exige a resposta de mim, sim ou não, a qualquer uma delas, você quer que eu agarre um deles pelo colarinho, correndo – mas os diabretes tem colarinhos escorregadios –, e se eu apanhasse um deles para você, então simplesmente interromperia a competição, ou a outra, que não a capturada por mim, ganharia, no que não haveria nenhum proveito, já que a competição teria se interrompido. Mas se você perguntar qual dos dois corre mais rápido, então responderei com uma pergunta: o que corre mais rápido – um desejo forte ou um medo forte? – Acho que igual. – Isso mesmo. Veja como acontece no pequeno raciocínio humano – ou nunca expressa de jeito nenhum o que espera por você, ou seja, por nós, depois da morte e, então, a completa imemoriabilidade está excluída – porque ela é completamente acessível a nossa imaginação – cada um de nós experimentou a completa escuridão de um sono profundo; ou, pelo contrário, – a morte pode ser imaginada, e então, naturalmente, a razão escolhe não a vida eterna, ou seja, algo por si só desconhecido, incongruente com qualquer coisa terrena, mas justamente o que é mais provável – a familiar escuridão. Porque, na realidade como pode uma pessoa, que confia no seu raciocínio, admitir que, digamos, um homem completamente bêbado e morre em seu sono profundo, de causas externas aleatórias, ou seja, aleatoriamente destituído daquilo que, na verdade, ela já não possuía, como é que ele adquire a capacidade de pensar e sentir de novo – somente graças à extensão, afirmação e aperfeiçoamento de sua condição infeliz? Portanto, se você me perguntasse apenas uma coisa – se eu tenho conhecimento humano, do que se encontra além da morte, ou seja, se você tentasse evitar uma competição fadada ao desatino de dois conceitos contrários, mas, na verdade, idênticos; de minha negação você deveria logicamente deduzir que a sua vida não pode acabar em não ser, e de minha afirmação você tiraria uma conclusão oposta. E, neste ou naquele caso, como você está vendo, você teria permanecido exatamente na mesma

posição que sempre esteve, porque um não seco provaria que eu não sei mais do que você sobre o referido assunto, e um sim molhado sugeriria que você aceita a existência de um paraíso internacional, no qual a sua razão não pode não duvidar.

– Você está simplesmente se esquivando de uma resposta direta, mas deixe-me de todas as formas observar que na conversa sobre a morte, você não me responde: frio.

– Lá vem você de novo – suspirou Falter. – Mas se eu acabei de lhe explicar que qualquer dedução segue a curvatura do pensamento. Ele está correto a partir de um ponto de vista terreno, desde que você permaneça no domínio de valores terrenos, mas quando você tenta ir além, o erro cresce conforme o caminho. E não é só isso: sua mente assimila qualquer resposta minha exclusivamente do ponto de aplicação, porque você não consegue pensar na morte de forma diferente da imagem da própria cruz, e isso, por sua vez, distorce tanto o sentido da minha resposta, que ela se torna *ipso facto* uma mentira. Vamos observar o decoro também no transcendental. Não posso explicar de maneira mais clara – e você vai me agradecer por ter sido evasivo. Você pressente, suponho, que levantar a questão já é um obstáculo, obstáculo este que, a propósito, é mais terrível do que o próprio medo da morte. Pelo visto, ele é especialmente forte para você, não é?

– Sim, Falter. O horror que experimento com os pensamentos sobre a futura ausência de memória é igual apenas à aversão diante da especulativa decomposição do meu corpo.

– Bem colocado. Provavelmente outros sintomas dessa doença sublunar estão presentes? Uma pontada cega no coração, de repente, no meio da noite, como a faísca de uma criatura selvagem entre sentimentos domesticados e pensamentos amansados: um dia eu... Acontece com você, não é verdade? Um ódio do mundo, que vai continuar muito animado sem você... Uma sensação primitiva de que tudo no mundo são migalhas e espectros em comparação com seu tormento pré-mortal e, então, com a sua vida, porque,

você falando para si mesmo, a vida é o tormento pré-mortal... Imagino, imagino bem essa doença de que todos vocês sofrem, de uma forma ou de outra, e posso dizer só uma coisa: não entendo como as pessoas podem viver nessas condições.

– Bom, Falter, parece que nos entendemos. Acontece que, se eu reconhecesse que em um momento de felicidade, enlevo, desnudamento da alma, de repente sinto que no além não existe um não ser; que ao lado, em um quarto trancado, debaixo de cuja porta vem um sopro gélido, prepara-se, como na infância, um resplendor multiocular, uma pirâmide de encantos; que a vida, a pátria, a primavera, o som da água de uma nascente ou de uma voz agradável – tudo é apenas uma prefácio confuso, e o principal está por vir; acontece que, se eu sinto isso, Falter, é possível viver, é possível viver – diga-me que é possível, e eu não perguntarei mais nada para você.

– Nesse caso – disse Falter, começando a tremer, de novo – eu entendo menos ainda. Pule o prefácio – e você tira de letra!

– *Un bon mouvement*⁷⁸, Falter; diga-me o seu segredo.

– O que é isso, você quer me pegar desprevenido? Como você é. Não, isso está fora de questão. Num primeiro momento... É, num primeiro momento, pensei que podia tentar... compartilhar. Um adulto, a menos que seja um touro como eu, não suportaria, vamos admitir; mas, pensei comigo mesmo, não seria possível criar uma nova geração de versados, ou seja, se não seria o caso de me dirigir às crianças. Como você pode ver, eu não consegui dominar imediatamente a infecção dos dialetos locais. Mas, de fato, o que iria acontecer? Em primeiro lugar, dificilmente seria concebível garantir que as crianças guardassem silêncio sacerdotal, de modo que nenhum deles cometesse homicídios com uma palavra sonhadora. Em segundo lugar, assim que a criança se desenvolver, o que lhe foi um dia informado, aceito pela fé, e adormecido nos arredores da consciência, vai se

⁷⁸ Em francês, “Uma boa jogada”.

sobressaltar e despertar com trágicas consequências. Mesmo que o meu segredo nem sempre atinja um inveterado homo sapiens, os jovens, com certeza, ele não poupará. Porque quem não se inteira daquele momento da vida, quando qualquer coisa – o céu estrelado em Iessentuki⁷⁹, um livro, lido no toalete, as próprias conjecturas sobre o universo, o doce horror do solipsismo – leva a um frenesi em todos os sentidos de uma jovem espécimen humana. Não faz sentido eu me tornar um carrasco; não tenho a intenção de destruir regimentos inimigos com um megafone... em uma palavra, não há ninguém em quem possa confiar.

– Eu fiz duas perguntas, Falter, e duas vezes você demonstrou a impossibilidade de uma resposta. Acho que seria inútil perguntar-lhe sobre alguma outra coisa, digamos, os limites do universo ou a origem da vida. Você provavelmente iria sugerir que eu me contentasse com um momento multicolorido em um planeta de quinta categoria, servido por um sol de quinta categoria, ou novamente reduziria tudo a um enigma: heterólogo é a própria palavra “heterólogo”.

– Provavelmente – confirmou Falter e deu um bocejo monótono.

Seu cunhado tirou o relógio do colete, silencioso, e trocou olhares com a esposa.

– Mas que estranho, Falter. Como coexistem em você o conhecimento sobre-humano da essência e a habilidade de sofista grosseiro que não sabe nada? Admita, todos os seus desvios disparatados não são nada mais do que sarcasmo sofisticado?

– Bom, é minha única defesa – disse Falter, olhando de soslaio para a irmã, que tirava, ágil, um longo cachecol cinza de lã de uma manga do sobretudo, que o cunhado já ia entregando para ele. – Caso contrário, você sabe, você teria conseguido... Mas – acrescentou ele, enfiando a mão errada, depois a certa, na manga, e ao mesmo tempo afastando-se dos esbarrões da ajuda de seus assistentes – mas, se eu o intimidei um pouco,

⁷⁹ Cidade no Cáucaso, na região de estações de águas.

posso oferecer um consolo: no meio de todo o nonsense, sem querer eu deixei escapar – só duas ou três palavras, mas nelas faiscou uma pontinha de verdade – mas por sorte você não prestou atenção.

Levaram-no, e com isso nosso diálogo bastante diabólico terminou. Falter não apenas não me falou nada, mas sequer deixou que eu me aproximasse e, provavelmente, sua última palavra foi tão burladora como todas as anteriores. No dia seguinte, a fastidiosa voz de seu cunhado me informou por telefone que Falter pedia cem francos por visita; perguntei por que, na verdade, não me avisaram sobre isso, e ele imediatamente respondeu que, no caso de uma nova sessão, as duas conversas me custariam só cento e cinquenta. Comprar a verdade, mesmo com desconto, não me inspirava, e, depois de enviar-lhe minha dívida inesperada, eu me forcei a não pensar mais em Falter. Mas ontem... É, ontem eu recebi uma nota do próprio Falter – do hospital: escreveu claramente que ia morrer na terça-feira e que para dizer adeus tinha decidido me informar que – então se seguiram duas linhas, que, com esmero, e como que por ironia, estavam manchadas. Respondi que agradecia a atenção e desejava que ele tivesse interessantes e agradáveis impressões *in memoriam* para passar a eternidade.

Mas tudo isso não me aproxima de você, meu anjo. Em todo caso, vou deixar todas as janelas e portas da vida escancaradas, embora eu sinta que você não será condescendente com os antigos métodos de aparições. O mais terrível de tudo é o pensamento de que por mais que você de agora em diante cintile em mim, tenho que proteger a minha vida. Meu arcabouço transitório talvez seja a única garantia de sua existência ideal: quando eu fenecer, ela também vai se extinguir. Infelizmente, com uma paixão miserável, estou condenado a utilizar a natureza terrena para terminar de narrar você para mim mesmo, e então confiar nas minhas próprias reticências...

Paris, 1939

“Los hombres andan siempre melancólicos, maniáticos y frenéticos, maltraídos por todos estos morbos que Hipócrates llamo divinos. Y la razón está en que los quehaceres humanos son irrealizables. El destino – el privilegio y el honor – del hombre es no lograr nunca lo que se propone y ser pura pretensión, viviente utopía. Parte siempre hacia el fracaso, y antes de entrar en la pele lleva ya herida la sien. Así acontece a esta modesta ocupación que es traducir. En el orden intelectual no cabe faena más humilde. [...]” (José Ortega y Gasset, *Miseria y esplendor de la traducción*)

3 FALA, TRADUÇÃO

3.1 Traduzir Nabókov: de través

Acompanhando a concepção humboldtiana de que as línguas não são exatamente análogas, mas carregam em seus sistemas linguísticos especificidades em relação a visões de mundo, a consciência do tradutor obstinado martela que as correlações são meras representações aproximadas e tão longe tão perto está a tradução da correspondência ideal: enquanto os olhos da mente giram em torno das ramificações de possíveis significados embutidos na palavra para além das acepções mais aparentes, ele se consome na doce dor das dessemelhanças e sutilezas de uso, contexto, multiplicidade de significações ambivalentes... Como uma contínua descoberta, signos e significados vão se desdobrando em outros signos, feito matriochkas, tão óbvias, mas cheias de minúcias.

Quando da tradução, o tempo todo parece haver refletores para realçar o foco na língua e linguagem como princípio e condição de interpretação do mundo, como determinante da visão de mundo, e não o contrário.

A agonia e o êxtase de se perder e achar nos descaminhos de inventividade, precipícios, frestas que levam a vastidões labirínticas, desvãos entre pensamento e expressão se traduz por escolhas. É um desafio desmedido se debruçar sobre essa vertigem entre rasgos, trancos e abismos, pinceladas delicadas, mas poderosas, palavras afiadas, pontiagudas, é um giro em falso, verdadeiro trabalho de recriação rodeado pela margens enevoadas. Um mergulho profundo no delirante mundo de neologismos, partículas picotadas, palavras afiadas.

Assim, o tradutor vagueia por similaridades e contrastes, exatidões e imprecisões, êxitos e irrealizações, entendimento e reconhecimento na língua de origem simultâneos à percepção desenganada diante das (in)existências no idioma almejado. Há uma demanda de “ressignificação”, de re-codificação, ou seja, tradução: “passagem, mudança e transformação de conteúdos” (FERREIRA, 2000).

“Quando penso nas horas que passo às vezes com uma, só uma, palavra!” [...] Há momentos em que penso: que trabalho insano [...]! Mas essa é uma das graças do ofício”. (AGUIAR, 2004) Sim, ofício. Dever. Missão. Arte-artifício, artefato. E como tudo que é impossível precisa se tornar palpável na infinita e vã luta com as palavras, traduzir o intraduzível passa a ser o incessante desassossego do tradutor – “O tradutor é um obcecado” (IDEM, 2004) O embate é eterno. Talvez toda a questão não seja “ser ou não ser”, mas ser ou estar...

3. 2 (Re)ler, (Re)traduzir, (Re)escrever

O enfoque sobre a questão da autotradução em Nabókov, a partir da leitura de “The Art of Translation” (NABOKOV, 1981), da confrontação do russo e da versão em inglês, e de reflexões teóricas de questões tradutórias em geral, aponta diferenças cruciais e aprofunda o processo criativo nabokoviano.

A tradução em si, os procedimentos adotados para avançar no processo tradutório dos contos selecionados, realça correspondências, [im]possibilidades, propostas, escolhas e soluções.

Não é possível elencar todas as questões passíveis de discussão, mas certas particularidades e dificuldades. Em primeiro lugar, as línguas em questão têm estruturas

gramaticais e verbais muito distintas. No russo, o aspecto tem “peso decisivo, e as próprias conjugações se ligam diretamente à diferença entre os aspectos perfectivo e imperfectivo. Ora, isso tem relação forte com a expressão da sequência temporal.” (SCHNAIDERMAN, 2006)

A questão da inexistência de artigos em russo é outra bastante intrincada: “O fato de não haver artigo em russo obriga, em cada caso, à escolha entre ‘o’ e ‘um’. A opção pelo artigo definido” ou indefinido, ou pela ausência de artigo, certamente representa “uma interpretação do texto [...]” (SCHNAIDERMAN, 2006) Se escrever é escolher, traduzir é escolher de novo.

Todas as nuances referentes aos verbos chamados de movimento (para andar a pé, ou com algum tipo de locomoção, cada qual com sua própria especificidade (veículo, avião, navio, etc), e à incontável quantidade e variação de prefixos (alguns verbos chegam a ter 10) podem gerar deliberações infinitas.

Além de ser necessário ter em mente o contexto em que os contos foram escritos e as particularidades das produções literárias de então, é preciso atentar para o tempo e desenvolvimento do trabalho de tradução, um verdadeiro processo, segundo Schnaiderman, 2006, “a responsabilidade” que ele representa, além da ideia de *lidar* com o texto, encontrar o tom justo, *apurar* a linguagem, buscando encontrar soluções que reproduzam a riqueza do original em suas múltiplas imagéticas e facetas várias de plasticidade, som, efeitos, etc.

O fascínio, convívio, e envolvimento com o texto são imprescindíveis, ingredientes presentes no antes, durante e depois, entendendo o ato tradutório como uma degustação do texto, na leitura, releitura, tradução, revisão, esta como uma nova releitura:

CT: Quais seriam os conselhos que você daria a um tradutor iniciante?

Boris: “Em primeiro lugar, traduzido o texto, nunca deixar de fazer o cotejo cuidadoso com o original. E além disso, lembrar sempre que a tradução literária é, geralmente, um bico bastante precário e, portanto, só deve ser exercida com muita *paixão e empenho*. Quem não tiver esta paixão, esta garra, procure uma ocupação mais rendosa. [...] [C]onsiderar sempre o seu trabalho como *uma realização estética, que exige muita criatividade, e esta se desenvolve com o tirocínio*. A *busca* da transmissão exata do espírito do original está ligada à ‘liberdade intencional, sem a qual não existe aproximação dos grandes objetos’, como se expressou Pasternák no prefácio à sua tradução do *Hamlet*”. (SCHNAIDERMAN, 2006, grifo meu).

Schnaiderman fala em *busca*, e não em realização. É preciso dar a devida *dedicação* ao texto, o *tempo* que ele exige de preparação, maturação, e finalmente, a preocupação com revisões e infindas revisões, em um “reexame detalhado [...]”: “Num texto, existe sempre algo a melhorar.” (SCHNAIDERMAN, 2006)

Para isso, ao encalço do próprio Nabókov, “sempre devemos lembrar que uma obra artística é invariavelmente a criação de um novo mundo, de modo que a primeira coisa que devemos fazer é estudar esse novo mundo de perto, o mais próximo possível, observando-o como algo totalmente novo, que não tem conexão óbvia com os mundos que já conhecemos” (NABÓKOV, 1980).

Como a linguagem de Nabókov é extremamente refinada, e, sobretudo, circunscreve a prosa poética e poesia em prosa, é necessário um trabalho minucioso de restauração de efeitos sonoros, plásticos, pictóricos, expressões inusitadas, o constante e insistente uso de sinestesias, o ritmo, por vezes alucinante em frases longas que irrompem de um fôlego só, por vezes frases curtas e fulminantes.

A escolha das palavras afinadas, a observação de neologismos ou arcaísmos referentes à época em que foram escritos os contos, termos coloquiais, formais ou poéticos, a linguagem híbrida, as guinadas de discursos, do indireto para o direto, do exterior para o interior das personagens, do espaço e do tempo, e outros procedimentos linguísticos e estilísticos nabokovianos tecem o processo tradutológico, ao encalço do

modo schneidermaniano de traduzir, “que busca maior fluência e naturalidade, além da fidelidade ao espírito do original [...]” (SCHNAIDERMAN, 2006):

“A fidelidade que buscamos foi a fidelidade integral, isto é, semântica, fonológica e gráfica. De nada nos adiantaria reproduzir apenas o ‘conteúdo’, a ‘mensagem’ [...] pois, a nosso ver, limitar a tradução [...] a este aspecto seria um empobrecimento e uma deformação. Na recriação do texto, usamos de um grau considerável de liberdade, pois prezamos muito aquela ‘liberdade intencional, sem a qual não existe aproximação dos grandes objetos’, a que se refere Pasternak⁸⁰, e que não é de modo algum incompatível com a verdadeira fidelidade ao original.” (SCHNAIDERMAN, 2001)

Trata-se de uma fidelidade criativa, que procura olhar os sentidos vários e multifacetados dos textos e não delimitá-los, mas propor soluções inventivas dentro da amplitude do texto russo, observando um “comprometimento ético com a palavra do outro, que nos impõe a busca do máximo de fidelidade possível ao original em todas as suas nuances.” (BEZERRA, 2002).

⁸⁰ No prefácio à sua tradução do *Hamlet*. Boris Pasternak, Obras, EUA, edição da Universidade de Michigan, vol. III, 1961.

El error consiste en que
no se tiene en cuenta
que cada idioma es
un modo de sentir el universo
o de percibir el universo
(J. L. Borges, *El oficio de traducir*)

4 (AUTO)TRADUÇÃO COMO (RE)CRIAÇÃO

4.1 A Arte da Tradução⁸¹

Podem-se distinguir três espécies de mal no estranho mundo da transmigração verbal. O primeiro, menor, compreende erros óbvios devido à ignorância ou conhecimento desorientado. Não passa de fraqueza humana, e, portanto, perdoável. O próximo passo em direção ao Inferno é tomado pelo tradutor que intencionalmente pula palavras ou passagens que ele não se dá ao trabalho de entender ou que possam parecer obscuras para leitores de imaginação vaga; ele aceita o olhar vazio que o dicionário lhe dá sem qualquer inquietação; ou sujeita erudição à afetação: ele está tão inclinado a saber menos do que o autor quanto a achar que sabe mais. Chega-se ao terceiro e pior grau de infâmia quando se faz um molde raso e rude de uma obra-prima, embelezada de maneira vil, de modo a se conformar às noções e preconceitos de determinado público.

Os erros gritantes incluídos na primeira categoria podem por sua vez ser divididos em duas classes. Conhecimento insuficiente da língua estrangeira em questão pode transformar uma expressão lugar-comum em uma declaração notável que o autor real nunca teve a intenção de fazer. “*Bien être general*”⁸² se torna a asserção masculina de que “é bom ser um general”; general galã este do qual um tradutor francês de “Hamlet” ficou conhecido por fazer pouco caso. Da mesma forma, em uma edição alemã de Tchekhov, um professor, assim que entrou na sala de aula, foi condenado a ficar concentrado em “seu jornal”, o que fez com que um resenhista pomposo comentasse a triste condição da

⁸¹ A tradução manterá algumas palavras e expressões da versão em inglês, em especial das citações e fragmentos de poemas; as transliterações de Nabókov também serão preservadas, devido às explicações, acrescentando-se outra de acordo com a tabela (Cf. Anexo I)

⁸² Em francês, literalmente, “bem-estar geral”.

instrução pública na Russa pré-soviética. Mas o verdadeiro Tchékhov simplesmente se referia ao “diário” de classe que um professor abria para verificar aulas, notas ou faltas. E o contrário, palavras inocentes em uma novela inglesa como “primeira noite” e “casa pública” se transformaram na tradução russa em “noite de núpcias” e “um bordel”. Esses exemplos simples são suficientes. Eles são ridículos e renitentes, mas não contêm nenhum propósito pernicioso; e com mais frequência do que o oposto a frase até que faz sentido no contexto original.

A outra classe de enganos da primeira categoria inclui um tipo de erro mais sofisticado, causado por um ataque de daltonismo linguístico, que acomete o tradutor de cegueira repentina. Se atraído pelo implausível quando o óbvio estava ao alcance da mão (o que um esquimó prefere comer – sorvete ou sebo? Sorvete), ou se inconscientemente baseando sua interpretação em algum significado falso que repetidas leituras imprimiram em sua mente, ele consegue distorcer de uma forma inesperada e às vezes bastante brilhante a palavra mais honesta ou a metáfora mais mansa. Conheci um poeta muito consciencioso que, lutando com a tradução de um texto bem torturado interpretou “is sicklied o’er with the pale cast of thought”⁸³ (“enfermiço com um matiz pálido do pensamento”) de tal forma, a ponto de transmitir uma impressão de um luar pálido. Ele fez isso tomando por certo que “sickle” (“enfermar-se”) se referia à forma da nova lua. E um senso de humor nacional, posto em movimento pela semelhança entre as palavras russas para “arco” e “cebola”⁸⁴, levou um professor alemão a traduzir “uma curva do litoral” (em um conto popular de Púchkin) por “O Oceano de Cebola”.

O segundo, e muito mais sério, pecado, de deixar de fora passagens complicadas ainda é perdoável quando elas confundem o próprio tradutor; mas quão desprezível é a pessoa complacente que, embora entendendo relativamente bem o sentido, teme que possa

⁸³ Verso de “Hamlet”.

⁸⁴ Em russo, лук (luk), tem a acepção de arco e cebola.

enganar um pamonha ou corromper um golfinho! Ao invés de se aninhar, ditoso, nos braços do grande autor, ele fica se preocupando com o leitor medíocre que está brincando em um canto com algo perigoso ou sujo. Talvez o exemplo mais charmoso de modéstia vitoriana que já atravessou meu caminho foi em uma tradução antiga de *Anna Kariênin*⁸⁵. Vrônski havia perguntado a Anna o que ela tinha. “Estou *beremiënna*⁸⁶” (grifo do tradutor), respondeu Anna, fazendo com que o leitor estrangeiro se perguntasse que estranha e terrível doença oriental era aquela; tudo porque o tradutor pensou que “estou grávida” podia chocar alguma alma puritana, e que seria uma boa ideia deixar o russo exatamente do jeito que estava.

Mas mascarar e diminuir o tom parecem pecados frívolos em comparação com aqueles da terceira categoria; já que aqui ele vem altivo, armando suas algemas adornadas, o tradutor ardiloso que ordena o *boudoir* de Sheherazade de acordo com seu próprio gosto e com elegância profissional tenta melhorar o visual de suas vítimas. Essa era a regra para as versões russas de Shakespeare, dar a Ofélia flores mais ricas do que as pobres plantinhas que ela encontrara. A versão russa de

There with fantastic garlands did she come

Of crowsflowers, nettles, daisies and long purples

(Para lá, com guirlandas fantásticas, ela foi

De gerânios, urtigas, margaridas e longas)

se fosse traduzida de novo para o inglês ficaria assim:

⁸⁵ Nabókov fazia questão dessa grafia.

⁸⁶ Em russo, *беременная*.

There with most lovely garlands did she come

Of violets, carnations, roses, lilies.

(Para lá, com as guirlandas mais adoráveis, ela foi

De violetas, cravos, rosas, lírios.)

O esplendor dessa mostra floral fala por si mesmo; incidentalmente, ele expurgou as digressões da Rainha, concedendo-lhe a gentileza de que ela tanto carecia e dispensando os pastores liberais; como alguém pôde fazer uma coleção botânica dessas perto do Helje ou do Avon é outra questão.

Mas questões assim não foram levantadas pelo solene leitor russo, primeiro, porque ele não conhecia o texto original, segundo, porque ele não dava a mínima para botânica, e, terceiro, porque a única coisa que lhe interessava em Shakespeare era o que observadores alemães e nativos radicais tinham descoberto sobre “problemas eternos”. Então ninguém se preocupou com o que aconteceu com os de Goneril⁸⁷ quando a linha

Tray, Blanche and Sweetheart, see, they bark at me

(Tray, Blanche e Docinho, viu, eles latem para mim)

metamorfoseou-se na desagradável

⁸⁷ Personagem de “Rei Lear”.

A pack of hounds is barking at my heels.

(um bando de cães late nos meus calcanhares)

Toda cor local, todos os detalhes palpáveis e insubstituíveis foram engolidos por aqueles cachorros.

Mas, a vingança é doce – até mesmo a vingança inconsciente. O maior conto russo que já foi escrito é “O Capote”, de Gógol, (ou “Manto”, ou “Capa”, ou “Chiniêl”⁸⁸). Seu traço principal, aquela parte irracional que forma a tendência trágica de uma anedota que se não fosse por isso seria insignificante, está organicamente conectado com o estilo especial no qual essa história foi escrita: há estranhas repetições do mesmo advérbio absurdo, e essas repetições se tornam uma espécie de conjuro sinistro; há descrições que parecem bem inocentes até você descobrir que o caos está bem perto, e que Gógol incluiu nessa ou naquela frase inofensiva uma palavra ou um símile que faz com que uma passagem irrompa em uma exibição selvagem de fogos-de-artifício de pesadelo. Também há aquela palpável falta de jeito que, da parte do autor, é uma versão consciente dos gestos grosseiros dos nossos sonhos. Nada disso permanece na versão inglesa, decorosa, animada, e muito prosaica (veja – e nunca mais veja – “The Mantle”, traduzido por Claude Field). O seguinte exemplo me deixa a impressão de que eu estou testemunhando um assassinato e não posso fazer nada para impedi-lo:

Gogol: ... his [a petty official’s] third or fourth-story flat... displaying a few fashionable trifles, *such as a lamp for instance* – trifles purchased by many sacrifices....

⁸⁸ Transliteração do russo “Шинель”.

Field: ... fitted with some pretentious articles of furniture purchased, etc...

(Gógol: ... seu [um funcionário insignificante] apartamento, no terceiro ou quarto andar... tinha algumas futilidades da moda, como uma lâmpada, por exemplo – compradas com muito sacrifício...

Fiel: ... provido de alguns artigos de mobília comprados, etc...)

Rever obras-primas estrangeiras de maior ou menor grandeza pode envolver terceiros na farsa. Não há muito um famoso compositor russo me pediu que traduzisse para o inglês um poema russo que quarenta anos atrás ele havia musicado. A tradução em inglês, ele observou, tinha que acompanhar os próprios sons do texto – texto esse que era, infelizmente, a versão de K. Balmónt de “Bells”, de Edgar Allan Poe. Como são as numerosas traduções de Balmónt, logo se entende quando eu digo que seu próprio trabalho revelou uma incapacidade quase patológica para escrever uma linha melodiosa que fosse. Tendo à sua disposição um número suficiente de rimas desgastadas e utilizando em sua cavalgada qualquer metáfora que ele encontrasse pela frente de carona, ele transformou algo que Poe tinha composto com dor considerável em algo que qualquer poetastro russo poderia rabiscar em um piscar de olhos. Quando eu fui transpassar para o inglês estava minha única preocupação era encontrar palavras em inglês que soassem como as russas. Agora, se alguém algum dia topar com a minha versão inglesa daquela versão russa, pode retraduzir para o russo de modo que o poema “Poe de menos” continue sendo balmontizado até que, talvez, “Bells” se torne “Silence”. Algo ainda mais grotesco aconteceu com o delicioso “Invitation au Voyage”, um sonho, de Baudelaire (“Mon enfant,

ma soeur, Songe à La douceur....⁸⁹“) Deve-se a versão russa à pena de Merejkóvski, que tinha ainda menos talento poético do que Balmónt⁹⁰. Começa assim:

My sweet little Bride,

*Let's go for a ride;*⁹¹

Ele logo adquiriu uma melodia jocosa e foi adotado por todos os moedores de órgão da Rússia. Gosto de imaginar um tradutor francês do futuro de canções folclóricas russas re-afrancesando-as assim:

Viens, mon p'tit,

A Ninji

(Venha, minha querida

A Níjni)

e assim por diante, *ad malinfinitum*.

Exceto embusteiros por excelência, imbecis inofensivos e poetas impotentes, há, grosso modo, três tipos de tradutores – e isso não tem nada a ver com minhas três categorias de mal; ou, melhor, qualquer um dos três pode errar de forma semelhante. Os três são: o estudioso que está ávido por fazer o mundo apreciar os trabalhos de um gênio obscuro tanto quando ele mesmo aprecia; o contratado bem-intencionado; e o escritor profissional que quer relaxar na companhia de um colega estrangeiro. O estudioso será,

⁸⁹ Literalmente, “Minha criança, minha irmã, sonhe com a doçura...”

⁹⁰ Poetas simbolistas russos: Dmítri Serguîievitch Merejskóvski (1865–1941) e Konstantín Dmítroevitch Balmónt (1867–1942).

⁹¹ Tradução livre de Nabókov; literalmente, “Minha querida Noiva/Vamos sair por aí”.

espero, exato e pedante: notas de rodapé – na mesma página do texto e não enfiadas no final do volume – não poderiam ser mais copiosas e detalhadas. A senhora esforçada que traduz na décima primeira hora o décimo primeiro volume de alguma coletânea de trabalhos de alguém será, eu receio, menos exata e menos pedante; mas a questão não é que o estudioso cometa menos enganos do que um proletário; a questão é que, via de regra, tanto ele como ela são desesperadamente desprovidos de qualquer parentesco com o gênio criativo. Nem aprendizado, nem diligência podem substituir imaginação e estilo.

Agora vem o poeta autêntico que possui os dois últimos bens e relaxa quando traduz um pouco de Liêrmontov ou Verlaine entre escrever seus próprios poemas. Ou ele não sabe a língua original e depende calmamente da denominada tradução “literal” feita para ele por uma pessoa de longe menos brilhante, mas mais cultivada, ou senão, sabendo a língua, ele não tem a precisão do estudioso e a experiência do tradutor profissional. Contudo, o principal ponto fraco, nesse caso, é o fato de que quanto maior for seu talento individual, mais apto ele vai estar a afogar a obra-prima estrangeira nas ondulações espumantes de seu próprio estilo pessoal. Ao invés de se vestir como o verdadeiro autor, ele veste o autor como ele mesmo.

Podemos deduzir agora os requisitos que um tradutor deve possuir para ser capaz de dar uma versão ideal de uma obra-prima estrangeira. Em primeiro lugar ele deve ter o mesmo tanto de talento, ou pelo menos o mesmo tipo de talento, que o autor que ele escolhe. A esse respeito, e embora somente a esse respeito, Baudelaire e Poe ou Jukóvski⁹² e Schiller eram colegas ideais. Segundo, ele deve conhecer profundamente as duas nações e as duas línguas em questão e estar bem informado sobre todos os detalhes relacionados aos procedimentos e métodos de seu autor; além disso, à bagagem social das palavras, suas características, associações históricas e da época. Isso leva ao terceiro ponto: ao mesmo

⁹² Vassíli Andriêievitch Jukóvski (1783–1852), importante poeta russo, iniciador do Romantismo na Rússia.

tempo que tenha gênio e conhecimento, ele deve possuir o dom da mimese e ser capaz de representar o papel do autor, encarnando suas artimanhas de procedimentos e discurso, seu jeito e sua mente, com o grau máximo de verossimilhança.

Ultimamente tentei traduzir vários poetas russos que haviam sido ou terrivelmente desfigurados por tentativas anteriores ou nunca haviam sido traduzidos. O inglês à minha disposição certamente é mais diluído do que meu russo; a diferença é, na verdade, aquela que existe entre uma casa de campo semigeminada e uma propriedade hereditária, entre o conforto autoconsciente e a luxúria costumeira. Não estou, portanto, satisfeito, com os resultados alcançados, mas meus estudos revelaram várias regras que outros escritores podem tirar proveito se seguirem.

Confrontei-me, por exemplo, com a seguinte linha inicial de um dos poemas mais prodigiosos de Púchkin:

Yah pom-new chewed-no-yah mg-no-vain-yah

(Iá pôm-niu tchúd-no-ia mg-no-viên-ia)

Apresentei as sílabas o mais próximo que pude de sons ingleses; seu disfarce mimético faz com que pareçam bem feias; mas não importa; o “chew” (tchu) e o “vain” (viên) estão associados foneticamente a outras palavras russas que significam coisas bonitas e importantes, e a melodia da linha, com o “chewd-no-yah” (tchúd-no-ia) polpudo, maduro-dourado, bem no meio, e os “m” e “n” equilibrando-se dos dois lados, é para o ouvido russo o mais emocionante e fluida – uma combinação paradoxal que qualquer artista entenderá.

Agora, se você pegar um dicionário e procurar aquelas quatro palavras você vai obter a seguinte declaração tola, rasa e trivial: “I remember a wonderful moment”

(“Lembro-me de um momento maravilhoso”). O que se deve fazer com esse pássaro que você derrubou só para descobrir que não é um pássaro do paraíso, mas um papagaio que escapou, que ainda grita sua mensagem idiota enquanto se agita no chão? Já que não adianta esticar a imaginação porque ela não vai persuadir um leitor inglês de que “I remember a wonderful moment” (“Lembro-me de um momento maravilhoso”) é o começo perfeito de um poema perfeito. A primeira coisa que descobri é que a expressão “uma tradução literal” é mais ou menos absurda. “Yah pom-new” (Iá pôm-niu) é um mergulho mais profundo e reconfortante ao passado do que “I remember” (“Lembro-me”), que cai de barriga, raso, como um mergulhador inexperiente; “chewed-no-yah” (tchúd-no-ia) tem um adorável “monstro” russo dentro dele, e um “listen” (“ouça”) sussurrado, e a terminação dativa de um “sunbeam” (“raio de sol”), e muitas outras associações entre palavras russas. Pertence fonética e mentalmente a certa cadeia de palavras, e essa cadeia russa não corresponde à cadeia inglesa na qual se encontra “I remember” (“Lembro-me”). E, inversamente, “remember” (“lembrar”), apesar de colidir com a cadeia correspondente de “pom-new” (pôm-niu), está conectado com uma cadeia inglesa própria toda vez que poetas verdadeiros a usam. E a palavra central em “What are those blue *remembered* hills?” de Housman⁹³, em russo se torna “vspom-neev-she-yes-yah,” (vspom-nív-che-iess-ia) a uma coisa horrível e descabelada, toda calos e chifres, que não pode fundir-se em nenhum elo interna com “blue” (“azul”), como acontece de forma tão fluida em inglês, porque o sentido russo de azul pertence a uma cadeia diferente da que pertence o “remember” (“lembrar”) russo.

Essa interrelação de palavras e a não correspondência de cadeias verbais em línguas diferentes sugere mais uma regra, a saber, que as três palavras principais da linha extraem uma a outra, e acrescenta algo que nenhuma delas teria tido separadamente ou em

⁹³ Alfred Edward Housman (1859–1934), poeta inglês. Verso de “A Shropshire Lad” (1896) (literalmente, “Um moço de Shropshire”), um ciclo de 63 poemas: “O que são aqueles montes azuis rememorados?”

qualquer outra combinação. O que faz essa troca de valores secretos possível não é apenas o mero contato entre as palavras, mas sua posição exata com relação tanto ao ritmo da linha e com relação a uma e a outra. O tradutor deve levar isso em consideração.

Finalmente, há o problema da rima. “Mg-no-vain-yah” (Mg-no-viên-ia) possui mais do que duas mil rimas “caixinha-surpresa” saltando com o mais leve toque, enquanto não consigo pensar sequer em uma para “moment” (“momento”). A posição de “mg-no-vain-yah” (mg-no-viên-ia) no final da linha também não é insignificante, devido a Púchkin saber mais ou menos conscientemente que ele não teria que procurar um par. Mas a posição de “moment” (“momento”) na linha em inglês não implica em tal segurança; pelo contrário, ele seria um sujeito singularmente atrevido que colocou isso ali.

Assim eu me confrontei com aquela linha inicial, tão repleta de Púchkin, tão individual e harmônica; e depois de examiná-la cautelosamente, a partir dos vários ângulos aqui sugeridos, eu a enfrentei. O processo de enfrentamento durou a pior parte da noite. No final eu a traduzi; mas dar a minha versão a essa altura pode levar o leitor a duvidar que a perfeição seja alcançável; basta seguir algumas poucas regras perfeitas.

4.2 *Modus Vertendi* nabokoviano

Além da linguagem, estilo e temática nabokovianas, também a partir da tradução e do cotejo, por um lado, e de reflexões sobre o escrever e o autotraduzir ou reescrever nabokovianos, por outro, observam-se a teoria e a prática de tradução nabokoviana e o autor e o (auto)tradutor Nabókov, e questiona-se até que ponto chega a autonomia do autotradutor, já que em princípio ninguém ousaria contestar essa autonomia, relativamente intocável e irrepreensível, visto que ele é o escritor e o tradutor, o criador e o re-criador.

Para isso, foi necessário distinguir pelo menos três perspectivas possíveis quanto a um *modus vertendi* nabokoviano, de alguma maneira concorrentes, elencadas aqui não necessariamente em ordem crescente de importância, mas (crono)lógica – seguindo associações entre cada “papel”, que não estão nitidamente definidos, mas se (con)fundem uns nos outros em um processo entrelaçado por intersecções, interações e inter-relações: o Nabókov tradutor do outro; o Nabókov leitor, escritor, crítico e teórico de tradução; e o Nabókov tradutor de si mesmo, ou seja, autotradutor.

A tradução dos contos é direta do russo para o português; porém, entendendo os textos em inglês como diálogos com Nabókov, já que tais traduções foram realizadas pelo próprio autor, optou-se por um caminho mais complexo: traduzir do russo, realizando um cotejo elucidativo com a versão inglesa. E o que a princípio facilitaria o trabalho transforma-se em um processo labiríntico: esse diálogo não é nada óbvio, mas plural, vasto.

No decorrer do trabalho, as leituras e releituras, traduções e revisões ajudaram a levantar duas hipóteses no que se refere aos processos autotradutórios nabokovianos: a de que autonomia e desconstrução predominam em sua teoria e prática autotradutória e a de que a autotradução em Nabókov se dá como re-escritura.

Autonomia e desconstrução

Em seu “The Art of Translation” (NABOKOV, 1981), a princípio parte de uma visão mais “clássica”, “tradicional” de tradução, mas, é necessário perceber o sarcasmo com que observa questões sobre tradução e, acima de tudo, distinguir o tradutor do autotradutor:

(...) “Podemos deduzir agora os requisitos que um tradutor deve possuir para ser capaz de dar uma versão *ideal* de uma obra-prima estrangeira. Em primeiro lugar ele deve ter o mesmo tanto de talento, ou pelo menos o mesmo tipo de talento, que o autor que ele escolhe. A esse respeito, e embora somente a esse respeito, Baudelaire e Poe ou Jukóvski e Schiller eram colegas ideais. Segundo, ele deve conhecer profundamente as duas nações e as duas línguas em questão e estar bem informado sobre todos os detalhes relacionados aos *procedimentos* e *métodos* de seu autor; além disso, à *bagagem* social das palavras, suas *características*, *associações* históricas e da época. Isso leva ao terceiro ponto: ao mesmo tempo que tenha gênio e conhecimento, ele deve possuir o dom da *mimese* e ser capaz de representar o papel do autor, encarnando suas artimanhas de procedimentos e discurso, seu jeito e sua mente, com o grau máximo de *verossimilhança*.” (NABOKOV, 1981, grifo meu)

É importante notar que ele fala de verossimilhança e não equivalência ou fidelidade, literalidade, de mímica e não imitação, ou equivalência. Não se trata, portanto, de uma subordinação a um original, mas de comprometimento e coerência.

Em geral Nabókov é considerado, por críticos e estudiosos de tradução, “clássico” e “tradicional” no que diz respeito a suas visões sobre tradução, fidelidade, literalidade e erro, especialmente devido a sua tradução de “Evguêni Oniêguin”, de Púchkin, e suas críticas mordazes sobre traduções alheias.

De fato ele defende um respeito ao autor, quando se trata dele traduzir outro ou de outro traduzi-lo; mas em “The Art of Translation”, ele escarnece da literalidade:

“Exceto embusteiros por excelência, imbecis inofensivos e poetas impotentes, há, grosso modo, três tipos de tradutores – e isso não tem nada a ver com minhas três categorias de mal; ou, melhor, qualquer um dos três pode errar de forma semelhante. Os três são: o estudioso que está ávido por fazer o mundo apreciar os trabalhos de um gênio obscuro tanto quando ele mesmo aprecia; o contratado bem-intencionado; e o escritor profissional que quer relaxar na companhia de um colega estrangeiro. O estudioso será, espero, *exato e pedante*: notas de rodapé – na *mesma* página do texto e não enfiadas no final do volume – não poderiam ser mais copiosas e detalhadas. A senhora esforçada que traduz na décima primeira hora o décimo primeiro volume de alguma coletânea de trabalhos de alguém será, eu receio, menos exata e menos pedante; mas a questão não é que o estudioso cometa menos enganos do que um proletário; a questão é que, via de regra, tanto ele como ela são desesperadamente desprovidos de qualquer parentesco com o *gênio criativo*. *Nem aprendizado, nem diligência podem substituir imaginação e estilo*. (NABOKOV, 1981, grifo meu)

Porém, pensar que Nabókov se fixava em fidelidade ou literalidade em um sentido restrito e unilateral, como sugere Perednik (1993), seria superficial e simplista. Com a experiência e consciência que tinha da totalidade de sua obra, seria também uma leitura despropositada de sua ficção, teoria, crítica, prefácios e prólogos, uma leitura que não contempla ironias, humor cáustico, complexidades, em relação a distinguir o tradutor dos outros do tradutor de si mesmo.

É preciso fazer uma leitura mais ampla, e, por que não, criativa, atenta para jogos de palavras e ideias, tão prediletos da pessoa em questão, sobretudo quanto à compreensão de fidelidade e literalidade – já que também esta é subjetiva e independente, como os textos, o original e a tradução ou versão e, portanto, apesar de na “teoria” parecer conservadora, na prática está muito mais próxima de uma visão fluente da tradução.

Uma das especificidades do Nabókov autotradutor é justamente a de que em geral traduziu suas obras do momento russo – ou seja, quando ainda era Sírín – para inglês quando já começava a se tornar Nabókov, em um processo de deslocamentos físicos e linguísticos, mudanças de paisagens e idiomas de criação.

Conforme aponta Scheiner (2000), uma das facetas da autotradução em Nabókov é a total liberdade do escritor-tradutor, a autonomia das obras em russo e sua versão em inglês: a comparação entre a variante russa e a inglesa prova que são textos autônomos.

Assim, a autotradução em Nabókov se dá com grande independência entre um texto e outro. Porém não haveria tradução propriamente dita se não houvesse “o que” traduzir. Por mais que se abstraia – e que se parta do princípio de que o texto traduzido seja autônomo, único, uma nova criação, um novo original – não há texto traduzido do nada.

Guardadas as devidas proporções de originalidade e independência do texto traduzido, em algum momento se parte de algo anterior (e todo o anterior que vem junto, e as revisões que isso proporcionará a todo o contemporâneo e a todo o posterior), e, no caso dos textos estudados, em algum momento o Nabókov inglês foi russo.

Contudo, embora prevaleça a ideia de “texto original” e sua “tradução”, quando Nabókov se autotraduz ele é soberano, ninguém pode contestá-lo, os contornos entre esses conceitos, e entre escritor e tradutor ficam embaciados e depara-se com outro texto. Não há mais um original e uma tradução definidos, mas desconstruções, originais e traduções. É justamente nesse caso que ocorre a máxima realização: ele é duas vezes criador – como autor e como autotradutor.

Assim, as autotraduções nabokovianas apresentam fronteiras movediças e na prática não há original e tradução, mas originais e novos originais. Se o texto for considerado como um todo, quando se conta a história do russo ou a do inglês prevalece a mesma ideia, a mesma imagem semântica do texto, as tramas são as mesmas; porém, quando se tem acesso ao russo e ao inglês, palavras, signos, em si, então os textos são completamente diferentes, ou seja, os textos são um semanticamente, mas dois ou mais no âmbito linguístico, léxico e as oposições um/o original X uma/a tradução se desmancham para dar lugar a versões várias, revisões, recriações.

Domínio e liberdade culminam nessa autoridade incondicional – e as noções de fidelidade e literalidade tornam-se movediças. Expressões como “me plagié a mí mismo”,

“señor de sus elecciones” y “operación de reformulación” (BEIN, 2006) são expressões atreladas à autotradução; traduzir-se a si mesmo permite que se tome liberdades absolutas, porque se trata de textos próprios; porém, o autor já é outro, em sua criações, re-criações, traduções, re-traduções.

A pluma do escritor-tradutor tem sua “moral” própria – suas próprias convicções, condicionamentos e concepções de equivalência, literalidade, fidelidade, complexas e multifacetadas, nabokovianas.

Interessa observar a égide indiscutível com que Nabókov apresenta suas ideias e ideais sobre tradução em seus textos e a liberdade absoluta de tradutor de si mesmo se mescla com insubmissão, indisciplina, e com uma licença poética total: não há limites, o autor-tradutor tudo pode e se exime de qualquer questionamento, tudo devidamente justificado em seus prólogos e introduções.

Seria pretensão ou ilusão acreditar que algum leitor reconheceria e teria consciência de todas as sutilezas de intertextualidade, referências internas e externas que um texto costura em suas entrelinhas, mas o autor-tradutor, que está imerso nos dois lados da criação, tem uma visão/posição e percepção privilegiadas (TANQUEIRO, 1999).

Entretanto, da mesma forma que a proximidade favorece, desfoca, ofusca. O autor está perto demais, dentro, envolvido demais. Ele é o autor e o tradutor, não há como separar ele dele mesmo.

Ao mesmo tempo em que o autor é “señor de sus elecciones” e “dueño de su texto”, a “posse” do escrito-tradução, desde o resultado até a re-criação é relativa, ideal, ou idealizada, uma vez que a obra é criada passa a não pertencer a ninguém ou a pertencer a todos. A inversão é propositada, porque o texto-traduzido parece ser visto apenas como resultado antes que se pense na ação e processo de criação. No caso do escritor-tradutor, esse processo é ainda mais intrincado e a separação não fica nada clara.

Questiona-se se o escritor-tradutor realmente tem o domínio absoluto do que “quis dizer”, conscientemente ou não, em especial se o texto é “antigo” ou “anterior”. Também essa ideia é relativa, varia de autor para autor, mas até onde/que ponto temos controle total de nossos próprios textos e ideias? A afirmação de que o autotradutor “possui uma autoridade inquestionável em relação a sua tradução tal como com sua obra porque nunca a interpretará mal” (TANQUEIRO, 1999) é subjetiva e relativa.

Pode-se dizer o mesmo sobre a compreensão perfeita do que se quis dizer ou o efeito que tentou produzir um autor em alguma mente. Como afirmar que é possível se adentrar no pensamento de um autor, mesmo que seja ele mesmo, se o momento de traduzir e o pensamento mesmo já é outro? Que efeito e em que mente, se as sutilezas de sentido são relativas e múltiplas? É relevante levar em consideração que em geral há intervalos espaciais e temporais significativos entre a criação de uma obra e sua tradução, ou recriação.

O cotejo demonstra que em sua prática autotradutória Nabókov é ultramoderno: omite, acrescenta, desloca, compensa, e se vale de prólogos, prefácios e introduções para justificar sua liberdade total.

Dos demais tradutores exige “fidelidade”, de si mesmo, onipresença, onisciência e onipotência. Se uma tradução deve refletir exatamente o que o autor pensa, a “verdade” do autor, e a maneira em que o autor o formula em seus textos, e ele é o autor, é também o tradutor todo-poderoso.

Pablo de Santis considera: “O trabalho do tradutor é feito de hesitações/assim como o trabalho do escritor./O escritor traduz-se a si mesmo/como se fora outro,/o tradutor escreve o outro/como se fosse ele mesmo.” Esse pensamento não serviria para o Nabókov tradutor:

“Agora vem o poeta *autêntico* que possui os dois últimos bens e *relaxa* quando traduz um pouco de Liêrmontov ou Verlaine entre escrever seus próprios poemas. Ou ele não sabe a língua original e depende calmamente da *denominada* tradução “*literal*” feita para ele por uma pessoa de longe menos brilhante, mas mais cultivada, ou senão, sabendo a língua, ele não tem a precisão do estudioso e a experiência do tradutor profissional. Contudo, o principal ponto fraco, nesse caso, é o fato de que quanto maior for seu talento individual, mais apto ele vai estar a afogar a obra-prima estrangeira nas ondulações espumantes de seu próprio estilo pessoal. *Ao invés de se vestir como o verdadeiro autor, ele veste o autor como ele mesmo.*” (NABOKOV, 1981, página 319, grifo meu).

Mas poderia servir para o Nabókov autotradutor: se aquele que escreve traduz de seu pensamento ao papel, à palavra, à expressão, “aquele que traduz [...] se converte em parte de sua tradução [...]” (VERMEER, 2004). Nabókov é os dois. O escritor é autotradutor e o autotradutor é escritor.

Autotradução e re-escritura

O Nabókov tradutor do outro, que se aproxima do Nabókov leitor, crítico, teórico de tradução e professor, é um (mais “tradicional”, “clássico”, apegando-se a noções de fidelidade); e o Nabókov tradutor de si mesmo, ou seja, autotradutor, que se aproxima do Nabókov escritor, autor, criador, e, portanto, da reescritura, é outro (mais “moderno”, “inovador”, “desconstrutivista”):

Teoria – tradutor (do outro) = (aproximadamente) teórico/crítico → tradutor/mensageiro

≠

Práticas – (auto)tradutor (de si mesmo) = escritor → autor/criador/recriador

Se para as traduções que os outros dilapidam e arruínam de seus textos ou de outrem, ele insiste na ideia de “erro”, quando se trata de suas obras essas noções se

(con)fundem, ele transgride o que prega, sempre revidando de antemão em seus prólogos e introduções.

Já as autotraduções nabokovianas são releituras, revisões, re-traduções que por sua vez são re-escrituras, em obsessivas relações entre leitura, escritura, deslocamentos, memória e tradução/re-escritura em meio a distâncias espaço-temporais.

A reescritura de Nabókov através de suas traduções (muitos anos depois, muitas obras depois, e com todas as questões que isso implica) nem sempre é tão explícita, pode se manifestar de maneira mais ou menos clara e as “causas” ou consequências disso também são variáveis da mesma inconstância da própria escritura.

Reler, rever e retocar são processos recorrentes em escritores, mas com o elã nabokoviano isso se torna a própria força motriz da criação, (re)unindo leitura, tradução e escritura em um infinito re-tornar.

O seguinte trecho, do prólogo que Nabókov escreveu à última edição de “Speak, Memory” (NABOKOV, 1999), um fragmento dos mais emblemáticos, senão o mais, da poética nabokoviana, resume bem a ideia da relação indissociável entre (auto)traduzir e (re)escrever:

“No verão de 1953, em uma fazenda perto de Portal, Arizona, em uma casa alugada em Ashlan, Oregon, e em vários hotéis de beira de estrada no Oeste e Meio-Oeste, consegui, entre caçar borboletas e escrever “Lolita” e “Pnin”, traduzir “Speak, Memory”, com a ajuda de minha mulher, para o russo. Por causa da dificuldade psicológica de repetir um tema elaborado em meu “Dar” (“The Gift”), omiti um capítulo inteiro (11). Por outro lado, *revi* muitas passagens e procurei fazer algo com os defeitos amnésicos do original – lacunas, borrões, territórios obscuros. Descobri que, às vezes, com a ajuda de intensa concentração, a mancha neutra pode ser forçada a encontrar um belo foco para que a visão repentina possa ser identificada, e o servo anônimo nomeado. Para a presente edição final de “Speak, Memory” não apenas inseri mudanças básicas e adicionei copiosamente ao texto inicial inglês, mas me vali das correções que fiz quando o converti para o russo. *Essa re-anglicização de uma re-versão russa do que inicialmente havia sido um re-contar inglês de memórias russas, provou ser uma tarefa diabólica, mas algum consolo me foi dado pelo pensamento de que uma metamorfose*

*múltipla dessas, conhecida das borboletas, não havia sido experimentada por nenhum humano antes*⁹⁴.” (NABOKOV, 1999, grifo meu).

“A história retomada pela arte. Um truque com palavras: Nabokov escrevendo em inglês sobre um passado na Rússia em que todos falavam francês. O evento destilado em camadas de imagens, como um bourbon pelo carvão. (E a tradução em português estraga tudo.) A volta é sempre pela imaginação, nada é retomado inteiro. O que te acontece num minuto no minuto seguinte é história, no outro é invenção, no quarto é Nabokov. E aí não tem mais volta.”
(Luís Fernando Veríssimo)

⁹⁴ Tradução da autora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação proporciona o acesso a estudiosos, pesquisadores e interessados em geral à parte de sua obra escrita em russo, em tradução direta e inédita no Brasil de contos da coletânea “Primavera em Fialta” (“Весна в Фиальте”, “Viesná v Fiálte”), escritos em russo no “período berlinense”, entre 1932 e 1940. Os contos foram reunidos pelo próprio Nabókov em 1956 e traduzidos pelo autor e seu filho para o inglês, com exceção de “Primavera em Fialta” e “Nuvem, lago, torre”, com tradução do autor e de Peter Pertzov.

Os textos trazem um vislumbre que permite decifrar a poética e o estilo nabokovianos em suas particularidades bem marcadas, as evidências dos traços distintivos, seus procedimentos, frases, expressões e palavras recorrentes, seu olhar crítico, pinceladas, obsessões até, lapidações palavra a palavra, sua cosmovisão, enfim.

A tradução tem caráter iniciador e busca apresentar a face russa de Nabókov, já que sua imagem está “reduzida” ao “Lolita” (1955) e os leitores brasileiros costumam não saber que muitos dos livros que lêem, vertidos para o português do inglês, foram escritos em russo e traduzidos para o inglês, geralmente pelo próprio autor ou por seu filho.

Pouco ou nada se fala, no Brasil, sobre sua obra escrita em russo, os deslocamentos físicos e linguísticos, e a alteração de Sírin para Nabókov. Entretanto, mesmo depois de passar a criar em inglês, seus escritos continuam a ter laços tão estreitos com a literatura e cultura russas que a separação de sua origem e formação parece ato artificial.

Assim, levando em conta sua trajetória de percalços e a chamada literatura russa do exílio, observam-se questões emblemáticas do período em questão e suscitam-se questionamentos acerca de sua posição na literatura russa, já que por algumas particularidades, como o fato de ter emigrado duas vezes, ter um conjunto de obras em

russo e um em inglês e se autotraduzir, entre outras, Nabókov não se encaixa simplesmente na literatura russa do exílio, como Nina Berbérova ou Ivan Búnin. Porém, tampouco se encerra como escritor puramente “ocidental”, devido a seu complexo histórico. Transita por escolas várias e não é passível de rótulos, que acabam se provando simplistas e unilaterais.

Todas essas nuances suscitam indagações tais como se era seguidor da tradição clássica ou precursor, se faz parte da literatura russa ou norte-americana. Não se trata de delimitar se ele era russo ou norte-americano, ou se sua obra russa era mais ou menos significativa do que em inglês, mas ver como esses elementos se refletem, mesclam-se e o que significam nas representações literárias, afinal, “Nabókov queria transcender seu status de autor ‘russo’ e substituir esse status com uma nova imagem de autor ‘cosmopolita’ ou ‘trans-nacional’”, como sugere Connolly (2005).

Multifacetado, também se destacou como tradutor e autotradutor, professor e crítico e teórico, e lepidopterologista, um verdadeiro estudioso, o que pode ser comprovado por seus prefácios, a tradução anotada de “Evguêni Oniêguin”, de Púchkin, as cartas e os livros sobre literatura. Para o russo traduziu Lewis Carroll e Romain Roland, para o inglês, Liêrmontov, Tiútchev, Púchkin, entre outros; e, para ambas as línguas, autotraduziu diversas obras de sua autoria.

O Nabókov escritor e autotradutor, que preza a liberdade criativa, ultrapassa as fronteiras de regras e teorias. Imprimindo novo significado às palavras, desautomatiza a linguagem, em um trabalho incessante de lapidação. “Sou bastante contra a ideia de que meus livros sejam julgados por meras descrições de seus conteúdos” (NABOKOV, 1989).

O que não significa em absoluto que seus enredos não sejam complexamente elaborados e meticulosamente construídos, “refletindo durante muito tempo, acumulando, lentamente, e então, de súbito, trabalhando, num ímpeto, dias e dias inteiros, arrancando

tudo de dentro dele, e depois de novo, lentamente, refletindo, verificando, lapidando”, procedimentos criativos expressos em comentário de Berbérova (1970).

Isso se reflete também nas questões representadas em suas obras, e principalmente no modo muito peculiar de construção das narrativas: os jogos com os leitores, a ironia, as surpresas-indícios sutilmente anunciadas ao longo dos textos, em um intermitente encobrir e descobrir em torno de perdas, reminiscências, desdobramentos e acasos, envoltos na névoa de um tempo cíclico e etéreo.

A tradução dos contos de “Primavera em Fialta” descortina como se opera em Nabókov a mescla de influências e heranças culturais, em especial a anglo-saxã, a francesa e a russa, devido a sua vivência, e como esse diálogo intertextual se faz presente na linguagem híbrida e inusitada:

“Na Rússia, Nabokov parecia um pouco um inglês [...]. Na Inglaterra [...] seus amigos parecem ter sido, na maioria, russos, e em Berlim ele viveu uma existência inteiramente russa. Na América ele foi, naturalmente, um intelectual europeu. Finalmente, na Suíça, ele foi uma mistura de todas essas coisas – mas nunca suíço. Essa posição estranha à qualquer classificação parece ter-lhe caído bem [...]. Em termos de sua arte, a Rússia e a América parecem ter inspirado suas melhores obras, mas não há dúvida que seu coração permaneceu com a Rússia – e os russos – de sua infância e juventude.” (PROFFER, 1994)

As escolhas lexicais nabokovianas, pontuais, recorrentes, obsessivas até, suas ambiguidades e manipulações, associadas à temática da irrecuperabilidade, desdobramentos e camadas – até chegar a mínimos que contêm máximos, e como a Rússia permaneceu forte referência em sua obra, apesar dos deslocamentos e descontinuidades linguísticos e físicos: perdido o mundo russo real, é construído na ficção um mundo russo recuperado pela memória.

Um tema bastante recorrente em Nabókov é o da duplicidade, a alteridade, assim como a relação com o outro, de forma interna e externa, já que “tantas de suas personagens são assediadas por duplos, reais ou imaginários” (FRANK, 1992). “Quando Nabókov começou a escrever em inglês, ele introduziu um tipo totalmente novo de ‘outro’ em sua ficção – a própria língua como meio [...] (CONNOLLY, 1992), “elemento crucial na composição literária” (KELLMAN, 2000).

Embora escritores bilíngues não sejam incomuns, “bastante raro é um autor que se torna uma figura central em duas tradições linguísticas”. (KELLMAN, 2000), e pouquíssimos se lançaram no universo da autotradução, como Nabókov, Beckett e Kundera, cada um com suas especificidades.

Como sugere Kellman (2000) a autotradução parece representar também um projeto artístico vital: “No universo de Nabókov, onde língua é identidade, a tradução é uma metáfora de metamorfose geral e eterna instabilidade. A imperfeição da transposição linguística é um lembrete das falhas em toda comunicação e da incomensurabilidade de Eu-mesmo e Outro.”

No caso de Nabókov, as línguas, a criação e a tradução são indissociáveis, e seus prólogos são justificações antecipadas sobre suas liberdades insurrectas, ou seja, responde por sua insubmissão, licenças e concessões, inflexível e irredutível. Falar de uma “re-inglesação de uma re-versão russa do que havia sido um re-contar inglês de memórias russas” não é apenas uma “tarefa diabólica” ou “metamorfoses múltiplas”, senão um trabalho complexo e refinado: Nabókov tem consciência da totalidade de sua obra, russa e inglesa, como uma unidade na diversidade, em conjunto com as traduções e autotraduções, as cartas, as respostas aos leitores e críticos, em que imperam irreverência e insubmissão, ou submissão só a sua língua, sua pluma e suas escolhas.

Os contos de “Primavera em Fialta” (1956) refletem a questão da relação entre idioma, identidade cultural e artística e tradução, com o exílio como pano de fundo, recorte de um contexto histórico e momento artístico muito conturbado e particular.

O processo de alteração da escritura de russo para inglês e de Sírín para Nabókov, que se inicia um pouco antes da partida à América, está estreitamente entrelaçado aos procedimentos tradutórios nabokovianos: Nabókov se apodera da autotradução, desafiando as fronteiras entre Linguagem, Literatura e Tradução em dicotomias poético-prosaicas, tradicional-modernas, e caminhos entre originais e novos originais.

Despertando uma consciência onisciente, onipresente e onipotente do eterno retorno do ato tradutório e da incompletude da expressão diante do pensamento e sentimento, Nabókov entrelaça os limites da Vida, Arte, Ficção, Metáfora e Tradução, transformando transposições de autotradução em infinitos processos de (re)escritura e (re)criação.

REFERÊNCIAS⁹⁵

- AGUIAR, R. F. *Memória de Tradutora com Rosa Freire d'Aguiar*. Florianópolis: Escritório do Livro NUT/UFSC, 2004, 112 p.
- ANTUNES, M. A. G. O respeito pelo original. Uma análise da autotradução a partir do caso de João Ubaldo Ribeiro. Editora: Rio de Janeiro, 2007.
- BEIN, R. Aspectos sociolingüísticos de la autotraducción. In: I JORNADAS INTERNACIONALES DE TRADUCTOLOGÍA, Facultad de Lenguas, Universidad Nacional de Córdoba, 2006.
- BERBEROVA, N. *The mechanics of Pale Fire*. In: APPEL JR., A.; NEWMAN, C. (Ed.). *Nabokov criticism, reminiscences, translations and tributes*, Evanston: Northwestern University Press, 1970. p. 147-159.
- BEZERRA, P. (2002). Prefácio. p. 7-15. In: DOSTOIÉVSKI, F. *O idiota*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 3. ed. 2006, 681 p.
- BOYD, B. *Vladimir Nabokov: The Russian years*. Princeton: Princeton University Press, 1990. 607 p.
- CONNOLLY, J. W. (Ed.). *The Cambridge companion to Nabokov*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 253 p.
- _____. *Nabokov's early fiction: patterns of self and other*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. 279 p.
- _____. *Nabokov and his fiction: new perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 268 p.
- CORTAZAR, J. Valise de cronópio. São Paulo: Perspectiva, 2006. 254 p.
- FERREIRA, M. Estratégias textuais de ressignificação do sentido na tradução do texto Artístico. In: *Língua e Literatura*, n. 26. São Paulo: Humanitas, 2000. p 197-214.
- FRANK, J. *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. Tradução de Paula Cox Rolim e Francisco Achcar. São Paulo: EDUSP, 1992. 259 p.
- FUENTES, S. C. Nabokov e Laferrière, memória do Pays Revê: tradução e alteridade na fronteira entre autobiografia e ficção. 2007. 321 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Letras. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2007.
- GOTLIB, N. B. Teoria do conto. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003. 95 p.

⁹⁵ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

HAMILTON, J. *Biography*. Disponível em <http://www.libraries.psu.edu/nabokov/bio.htm>. Acesso em 07/04/2009.

ISWOLSKY, H. Twenty-five years of Russian emigre literature. *Russian Review*. Lawrence, KS, USA, v. 1., n. 2, 1942, p. 61-73.

KELLMAN, S. G. *The translingual imagination*. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2000. 134 p.

NABOKOV, V. *Lectures on literature*. New York: Harvest, 1980. 380 p. Edited by Fredson Bowers.

_____. *Lectures on Russian literature*. New York: Harvest, 1981. 324 p. Edited by Fredson Bowers.

_____. *Selected letters 1940-1977*. San Diego: Harcourt, 1989. 582 p. Edited by Dmitri Nabokov & Matthew J. Bruccoli.

Набоков, Владимир. *Собрание сочинений в 4 томах*. Москва: Правда, 1990 г. 479 с. (NABOKOV, V. *Obras completas em 4 tomos*. Moscou: Pravda, 1990. 479 p.).

_____. (1973). *Strong opinions*. New York: Vintage Books, 1990. 368 p.

_____. Problems of translation: *Onegin* in English. In: BIGUENET, J.; SCHULTE, R. (Ed.). *Theories of translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida*. Chicago: University Of Chicago Press, 1992. p. 127-143.

_____. *The stories of Vladimir Nabokov*. New York: Vintage, 1997. 663 p.

_____. *Speak, memory: an autobiography revisited*. New York: Knopf, 1999. 268 p.

PARAMANOV, B. *Русская история наконец оправдала себя в литературе*, 2000. (A história russa ao final se justificou na literatura, 2000).

Disponível em: <http://www.guelman.ru/slava/kis/paramonov.htm>. Acesso em 23/09/2008.

PEREDNIK, J. S. *Nabokov y una pequeña teoría sobre la traducción*. XUL Revista de Poesía, n. 9, p. 31-35, 1993.

Disponível em http://www.bc.edu/research/xul/xul_09/xul_09_31.htm. Acesso em 27/11/2007.

SCHEINER, C. L. *Bilingualism and biculturalism in self-translation: Samuel Beckett and Vladímir Nabokov as doubled novelists*. Ph.D. Dissertation. Chicago: The University of Chicago, 2000.

SCHNAIDERMAN, B. Entrevista: Boris Schnaiderman. Entrevista concedida a vários especialistas. *Revista de Estudos Orientais*. São Paulo. FFLCH – USP, n. 5. p. 9-21., 2006.

TANQUEIRO, H. Un traductor privilegiado: el autotraductor. *Quaderns. Revista de Traducció*. Barcelona, n. 3, p. 19-27, 1999.

VERMEER, H. J. A. skopos theory of translation (some arguments for and against). Heidelberg, TEXTconTEXT (Band 1). Resenha de GRBIC, N.; WOLF, M. *TTR Traduction, terminologie, rédaction*. V. 12, n. 2, p. 196-197.

Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/ttr/1999/v12/n2/037381/ar.pdf> . Acesso em 15/09/2007.

VOLKOV, S. *São Petersburgo: uma história cultural*. Tradução de Marco Aarão Reis. São Paulo: Record, 1997. 583 p.

ZHOLKOVSKII, A. Philosophy of composition – on certain aspects of the structure of one literary text. *Readings in Russian Modernism*. Los Angeles: UCLA Slavic Studies, New Series, v. 1, p. 390-398, 1993.

ANEXOS

Anexo I – Tabela de Transliteração

Alfabeto Russo	Adaptação fonética
А а	A, a
Б б	B, b
В в	V, v
Г г	G, g, Gu, gu antes de e, i
Д д	D, d
Е е	E, e, lê, îê, lé, ié
Ё ё	Iô
Ж ж	J, j
З з	Z, z
И и	I, i
Й й	I, i
К к	K, k
Л л	L, l
М м	M, m
Н н	N, n
О о	O, o
П п	P, p
Р р	R, r
С с	S, s, SS, ss (intervocálico)
Т т	T, t
У у	U, u
Ф ф	F, f
Х х	Kh, kh
Ц ц	Ts, ts
Ч ч	Tch, tch
Ш ш	Ch, ch
Щ щ	Sch, sch
Ъ ъ	
Ы ы	I, i
Ь ь	
Э э	E, e
Ю ю	Iú, iú
Я я	Iá, iá

“Traduzir-se é uma tarefa assustadora, [...] olhar para as próprias entranhas e prová-las como se prova uma luva, e descobrir que o melhor dicionário não é um amigo, mas o campo inimigo.” (NABOKOV)

Anexo II – Cotejo Ilustrativo

A seguir, o cotejo ilustrativo dos contos em russo e das traduções do próprio Nabókov ou seu filho para inglês, realizado concomitantemente com as traduções e revisões.

O confronto do russo com a versão em inglês tem caráter ilustrativo e elucidativo: o texto inglês não foi utilizado como base, mas sim como objeto de estudo, como uma forma de interação com o autor.

O cotejo ajudou a aprofundar questões tradutológicas, corroborar a compreensão e interpretação do texto russo, apontar elementos representativos e ilustrar o caráter e grau das mudanças do russo para o inglês.

Foram constatadas diferenças leves: sutilezas, nuances, em geral por se tratar de duas línguas; diferenças consideráveis: adaptações, termos bem diferentes; diferenças totais ou inexistências: omissões e adições, palavras ou trechos completamente novos, termos ou passagens sumariamente descartados, mais, ou menos “justificáveis”. Aqui refere-se a parágrafos inteiros adicionados ou excluídos, mudanças gritantes que suscitam questionamentos, sem, contudo entrar no mérito de juízos de valor.

Além disso, observam-se palavras ou trechos significativos; soluções interessantes que auxiliaram na tradução para o português, algumas das quais extremamente elucidativas, ou opções ideais para trechos ambíguos e passagens mais complexas, que apontam momentos expressivos e representativos da temática, ambiência e léxico nabokovianos.

Para a presente dissertação, estão sublinhadas apenas as diferenças totais ou mais marcadas, para que fiquem nítidas as discrepâncias entre a versão russa e a inglesa, demonstrando a especificidade da tradução do russo, já que se trata de dois textos:

* termos bem diferentes do russo e

* termos omitidos no inglês/termos completamente novos.

É possível perceber nitidamente como o texto inglês se distancia do texto russo. Os destaques em azul-petróleo, adições que não existiam no texto russo, predominam, mas também são copiosos os sublinhados em cinza-claro, de alterações significativas, em especial referentes aos significados.

Há questões mais ou menos simples, mais ou menos complexas, mais ou menos discutíveis, controversas. Em tradução a mudança mais tênue significa. Não significa juízo de valor, mas significa. Se, em geral, cada termo tem no mínimo duas acepções (raramente se encontrará um significado único, unilateral, absoluto), não é estanque, já essa escolha é própria, mais ou menos aleatória, mais ou menos justificável.

O tradutor tem em seus olhos, mente, mãos e palavras a responsabilidade e a coerência de suas escolhas. Optar por uma tradução já é uma escolha em detrimento de outra(s), em meio a sutilezas subliminares. O cotejo suscita questionamentos quanto à noção de significados e significantes, correspondências, da autonomia de uma palavra, texto, em (inter)relação e (cor)relação com outra(s), outro(s). O olhar mediador do leitor, crítico, autor-tradutor, e logo da pesquisadora e, finalmente, nova tradutora, é transpassado por tudo isso.

1. Весна в Фиальте

Весна в Фиальте облачна и скучна. Все мокро: пегие стволы платанов, можжевельник, ограды, гравий. Далеко, в бледном просвете, в неровной раме синеватых домов, с трудом поднявшихся с колен и ошупью ищущих опоры (кладбищенский кипарис тянется за ними), расплывчато очерченная гора св. Георгия менее чем когда-либо похожа на цветные снимки с нее, которые тут же туриста ожидают (с тысяча девятьсот десятого года, примерно, судя по шляпам дам и молодости извозчиков), теснясь в застывшей карусели своей стойки между оскалом камня в аметистовых кристаллах и морским рококо раковин. Ветра нет, воздух тепл, отдает гарью. Море, опоенное и опресненное дождем, тускло оливково; никак не могут вспениться неповоротливые волны.

Именно в один из таких дней раскрываюсь, как глаз, посреди города на крутой улице, сразу вбирая все: и прилавок с открытками, и витрину с распятиями, и объявление заезжего цирка, с углом, слизанным со стены, и совсем еще желтую апельсиновую корку на старой, сизой панели, сохранившей там и сям, как сквозь сон, старинные следы мозаики. Я этот городок люблю; потому ли, что во впадине его названия мне слышится сахаристо-сырой запах мелкого, темного, самого мятого из цветов, и не в тон, хотя внятное, звучание Ялты; потому ли, что его сонная весна особенно умягчает душу, не знаю; но как я был рад очнуться в нем, и вот шлепать вверх, навстречу ручьям, без шапки, с мокрой головой, в макинтоше, надетом прямо на рубашку!

1. Spring in Fialta

Spring in Fialta is cloudy and dull. Everything is damp: the piebald trunks of the plane trees, the juniper shrubs, the railings, the gravel. Far away, in a watery vista between the jagged edges of pale bluish houses, which have tottered up from their knees to climb the slope (a cypress indicating the way), the blurred Mount St. George is more than ever remote from its likeness on the picture postcards which since 1910, say [those straw hats, those youthful cabmen], have been courting the tourist from the sorry-go-round of their prop, among amethyst-toothed lumps of rock and the mantelpiece dreams of seashells. The air is windless and warm, with a faint tang of burning. The sea, its salt drowned in a solution of rain, is less glaucous than gray with waves too sluggish to break into foam.

It was on such a day in the early thirties that I found myself, all my senses wide open, on one of Fialta's steep little streets, taking in everything at once, that marine rococo on the stand, and the coral crucifixes in a shop window, and the dejected poster of a visiting circus, one corner of its drenched paper detached from the wall, and a yellow bit of unripe orange peel on the old, slate-blue sidewalk, which retained here and there a fading memory of ancient mosaic design. I am fond of Fialta; I am fond of it because I feel in the hollow of those violaceous syllables the sweet dark dampness of the most rumped of small flowers, and because the altolike name of a lovely Crimean town is echoed by its viola; and also because there is something in the very somnolence of its humid Lent that especially anoints one's soul. So I was happy to be there again, to trudge uphill in inverse direction to the rivulet of the gutter, hatless, my head wet, my skin already suffused with warmth although I wore only a light mackintosh over my shirt.

Я приехал **ночным** экспрессом, в каком-то своем, паровозном, азарте норовившем набрать с грохотом как можно больше туннелей; **приехал невзначай**, на день, на два, воспользовавшись передышкой посреди делового путешествия. Дома я оставил жену, детей: всегда присутствующую на ясном севере моего естества, всегда плывущую рядом со мной, даже сквозь меня, а все-таки вне меня, систему счастья.

Со ступеньки встал и пошел, с выпученным серым, пупастым животом, мужского пола младенец, ковыляя на калачиках и стараясь нести зараз три апельсина, неизменно один роняя, пока сам не упал, и тогда мгновенно у него все отняла тремя руками девочка с тяжелым ожерельем вокруг смуглой шеи и в длинной, как у цыганки, юбке. Далее, на мокрой террасе кофейни официант вытирал столики; с ним беседовал, опершись с моей стороны на перила, безнадежно усатый продавец сложных, с лунным отливом, сластей в безнадежно полной корзине. Моросить не то перестало, не то Фиальта привыкла, и уже сама не знала, чем дышит, влажным ли воздухом или теплым дождем. На ходу набивая из резинового кисета трубку, прочного вывозного сорта англичанин в **клетчатых** шароварах появился из-под арки и вошел в аптеку, где за стеклом **давно** изнемогали от жажды большие бледные губки в синей вазе. **Боже мой**, какое я ощущал растекающееся по всем жилам наслаждение, как все во мне благодарно отзывалось на шорохи, запахи этого серого дня, насыщенного весной, но в себе еще ее не чующего! Голова у меня была прозрачна после бессонной ночи; я все понимал: свист дрозда в миндальном саду за часовней, и мирную тесноту этих жилых развалин вместо домов, и далекое за вуалью воздуха, дух переводящее море,

I had come on the Capparabella express, which, with that reckless peculiar to trains in mountainous country, had done its thundering best to collect throughout the night as many tunnels as possible. A day or two, just as long as a breathing spell in the midst of a business trip would allow me, was all I expected to stay. I had left my wife and children at home, and that was an island of happiness always present in the clear north of my being, always floating beside me, and even through me, I dare say, but yet keeping on the outside of me most of the time.

A pantless infant of the male sex, with a taut mud-gray little belly, jerkily stepped down from a doorstep and waddled off, bowlegged, trying to carry three oranges at once, but continuously dropping the variable third, until he fell himself, and then a girl of twelve or so, with a string of heavy beads around her dusky neck and wearing a skirt as long as that of a Gypsy, promptly took away the whole lot with her more nimble and more numerous hands. Nearby, on the wet terrace of a cafe, a waiter was wiping the slabs of tables; a melancholy brigand hawking local lollipops, elaborate-looking things with a lunar gloss, had placed a hopelessly full basket on the cracked balustrade, over which the two were conversing. Either the drizzle had stopped or Fialta had got so used to it that she herself did not know whether she was breathing moist air or warm rain. Thumb-filling his pipe from a rubber pouch as he walked, a plus-foured Englishman of the solid exportable sort came from under an arch and entered a pharmacy, where large pale sponges in a blue vase were dying a thirsty death behind their glass. What luscious elation I felt rippling through my veins, how gratefully my whole being responded to the flutters and effluvia of that gray day saturated with a vernal essence which itself it seemed slow in perceiving! ! My nerves were unusually receptive after a sleepless night; I assimilated everything: the whistling of a thrush in the almond trees beyond the chapel, the peace of the crumbling houses, the pulse of the distant sea,

и ревнивый блеск взъерошенных бутылочных осколков по верху стены (за ней штукатурная гордость местного богатея), и объявление цирка, на эту стену наклеенное; пернатый индеец, на всем скаку выбросив лассо, окрутил невозможную зебру, а на тумбах, испещренных звездами, сидят одуроченные слоны.

Тот же англичанин теперь обогнал меня. Мельком, заодно со всем прочим, впитывая и его, я заметил, как, в сторону скользнув большим аквамариновым глазом с воспаленным лузгом, он самым кончиком языка молниеносно облизнулся. Я машинально посмотрел туда же и увидел Нину.

Всякий раз, когда мы встречались с ней, за все время нашего пятнадцатилетнего... назвать в точности не берусь: приательства? романа?.. она как бы не сразу узнавала меня; и ныне тоже она на мгновение осталась стоять, полуобернувшись, натянув тень на шее, обвязанной лимонно-желтым шарфом, в исполненной любопытства, приветливой неуверенности... и вот уже вскрикнула, подняв руки, играя всеми десятью пальцами в воздухе, и посреди улицы, с откровенной пылкостью давней дружбы (с той же лаской, с какой быстро меня крестила, когда мы расставались), всем ртом трижды поцеловала меня и зашагала рядом со мной, вися на мне, прилаживая путем прыжка и глиссады к моему шагу свой, в узкой рыжей юбке с разрезом вдоль голени.

– Фердинандушка здесь, как же, – ответила она и тотчас в свою очередь вежливенько и весело осведомилась о моей жене.

– Шатается где-то с Сегюром, – продолжала она о муже, – а мне нужно кое-что купить, мы сейчас уезжаем. Погоди, куда это ты меня ведешь, Васенька?

panting in the mist, all this together with the jealous green of bottle glass bristling along the top of a wall and the fast colors of a circus advertisement featuring a feathered Indian on a rearing horse in the act of lassoing a boldly endemic zebra, while some thoroughly fooled elephants sat brooding upon their star-spangled thrones.

Presently the same Englishman overtook me. As I absorbed him along with the rest, I happened to notice the sudden side-roll of his big blue eye straining at its crimson canthus, and the way he rapidly moistened his lips – because of the dryness of those sponges, I thought; but then I followed the direction of his glance, and saw Nina.

Every time I had met her during the fifteen years of our – well, I fail to find the precise term for our kind of relationship – she had not seemed to recognize me at once; and this time too she remained quite still for a moment, on the opposite sidewalk, half turning toward me in sympathetic incertitude mixed with curiosity, only her yellow scarf already on the move like those dogs that recognize you before their owners do – and then she uttered a cry, her hands up, all her ten fingers dancing, and in the middle of the street, with merely the frank impulsiveness of an old friendship (just as she would rapidly make the sign of the cross over me every time we parted), she kissed me thrice with more mouth than meaning, and then walked beside me, hanging on to me, adjusting her stride to mine, hampered by her narrow brown skirt perfunctorily slit down the side.

“Oh, yes, Ferdie is here too,” she replied and immediately in her turn inquired nicely after Elena.

“Must be loafing somewhere around with Segur,” she went on in reference to her husband. “And I have some shopping to do; we leave after lunch. Wait a moment, where are you leading me, Victor dear?”

Собственно говоря, назад в прошлое, что я всякий раз делал при встрече с ней, будто повторяя все накопление действия с начала вплоть до последнего добавления, как в русской сказке подбирается уже сказанное при новом толчке вперед. Теперь мы свиделись в туманной и теплой Фиальте, и я не мог бы с большим изяществом праздновать это свидание [перечнем, с виньетками от руки крашенными, всех прежних заслуг судьбы], знай я даже, что оно последнее; последнее, говорю; ибо я не в состоянии представить себе никакую потустороннюю организацию, которая согласилась бы устроить мне новую встречу с нею за гробом.

Я познакомился с Ниной очень уже давно, в тысяча девятьсот семнадцатом, должно быть, судя по тем местам, где время износилось. Было это в какой-то именинный вечер в гостях у моей тетки, в ее Лужском имении, чистой деревенской зимой (как помню первый знак приближения к нему: красный амбар посреди белого поля). Я только что кончил лицей; Нина уже обручилась: ровесница века, она, несмотря на малый рост и худобу, а может быть благодаря им, была на вид значительно старше своих лет, точно так же, как в тридцать два казалась намного моложе. Ее тогдашний жених, боевой офицер из аккуратных, красавец собой, тяжеловатый и положительный, взвешивавший всякое слово на всегда вычищенных и выверенных весах, говоривший ровным ласковым баритоном, делавшимся еще более ровным и ласковым, когда он обращался к ней; словом, один из тех людей, все мнение о которых исчерпывается ссылкой на их совершенную порядочность (прекрасный товарищ, идеал секунданта), и которые, если уже влюбляются, то не просто любят, а боготворят, успешно теперь работает инженером в какой-то очень далекой тропической стране, куда за ним она не последовала.

Back into the past, back into the past, as I did every time I met her, repeating the whole accumulation of the plot from the very beginning up to the last increment – thus in Russian fairy tales the already told is bunched up again at every new turn of the story. This time we had met in warm and misty Fialta, and I could not have celebrated the occasion with greater art, could not have adorned with brighter vignettes the list of fate's former services, even if I had known that this was to be the last one; the last one, I maintain, for I cannot imagine any heavenly firm of brokers that might consent to arrange me a meeting with her beyond the grave.

My introductory scene with Nina had been laid in Russia quite a long time ago, around 1917 I should say, judging by certain left-wing theater rumblings backstage. It was at some birthday party at my aunt's on her country estate, near Luga, in the deepest folds of winter (how well I remember the first sign of nearing the place: a red barn in a white wilderness). I had just graduated from the Imperial Lyceum; Nina was already engaged: although she was of my age and of that of the century, she looked twenty at least, and this in spite or perhaps because of her neat slender build, whereas at thirty-two that very slightness of hers made her look younger. Her fiance was a guardsman on leave from the front, a handsome heavy fellow, incredibly well bred and stolid, who weighed every word on the scales of the most exact common sense and spoke in a velvety baritone, which grew even smoother when he addressed her; his decency and devotion probably got on her nerves; and he is now a successful if somewhat lonesome engineer in a most distant tropical country.

Зажигаются окна и ложатся, с крестом на спине, ничком на темный, толстый снег: ложится меж них и веерный просвет над парадной дверью. Не помню, почему мы все повысыпали из звонкой с колоннами залы в эту неподвижную темноту, населенную лишь елками, распухшими вдвое от снежного дородства: сторожа ли позвали поглядеть на многообещающее зарево далекого пожара, любовались ли мы на ледяного коня, изваянного около пруда швейцарцем моих двоюродных братьев; но воспоминание только тогда приходит в действие, когда мы уже возвращаемся в освещенный дом, ступая гуськом по узкой тропе среди сумрачных сугробов с тем скрип-скрип-скрипом, который, бывало, служил единственной темой зимней неразговорчивой ночи. Я шел в хвосте; передо мной в трех скользких шагах шло маленькое склоненное очертание; елки молча торговали своими голубоватыми пирогами; оступившись, я уронил и не сразу мог нащупать фонарь с мертвой батареей, который мне кто-то всучил, и тотчас привлеченная моим чертыханием, с торопящимся, оживленно тихим, смешное предвкушающим смехом, Нина проворно повернулась ко мне. Я зову ее Нина, но тогда едва ли я знал ее имя, едва ли мы с нею успели что-либо, о чем-либо... “Кто это?” – спросила она любознательно, а я уже целовал ее в шею, гладкую и совсем огненную за шиворотом, накаленную лисьим мехом, навязчиво мне мешавшим, пока она не обратила ко мне и к моим губам не приладила, с честной простотой, ей одной присущей, своих отзывчивых, исполнительных губ.

Но взрывом веселья мгновенно разлучая нас, в сумраке началась снежная свалка, и кто-то, спасаясь, падая, хрустя, хохоча с запышкой, влез на сугроб, побежал, охнул сугроб, произвел ампутацию валенка.

Windows light up and stretch their luminous lengths upon the dark billowy snow, making room for the reflection of the fan-shaped light above the front door between them. Each of the two side pillars is fluffily fringed with white, which rather spoils the lines of what might have been a perfect ex libris for the book of our two lives. I cannot recall why we had all wandered out of the sonorous hall into the still darkness, peopled only with firs, snow-swollen to twice their size; did the watchmen invite us to look at a sullen red glow in the sky, portent of nearing arson? Possibly. Did we go to admire an equestrian statue of ice sculptured near the pond by the Swiss tutor of my cousins? Quite as likely. My memory revives only on the way back to the brightly symmetrical mansion toward which we tramped in single file along a narrow furrow between snowbanks, with that crunch-crunch-crunch which is the only comment that a taciturn winter night makes upon humans. I walked last; three singing steps ahead of me walked a small bent shape; the firs gravely showed their burdened paws. I slipped and dropped the dead flashlight someone had forced upon me; it was devilishly hard to retrieve; and instantly attracted by my curses, with an eager, low laugh in anticipation of fun, Nina dimly veered toward me. I call her Nina, but I could hardly have known her name yet, hardly could we have had time, she and I, for any preliminary; “Who's that?” she asked with interest – and I was already kissing her neck, smooth and quite fiery hot from the long fox fur of her coat collar, which kept getting into my way until she clasped my shoulder, and with the candor so peculiar to her gently fitted her generous, dutiful lips to mine.

But suddenly parting us by its explosion of gaiety, the theme of a snowball fight started in the dark, and someone, fleeing, falling, crunching, laughing, and panting, climbed a drift, tried to run, and uttered a horrible groan: deep snow had performed the amputation of an arctic.

И потом до самого разъезда так мы друг с дружкой ни о чем и не потолковали, не сговаривались насчет тех будущих, вдаль уже тронувшихся, пятнадцати дорожных лет, нагруженных частями наших несобранных встреч, и следя за ней в лабиринте жестов и теней жестов, из которых состоял вечер (его общий узор могу ныне восстановить только по другим, подобным ему, вечерам, но без Нины), я был, помнится, поражен не столько ее невниманием ко мне, сколько чистосердечнейшей естественностью этого невнимания, ибо я еще тогда не знал, что, скажи я два слова, оно сменилось бы тотчас чудной окраской чувств, веселым, добрым, по возможности деятельным участием, точно женская любовь была родниковой водой, содержащей целебные соли, которой она из своего ковшика охотно поила всякого, только напомни.

– Последний раз мы виделись, кажется, в Париже, – заметил я, чтобы вызвать одно из знакомых мне выражений на ее маленьком скуластом лице с темно-малиновыми губами: и действительно: она так усмехнулась, что будто я плоско пошутил или, подробнее, как будто все эти города, где нам рок назначал свидания, на которые сам не являлся, все эти платформы, и лестницы, и чуть-чуть бутафорские переулки, были декорациями, оставшимися от каких-то других доигранных жизней и столь мало относившимися к игре нашей судьбы, что упоминать о них было почти безвкусно.

Я сопровождал ее в случайную лавку под аркадами; там, в бисерной полутьме, она долго возилась, перебирая какие-то красные кожаные кошельки, набитые нежной бумагой, смотря на подвески с ценой, словно желая узнать их возраст; затем потребовала непременно такого же, но коричневого, и когда, после десятиминутного шелеста, именно такой чудом отыскался, она

And soon after, we all dispersed to our respective homes, with out my having talked with Nina, nor made any plans about the future, about those fifteen itinerant years that had already set out toward the dim horizon, loaded with the parts of our unassembled meetings; and as I watched her in the maze of gestures and shadows of gestures of which the rest of that evening consisted (probably parlor games – with Nina persistently in the other camp), I was astonished, I remember, not so much by her inattention to me after that warmth in the snow as by the innocent naturalness of that inattention, for I did not yet know that had I said a word it would have changed at once into a wonderful sunburst of kindness, a cheerful, compassionate attitude with all possible cooperation, as if woman's love were springwater containing salubrious salts which at the least notice she ever so willingly gave anyone to drink.

“Let me see, where did we last meet,” I began (addressing the Fialta version of Nina) in order to bring to her small face with prominent cheekbones and dark-red lips a certain expression I knew; and sure enough, the shake of her head and the puckered brow seemed less to imply forgetfulness than to deplore the flatness of an old joke; or to be more exact, it was as if all those cities where fate had fixed our various rendezvous without ever attending them personally, all those platforms and stairs and three-walled rooms and dark back alleys, were trite settings remaining after some other lives all brought to a close long before and were so little related to the acting out of our own aimless destiny that it was almost bad taste to mention them.

I accompanied her into a shop under the arcades; there, in the twilight beyond a beaded curtain, she fingered some red leather purses stuffed with tissue paper, peering at the price tags, as if wishing to learn their museum names. She wanted, she said, exactly that shape but in fawn, and when after ten minutes of frantic rustling the old Dalmatian found such a freak by a miracle that has puzzled me ever since, Nina,

было взяла из моих рук монеты, но **вовремя** опомнилась, **и мы вышли**, ничего не купив.

Улица была все такая же влажная, неживленная; чадом, волнующим татарскую мою память, несло из голых окон бледных домов; небольшая компания комаров занималась штопанием воздуха над мимозой, которая цвела, спустя рукава до самой земли; двое рабочих в широких шляпах закусывали сыром с чесноком, прислонившись к афишной доске, на которую были наклеены гусар, **укротитель в усах** и оранжевый тигр **на белой подкладке**, причем в стремлении сделать его как можно свирепее художник зашел так далеко, что вернулся с другой стороны, придав его морде кое-что человеческое.

– Au fond⁹⁶, я хотела гребенку, – сказала Нина с поздним сожалением.

Как мне была знакома ее зыбкость, нерешительность, **спохватки**, легкая дорожная суета! Она всегда или только что приехала или сейчас уезжала. Если бы мне надо было **предъявить на конкурс** земного бытия образец ее позы, я бы, пожалуй, поставил ее **у** прилавка в **путевой конторе**, ноги **свиты**, **одна бьет носком линолеум**, локти и сумка на прилавке, **за которым** служащий, **взяв из-за уха** карандаш, раздуливает вместе с ней над планом спального вагона.

В первый раз за границей я встретил ее в Берлине, у знакомых. Я собирался жениться; она только что разошлась с женихом. Я вошел, увидел ее **издали** и машинально, **но безошибочно**, определил, оглянув других мужчин в комнате, кто из них больше знает о ней, чем знал

⁹⁶ В сущности (франц.).

who was about to pick some money out of my hand, changed her mind and went through the streaming beads without having bought anything.

Outside it was just as milky dull as before; the same smell of burning, stirring my Tartar memories, drifted from the bare windows of the pale houses; a small swarm of gnats was busy darning the air above a mimosa, which bloomed listlessly, her sleeves trailing to the very ground; two workmen in broad-brimmed hats were lunching on cheese and garlic, their backs against a circus billboard, which depicted a red hussar and an orange tiger of sorts; curious – in his effort to make the beast as ferocious as possible, the artist had gone so far that he had come back from the other side, for the tiger's face looked positively human.

“Au fond, I wanted a comb,” said Nina with belated regret.

How familiar to me were her hesitations, second thoughts, third thoughts mirroring first ones, ephemeral worries between trains. She had always either just arrived or was about to leave, and of this I find it hard to think without feeling humiliated by the variety of intricate routes one feverishly follows in order to keep that final appointment which the most confirmed dawdler knows to be unavoidable. Had I to submit before judges of our earthly existence a specimen of her average pose, I would have perhaps placed her leaning upon a counter at Cook's, left calf crossing right shin [canela], left toe tapping floor, sharp elbows and coin-spilling bag on the counter, while the employee, pencil in hand, pondered with her over the plan of an eternal sleeping car.

After the exodus from Russia, I saw her – and that was the second time – in Berlin at the house of some friends. I was about to get married; she had just broken with her fiancé. As I entered that room I caught sight of her at once and, having glanced at the other guests, I instinctively determined which of the men knew more about her than

я. Она сидела с ногами в углу дивана, сложив свое небольшое, удобное тело в виде зета; у аблучка стояла на диване пепельница; и всмотревшись в меня, и вслушавшись в мое имя, она отняла от губ длинный, как стебель, мундштук и протяжно, радостно воскликнула: “Нет!” (в значении “глазам не верю”), и сразу всем показалось, ей первой, что мы в давних приятельских отношениях: поцелуя она не помнила вовсе, но зато (через него все-таки) у нее осталось общее впечатление чего-то задушевного, воспоминание какой-то дружбы, в действительности никогда между нами не существовавшей. Таким образом весь склад наших отношений был первоначально основан на небывшем, на мнимом благе, если, однако, не считать за прямое добро ее беспечного, тороватого, дружеского любострастия. Встреча была совершенно ничтожна в смысле сказанных слов, но уже никакие преграды не разделяли нас, и, оказавшись с ней рядом за чайным столом, я бессовестно испытывал степень ее тайного терпения.

Потом она пропадает опять, а спустя год я с женой провожал брата в Вену, и когда поезд, поднимая рамы и отворачиваясь, ушел, и мы направились к выходу по другой стороне дебаркадера, неожиданно около вагона парижского экспресса я увидел Нину, окунувшую лицо в розы, посреди группы людей, мне раздражительно незнакомых, кольцом стоявших и смотревших на неё, как зеваки смотрят на уличное препирательство, найденыша или раненого, то есть явно провожавших ее. Она махнула мне цветами, я познакомил ее с Еленой Константиновной, и на этом ускорявшем жизнь вокзальном ветерке было достаточно обмена нескольких слов для того, чтобы две женщины, между собой во всем различные, уже со следующей встречи друг дружку называли по именам, так свободно уменьшая их, точно они у них порхали на устах с детства. Тогда-то, в синей тени вагона, был впервые упомянут Фердинанд: я узнал, что она выходит

I. She was sitting in the corner of a couch, her feet pulled up, her small comfortable body folded in the form of a Z; an ashtray stood aslant on the couch near one of her heels; and, having squinted at me and listened to my name, she removed her stalk like cigarette holder from her lips and proceeded to utter slowly and joyfully, “Well, of all people –” and at once it became clear to everyone, beginning with her, that we had long been on intimate terms: unquestionably, she had forgotten all about the actual kiss, but somehow because of that trivial occurrence she found herself recollecting a vague sketch of warm, pleasant friendship, which in reality had never existed between us. Thus the whole cast of our relationship was fraudulently based upon an imaginary amity – which had nothing to do with her random good will. Our meeting proved quite insignificant in regard to the words we said, but already no barriers divided us; and when that night I happened to be seated beside her at supper, I shamelessly tested the extent of her secret patience.

Then she vanished again; and a year later my wife and I were seeing my brother off to Posen, and when the train had gone, and we were moving toward the exit along the other side of the platform, suddenly near a car of the Paris express I saw Nina, her face buried in the bouquet she held, in the midst of a group of people whom she had befriended without my knowledge and who stood in a circle gaping at her as idlers gape at a street row, a lost child, or the victim of an accident. Brightly she signaled to me with her flowers; I introduced her to Elena, and in that life-quickenning atmosphere of a big railway station where everything is something trembling on the brink of some thing else, thus to be clutched and cherished, the exchange of a few words was enough to enable two totally dissimilar women to start calling each other by their pet names the very next time they met. That day, in the blue shade of the Paris car, Ferdinand was first mentioned: I learned with a ridiculous pang that she was

за него замуж. Пора было садиться, она быстро, но набожно всех перецеловала, влезла в тамбур, исчезла, а затем сквозь стекло я видел, как она располагалась в купе, вдруг забыв о нас, перейдя в другой мир, и было так, словно все мы, державшие руки в карманах, подглядывали ничего не подозревавшую жизнь за окном, покуда она не очнулась опять, по стеклу барабанила, затем вскидывая глаза, вешая картину, но ничего не получалось; кто-то помог ей, и она высунулась, страшно довольная; один из нас, уже вынужденный шагать, передал ей журнал и Таухниц (по-английски она читала только в поезде), все ускользало прочь с **безупречной** гладкостью, и я держал скомканный до неузнаваемости перронный билет, а в голове **назойливо** звенел, Бог весть почему выплывший из музыкального ящика памяти, другого века **романс** (связанный, говорили, с какой-то парижской драмой любви), который певала **дальняя моя родственница**, старая дева, **безобразная**, с желтым, как церковный воск, лицом, но одержимая таким могучим, упоительно-полным голосом, что он как огненное облако поглощал ее всю, как только она начинала:

On dit que tu te maries,

Tu sais que j'em vais mourir,—

и этот мотив, мучительная обида и музыкой вызванный союз между венцом и кончиной, и самый голос певицы, сопроводивший воспоминание, как собственник напева, несколько часов подряд не давали мне покоя, да и потом еще возникали с растущими перерывами, как последние, все реже и все рассеянное приплескивающие, плоские, мелкие волны или как слепые содрогания слабеющего била,

about to marry him. Doors were beginning to slam; she quickly but piously kissed her friends, climbed into the vestibule, disappeared, and then I saw her through the glass settling herself in her compartment, having suddenly forgotten about us or passed into another world, and we all, our hands in our pockets, seemed to be spying upon an utterly unsuspecting life moving in that aquarium dimness, until she grew aware of us and drummed on the windowpane, then raised her eyes, fumbling at the frame as if hanging a picture, but nothing happened; some fellow passenger helped her, and she leaned out, audible and real, beaming with pleasure; one of us, keeping up with the stealthily gliding car, handed her a magazine and a Tauchnitz (she read English only when traveling); all was slipping away with beautiful smoothness, and I held a platform ticket crumpled beyond recognition, while a song of the last century (connected, it has been rumored, with some Parisian drama of love) kept ringing and ringing in my head, having emerged, God knows why, from the music box of memory, a sobbing ballad which often used to be sung by an old maiden aunt of mine, with a face as yellow as Russian church wax, but whom nature had given such a powerful, ecstatically full voice that it seemed to swallow her up in the glory of a fiery cloud as soon as she would begin:

On dit que tu te maries,

tu sais que j'en vais mourir

and that melody, the pain, the offense, the link between hymen and death evoked by the rhythm, and the voice itself of the dead singer, which accompanied the recollection as the sole owner of the song, gave me no rest for several hours after Nina's departure and even later arose at increasing intervals like the last flat little waves sent to the beach by a passing ship.

после того как звонарь уже сидит снова в кругу своей веселой семьи. А еще через год или два был я по делу в Париже, и у поворота лестницы в гостинице, где я ловил нужного мне актера, мы опять без сговору столкнулись с ней: собираясь вниз, держала ключ в руке. “Фердинанд фехтовать уехал”, – сказала она непринужденно, и посмотрев на нижнюю часть моего лица, и про себя что-то быстро обдумав (любовная сообразительность была у нее бесподобна), повернулась и меня повела, виляя на тонких лодыжках, по голубому бобрику, и на стуле у двери ее номера стоял вынесенный поднос с остатками первого завтрака, следами меда на ноже и множеством крошек на сером фарфоре посуды, но комната была уже убрана, и от нашего сквозняка всосался и застрял волан белыми далями вышитой кисеи промеж оживших половинок дверного окна, выходявшего на узенький чугунный балкон, и лишь тогда, когда мы заперлись, они с блаженным выдохом отпустили складку занавески; а немного позже я шагнул на этот балкончик, и пахло с утренней пустой и пасмурной улицы сиреневатой сизостью, бензином, осенним кленовым листом: да, все случилось так просто, те несколько восклицаний и смешков, которые были нами произведены, так не соответствовали романтической терминологии, что уже негде было разложить парчовое слово: измена; и так как я еще не умел чувствовать ту болезненную жалость, которая отравляла мои встречи с Ниной, я был, вероятно, совершенно весел (уж она-то наверное была весела), когда мы оттуда поехали в какое-то бюро разыскивать какой-то ею утерянный чемодан, а потом отправились в кафе, где был со своей тогдашней свитой ее муж.

Не называю фамилии, а из приличия даже меняю имя этого венгерца, пишущего по-французски, этого известного еще писателя... мне не хотелось бы распространяться о нем, но он выпирает из-под моего пера.

lapping ever more infrequently and dreamily, or like the bronze agony of a vibrating belfry after the bell ringer has already reseated himself in the cheerful circle of his family. And another year or two later, I was in Paris on business; and one morning on the landing of a hotel, where I had been looking up a film actor fellow, there she was again, clad in a gray tailored suit, waiting for the elevator to take her down, a key dangling from her fingers. “Ferdinand has gone fencing,” she said conversationally; her eyes rested on the lower part of my face as if she were lip reading, and after a moment of reflection (her amatory comprehension was matchless), she turned and rapidly swaying on slender ankles led me along the sea-blue carpeted passage. A chair at the door of her room supported a tray with the remains of breakfast – a honey-stained knife, crumbs on the gray porcelain; but the room had already been done, and because of our sudden draft a wave of muslin embroidered with white dahlias got sucked in, with a shudder and knock, between the responsive halves of the French window, and only when the door had been locked did they let go that curtain with something like a blissful sigh; and a little later I stepped out on the diminutive cast-iron balcony beyond to inhale a combined smell of dry maple leaves and gasoline – the dregs of the hazy blue morning street; and as I did not yet realize the presence of that growing morbid pathos which was to embitter so my subsequent meetings with Nina, I was probably quite as collected and carefree as she was, when from the hotel I accompanied her to some office or other to trace a suitcase she had lost, and thence to the cafe where her husband was holding session with his court of the moment.

I will not mention the name (and what bits of it I happen to give here appear in decorous disguise) of that man, that Franco-Hungarian writer. . . . I would rather not dwell upon him at all, but I cannot help it – he is surging up from under my pen.

Теперь слава его потускнела, и это меня радует: значит, не я один противился его демонскому обаянию; не я один испытывал офиологический холодок, когда брал в руки очередную его книгу. Молва о таких, как он, носится резво, но вскоре тяжелеет, охлаждаясь до полужабвения, а уж история только и сохранит, что эпитафию да анекдот. Насмешливый, высокомерный, всегда с цианистым каламбуром наготове, со странным выжидательным выражением египетских глаз, этот мнимый весельчак действовал неотразимо на мелких млекопитающих. В совершенстве изучив природу вымысла, он особенно кичился званием сочинителя, которое ставил выше звания писателя: я же никогда не понимал, как это можно книги выдумывать, что проку в выдумке; и, не убоясь его издевательски любезного взгляда, я ему признался однажды, что будь я литератором, лишь сердцу своему позволял бы иметь воображение, да еще, пожалуй, допускал бы память, эту длинную вечернюю тень истины, но рассудка ни за что не возил бы по маскарадам.

О ту пору, когда я встретился с ним, его книги мне были известны; поверхностный восторг, который я себе сперва разрешал, читая его, уже сменялся легким отвращением. В начале его поприща еще можно было сквозь расписные окна его поразительной прозы различить какой-то сад, какое-то сонно-знакомое расположение деревьев... но с каждым годом роспись становилась все гуще, розовость и лиловизна все грознее; и теперь уже ничего не видно через это страшное драгоценное стекло, и кажется, что если разбить его, то одна лишь ударит в душу черная и совершенно пустая ночь. Но как он опасен был в своем расцвете, каким ядом прыскал, каким бичом хлестал, если его задевали! После вихря своего прохождения он вставлял за собой голую гладь, где ровнехонько лежал бурелом, да вился еще прах, да вчерашний рецензент,

Today one does not hear much about him; and this is good, for it proves that I was right in resisting his evil spell, right in experiencing a creepy chill down my spine whenever this or that new book of his touched my hand. The fame of his likes circulates briskly but soon grows heavy and stale; and as for history it will limit his life story to the dash between two dates. Lean and arrogant, with some poisonous pun ever ready to fork out and quiver at you, and with a strange look of expectancy in his dull brown veiled eyes, this false wag had, I daresay, an irresistible effect on small rodents. Having mastered the art of verbal invention to perfection, he particularly prided himself on being a weaver of words, a title he valued higher than that of a writer; personally, I never could understand what was the good of thinking up books, of penning things that had not really happened in some way or other; and I remember once saying to him as I braved the mockery of his encouraging nods that, were I a writer, I should allow only my heart to have imagination, and for the rest rely upon memory, that long-drawn sunset shadow of one's personal truth.

I had known his books before I knew him; a faint disgust was at ready replacing the aesthetic pleasure which I had suffered his first novel to give me. At the beginning of his career, it had been possible perhaps to distinguish some human landscape, some old garden, some dream-familiar disposition of trees through the stained glass of his prodigious prose . . . but with every new book the tints grew still more dense, the gules and purple still more ominous; and today one can no longer see anything at all through that blazoned, ghastly rich glass and it seems that were one to break it, nothing but a perfectly black void would face one's shivering soul. But how dangerous he was in his prime, what venom he squirted, with what whips he lashed when provoked! The tornado of his passing satire left a barren waste where felled oaks lay in a row, and the dust still twisted, and the unfortunate author of some adverse review,

воя от боли, волчком вертелся во прахе. Гремел тогда по Парижу его “Passage à niveau”, он был очень, как говорится, окружен, и Нина (у которой гибкость и хваткость восполняли недостаток образования) уже вошла в роль, я не скажу музы, но близкого товарищ

мужа-творца; даже более: тихой советницы, чутко скользящей по его сокровенным извилинам, хотя на самом деле вряд ли одолела хоть одну из его книг, изумительно зная их лучшие подробности из разговора избранных друзей. Когда мы вошли в кафе, там играл дамский оркестр; я мимоходом заметил, как в одной из граненых колонн, облицованных зеркалами, отражается страусовая ляжка арфы, а затем тотчас увидел составной стол, за которым, посреди долгой стороны и спиной к плюшу, председательствовал Фердинанд, и на мгновение эта поза его, положение расставленных рук и обращенные к нему лица сотрапезников напомнили мне с кошмарной карикатурностью... что именно напомнили, я сам тогда не понял, а потом, поняв, удивился кощунственности сопоставления, не более кощунственного, впрочем, чем самое искусство его. Он поглядывал на музыку; на нем был под каштановым пиджаком белый вязаный свитер с высоким сборчатым воротом; над зачесанными с висков волосами нимбом стоял папиросный дым, повторенный за ним в зеркале; костистое и, как это принято определять, породистое лицо было неподвижно, только глаза скользили туда и сюда, полные удовлетворения. **Изменив**

заведениям очевидным, где профан склонен был бы искать как раз его, он облюбовал это приличное, скучноватое кафе и стал его завсегдатаем из особого ему крайне свойственного чувства смешного, находя восхитительно забавной именно жалкую приманку этого кафе: оркестр из полудюжины прядущих музыку дам, утомленный и стыдливый, не знающий, по его выражению, куда девать грудь, лишнюю

howling with pain, spun like a top in the dust.

At the time we met, his *Passage à niveau* was being acclaimed in Paris; he was, as they say, “surrounded,” and Nina (whose adaptability was an amazing substitute for the culture she lacked) had already assumed if not the part of a muse at least that of a soul mate and subtle adviser, following Ferdinand's creative convolutions and loyally sharing his artistic tastes; for although it is wildly improbable that she had ever waded through a single volume of his, she had a magic knack of gleaning all the best passages from the shop talk of literary friends.

An orchestra of women was playing when we entered the cafe; first I noted the ostrich thigh of a harp reflected in one of the mirror-faced pillars, and then I saw the composite table (small ones drawn together to form a long one) at which, with his back to the plush wall, Ferdinand was presiding; and for a moment his whole attitude, the position of his parted hands, and the faces of his table companions all turned toward him reminded me in a grotesque, nightmarish way of something I did not quite grasp, but when I did so in retrospect, the suggested comparison struck me as hardly less sacrilegious than the nature of his art itself. He wore a white turtleneck sweater under a tweed coat; his glossy hair was combed back from the temples, and above it cigarette smoke hung like a halo; his bony, pharaohlike face was motionless: the eyes alone roved this way and that, full of dim satisfaction. Having forsaken the two or three obvious haunts where naive amateurs of Montparnassian life would have expected to find him, he had started patronizing this perfectly bourgeois establishment because of his peculiar sense of humor, which made him derive ghoulish fun from the pitiful *specialite de la maison* – this orchestra composed of half a dozen weary-looking, self-conscious ladies interlacing mild harmonies on a dammed platform and not knowing, as he put it, what to do with their motherly bosoms, quite superfluous

в мире гармонии. После каждого номера на него находила эпилепсия рукоплесканий, уже возбуждавших (так мне казалось) первое сомнение в хозяине кафе и в его бесхитростных посетителях, но весьма веселивших приятелей Фердинанда. Тут были: живописец с идеально голой, но слегка обитой головой, которую он постоянно вписывал в свои картины (Саломея с кегельным шаром); и поэт, умевший посредством пяти спичек представить всю историю грехопадения, и благовоспитанный, с умоляющими глазами, педераст: и очень известный пианист, так с лица ничего, но с ужасным выражением пальцев; и молодцеватый советский писатель с ежом и трубочкой, свято не понимавший, в какое общество он попал; сидели тут и еще всякие господа, теперь спутавшиеся у меня в памяти, и из всех двое, трое, наверное, погуляли с Ниной. Она была единственной женщиной за столом, сутулилась, присосавшись к соломинке, и с какой-то детской быстротой понижался уровень жидкости в бокале, и только когда у нее на дне забулькало и запищало, и она языком отставила соломинку, только тогда я наконец поймал ее взгляд, который упорно ловил, все еще не постигая, что она успела совершенно забыть случившееся утром; настолько крепко забыть, что, встретившись со мной глазами, она ответила мне вопросительной улыбкой, и, только всмотревшись, спохватилась вдруг, что следует улыбнуться иначе. Между тем Фердинанд, благо дамы, отодвинув, как мебель, инструменты, временно ушли с эстрады, потешался над севшим неподалеку чужим стариком,

in the world of music. After each number he would be convulsed by a fit of epileptic applause, which the ladies had stopped acknowledging and which was already arousing, I thought, certain doubts in the minds of the proprietor of the cafe and its fundamental customers, but which seemed highly diverting to Ferdinand's friends. Among these I recall: an artist with an impeccably bald though slightly chipped head, which under various pretexts he constantly painted into his eye-and-guitar canvases; a poet, whose special gag was the ability to represent, if you asked him, Adam's Fall by means of five matches; a humble businessman who financed surrealist ventures (and paid for the aperitifs) if permitted to print in a corner eulogistic allusions to the actress he kept; a pianist, presentable insofar as the face was concerned, but with a dreadful expression of the fingers; a jaunty but linguistically impotent Soviet writer fresh from Moscow, with an old pipe and a new wristwatch, who was completely and ridiculously unaware of the sort of company he was in; there were several other gentlemen present who have become confused in my memory, and doubtless two or three of the lot had been intimate with Nina. She was the only woman at the table; there she stooped, eagerly sucking at a straw, the level of her lemonade sinking with a kind of childish celerity, and only when the last drop had gurgled and squeaked, and she had pushed away the straw with her tongue, only then did I finally catch her eye, which I had been obstinately seeking, still not being able to cope with the fact that she had had time to forget what had occurred earlier in the morning – to forget it so thoroughly that upon meeting my glance, she replied with a blank questioning smile, and only after peering more closely did she remember suddenly what kind of answering smile I was expecting. Meanwhile, Ferdinand (the ladies having temporarily left the platform after pushing away their instruments like so many pieces of furniture) was juicily drawing his cronies' attention to the figure of an elderly

с красной штучкой в петлице и седой бородой, в середке вместе с усами образующей уютное желтоватое гнездо для жадно жующего рта. Фердинанда всегда почему-то смешили регалии старости.

Я в Париже пробыл недолго, но за три дня совместного валандания у меня с Фердинандом завязались те жизнерадостные отношения, которые он был такой мастер починать. Впоследствии я даже оказался ему полезен: моя фирма купила у него фабулу для фильма, и уж он тогда замучил меня телеграммами. За эти десять лет мы и на ты перешли, и оставили в двух-трех пунктах небольшие депо общих воспоминаний... Но мне всегда было не по себе в его присутствии, и теперь, узнав, что и он в Фиальте, я почувствовал знакомый упадок душевных сил; только одно ободряло меня: недавний провал его новой пьесы.

И вот уж он шел к нам навстречу, в абсолютно непромокаемом пальто с поясом, клапанами, фотоаппаратом через плечо, в пестрых башмаках, подбитых гуттаперчей, сося невозмутимо (а все же с оттенком смотрите-какое-сосу-смешное) длинный леденец лунного блеска, специальность Фиальты. Рядом с ним чуть пританцовывающей походкой шел Сегюр, хлыщеватый господин с девичьим румянцем до самых глаз и гладкими иссиня-черными волосами, поклонник изящного и набитый дурак; он на что-то был Фердинанду нужен (Нина, при случае, с неподражаемой своей стонущей нежностью, ни к чему не обязывающей, вскользь восклицала: “душка такой, Сегюр”, но в подробности не вдавалась). Они подошли, мы с Фердинандом преувеличенно поздоровались, стараясь побольше втиснуть, зная по опыту, что это, собственно, все, но делая вид, что это только начало; так у нас водилось всегда: после обычной разлуки мы встречались под аккомпанемент взволнованно настраиваемых струн, в суете дружелюбия, в шуме рассаживающихся чувств; но капельдинеры закрывали двери,

luncher in a far corner of the cafe, who had, as some Frenchmen for some reason or other have, a little red ribbon or something on his coat lapel and whose gray beard combined with his mustaches to form a cozy yellowish nest for his sloppily munching mouth. Somehow the trappings of old age always amused Ferdie.

I did not stay long in Paris, but that week proved sufficient to engender between him and me that fake chumminess the imposing of which he had such a talent for. Subsequently I even turned out to be of some use to him: my firm acquired the film rights of one of his more intelligible stories, and then he had a good time pestering me with telegrams. As the years passed, we found ourselves every now and then beaming at each other in some place, but I never felt at ease in his presence, and that day in Fialta too I experienced a familiar depression upon learning that he was on the prowl nearby; one thing, however, considerably cheered me up: the flop of his recent play.

And here he was coming toward us, garbed in an absolutely water proof coat with belt and pocket flaps, a camera across his shoulder, double rubber soles to his shoes, sucking with an imperturbability that was meant to be funny a long stick of moonstone candy, that specially of Fialta's. Beside him walked the dapper, doll-like, rosy Segur, a lover of art and a perfect fool; I never could discover for what purpose Ferdinand needed him; and I still hear Nina exclaiming with a moaning tenderness that did not commit her to anything: "Oh, he is such a darling, Segur!" They approached; Ferdinand and I greeted each other lustily, trying to crowd into handshake and backslap as much fervor as possible, knowing by experience that actually that was all but pretending it was only a preface; and it always happened like that: after every separation we met to the accompaniment of strings being excitedly tuned, in a bustle of geniality, in the hubbub of sentiments taking their seats; but the ushers would close the doors,

и уж больше никто не впускался.

Сегюр пожаловался мне на погоду, а я даже сперва не понял, о какой погоде он говорит: весеннюю, серую, оранжерейно-влажную сущность Фиалты если и можно было назвать погодой, то находилась она в такой же мере вне всего того, что могло служить нам с ним предметом разговора, как худенький Нинин локоть, который я держал между двумя пальцами, или сверкание серебряной бумажки, поодаль брошенной посреди горбатой мостовой. Мы вчетвером двинулись дальше, все с той же целью неопределенных покупок. “Какой чудный индеец!” – вдруг крикнул с неистовым аппетитом Фердинанд, **сильно теребя меня за рукав**, пихая меня и указывая на афишу. Немного дальше, около фонтана, он подарил свой медленный леденец туземной девчонке с ожерельем; мы остановились, чтобы его подождать: присев на корточки, он что-то говорил, обращаясь к ее опущенным, будто смазанным сажей, ресницам, а потом догнал нас, осклабясь и делая одно из тех похабных замечаний, которыми любил орлить свою речь. Затем внимание его привлек выставленный в сувенирной лавке несчастный **уродливый** предмет: каменное подобие горы св. Георгия с черным туннелем у подножия, оказавшимся отверстием чернильницы, и со сработанным в виде железнодорожных рельсов желобом для перьев. Разинув рот, дрожа от ликования, он повертел в руках эту пыльную, громоздкую и совершенно невменяемую вещь, заплатил не торгуясь, и, все еще с открытым ртом, вышел, неся урода. Как деспот окружает себя горбунами и карлами, он пристрашивался к той или другой безобразной вещи, это состояние могло длиться от пяти минут до нескольких дней, и даже дольше, если вещь была одушевленная.

Нина стала мечтать о завтраке и, уловив минуту, когда Фердинанд и Сегюр зашли на почтамт, я поторопился ее увести. Сам не понимаю, что

and after that no one was admitted.

Segur complained to me about the weather, and at first I did not understand what he was talking about; even if the moist, gray, greenhouse essence of Fialta might be called “weather,” it was just as much outside of anything that could serve us as a topic of conversation as was, for instance, Nina's slender elbow, which I was holding between linger and thumb, or a bit of tinfoil someone had dropped, shining in the middle of the cobbled street in the distance.

We four moved on, vague purchases still looming ahead. “God, what an Indian!” Ferdinand suddenly exclaimed with fierce relish, violently nudging me and pointing at a poster. Farther on, near a fountain, he gave his stick of candy to a native child, a swarthy girl with heads round her pretty neck; we stopped to wait for him: he crouched saying something to her, addressing her sooty-black lowered eyelashes, and then he caught up with us, grinning and making one of those remarks with which he loved to spice his speech. Then his attention was drawn by an unfortunate object exhibited in a souvenir shop: a dreadful marble imitation of Mount St. George showing a black tunnel at its base, which turned out to be the mouth of an inkwell, and with a compartment for pens in the semblance of railroad tracks. Open-mouthed, quivering, all agog with sardonic triumph, he turned that dusty, cumbersome, and perfectly irresponsible thing in his hands, paid without bargaining, and with his mouth still open came out carrying the monster. Like some autocrat who surrounds himself with hunchbacks and dwarfs, he would become attached to this or that hideous object; this infatuation might last from five minutes to several days or even longer if the thing happened to be animate.

Nina wistfully alluded to lunch, and seizing the opportunity when Ferdinand and Segur stopped at a post office, I hastened to lead her away. I still wonder what

значила для меня эта маленькая узкоплечая женщина, с пушкинскими ножками (как при мне сказал о ней русский поэт, чувствительный и жеманный, один из немногих людей, вздыхавших по ней платонически), а еще меньше понимаю, чего от нас хотела судьба, постоянно сводя нас. Я довольно долго не видел ее после той парижской встречи, а потом как-то прихожу домой и вижу: пьет чай с моей женой и просматривает на руке с просвечивающим обручальным кольцом какие-то шелковые чулки, купленные по дешевке. Как-то осенью мне показали ее лицо в модном журнале. Как-то на Пасху она мне прислала открытку с яйцом. Однажды, по случайному поручению зайдя к незнакомым людям, я увидел среди пальто на вешалке (у хозяев были гости) ее шубку. В другой раз она кивнула мне из книги мужа из-за строк, относившихся к эпизодической служанке, но приютивших ее (вопреки, быть может, его сознательной воле): “Ее облик, – писал Фердинанд, – был скорее моментальным снимком природы, чем кропотливым портретом, так что припоминая его, вы ничего не удерживали, кроме мелькания разъединенных черт: пушистых на свет выступов скул, янтарной темноты быстрых глаз, губ, сложенных в дружескую усмешку, всегда готовую перейти в горячий поцелуй”. Вновь и вновь она впопыхах появлялась на полях моей жизни, совершенно не влияя на основной текст. Раз, когда моя семья была на даче, а я писал, лежа в постели, в мучительно солнечную пятницу (выколачивали ковры), я услышал ее голос в прихожей: заехала, чтобы оставить какой-то в дорожных орденах сундук, и я никогда не дописал начатого, а за ее сундуком,

exactly she meant to me, that small dark woman of the narrow shoulders and “lyrical limbs” (to quote the expression of a mincing emigre poet, one of the few men who had sighed platonically after her), and still less do I understand what was the purpose of fate in bringing us constantly together. I did not see her for quite a long while after my sojourn in Paris, and then one day when I came home from my office I found her having tea with my wife and examining on her silk-hosed hand, with her wedding ring gleaming through, the texture of some stockings bought cheap in Taentzien strasse. Once I was shown her photograph in a fashion magazine full of autumn leaves and gloves and windswept golf links. On a certain Christmas she sent me a picture postcard with snow and stars. On a Riviera beach she almost escaped my notice behind her dark glasses and terra-cotta tan. Another day, having dropped in on an ill-timed errand at the house of some strangers where a party was in progress, I saw her scarf and fur coat among alien scarecrows on a coatrack. In a bookshop she nodded to me from a page of one of her husband's stories, a page referring to an episodic servant girl, but smuggling in Nina in spite of the author's intention: “Her face,” he wrote, “was rather nature's snapshot than a meticulous portrait, so that when... tried to imagine it, all he could visualize were fleeting glimpses of disconnected features: the downy outline of her pommettes in the sun, the amber tinted brown darkness of quick eyes, lips shaped into a friendly smile which was always ready to change into an ardent kiss.”

Again and again she hurriedly appeared in the margins of my life, without influencing in the least its basic text. One summer morning (Friday – because housemaids were thumping out carpets in the sun dusted yard), my family was away in the country and I was lolling ami smoking in bed when I heard the bell ring with tremendous violence and there she was in the hall having burst in to leave (incidentally) a hairpin and (mainly) a trunk illuminated with hotel labels,

через много месяцев, явился симпатичный немец, который (по невыразимым, но несомненным признакам) состоял в том же, очень международном союзе, в котором состоял и я. Иногда, где-нибудь, среди общего разговора, упоминалось ее имя, и она сбегала по ступеням чьей-нибудь фразы, не оборачиваясь. Попад в пиренейский городок, я провел неделю в доме ее друзей, она тоже гостила у них с мужем, и я никогда не забуду первой ночи, мной проведенной там: как я ждал, как я был убежден, что она проберется ко мне, но она не пришла, и как бесновались сверчки в орошенной луной, дрожащей бездне скалистого сада, как журчали источники, и как я разрывался между блаженной, южной, дорожной усталостью и дикой жадой ее вкрадчивого прихода, розовых щиколок над лебяжьей опушкой туфелек, но гремела ночь, и она не пришла, а когда на другой день, во время общей прогулки по вересковым холмам, я рассказал ей о своем ожидании, она всплеснула руками от огорчения и сразу быстрым взглядом прикинула, достаточно ли удалились спины жестикулирующего Фердинанда и его приятеля. Помню, как я с ней говорил по телефону через половину Европы, долго не узнавая ее лающего голоса, когда она позвонила мне по делу мужа: и помню, как однажды она снилась мне: будто моя старшая девочка прибежала сказать, что у швейцара несчастье, и когда я к нему спустился, то увидел, что там, в проходе, на сундуке, подложив свернутую рогожку под голову, бледная и замотанная в платок, мертвым сном спит Нина, как спят нищие переселенцы на Богом забытых вокзалах. И что бы ни случилось со мной или с ней, а у нее тоже, конечно, бывали свои семейные “заботы-радости” (ее скороговорка), мы никогда ни о чем не расспрашивали друг дружку, как никогда друг о дружке не думали в перерывах нашей судьбы, так что, когда мы встречались, скорость жизни сразу менялась, атомы перемещались, и мы с ней жили в другом, менее плотном, времени,

which a fortnight later was retrieved for her by a nice Austrian boy, who (according to intangible but sure symptoms) belonged to the same very cosmopolitan association of which I was a member. Occasionally, in the middle of a conversation her name would be mentioned, and she would run down the steps of a chance sentence, without turning her head. While traveling in the Pyrenees, I spent a week at the chateau belonging to people with whom she and Ferdinand happened to be staying, and I shall never forget my first night there: how I waited, how certain I was that without my having to tell her she would steal to my room, how she did not come, and the din thousands of crickets made in the delirious depth of the rocky garden dripping with moon light, the mad bubbling brooks, and my struggle between blissful southern fatigue after a long day of hunting on the screens and the wild thirst for her stealthy coming, low laugh, pink ankles above the swan's down trimming of high-heeled slippers, but the night raved on, and she did not come, and when next day, in the course of a general ramble in the mountains, I told her of my waiting, she clasped her hands in dismay – and at once with a rapid glance estimated whether the backs of the gesticulating Ferd and his friend had sufficiently receded. I remember talking to her on the telephone across half of Europe (on her husband's business) and not recognizing at first her eager barking voice; and I remember once dreaming of her: I dreamt that my eldest girl had run in to tell me the doorman was sorely in trouble – and when I had gone down to him, I saw lying on a trunk, a roll of burlap under her head, pale-lipped and wrapped in a woolen kerchief, Nina fast asleep, as miserable refugees sleep in godforsaken railway stations. And regardless of what happened to me or to her, in between, we never discussed anything, as we never thought of each other during the intervals in our destiny, so that when we met the pace of life altered at once, all its atoms were recombined, and we lived in another, lighter tune-medium,

измерявшемся не разлуками, а теми несколькими свиданиями, из которых сбивалась эта наша короткая, мнимо легкая жизнь. И с каждой новой встречей мне делалось тревожнее; при этом подчеркиваю, что никакого внутреннего разрыва чувств я не испытывал, ни тени трагедии нам не сопутствовало, моя супружеская жизнь оставалась неприкосновенной, а с другой стороны Фердинанд (сам эклектик в **плотском быту, изобретательнейшими способами обирающий природу**) предпочитал на жену не оглядываться, хотя, может быть, извлекал косвенную и почти невольную выгоду из ее быстрых связей. Мне делалось тревожно, оттого что попусту тратилось что-то милое, изящное и неповторимое, которым я злоупотреблял, выхватывая наиболее случайные, жалко очаровательные крупы и пренебрегая всем тем скромным, но верным, что, может быть, шепотом обещало оно. Мне было тревожно, оттого что я как-никак принимал Нинину жизнь, ложь и бред этой жизни. Мне было тревожно, оттого что, несмотря на отсутствие разлада, я все-таки был вынужден, хотя бы в порядке отвлеченного толкования собственного бытия, выбирать между миром, где я как на картине сидел с женой, дочками, доберман-пинчером (полевые венки, перстень и тонкая трость), между вот этим счастливым, умным, добрым миром... и чем? Неужели была какая-либо возможность жизни моей с Ниной, жизни едва вообразимой, напоенной наперед страстной, нестерпимой печалью, жизни, каждое мгновение которой прислушивалось бы, дрожа, к тишине прошлого? Глупости, глупости! Да и она, связанная с мужем крепкой каторжной дружбой... Глупости! Так что же мне было делать, Нина, с тобой, куда было сбыть запас грусти, который исподволь уже накопился от повторения наших как будто беспечных, а на самом деле безнадежных встреч.

Фиальта состоит из старого и нового города;

which was measured not by the lengthy separations but by those few meetings of which a short, supposedly frivolous life was thus artificially formed. And with each new meeting I grew more and more apprehensive; no – I did not experience any inner emotional collapse, the shadow of tragedy did not haunt our revels, my married life remained unimpaired, while on the other hand her eclectic husband ignored her casual affairs although deriving some profit from them in the way of pleasant and useful connections. I grew apprehensive because something lovely, delicate, and unrepeatable was being wasted: something which I abused by snapping off poor bright bits in gross haste while neglecting the modest but true core which perhaps it kept offering me in a pitiful whisper. I was apprehensive because, in the long run, I was somehow accepting Nina's life, the lies, the futility, the gibberish of that life. Even in the absence of any sentimental discord, I felt myself bound to seek for a rational, if not moral, interpretation of my existence, and this meant choosing between the world in which I sat for my portrait, with my wife, my young daughters, the Doberman pinscher (idyllic garlands, a signet ring, a slender cane), between that happy, wise, and good world . . . and what? Was there any practical chance of life together with Nina, life I could barely imagine, for it would be penetrated, I knew, with a passionate, intolerable bitterness and every moment of it would be aware of a past, teeming with protean partners. No, the thing was absurd. And moreover was she not chained to her husband by something stronger than love – the staunch friendship between two convicts? Absurd! But then what should I have done with you, Nina, how should I have disposed of the store of sadness that had gradually accumulated as a result of our seemingly careless, but really hopeless meetings?

Fialta consists of the old town and of the new one;

но между собой новый и старый переплелись... и вот борются, не то чтобы распутаться, не то чтобы вытеснить друг друга, и тут у каждого свои приемы: новый борется честно пальмовой просадью, фасадом меняльной конторы, **красным песком тенниса**, старый же из-за угла выползает улочкой на костылях или папертью обвалившейся церкви. Направляясь к гостинице, мы прошли мимо еще не достроенной, еще пустой и сорной внутри, белой виллы, на стене которой: опять все те же слоны, расставя чудовищно-младенческие колени, сидели на тумбищах; в эфирных пачках наездница (уже с надрисованными усами) отдыхала на толстом коне; и клоун с томатовым носом шел по канату, держа зонтик, изукрашенный все теми же звездами: смутное воспоминание о небесной родине циркачей. Тут, в бельэтаже Фиальты, гораздо курортнее хрустел мокрый гравий, и слышнее было ленивое уханье моря. На заднем дворе гостиницы поваренок с ножом бежал за развившей гоночную скорость курицей. Знакомый чистильщик сапог с беззубой улыбкой предлагал мне свой черный престол. Под платанами стояли немецкой марки мотоциклетка, старый грязный лимузин, еще сохранивший идею каретности, и желтая, похожая на жука машина: “Наша, то есть Сегюра, – сказала Нина, добавив: – поезжай-ка ты, Васенька, с нами, а?”, хотя отлично знала, что я не могу поехать. По лаку надкрыльников пролег гуаш неба и ветвей; в металле одного из снарядоподобных фонарей мы с ней сами отразились на миг, проходя по окату, а потом, через несколько шагов, я почему-то оглянулся и как бы увидел то, что действительно произошло через полтора часа: как они втроем усаживались, в автомобильных чепцах, улыбаясь и помахивая мне, прозрачные, как призраки, сквозь которые виден цвет мира, и вот дернулись, тронулись, уменьшились (Нинин последний

here and there, past and present are interlaced, struggling either to disentangle themselves or to thrust each other out; each one has its own methods: the newcomer fights honestly – importing palm trees, setting up smart tourist agencies, painting with creamy lines the red smoothness of tennis courts; whereas the sneaky old-timer creeps out from behind a corner in the shape of some little street on crutches or the steps of stairs leading nowhere. On our way to the hotel, we passed a half-built white villa, full of litter within, on a wall of which again the same elephants their monstrous baby knees wide apart, sat on huge, gaudy drums; in ethereal bundles the equestrienne (already with a penciled mustache) was resting on a broad-backed steed; and a tomato-nosed clown was walking a tightrope, balancing an umbrella ornamented with those recurrent stars – a vague symbolic recollection of the heavenly fatherland of circus performers. Here, in the Riviera part of Fialta, the wet gravel crunched in a more luxurious manner, and the lazy sighing of the sea was more audible. In the backyard of the hotel, a kitchen boy armed with a knife was pursuing a hen which was clucking madly as it raced for its life. A bootblack offered me his ancient throne with a toothless smile. Under the plane trees stood a motorcycle of German make, a mud-bespattered limousine, and a yellow long-bodied Icarus that looked like a giant scarab (“That’s ours – Segur’s, I mean,” said Nina, adding, “Why don’t you come with us, Victor?” although she knew very well that I could not come); in the lacquer of its elytra a gouache of sky and branches was engulfed; in the metal of one of the bomb shaped lamps we ourselves were momentarily reflected, lean film-land pedestrians passing along the convex surface; and then, after a few steps, I glanced back and foresaw, in an almost optical sense, as it were what really happened an hour or so later: the three of them wearing motoring helmets, getting in, smiling and waving to me, transparent to me like ghosts, with the color of the world shining through them, and then they were moving, receding, diminishing (Nina’s last

десятипалый привет): но на самом деле автомобиль стоял еще неподвижно, гладкий и целый, как яйцо, а Нина со мной входила на стеклянную веранду отельного ресторана, и через окно мы уже видели, как (другим путем, чем пришли мы) приближаются Фердинанд и Сегюр.

На веранде, где мы завтракали, не было никого, кроме недавно виденного мной англичанина; на столике перед ним стоял большой стакан с ярко-алым напитком, бросавшим овальный отсвет на скатерть. Я заметил в его прозрачных глазах то же упрямое вождение, которое уже раз видел, но теперь оно никоим образом не относилось к Нине, на нее он не смотрел совершенно, а направлял пристальный, жадный взгляд на верхний угол широкого окна, у которого сидел.

Содрав с маленьких сухощавых рук перчатки, Нина последний раз в жизни ела моллюски, которые так любила. Фердинанд тоже занялся едой, и я воспользовался его голодом, чтобы завести разговор, дававший мне тень власти над ним: именно я упомянул о недавней его неудаче. Пройдя небольшой период модного религиозного прозрения, во время которого и благодать сходила на него, и предпринимались им какие-то сомнительные паломничества, завершившиеся и вовсе скандальной историей, он обратил свои темные глаза на варварскую Москву. Меня всегда раздражало самодовольное убеждение, что крайность в искусстве находится в некоей метафизической связи с крайностью в политике, при настоящем соприкосновении с которой изысканнейшая литература, конечно, становится, по ужасному, еще мало исследованному *свиному закону*, такой же затаканной и общедоступной серединой, как любая идейная дребедень. В случае Фердинанда этот закон, правда, еще не действовал; мускулы его музы были еще слишком крепки (не говоря о том, что ему было наплевать на благосостояние народов), но от этих озорных узоров, не для всех к тому же вразумительных,

ten fingered farewell); but actually the automobile was still standing quite motionless, smooth and whole like an egg, and Nina **under my out stretched arm** was entering a **laurel-flanked doorway**, and as we sat down we could see through the window Ferdinand and Segur, who had come by another way, **slowly** approaching.

There was no one on the veranda where we lunched except the Englishman I had recently observed; in front of him, a long glass containing a bright crimson drink threw an oval reflection on the table cloth. In his eyes, I noticed the same **bloodshot** desire, but now it was in no sense related to Nina; that avid look was not directed at her at all, but was fixed on the upper **right-hand** corner of the broad window near which he was sitting.

Having pulled the gloves off her small thin hands, Nina, for the last time in her life, was eating the shellfish of which she was so fond. Ferdinand also busied himself with food, and I took advantage of his hunger to begin a conversation which gave me the semblance of power over him: to be specific, I mentioned his recent failure. After a brief period of fashionable religious conversion, during which grace descended upon him and he undertook some rather ambiguous pilgrimages, which ended in a decidedly scandalous adventure, he had turned his **dull** eyes toward barbarous Moscow. **Now, frankly speaking**, I have always been irritated by the **complacent** conviction that **a ripple of stream consciousness, a few healthy obscenities, and a dash of communism in any old slop pail will alchemically and automatically produce ultramodern literature;** and I will contend until I am shot that art **as soon as it is brought into contact with** politics **inevitably sinks to the level of** any ideological trash. In Ferdinand's case, it is true, all this **was rather irrelevant**: the muscles of his muse were **exceptionally** strong, to say nothing of the fact that **he didn't care a damn for the plight of the underdog;** but because of **certain obscurely mischievous undercurrents of that sort,**

его искусство стало еще гаже и мертвее. Что касается пьесы, то никто ничего не понял в ней; сам я не видел ее, но хорошо представлял себе эту гиперборейскую ночь, среди которой он пускал по невозможным спиральям разнообразные колеса разъятых символов; и теперь я не без удовольствия спросил его, читал ли он критику о себе.

– Критика! – воскликнул он. – Хороша критика! Всякая темная личность мне читает мораль. Благодарю покорно. К моим книгам притрагиваются с опаской, как к неизвестному электрическому аппарату. Их разбирают со всех точек зрения, кроме существенной. Вроде того, как если бы натуралист, толкуя о лошади, начал говорить о седлах, чепраках или *M-me de V.* (он назвал даму литературного света, в самом деле очень похожую на оскаленную лошадь). Я тоже хочу этой голубиной крови, – продолжал он тем же громким, рвущим голосом, обращаясь к лакею, который понял его желание, посмотрев по направлению перста, бесцеремонно указывавшего на стакан англичанина. Сегюр упомянул имя общего знакомого, художника, любившего писать стекло, и разговор принял менее оскорбительный характер. Между тем англичанин вдруг решительно поднялся, встал на стул, оттуда шагнул на подоконник и, выпрямившись во весь свой громадный рост, снял с верхнего угла оконницы и ловко перевел в коробок ночную бабочку с бобровой спинкой.

– ...это, как белая лошадь Вувермана, – сказал Фердинанд, рассуждая о чем-то с Сегюром.

– *Tu es très hippique ce matin*⁹⁷, – заметил тот.

Вскоре они оба ушли телефонировать. Фердинанд необыкновенно любил эти телефонные звонки дальнего следования и особенно виртуозно снабжал их,

⁹⁷ Ты очень лошадиный с утра (*франц.*).

his art had become still more repulsive. Except for a few snobs none had understood the play; I had not seen it myself, but could well imagine that elaborate Kremlinesque night along the impossible spirals of which he spun various wheels of dismembered symbols; and now, not without pleasure, I asked him whether he had read a recent bit of criticism about himself.

"Criticism!" he exclaimed. "Fine criticism! Every slick jackanapes sees fit to read me a lecture. Ignorance of my work is their bliss. My books are touched gingerly, as one touches something that may go bang. Criticism! They are examined from every point of view except the essential one. It is as if a naturalist, in describing the equine genus, started to jaw about saddles or Mme. de V." (he named a well-known literary hostess who indeed strongly resembled a grinning horse). "I would like some of that pigeon's blood too," he continued in the same loud, ripping voice, addressing the waiter, who understood his desire only after he had looked in the direction of the long-nailed finger which unceremoniously pointed at the Englishman's glass. For some reason or other, Segur mentioned Ruby Rose, the lady who painted flowers on her breast, and the conversation took on a less insulting character. Meanwhile the big Englishman suddenly made up his mind, got up on a chair, stepped from there onto the windowsill, and stretched up till he reached that coveted corner of the frame where rested a compact furry moth, which he deftly slipped into a pillbox.

"... rather like Wouwerman's white horse," said Ferdinand, in regard to something he was discussing with Segur.

"*Tu es très hippique ce matin,*" remarked the latter.

Soon they both left to telephone. Ferdinand was particularly fond of long-distance calls, and particularly good at endowing them,

на любое расстояние, дружеским теплом, когда надобно было, как например сейчас, заручиться даровым ночлегом.

Откуда-то издали доносились звуки трубы и цитры. Мы с Ниной пошли бродить снова. Цирк, видимо, выслал гонцов: проходило рекламное шествие; но мы не застали его начала, так как оно завернуло вверх, в боковую улочку: удалялся золоченый кузов какой-то повозки, человек в бурнуса провел верблюда, четверо неважных индейцев один за другим пронесли на древках плакаты, а сзади, на очень маленьком пони **с очень большой челкой**, благоговейно сидел частный мальчик в матроске.

Помню, мы проходили мимо почти высохшей, но все еще пустой, кофейни; официант осматривал (и, быть может, потом приголубил) страшного подкидыша: нелепый письменный прибор, мимоходом оставленный на перилах Фердинандом. Помню еще: нам понравилась старая каменная лестница, и мы полезли наверх, и я смотрел на острый угол Нининого восходящего шага, когда, подбирая юбку, чему прежде учила длина, а теперь узость, она поднималась по седым ступеням; от нее шло знакомое тепло, и, **поднимаясь мыслью** рядом с ней, я видел нашу предпоследнюю встречу, на званом вечере в парижском доме, где было очень много народу, и мой милый друг Jules Darboux, желая мне оказать какую-то тонкую эстетическую услугу, тронул меня за рукав, говоря: “Я хочу тебя познакомить...”, и подвел меня к Нине, сидевшей в углу дивана, сложившись зетом, с пепельницей у каблучка, и Нина отняла от губ длинный бирюзовый мундштук и радостно, протяжно произнесла: “Нет!”, и потом весь вечер у меня разрывалось сердце, и я переходил со своим липким стаканчиком от группы к группе, иногда издали глядя на нее (она на меня не глядела), слушал разговоры, слушал господина, который другому говорил: “смешно, как они

no matter what the distance, with a friendly warmth when it was necessary, as for instance now, to make sure of free lodgings.

From afar came the sounds of music – a trumpet, a zither. Nina and I set out to wander again. The circus on its way to Fialta had apparently sent out runners: an advertising pageant was tramping by; but we did not catch its head, as it had turned uphill into a side alley: the gilded back of some carriage was receding, a man in a burnoose led a camel, a file of four mediocre Indians carried placards on poles, and behind them, by special permission, a tourist's small son in a sailor suit sat reverently on a tiny pony.

We wandered by a cafe where the tables were now almost dry but still empty; the waiter was examining (I hope he adopted it later) a horrible foundling, the absurd inkstand affair, stowed by Ferdinand on the banisters in passing. At the next corner we were attracted by an old stone stairway, and we climbed up, and I kept looking at the sharp angle of Nina's step as she ascended, raising her skirt, its narrowness requiring the same gesture as formerly length had done; she diffused a familiar warmth, and going up beside her, I recalled the last time we had come together. It had been in a Paris house, with many people around, and my dear friend Jules Darboux, wishing to do me a refined aesthetic favor, had touched my sleeve and said, "I want you to meet –" and led me to Nina, who sat in the corner of a couch, her body folded Z-wise, with an ashtray at her heel, and she took a long turquoise cigarette holder from her lips and joyfully, slowly exclaimed, "Well, of all people –" and then all evening my heart felt like breaking, as I passed from group to group with a sticky glass in my fist, now and then looking at her from a distance (she did not look . . .), and listened to scraps of conversation, and overheard one man saying to another, "Funny, how they

одинаково пахнут, горелым сквозь духи, все эти сухие хорошенькие шатеночки”, и, как часто бывает, пошлость, неизвестно к чему относившаяся, крепко обвилась вокруг воспоминания, питаюсь его грустью.

Поднявшись по лестнице, мы очутились на щербатой площадке: отсюда видна была нежно-пепельная гора св. Георгия с собранием крапинок костяной белизны на боку (какая-то деревушка); огибая подножье, бежал дымок невидимого поезда и вдруг скрылся; еще ниже виден был за разнобоем крыш единственный кипарис, издали похожий на завернутый черный кончик акварельной кисти; справа виднелось море, серое, в светлых морщинах. У ног наших валялся ржавый ключ, и на стене полуразрушенного дома, к которой площадка примыкала, остались висеть концы какой-то проволоки... я подумал о том, что некогда тут была жизнь, семья вкушала по вечерам прохладу, неумелые дети при свете лампы раскрашивали картинки. Мы стояли, как будто слушая что-то; Нина, стоявшая выше, положила руку ко мне на плечо, улыбаясь и осторожно, так чтобы не разбить улыбки, целуя меня. С невыносимой силой я пережил (или так мне кажется теперь) все, что когда-либо было между нами, начиная вот с такого же поцелуя, как этот; и я сказал, наше дешевое, официальное *ты* заменяя тем одухотворенным, выразительным *вы*, к которому кругосветный пловец возвращается, обогащенный кругом: “А что, если я вас люблю?” Нина взглянула, я повторил, я хотел добавить... но что-то, как летучая мышь, мелькнуло по ее лицу, быстрое, странное, почти некрасивое выражение, и она, которая запросто, как в раю, произносила непристойные словечки, смутилась; мне тоже стало неловко... “Я пошутил, пошутил”, – поспешил я воскликнуть, слегка обнимая ее под правую грудь. Откуда-то появился у нее в руках плотный букет темных, мелких, бескорыстно пахучих фиалок, и, прежде чем вернуться к гостинице,

all smell alike, burnt **leaf** through whatever perfume they use, those **angular** dark-haired girls,” and as it often happens, a trivial **remark** related to some unknown **topic coiled** and clung to one's **own intimate** recollection, a **parasite** of its sadness.

At the top of the steps, we found ourselves on a rough kind of terrace. From here one could see the **delicate outline** of the dove-colored Mount St. George with a cluster of bone-white flecks (some hamlet) **on one of its slopes**; the smoke of an indiscernible train undulated along its rounded base – and suddenly disappeared; still lower, above the jumble of roofs, one could perceive a **solitary** cypress, resembling the **moist**-twirled black tip of a watercolor brush; to the right, one caught a glimpse of the sea, which was gray, with **silver** wrinkles. At our feet lay a rusty old key, and on the wall of the half-ruined house adjoining the terrace, the ends of some wire still remained hanging. . . . I reflected that formerly there had been life here, a family **had enjoyed the coolness at nightfall**, clumsy children had colored pictures by the light of a lamp. . . . We lingered there as if listening to something; Nina, who stood on higher ground, put a hand on my shoulder and smiled, and carefully, so as not to crumple her smile, kissed me. With an unbearable force, I relived (or so it now seems to me) all that had ever been between us beginning with a similar kiss; and I said (substituting for our cheap, **formal** “thou” that strangely full and expressive “you” to which the circumnavigator, enriched all around, returns), “**Look here** – what if I love you?” Nina glanced at me, I repeated those words, I wanted to add . . . but something like a bat passed swiftly across her face, a quick, queer, almost ugly expression, and she, who would utter coarse words with perfect simplicity, became embarrassed; I also felt awkward. . . . “**Never mind**, I was only joking,” I hastened to say, lightly encircling her **waist**. From somewhere a firm bouquet of small, dark, unselfishly smelling violets appeared in her hands, and before **she returned to her husband and car**,

мы еще постояли у парапета, и все было по-прежнему безнадежно. Но камень был, как тело, теплый, и внезапно я понял то, чего, видя, не понимал дотоле, почему давеча так сверкала серебряная бумажка, почему дрожал отсвет стакана, почему мерцало море: белое небо над Фиальтой незаметно налилось солнцем, и теперь оно было солнечное сплошь, и это белое сияние ширилось, ширилось, се растворялось в нем, все исчезало, и я уже стоял на вокзале, в Милане, с газетой, из которой узнал, что желтый автомобиль, виденный мной под платанами, потерпел за Фиальтой крушение, влетев на полном ходу в фургон бродячего цирка, причем Фердинанд и его приятель, неуязвимые пройдохи, саламандры судьбы, василиски счастья, отделались местным и временным повреждением чешуи, тогда как Нина, несмотря на свое давнее, преданное подражание им, оказалась все-таки смертной.

we stood for a little while longer by the stone parapet, and our romance was even more hopeless than it had ever been. But the stone was as warm as flesh, and suddenly I understood something I had been seeing without understanding – why a piece of tinfoil had sparkled so on the pavement, why the gleam of a glass had trembled on a tablecloth, why the sea was ashimmer: somehow, by imperceptible degrees, the white sky above Fialta had got saturated with sunshine, and now it was sun-pervaded throughout, and this brimming white radiance grew broader and broader, all dissolved in it, all vanished, all passed, and I stood on the station platform of Mlech with a freshly bought newspaper, which told me that the yellow car I had seen under the plane trees had suffered a crash beyond Fialta, having run at full speed into the truck of a traveling circus entering the town, a crash from which Ferdinand and his friend, those invulnerable rogues, those salamanders of fate, those basilisks of good fortune, had escaped with local and temporary injury to their scales, while Nina, in spite of her long-standing, faithful imitation of them, had turned out after all to be mortal.

2. Круг

Во-вторых: потому что в нем разыгралась бешеная тоска по России. В-третьих, наконец, потому что ему было жаль своей тогдашней молодости – и всего связанного с нею – злости, неуклюжести, жара, – и ослепительно-зеленых утр, когда в роще можно было оглохнуть от иволог. Сидя в кафе и все разбавляя бледнеющую сладость струей из сифона, он вспомнил прошлое со стеснением сердца, с грустью – с какой грустью? – да с грустью, еще недостаточно исследованной нами. Все это прошлое поднялось вместе с поднимающейся от вздоха грудью, – и медленно восстал, расправил плечи покойный его отец, Илья Ильич Бычков, *le maotre d'école chez nous au village*⁹⁸, в пышном черном галстуке бантом, в чесучовом пиджаке, по-старинному высоко застегивающемся, зато и расходящемся высоко, – цепочка поперек жилета, лицо красноватое, голова лысая, однако подернутая чем-то вроде нежной шерсти, какая бывает на вешних рогах у оленя, – множество складочек на щеках, **и мягкие усы**, и мясистая бородавка у носа, словно лишний раз завернулась толстая ноздря. Гимназистом, студентом, Иннокентий приезжал к отцу в Лешино на каникулы, – а если еще углубиться, можно вспомнить, как снесли старую школу в конце села и построили новую. Закладка, молебен на ветру, **К. Н.** Годунов-Чердынцев, бросающий золотой, монета влипает ребром в глину...

⁹⁸ Школьный учитель у нас в деревне (франц.)

2. The Circle

In the second place, because he was possessed by a sudden mad hankering after Russia. In the third place, finally, because he regretted those years of youth and everything associated with it – the fierce resentment, the uncouthness, the ardency, and the dazzlingly green mornings when the coppice deafened you with its golden orioles. As he sat in the cafe and kept diluting with syphoned soda the paling sweetness of his cassis, he recalled the past with a constriction of the heart, with melancholy – what kind of melancholy? – well, a kind not yet sufficiently investigated. All that distant past rose with his breast, raised by a sigh, and slowly his father ascended from the grave, squaring his shoulders: Ilya Ilyich Bychkov, *It maître d'école chez nous au village*, in flowing black tie, picturesquely knotted, and pongee packet, whose buttons began, in the old fashion, high on the breastbone but stopped also at a high point, letting the diverging coat flaps reveal the watch chain across the waistcoat; his complexion was reddish, his head bald yet covered with a tender down resembling the velvet of a deer's vernal antlers; there were lots of little folds along his cheeks, and a fleshy wart next to the nose producing the effect of an additional volute described by the fat nostril. In his high school and college days, Innokentiy used to travel from town on holidays to visit his father at Leshino. Diving still deeper, he could remember the demolition of the old school at the end of the village, the clearing of the ground for its successor, the foundation-stone ceremony, the religious service in the wind, Count Konstantin Godunov-Cherdyntsev throwing the traditional gold coin, the coin sticking edgewise in the clay.

В этом новом, зернисто-каменном здании несколько лет подряд – и до сих пор, то есть по зачислении в штат воспоминаний – светло пахло клеем; в классах лоснились различные пособия – например, портреты луговых и лесных вредителей... но особенно раздражали Иннокентия подаренные Годуновым-Чердынцевым чучела птиц. Извольте заигрывать с народом. Да, он чувствовал себя суровым плебеем, его душила ненависть (или казалось так), когда, бывало, смотрел через реку на заповедное, барское, кондовое, отражающееся черными громадами в воде (и вдруг – молочное облако черемухи среди хвой).

Новая школа строилась на самом пороге века: тогда Годунов-Чердынцев, возвратясь из пятого своего путешествия по Центральной Азии, провел лето с молодой женой – был ровно вдвое ее старше – в своем петербургском имении. До какой глубины спускаешься. Боже мой! – в хрустально-расплывчатом тумане, точно все это происходило под водой. Иннокентий видел себя почти младенцем, входящим с отцом в усадьбу, плывущим по дивным комнатам, – отец движется на цыпочках, держа перед собой скрипучий пук мокрых ландышей, – и все как будто мокро: светится, скрипит и трепещет – и ничего больше нельзя разобрать, – но это сделалось впоследствии воспоминанием стыдным – цветы, цыпочки и вспотевшие виски Ильи Ильича стали тайными символами подбострастия, особенно когда он узнал, что отец был выпутан “нашим барином” из мелкой, но прилипчивой, политической истории – угодил бы в глушь, кабы не его заступничество.

The new building was of a grainy granitic gray on its outside; its inside, for several years and then for another long spell (that is, when it joined the staff of memory) sunnily smelled of glue; the classes were graced with glossy educational appliances such as enlarged portraits of insects injurious to field or forest; but Innokentiy found even more irritating the stuffed birds provided by Godunov-Cherdyntsev. Flirting with the common people! Yes, he saw himself as a stern plebeian: hatred (or so it seemed) suffocated him when as a youth he used to look across the river at the great manorial park, heavy with ancient privileges and imperial grants, casting the reflection of its black amassments onto the green water (with the creamy blur of a racemosa blooming here and there among the fir trees).

The new school was built on the threshold of this century, at a time when Godunov-Cherdyntsev had returned from his fifth expedition to central Asia and was spending the summer at Leshino, his estate in the Government of St. Petersburg, with his young wife (at forty he was twice as old as she). To what a depth one has plunged, good God! In a melting crystalline mist, as if it were all taking place under water, Innokentiy saw himself as a boy of three or four entering the manor house and floating through marvelous rooms, with his father moving on tiptoe, a damp nosegay of lilies of the valley bunched in his fist so tight that they squeaked – and everything around seemed moist too, a luminous, squeaking, quivering haze, which was all one could distinguish – but in later years it turned into a shameful recollection, his father's flowers, tiptoeing progress, and sweating temples darkly symbolizing grateful servility, especially after Innokentiy was told by an old peasant that Ilya Ilyich had been disentangled by “our good master” from a trivial but tacky political affair, for which he would have been banished to the backwoods of the empire had the Count not interceded.

Таня говаривала, что у них есть родственники не только в животном царстве, но и в растительном, и в минеральном. И точно; в честь Годунова-Чердынцева названы были новые виды фазана, антилопы, рододендрона, и даже целый горный хребет (сам он описывал главным образом насекомых). Но эти открытия его, ученые заслуги и тысяча опасностей, пренебрежением к которым он был знаменит, не всех могли заставить относиться снисходительно к его родовитости и богатству. Не забудем, кроме того, чувств известной части нашей интеллигенции, презиравшей всякое неприкладное естествоиспытание и потому упрекавшей Годунова-Чердынцева в том, что он интересуется “Лобнорскими козявками” больше, чем русским мужиком. В ранней юности Иннокентий охотно верил рассказам (идиотическим) о его дорожных наложницах, жестокостях в китайском вкусе и об исполнении им секретных правительственных поручений, в пику англичанам... Его реальный образ оставался смутным: рука без перчатки, бросающая золотой (а еще раньше – при посещении усадьбы – хозяин смешался с голубым калмыком, встреченным в зале). Засим Годунов-Чердынцев уехал в Самарканд или в Верный (откуда привык начинать свои прогулки); долго не возвращался, семья же его, по видимому, предпочитала крымское имение петербургскому, а по зимам жила в столице. Там, на набережной, стоял их двухэтажный, выкрашенный в оливковый цвет особняк. Иннокентию случалось проходить мимо: помнится, в цельном окне, сквозь газовый узор занавески, женственно белелась какая-то статуя, – сахарно-белая ягодица с ямкой. Балкон поддерживали оливковые круторебрые атланты: напряженность их каменных мышц и страдальческий оскал казались пылкому восьмикласснику аллегорией поработленного пролетариата.

Tanya used to say that they had relatives not only in the animal kingdom but also among plants and minerals. And, indeed, Russian and foreign naturalists had described under the specific name of “*godunovi*” a new pheasant, a new antelope, a new rhododendron, and there was even a whole Godunov Range (he himself described only insects). Those discoveries of his, his outstanding contributions to zoology, and a thousand perils, for disregarding which he was famous, could not, however, make people indulgent to his high descent and great wealth. Furthermore, let us not forget that certain sections of our intelligentsia had always held nonapplied scientific research in contempt, and therefore Godunov was rebuked for showing more interest in “Sinkiang bugs” than in the plight of the Russian peasant. Young Innokentiy readily believed the tales (actually idiotic) told about the Count’s traveling concubines, his Chinese-style inhumanity, and the secret errands he discharged for the Tsar – to spite the English. The reality of his image remained dim: an ungloved hand throwing a gold piece (and, in the still earlier recollection, that visit to the manor house, the lord of which got confused by the child with a Kalmuck, dressed in sky blue, met on the way through a reception hall). Then Godunov departed again, to Samarkand or to Vernyi (towns from which he usually started his fabulous strolls), and was gone a long time. Meanwhile his family summered in the south, apparently preferring their Crimean country place to their Petropolitan one. Their winters were spent in the capital. There, on the quay, stood their house, a two-floor private residence, painted an olive hue. Innokentiy sometimes happened to walk by: his memory retained the feminine forms of a statue showing its dimpled sugar-white buttock through the patterned gauze on a whole-glassed window. Olive-brown atlantes with strongly arched ribs supported a balcony: the strain of their stone muscles and their agonizingly twisted mouths struck our hotheaded uppergrader as an allegory of the enslaved proletariat.

И раза два, там же на набережной, ветреной невской весной, он встречал маленькую Годунову-Чердынцеву, с фокстерьером, с гувернанткой, – они проходили как вихрь, – но так отчетливо, – **Тане было тогда, скажем, лет двенадцать**, – она быстро шагала, в высоких зашнурованных сапожках, в коротком синем пальто с морскими золотыми пуговицами, хлеща себя – чем? – кажется, кожаным поводком по синей в складку юбке, – и ледоходный ветер трепал ленты матросской шапочки, и рядом стремилась гувернантка, слегка поотстав, изогнув каракулевый стан, держа на отлете руку, плотно вделанную в курчавую муфту.

Он жил у тетки (портнихи) на Охте, был угрюм, несходчив, учился тяжело, с надсадом, с предельной мечтой о тройке, – но неожиданно для всех с блеском окончил гимназию, после чего поступил на медицинский факультет; при этом благоговение его отца перед Годуновым-Чердынцевым таинственно возросло. Одно лето он провел на кондиции под Тверью; когда же, в июне следующего года, приехал в Лешино, узнал не без огорчения, что усадьба за рекой ожила.

Еще об этой реке, о высоком берегу, о старой купальне: к ней, ступеньками, с жабой на каждой ступеньке, спускалась глинистая тропинка, начало которой не всякий отыскал бы среди ольшаника за церковью. Его постоянным товарищем по речной части был Василий, сын кузнеца, малый неопределимого возраста – сам в точности не знал, пятнадцать ли ему лет или все двадцать – коренастый, корявый, в залатанных брючках, с громадными босыми ступнями, окраской напоминающими грязную морковь, и такой же мрачный, каким был о ту пору сам Иннокентий.

Once or twice, on that quay, in the beginning of the gusty Neva spring, he glimpsed the little Godunov girl with her fox terrier and governess; they positively whirled by, yet were so vividly outlined: Tanya wore boots laced up to the knee and a short navy-blue coat with knobbed brass buttons, and as she marched rapidly past, she slapped the pleats of her short navy-blue skirt – with what? I think with the dog leash she carried – and the Ladoga wind tossed the ribbons of her sailor cap, and a little behind her sped her governess, karakul-jacketed, her waist flexed, one arm thrown out, the hand encased in a muff of tight-curved black fur.

He lodged at his aunt's, a seamstress, in an Okhta tenement. He was morose, unsociable, applied ponderous groaning efforts to his studies while limiting his ambition to a passing mark, but to everybody's astonishment finished school brilliantly and at the age of eighteen entered St. Petersburg University as a medical student – at which point his father's worship of Godunov-Cherdyntsev mysteriously increased. He spent one summer as a private tutor with a family in Tver. By May of the following year, 1914, he was back in the village of Leshino – and discovered not without dismay that the manor across the river had come alive.

More about that river, about its steep bank, about its old bathhouse. This was a wooden structure standing on piles; a stepped path, with a toad on every other step, led down to it, and not everyone could have found the beginning of that clayey descent in the alder thicket at the back of the church. His constant companion in riparian pastimes was Vasiliy, the blacksmith's son, a youth of indeterminable age (he could not say himself whether he was fifteen or a full twenty), sturdily built, ungainly, in skimpy patched trousers, with huge bare feet dirty carrot in color, and as gloomy in temper as was Innokentiy at the time.

Гармониками отражались сваи в воде, свиваясь и развиваясь; под гнилыми мостками купальни журчало, чмокало; черви вяло шевелились в запачканной землей жестянке из-под монпансье. Натянув сочную долю червяка на крючок, так, чтобы нигде не торчало острое, и сдобрив молодца сакраментальным плевком, Василий спускал через перила отягощенную свинцом лесу. Вечерело; через небо протягивалось что-то широкое, перистое, фиолетово-розовое, – воздушный кряж с отрогами, – и уже шныряли летучие мыши – с подчеркнутой беззвучностью и дурной быстротой перепончатых существ. Между тем рыба начинала клевать, – и, пренебрегая удочкой, попросту держа в пальцах лесу, натуженную, вздрагивающую, Василий чуть-чуть подергивал, испытывая прочность подводных судорог, и вдруг вытаскивал пескаря или плотву; небрежно, даже с каким-то залихватским хрустом, рвал крючок из маленького, круглого, беззубого рта рыбы, которую затем пускал (безумную, с розовой кровью на разорванной жабре) в стеклянную банку, где уже плавал, выпятив губу, бычок. Особенно же бывало хорошо в теплую пасмурную погоду, когда шел незримый в воздухе дождь, расходясь по воде взаимно пересекающимися кругами, среди которых там и сям появлялся другого происхождения круг, с внезапным центром, – прыгнула рыба или упал листок, – сразу, впрочем, поплывший по течению. А какое наслаждение было купаться под этим теплым **ситником**, на границе смешения двух однородных, но по-разному сложенных, стихий – толстой речной воды и тонкой воды небесной! Иннокентий купался с толком и долго потом растирался полотенцем.

The **pinewood** piles cast concertina-shaped reflections that wound and unwound on the water. Gurgling and smacking sounds came from under the rotten planks of the bathhouse. In a **round**, earth-soiled tin box **depicting a horn of plenty** – **it had once contained cheap fruit** drops – worms wriggled **listlessly**. Vasiliy, taking care that the point of the hook would not stick through, pulled a **plump** segment of worm over it, **leaving the rest to hang free**; then seasoned the rascal with sacramental spittle and **proceeded** to lower the lead-weighted **line** over the outer railing of the bathhouse. Evening had come. Something **resembling** a broad **fan** of violet-pink plumes or an aerial mountain range with lateral spurs spanned the sky, and the bats were already flitting, with the overstressed soundlessness and evil speed of membraned beings. The fish had begun to bite, and scorning the use of a rod, simply holding the **tensing** and jerking line **between finger and thumb**, Vasiliy tugged at it ever so slightly to test the solidity of the underwater spasms – and suddenly landed a roach or a gudgeon. Casually, and even with a kind of devil-may-care crackling **snap**, he would wrench the hook out of the toothless round little mouth and place the frenzied **creature** (rosy blood **oozing** from a torn gill) in a glass jar where already a chevin was swimming, its **lower** lip stuck out. **Angling** was especially good in warm **overcast** weather when rain, invisible in the air, **covered** the water with mutually intersecting **widening** circles, among which appeared here and there a circle of different origin, with a sudden center: the jump of a fish that vanished at **once** or the fall of a leaf that immediately **sailed away** with the current. And how delicious it was to go bathing beneath that tepid **drizzle**, on the blending line of two homogeneous but differently shaped elements – the thick river water and the slender celestial one! Innokentiy **took his dip** **intelligently** and **indulged** afterwards in a long rubdown with a towel.

Крестьянские ребяташки, те барахтались до изнеможения, – наконец выскакивали – и, дрожа, стуча зубами, с полоской мутной сопли от ноздри ко рту, натягивали штаны на мокрые ляжки.

В то лето он был еще угрюмее обычного и с отцом едва говорил, – все больше отбуркиваясь и хмыкая. Со своей стороны Илья Ильич испытывал в его присутствии странную неловкость, – особенно потому, что полагал, с ужасом и умилением, что сын, как и он сам в юности, живет всей душою в чистом мире нелегального. Комната Ильи Ильича: пыльный луч солнца; на столике, – сам его смастерил, выжег узор, покрыл лаком, – в плюшевой рамке фотография покойной жены, – такая молодая, в платье с бертами, в кушаке-корсетике, с прелестным овальным лицом (овальность лица в те годы совпадала с понятием женской красоты): рядом – стеклянное пресс-папье с перламутровым видом внутри и матерчатый петушок для вытирания перьев; в простенке портрет Льва Толстого, всецело составленный из набранного микроскопическим шрифтом “Холстомера”. Иннокентий спал в соседней комнатке, на кожаном диване. После долгого, вольного дня спалось превосходно; случалось однако, что иная греза принимала особый оборот, – сила ощущения как бы выносила его из круга сна, – и некоторое время он оставался лежать, как проснулся, боясь из брезгливости двинуться.

По утрам он шел в лес, зажав учебник под мышку, руки засунув за шнур, которым подпоясывал белую косоворотку. Из-под сдвинутой набок фуражки живописными, коричневыми прядями волосы налезали на бугристый лоб, хмурились сросшиеся брови, – был он недурен собой, хотя чересчур губаст.

The peasant boys, per contra, kept floundering till complete exhaustion; finally, shivering, with chattering teeth and a turbid snot trail from nostril to lip, they would **hop on one foot** **to** pull their pants up to their wet thighs.

That summer **Innokentiy** was gloomier than ever and scarcely spoke to his father, **limiting himself** to mumbles and “hms.” Ilya Ilyich, on his part, experienced an odd embarrassment in his **son's** presence – mainly because he assumed, with terror and tenderness, that Innokentiy lived wholeheartedly in the pure world of the **underground** as he had himself **at that age**. **Schoolmaster Bychkov's** room: **motes** of dust in a **slanting** sunbeam; **lit by that beam**, a small table he had made **with his own hands**, varnishing **the top** and **adorning it with** a pyro-graphic design; **on the table**, a photograph of his wife in a velvet frame – so young, in **such a nice** dress, with a little pelerine and a corset-belt, charmingly oval-faced (that ovality coincided with the idea of feminine beauty **in the 1890s**); next to **the photograph** a crystal paperweight with a mother-of-pearl **Crimean** view inside, and a cockerel of cloth for wiping pens; **and on the wall above**, between two casement windows, a portrait of Leo Tolstoy, entirely composed of **the text of one of his stories** printed in microscopic type. Innokentiy slept on a leathern couch in an adjacent smaller chamber. After a long day **in the open air** he slept soundly; sometimes, however, a dream image would take an **erotic** turn, the force of its **thrill** would carry him out of the sleep circle, and for several moments he would remain lying **as he was**, squeamishness **preventing him from** moving.

In the morning he would go to the woods, a **medical** manual under his arm and both hands thrust under the tasseled cord girding his white Russian blouse. His university cap, worn askew **in conformance to left-wing custom**, allowed locks of brown hair to fall on his bumpy forehead. His eyebrows were knitted in a **permanent** frown. He might have been quite good-looking had his lips been less blubbery.

В лесу он усаживался на толстый ствол березы, недавно поваленной грозой (и до сих пор всеми своими листьями трепещущей от удара), курил, заграждал книгой путь торопившимся муравьям или предавался мрачному раздумью. Юноша одинокий, впечатлительный, обидчивый, он особенно остро чувствовал социальную сторону вещей. Так, ему казалось омерзительным все, что окружало летнюю жизнь Годуновых-Чердынцевых, – скажем, их челядь, – “челядь”, повторял он, сжимая челюсти, со сладострастным отвращением. Тут имелся в виду и жирненький шофер, его веснушки, вельветовая ливрея, оранжевые краги, крахмальный воротничок, подпиравший рыжую складку затылка, который наливался кровью, когда у каретного сарая он заводил машину, тоже противную, обитую снутри глянцевитопунцовой кожей; и седой лакей с бакенбардами, откусывавший хвосты новорожденным фокстерьерам; и гувернер-англичанин, шагавший, бывало, через село без шапки, в макинтоше и белых штанах, что служило поводом для мальчишек острить насчет “крестного хода” или “подштанников”; и бабы-поденщицы, приходившие по утрам выпалывать аллеи под надзором глухого сутулого старичка в розовой рубашке, с особым форсом и древней ревностью подметавшего напоследок у самого крыльца... Иннокентий, все с той же книгой под мышкой, – что мешало сложить руки крестом, как хотелось бы, – стоял, прислонясь к дереву в парке, и сумрачно глядел на то, на се, на сверкающую крышу белого дома, который еще не проснулся...

В первый раз, кажется, он их увидел с холма: на дороге, холм огибающей, появилась кавалькада, – впереди Таня, по-мужски верхом на высокой, ярко-гнедой лошади, рядом с ней сам Годунов-Чердынцев, неприметный господин на низкорослом, мышастом иноходце; за ними – англичанин в галифе, еще кто-то; сзади – Танин брат

Once in the forest, he seated himself on a thick birch bole which had been felled not long before by a thunderstorm (and still quivered with all its leaves from the shock), and smoked, and obstructed with his book the trickle of hurrying ants or lost himself in dark meditation. A lonely, impressionable, and touchy youth, he felt overkeenly the social side of things. He loathed the entire surroundings of the Godunovs' country life, such as their menials – “menials,” he repeated, wrinkling his nose in voluptuous disgust. In their number he included the plump chauffeur, with his freckles, corduroy livery, orange-brown leggings, and starched collar propping a fold of his russet neck that used to flush purple when, in the carriage shed, he cranked up the no less revolting convertible upholstered in glossy red leather; and the senile flunky with gray side-whiskers who was employed to bite off the tails of newborn fox terriers; and the English tutor who could be seen striding across the village, hatless, raincoated, white-trousered – which had the village boys allude wittily to underpants and bare-headed religious processions; and the peasant girls, hired to weed the avenues of the park morning after morning under the supervision of one of the gardeners, a deaf little hunchback in a pink shirt, who in conclusion would sweep the sand near the porch with particular zest and ancient devotion. Innokentiy with the book still under his arm – which hindered his crossing his arms, something he would have liked to do – stood leaning against a tree in the park and considered sullenly various items, such as the shiny roof of the white manor which was not yet astir.

The first time he saw them that summer was in late May (Old Style) from the top of a hill. A cavalcade appeared on the road curving around its base: Tanya in front, astraddle, boylike, on a bright bay, next Count Godunov-Cherdyntsev himself, an insignificant-looking person riding an oddly small mouse-gray pacer; behind them the breeched Englishman; then some cousin or other; and coming last, Tanya's brother

мальчик лет тринадцати, который вдруг пришпорил коня, перегнал всех и карьером пронесся в гору, работая локтями, как жокей.

После этого были еще другие случайные встречи, а потом... Ну-с, пожалуйста: жарким днем в середине июня...

Жарким днем в середине июня по сторонам дороги размашисто двигались косари, – то к правой, то к левой ключице прилипала рубаха, – “Бог помощь”, – сказал Илья Ильич, проходя; он был в парадной панаме, нес букет ночных фиалок. Иннокентий молча шагал рядом, вращая ртом (лушил семечки). Приближались к усадьбе. На площадке для игры в лоун-теннис тот же глухой розовый старичок в фартуке макал кисть в ведро и проводил, согнувшись до земли и пятясь, толстую сливочную черту. “Бог помощь”, – сказал Илья Ильич, проходя.

Стол был накрыт в аллее, русский пятнистый свет играл на скатерти. Экономка, в горжетке, со стальными, зачесанными назад волосами, уже разливала шоколад по темно-синим чашкам, которые разносили лакеи. Былолюдно и шумно в саду, множество гостей – родственники и соседи. Годунов-Чердынцев (весьма пожилой, с желтовато-пепельной бородкой и морщинами у глаз), поставив ногу на скамью, играл с фокстерьером, заставляя его прыгать, – собака не только прыгала очень высоко, стараясь хапнуть мокрый мячик, но даже ухитрялась, висая в воздухе, еще подвытянуться, с добавочной судорогой всего тела. Елизавета Павловна шла через сад с другой дамой, всплескивая руками, что-то живо на ходу рассказывая, – высокая, румяная, в большой дрожащей шляпе.

a boy of thirteen or so, who suddenly spurred his mount, overtook everybody, and dashed up the steep **bit to the village**, working his elbows jockey-fashion.

After that there followed **several** other chance encounters and finally – all right, here we go. **Ready?** On a hot day in mid-June –

On a hot day in mid-June the mowers went swinging along on both sides of the path **leading to the manor**, and each mower's **shin stuck in alternate rhythm now** to the right shoulder blade, now to the left. “May God assist you!” said Ilya Ilyich **in a passerby's traditional salute to men at work**. He wore **his best hat**, a panama, and carried a bouquet of **mauve bog orchids**. Innokentiy walked alongside in silence, his mouth in circular motion (he was cracking sunflower seeds **between his teeth and munching at the same time**). They were nearing the manor park. At **one end of** the tennis court the deaf pink dwarf gardener, **now wearing a workman's** apron, soaked a brush in a pail and, bent in two, walked backward as he traced a thick creamy line on the ground. “May God assist you,” said Ilya Ilyich in passing.

The table was laid in the **main** avenue; Russian dappled **sun**light played on the tablecloth. The housekeeper, wearing a gorget, her steely hair **smoothly** combed back, was already in the act of **ladling out** chocolate which the footmen **were serving** in dark-blue cups. **At close-range the Count looked his age:** **there were ashy streaks** in his yellowish beard, and wrinkles **fanned out from eye to temple**; he had placed his foot on **the edge of a garden** bench and was making a fox terrier jump: the dog jumped not only very high, trying to hup the **already** wet ball **he was holding**, but actually contrived, while hanging in **mid** air, to jerk itself still higher by an additional twist of its entire body. **Countess** Elizaveta **Godunov**, a tall rosy woman in a big wavery hat, was coming **up from** the garden with another lady **to whom** she was vivaciously talking, and making **the Russian** two-hand splash gesture of uncertain dismay.

Илья Ильич с букетом стоял и кланялся... В пестром мареве (ибо Иннокентий, несмотря на небольшую репетицию гражданского презрения, проделанную накануне, находился в сильнейшем замешательстве) мелькали молодые люди, бегущие дети, чья-то шаль с яркими маками по черному, второй фокстерьер, – а главное, главное! скользящее сквозь тень и свет, еще неясное, но уже грозящее роковым обаянием, лицо Тани, которой исполнялось сегодня шестнадцать лет.

Уселись. Он оказался в самом тенистом конце стола, где сидевшие не столько говорили между собой, сколько смотрели, все одинаково повернув головы, туда, где был говор и смех, и великолепный, атласисто-розовый пирог, утыканный свечками, и восклицания детей, и лай обоих фокстерьеров, чуть не прыгнувших на стол... а здесь как бы соединялись кольцами липовой тени люди разбора последнего: улыбавшийся как в забытии Илья Ильич; некрасивая девица в воздушном платье, пахнувшая потом от волнения; старая француженка с недобрыми глазами, державшая под столом на коленях незримое крохотное существо, изредка звеневшее бубенчиком... Соседом Иннокентия оказался брат управляющего, человек тупой, скучный, притом заика; Иннокентий разговаривал с ним только потому, что смертельно боялся молчать, и хотя беседа была изнурительная, он с отчаяния за нее держался, – зато позже, когда уже зачастил сюда и случайно встречал беднягу, не говорил с ним никогда, избегая его, как некую западню или воспоминание позора.

Вращаясь, медленно падал на скатерть липовый летунок.

Там, где сидела знать, Годунов-Чердынцев громко говорил через стол со старухой в кружевах, говорил

Ilya Ilyich stood with his bouquet and bowed. In this varicolored haze (as perceived by Innokentiy, who, despite having briefly rehearsed on the eve an attitude of democratic scorn, was overcome by the greatest embarrassment) there flickered young people, running children, somebody's black shawl embroidered with gaudy puppies, a second fox terrier, and above all, above all, those eyes gliding through shine and shade, those features still indistinct but already threatening him with fatal fascination, the face of Tanya whose birthday was being fêted.

Everybody was now seated. He found himself at the shade end of the long table, at which end convives did not indulge so much in mutual conversation as keep looking, all their heads turned in the same direction, at the brighter end where there was loud talk, and laughter, and a magnificent pink cake with a satiny glaze and sixteen candles, and the exclamations of children, and the barking of both dogs that had all but jumped onto the table – while here at this end the garlands of linden shade linked up people of the meanest rank: Ilya Ilyich, smiling in a sort of daze; an ethereal but ugly damsel whose shyness expressed itself in onion sweat; a decrepit French governess with nasty eyes who held in her lap under the table a tiny invisible creature that now and then emitted a tinkle; and so forth. Innokentiy's direct neighbor happened to be the estate steward's brother, a blockhead, a bore, and a stutterer; Innokentiy talked to him only because silence would have been worse, so that despite the paralyzing nature of the conversation, he desperately tried to keep it up; later, however, when he became a frequent visitor, and chanced to run into the poor fellow, Innokentiy never spoke to him, shunning him as a kind of snare or shameful memory.

Rotating in slow descent, the winged fruit of a linden lit on the tablecloth.

At the nobility's end Godunov-Cherdyntsev raised his voice, speaking across the table to a very old lady in a lacy gown, and as he spoke

держа за гибкую талию дочь, которая стояла подле и подбрасывала на ладони мячик. Некоторое время Иннокентий боролся с сочным кусочком пирога, очутившимся вне тарелки, – и вот, от неловкого прикосновения, перевалившимся и – под стол, – малиновый увалень (там его и оставим). Илья Ильич все улыбался впустую, обсасывал усы; кто-то попросил его передать печение, – он залился счастливым смехом и передал. Вдруг над самым ухом Иннокентия раздался быстрый задыхающийся голос: Таня, глядя на него без улыбки и держа в руке мяч, предлагала – хотите с нами пойти? – и он жарко смутился, выбрался из-за стола, толкнув соседа, – не сразу мог выпростать правую ногу из-под общей садовой скамейки.

О ней говорили: какая хорошенькая барышня; у нее были светло-серые глаза под котиковыми бровями, довольно большой, нежный и бледный рот, острые резцы, – и когда она бывала нездорова или не в духе, заметны становились волоски над губой. Она страстно любила все летние игры, во все играла ловко, с какой-то очаровательной сосредоточенностью, – и, конечно, само собой прекратилось простодушное ужение пескарей с Василием, который недоумевал, – что случилось? – появлялся вдруг, около школы, под вечер, и манил Иннокентия, неуверенно осклабясь и поднимая на уровень лица жестянку с червями, – и тогда Иннокентий внутренне содрогался, сознавая свою измену народу. Между тем, от новых знакомых радости было мало. Так случилось, что к центру их жизни он все равно не был допущен, а пребывая на ее зеленой периферии, участвуя в летних забавах, но никогда не попадая в самый дом. Это бесило его; он жаждал приглашения только затем, чтобы высокомерно отказаться от него, – да и вообще все время был начеку, хмурый, загорелый, лохматый с постоянной игрой челюстных

encircled with one arm the graceful waist of his daughter who stood near and kept tossing up a rubber ball on her palm. For quite a time Innokentiy tussled with a luscious morsel of cake that had come to rest beyond the edge of his plate. Finally, following an awkward poke, the damned raspberry stuff rolled and tumbled under the table (where we shall leave it). His father either smiled vacantly or licked his mustache. Somebody asked him to pass the biscuits; he burst into happy laughter and passed them. All at once, right above Innokentiy's ear, there came a rapid gasping voice: unsmilingly, and still holding that ball, Tanya was asking him to join her and her cousins; all hot and confused, he struggled to rise from table, pushing against his neighbor in the process of disengaging his right leg from under the shared garden bench.

When speaking of her, people exclaimed, "What a pretty girl!" She had light-gray eyes, velvet-black eyebrows, a largish, pale, tender mouth, sharp incisors, and – when she was unwell or out of humor – one could distinguish the dark little hairs above her lip. She was inordinately fond of all summer games, tennis, badminton, croquet, doing everything deftly, with a kind of charming concentration – and, of course, that was the end of the artless afternoons of fishing with Vasiliy, who was greatly perplexed by the change and would pop up in the vicinity of the school toward evening, beckoning Innokentiy with a hesitating grin and holding up at face level a canful of worms. At such moments Innokentiy shuddered inwardly as he sensed his betrayal of the people's cause. Meanwhile he derived not much joy from the company of his new friends. It so happened that he was not really admitted to the center of their existence, being kept on its green periphery, taking part in open-air amusements, but never being invited into the house. This infuriated him; he longed to be asked for lunch or dinner just to have the pleasure of haughtily refusing; and, in general, he remained constantly on the alert, sullen, suntanned, and shaggy, the muscles of his clenched jaws

желваков, – и всякое танино слово как бы отбрасывало в его сторону маленькую тень оскорбления, и Боже мой, как он их всех ненавидел, – ее двоюродных братьев, подруг, веселых собак... Внезапно все это бесшумно смешалось, исчезло, – и вот, в бархатной темноте августовской ночи, он сидит на парковой калитке и ждет; покалывает засунутая между рубашкой и телом записка, которую, как в старых романах, ему принесла босая девчонка. Лаконический призыв на свидание показался ему издевательством, но все-таки он поддался ему – и был прав: от ровного шороха ночи отделился легкий хруст шагов. Ее приход, ее бормотание и близость были для него чудом; внезапное прикосновение ее холодных, проворных пальцев изумило его чистоту. Сквозь деревья горела огромная, быстро поднимавшаяся луна. Обливаясь слезами, дрожа и солеными губами слепо тычась в него, Таня говорила, что завтра уезжает с матерью на юг, и что все кончено, о, как можно было быть таким непонятливым... “Останьтесь, Таня”, – взмолился он, но поднялся ветер, она зарыдала еще пуще... Когда же она убежала, он остался сидеть неподвижно, слушая шум в ушах, а погода пошел прочь по темной и как будто шевелившейся дороге, и потом была война с немцами, и вообще все как-то расплзлось, – но постепенно стянулось снова, и он уже был ассистентом профессора Бэра (Berh) на чешском курорте, а в 1924 году, что ли, работал у него же в Савойе, и однажды – кажется в Шамони – попался молодой советский геолог, разговорились, и, упомянув о том, что тут пятьдесят лет тому назад погиб смертью простого туриста Федченко (исследователь Ферганы!), геолог добавил,

twitching – and feeling that every word Tanya said to her playmates cast an insulting little shadow in his direction, and, good God, how he hated them all, her boy cousins, her girl friends, the frolicsome dogs. Abruptly, everything dimmed in noiseless disorder and vanished, and there he was, in the deep blackness of an August night, sitting on a bench at the bottom of the park and waiting, his breast prickly because of his having stuffed between shirt and skin the note which, as in an old novel, a barefooted little girl had brought him from the manor. The laconic style of the assignation led him to suspect a humiliating practical joke, yet he succumbed to the summons – and rightly so: a light crunch of footfalls detached itself from the even rustle of the night. Her arrival, her incoherent speech, her nearness struck him as miraculous; the sudden intimate touch of her cold nimble fingers amazed his chastity. A huge, rapidly ascending moon burned through the trees. Shedding torrents of tears and blindly nuzzling him with salt-tasting lips, Tanya told him that on the following day her mother was taking her to the Crimea, that everything was finished, and – oh, how could he have been so obtuse! “Don’t go anywhere, Tanya!” he pleaded, but a gust of wind drowned his words, and she sobbed even more violently. When she had hurried away he remained on the bench without moving, listening to the hum in his ears, and presently walked back in the direction of the bridge along the country road that seemed to stir in the dark, and then came the war years – ambulance work his father’s death – and after that, a general disintegration of things, but gradually life picked up again, and by 1920 he was already the assistant of Professor Behr at a spa in Bohemia, and three or four years later worked, under the same lung specialist, in Savoy, where one day, somewhere near Chamonix, Innokentiy happened to meet a young Soviet geologist; they got into conversation, and the latter mentioned that it was here, half a century ago, that Fedchenko, the great explorer of Fergana, had died the death of an ordinary tourist, how strange (the geologist added)

что вот постоянно так случается: этих отважных людей смерть так привыкла преследовать в диких горах и пустынях, что уже без особого умысла, шутя, задевает их при всяких других обстоятельствах и к своему же удивлению застаёт их врасплох, – вот так погибли и Федченко, и Северцев, и Годунов-Чердынцев, не говоря уже об иностранных классиках, – Спик, Дюмон-Дюрвиль... А еще через несколько лет Иннокентий был проездом в Париже и, посетив по делу коллегу, уже бежал вниз по лестнице, надевая перчатку, когда на одной из площадок вышла из лифта высокая сутуловатая дама, в которой он мгновенно узнал Елизавету Павловну. “Конечно, помню вас, еще бы не помнить”, – произнесла она, глядя не в лицо ему, а как-то через его плечо, точно за ним стоял кто-то (она чуть косила). “Ну, пойдемте к нам, голубчик”, – продолжала она, выйдя из мгновенного оцепенения, и отвернула носком угол толстого, пресыщенного пылью, мата, чтобы достать из-под него ключ. Иннокентий вошел за ней, мучась, ибо никак не мог вспомнить, что именно рассказывали ему по поводу того, как и когда погиб ее муж.

А потом пришла домой Таня, вся как-то уточнившаяся за эти двадцать лет, с уменьшившимся лицом и подобревшими глазами, – сразу закурила, засмеялась, без стеснения вспоминая с ним то отдаленное лето, – и он все дивился, что и Таня, и ее мать не поминают покойного и так просто говорят о прошлом, а не плачут навзрыд, как ему, чужому, хотелось плакать, – или может быть держали фасон? Появилась бледная, темноголовая девочка лет десяти, – “А вот моя дочка, – ну пойді сюда”, – сказала Таня,

that **it should** always turn out that way: death gets so used to pursuing fearless men in wild mountains and deserts that it also keeps coming at them in jest, without any special intent **to harm**, in **all** other circumstances, and to **its** own surprise catches them napping. Thus perished Fedchenko, and Severtsev, and Godunov-Cherdyntsev, as well as many foreigners of classic **fame** – Speke, Dumont d'Urville. **And after several years more spent in medical research, far from the cares and concerns of political expatriation,** Innokentiy happened to be in Paris **for a few hours** for a business **interview** with a colleague, and was already running downstairs, gloving one hand, when, on one of the landings, a tall stoop-shouldered lady **emerged** from the lift – and he at once recognized **Countess** Elizaveta Godunov-Cherdyntsev. “Of course I remember you, how could I not remember?” she said, gazing not at his face but over his shoulder as if somebody were standing behind him (she had a slight squint). “Well, come in, my dear,” she continued, recovering from a momentary trance, and with the point of her shoe turned back a corner of the thick doormat, replete with dust, to get the key. Innokentiy entered after her, tormented by the fact that he could not recall what he had been told exactly about the how and the when of her husband's death.

And a few moments later Tanya came home, all her features fixed more clearly now **by the etching needle of years**, with a smaller face and kinder eyes; she immediately lit a cigarette, laughing, and without the least embarrassment recalling that distant summer, while he kept marveling that neither Tanya nor her mother mentioned the dead **explorer** and spoke so simply about the past, instead of bursting into the awful sobs that he, a stranger, **kept fighting back** – or were those two **displaying**, perhaps, the **self-control peculiar to their class**? **They were soon joined** by a pale dark-haired little girl about ten years of age: “This is my daughter, come here, **darling**,” said Tanya,

суя порозовевший окурок в морскую раковину, служившую пепельницей. Вернулся домой Танин муж, Кутасов, – и Елизавета Павловна, встретив его в соседней комнате, предупредила о госте на своем вывезенном из России, домашнем французском языке: “Le fils du maître d'école chez nous au village”⁹⁹, – и тут Иннокентий вспомнил, как Таня сказала раз подруге, намекая на его (красивые) руки, “regarde ses mains”¹⁰⁰, – и теперь, слушая, как девочка, с чудесной, отечественной певучестью отвечает на вопросы матери, он успел злорадно подумать: “Небось, теперь не на что учить детей по-иностранному”, т. е. не сообразил сразу, что ныне в этом русском языке и состоит как раз самая праздная, самая лучшая роскошь.

Беседа не ладилась; Таня, что-то спутав, уверяла, что он ее когда-то учил революционным стихам о том, как деспот пирует, а грозные буквы давно на стене уж чертит рука роковая. “Другими словами, первая стенгазета”, – сказал Кутасов, любивший острить. Еще выяснилось, что танин брат живет в Берлине, и Елизавета Павловна принялась рассказывать о нем... Вдруг Иннокентий почувствовал: ничто-ничто не пропадает, в памяти накаплиются сокровища, растут скрытые склады в темноте, в пыли, – и вот кто-то проезжий вдруг требует у библиотекаря книгу, не выдававшуюся двадцать лет. Он встал, простился, его не очень задерживали. Странно: дрожали ноги. Вот какая потрясающая встреча. Перейдя через площадь, он вошел в кафе, заказал напиток, привстал, чтобы вынуть из-под себя свою же задавленную шляпу. Какое ужасное на душе беспокойство... А было ему беспокойно по нескольким причинам. Во-первых, потому что Таня оказалась такой же привлекательной, такой же неуязвимой, как и некогда.

⁹⁹ “Сын школьного учителя у нас в деревне” (франц.)

¹⁰⁰ “Посмотри на его руки” (франц.)

putting her cigarette butt, now stained with lipstick, into a seashell that served as an ashtray. Then her husband, Ivan Ivanovich Kutaysov, came home, and the Countess, meeting him in the next room, was heard to identify their visitor, in her domestic French brought over from Russia, as “*le fils du maître d'école chez nous au village*,” which reminded Innokentiy of Tanya saying once in his presence to a girlfriend of hers whom she wanted to notice his very shapely hands: “*Regarde ses mains*”; and now, listening to the melodious, beautifully idiomatic Russian in which the child replied to Tanya's questions, he caught himself thinking, malevolently and quite absurdly, Aha, there is no longer the money to teach the kids foreign languages! – for it did not occur to him at that moment that in those emigre times, in the case of a Paris-born child going to a French school, this Russian language represented the idlest and best luxury.

The Leshino topic was falling apart; Tanya, getting it all wrong, insisted that he used to teach her the pre-Revolution songs of radical students, such as the one about “the despot who feasts in his rich palace hall while destiny's hand has already begun to trace the dread words on the wall.” “In other words, our first *stengazeta*” (Soviet wall gazette), remarked Kutaysov, a great wit. Tanya's brother was mentioned: he lived in Berlin, and the Countess started to talk about him. Suddenly Innokentiy grasped a wonderful fact: nothing is lost, nothing whatever; memory accumulates treasures, stored-up secrets grow in darkness and dust, and one day a transient visitor at a lending library wants a book that has not once been asked for in twenty-two years. He got up from his seat, made his adieus, was not detained overeffusively. How strange that his knees should be trembling. That was really a shattering experience. He crossed the square, entered a café, ordered a drink, briefly rose to remove his own squashed hat from under him. What a dreadful feeling of uneasiness. He felt that way for several reasons. In the first place, because Tanya had remained as enchanting and as invulnerable as she had been in the past.

3. Королек

Собираются, стягиваются с разных мест вызываемые предметы, причем иным приходится преодолевать не только даль, но и давность: с кем больше хлопот, с тем кочевником или с этим ■ с молодым тополем, скажем, который рос поблизости, но **теперь** давно срублен, или с выбранным двором, существующим и по сей час, но находящимся далеко отсюда? Поторопитесь, пожалуйста.

Вот овальный тополек в своей апрельской пунктирной зелени уже **пришел** и стал, где ему приказано ■ у высокой кирпичной стены – целиком выписанной из другого города. Напротив вырастает дом, **большой**, мрачный и грязный, и один за другим выдвигаются, как ящики, плохонькие балконы. **Там и сям** распределяются по двору: бочка, еще бочка, легкая тень листвы, какая-то урна и каменный крест, прислоненный к стене. И **хотя** все это только намечено, и еще многое нужно дополнить и доделать, но на один из балкончиков уже выходят живые люди – братья Густав и Антон, – а во двор вступает, катя тележку с чемоданом и кипой книг, новый жилец – Романтовский.

Со двора, особенно **если** день солнечный **и окна настежь раскрыты**, комнаты кажутся налитыми густой чернотой (всегда где-нибудь да бывает ночь – часть суток внутри, а часть снаружи). Романтовский посмотрел на черные окна, на двоих пучеглазых мужчин, наблюдавших за ним с балкона, и, подняв чемодан на плечо, качнувшись, точно кто хватил его по затылку, ввалился в **дом**. В блеске солнца остались тележка с книгами, бочка, другая бочка, мигающий тополек и надпись дегтем

3. The Leonardo

The objects that are being summoned assemble, draw near from different spots, **in doing so**, some of them have to overcome not only the distance of space but that of time: which nomad, **you may wonder**, is more bothersome **to cope with**, this one or that, the young poplar, say, that **once** grew in the vicinity but was cut down long ago, or the singled-out courtyard which still exists today but is situated far away from here? Hurry up, please.

Here comes the ovate little poplar, all punctated with April greenery, and takes its stand where told, **namely** by the tall brick wall, **imported in one piece** from another city. Facing it, there grows up a dreary and dirty **tenement** house, with mean little balconies pulled out one by one like drawers. **Other bits of scenery** are distributed about the yard: a barrel, a second barrel, the delicate shade of **leaves**, an urn **of sorts**, and a stone cross propped **at the foot** of the wall. All this is only sketched and much has to be added and finished, and yet **two** live people – Gustav and **his brother** Anton – already come out on **their** **tiny** balcony, while rolling **before him** a little pushcart with a suitcase and a heap of books, Romantovski, the new lodger, enters the yard.

As seen from the yard, and especially on a bright day, the rooms **of the house** seem filled up with dense blackness (night is always **with us**, **in this or that place**, inside, **during** one part of twenty-four hours, outside, **during** the other). Romantovski looked up at the black **open** windows, at the two frog-eyed men watching him from **their** balcony, and shouldering his bag **—** with a **forward** lurch as if someone had banged him on the back of the head – plunged into the **doorway**. There remained, **sunlit** the pushcart with the books, one barrel, another barrel, the nictating **young** poplar and an inscription in tar

на кирпичной стене. **Голосуйте за список номер такой-то.** Ее перед выборами намалевали, вероятно, братья.

Мы устроим мир так: всяк будет потен, и всяк будет сыт. Будет работа, будет что жрать, будет чистая, теплая, светлая...

(Романтовский вселился в соседнюю. Она была еще хуже ихней. Но под кроватью он нашел гуттаперчевую куколку: **тут до него жил, должно быть,** семейный).

Однако, несмотря на то, что мир не обратился еще окончательно и полностью в **состояние вещественности,** а еще хранил **там и сям** области неосязаемые и неприкосновенные, братья чувствовали себя **в жизни** плотно и уверенно. Старший, Густав, **служил** на мебельном **складе;** младший находился временно без работы, но не унывал. Сплошь розовое лицо Густава с длинными, торчащими, **лняными** бровями. Его широкая, как шкаф, грудная клетка, и вечный пуловер из крутой серой шерсти **и** резинки на сгибах толстых рук, — **чтобы ничего не делалось спустя рукава.** Оспой **выщербленное** лицо Антона с **темными** усами, подстриженными трапецией. Его красная фуфайка и жилистая худощавость. Но когда они оба облакачивались на **железные** перильца балкона, зады были у них **точь-в-точь** одинаковые **—** большие, торжествующие, туго обтянутые по окатам одинаковым клетчатым сукном.

Еще раз: мир будет потен и сыт. Бездельникам, паразитам и музыкантам вход воспрещен. Пока сердце качает кровь, нужно жить, черт возьми. Густав вот уже два года Копил деньги, чтобы жениться на Анне, купить буфет, ковер.

По вечерам раза три в неделю она приходила **—** **дебелая,** полные руки, широкая переносица в веснушках, свинцовая тень под глазами,

on the brick wall. **VOTE FOR (illegible)**. Presumably it had been scrawled by the brothers before the elections.

Now this is the way we'll arrange the world: every man shall sweat, every man shall eat. There will be work, there will be belly-cheer, there will be a clean, warm, sunny

(Romantovski became the occupant of the adjacent one. It was even drabber than theirs. But under the bed he discovered a small rubber doll. He concluded that his predecessor had been a family man.)

Despite the world's not having yet conclusively and totally turned into solid matter and still retaining sundry regions of an intangible and hallowed nature, the brothers felt snug and confident. The elder one, Gustav, had a furniture-moving job; the younger happened to be temporarily unemployed, but did not lose heart. Gustav had an evenly ruddy complexion, bristling fair eyebrows, and an ample, cupboardlike torso always clothed in a pullover of coarse gray wool. He wore elastic bands to hold his shirtsleeves at the joints of his fat arms, so as to keep his wrists free and prevent sloppiness. Anton's face was pockmarked, he trimmed his mustache in the shape of a dark trapezoid, and wore a dark red sweater over his spare wiry frame. But when they both leaned their elbows on the balcony railings, their backsides were exactly the same, big and triumphant, with identically checkered cloth enclosing tightly their prominent buttocks.

Repeat: the world shall be sweaty and well fed. Idlers, parasites, and musicians are not admitted. While one's heart pumps blood one should live, damn it! For two years now Gustav had been saving money to marry Anna, acquire a sideboard, a carpet.

She would come every other evening, that plump-armed buxom woman, with freckles on the broad bridge of her nose, a leaden shadow under her eyes,

раздвинутые зубы, из которых один к тому же выбит. Втроем дули пиво. Она **поднимала** к затылку голые руки, показывая блестящее рыжее **оперение** **под** мышками, **и**, закинув голову, так **разевала** рот, что **было видно** все небо и **язычок** **гортани**, похожий на узок вареной курицы. Обоим братьям **был по вкусу** ее **анатомический смех**, они **усердно** щекотали ее.

Днем, пока брат был на работе, Антон сидел в дружественном кабаке или валялся среди одуванчиков на холодной и яркой еще траве на берегу канала и следил с завистью, как громкие молодцы грузят уголь на баржу, или бессмысленно смотрел вверх, в праздное голубое небо, навевающее сон. Но вот,— что-то в налаженной жизни братьев заскочило.

Еще тогда, когда Романтовский вкатывал тележку во двор, он возбудил в них и раздражение и любопытство. Безошибочным своим нюхом они почуяли: этот — не как все. Обыкновенный смертный ничего бы такого на первый взгляд в Романтовском не увидел, но братья увидели. Он, например, ходил не как все: ступая, особенно приподнимался на упругой подошве **и** ступит и взлетит, точно на каждом шагу была возможность разглядеть нечто незаурядное поверх заурядных голов. Был он что называется дылда, с бледным востроносом лицом и ужасно беспокойными глазами. Из коротких рукавов двубортного пиджака с какой-то назойливой и никчемной очевидностью (вот и мы, что нам делать?) вылезали длинные кисти рук. Уходил он и приходил в неопределенные часы. В один из первых же дней Антон видел, как он **стоит** у книжного лотка и приценивается, или даже купил, ибо торговец проворно побил одну книжку о другую — пыльные —

and spaced teeth one of which, moreover, had been knocked out. The brothers and she would swill beer. She had a way of clasping her bare arms behind her nape, displaying the gleaming-wet red tufts of her armpits. With head thrown back, she opened her mouth so generously that one could survey her entire palate and uvula, which resembled the tail end of a boiled chicken. The anatomy of her mirth was greatly to the liking of the two brothers. They tickled her with zest.

In the daytime, while his brother worked, Anton sat in a friendly pub or sprawled among the dandelions on the cool, still vividly green grass along the canal bank and observed with envy exuberant roughs loading coals on a barge, or else stared stupidly at the empty blue of the sleep-inducing sky. But presently in the well-oiled life of the brothers some obstruction occurred.

From the very moment he had appeared, rolling his pushcart into the yard, Romantovski had provoked a mixture of irritation and curiosity in the two brothers. Their infallible flair let them sense that here was someone different from other people. Normally, one would not discern anything special in him at a casual glance, but the brothers did. For example, he walked differently: at every step he rose on a buoyant toe in a peculiar manner, stepping and flying up as if the mere act of treading allowed him a chance to perceive something uncommon over the common heads. He was what is termed a “slank,” very lean, with a pale sharp-nosed face and appallingly restless eyes. Out of the much too short sleeves of his double-breasted jacket his long wrists protruded with a kind of annoying and nonsensical obviousness (“here we are: what should we do?”). He went out and came home at unpredictable hours. On one of the first mornings Anton caught sight of him near a bookstand; he was pricing, or had actually bought something, because the vendor nimbly beat one dusty volume against another

и зашел с ними за лоток. Выяснились и другие причуды: свет горит почти всю ночь; необщителен.

Раздается голос Антона:

– Этот франт зазнается. Надо бы посмотреть на него поближе.

– Я ему продам трубку, – сказал Густав.

Туманное происхождение трубки. Ее как-то принесла Анна, но братья признавали только сигарки. Дорогая, еще необкуренная, с полым вставным стерженьком в прямом мундштуке. К ней ■ замшевый чехольчик.

– Кто там? Что вам нужно? – спросил Романтовский через дверь.

– Соседи, соседи, – ответил Густав басом.

И соседи вошли, жадно озираясь. На столе обрубок колбасы на бумажке и стопка криво сложенных книг ■ одна раскрыта на картинке ■ многопарусные корабли и сверху в углу летящий младенец с надутыми щеками.

– Давайте знакомиться, – сказали братья. – Живем бок о бок, можно сказать, а все как-то...

На комоде спиртовка и два апельсина.

– Рад познакомиться, – тихо сказал Романтовский и, присев на край постели, наклонив лоб с налившейся жилой, принялся шнуровать башмаки.

– Вы отдыхали, – сказал с грозной вежливостью Густав, – мы к вам не вовремя ■

Тот ничего, ничего не ответил; но вдруг выпрямился, повернулся к окну, поднял палец и замер.

Братья посмотрели ■ окно как окно ■ облако, макушка тополя, стена напротив.

– Вы разве не видите? – спросил Романтовский.

and carried them to his nook behind the stand. Additional eccentricities were noted: his light remained on practically until dawn; he was oddly unsociable.

We hear Anton's voice: "That fine gentleman shows off. We should give him a closer look."

"I'll sell him the pipe," said Gustav.

The misty origins of the pipe. Anna had brought it over one day, but the brothers recognized only cigarillos. An expensive pipe, not yet blackened. It had a little steel tube inserted in its stem. With it came a suede case.

"Who's there? What do you want?" asked Romantovski through the door.

"Neighbors, neighbors," answered Gustav in a deep voice.

And the neighbors entered, avidly looking around. A stump of sausage lay on the table next to an uneven pile of books; one of them was opened on a picture of ships with numerous sails and, flying above, in one corner, an infant with puffed-out cheeks.

"Let's get acquainted," rumbled the brothers. "Folks live side by side, one can say, but never meet somehow or other."

The top of the commode was shared by an alcohol burner and an orange.

"Delighted," said Romantovski softly. He sat down on the edge of the bed, and with bent forehead, its V-vein inflamed, started to lace his shoes.

"You were resting," said Gustav with ominous courtesy. "We come at the wrong time?"

Not a word, not a word, did the lodger say in reply; instead he straightened up suddenly, turned to the window, raised his finger, and froze.

The brothers looked but found nothing unusual about that window; it framed a cloud, the tip of the poplar, and part of the brick wall.

"Why, don't you see anything?" asked Romantovski.

Они, красный и серый, подошли к окну, даже высунулись, став одинаковыми. Ничего. И внезапно оба почувствовали: что-то не так – ой, не так! Обернулись. Романтовский в неестественной позе стоял возле комода.

– Должно быть, показалось, – сказал он, не глядя на них. – Пролетело как будто... Я однажды видел, как упал аэроплан.

– Это бывает, – согласился Густав. – А мы зашли неспроста. Не желаете ли купить?.. Совершенно новая... И футляр есть...

– Футляр? Вот как. Я, знаете, редко курю.

– Так будете чаще. Посчитаем недорого. Три с полтиной.

– Три с полтиной. Вот как.

Он вертел трубку в руках, прикусив нижнюю губу, что-то соображая. Его зрачки не глядели на трубку, а ходили вправо и влево маятником.

Между тем братья стали раздуваться, расти, они заполнили всю комнату, весь дом, и затем выросли из него. По сравнению с ними, тополек был уже не больше игрушечных деревьев, таких валких, из крашеной ваты, на зеленых круглых подставках. Дом из пыльного картона со слюдяными окнами доходил братьям до колен. Огромные, победоносно пахнущие потом и пивом, с бессмысленными говяжьими голосами, с отхожим местом взамен мозга, они возбуждают дрожь унижительного страха. Я не знаю, почему они прут на меня. Умоляю вас, отвяжитесь, я не трогаю вас, не трогайте и вы меня – я уступлю вам – только отвяжитесь.

– Но мелочью у меня не наберется, – тихо сказал Романтовский. – Вот разве что разменяете десятку.

Red sweater and gray went up to the window and **actually** leaned out, becoming identical **twins**. Nothing. And both had the sudden feeling that something was wrong, **very** wrong! They wheeled around. **He** stood near the chest of drawers in an odd attitude.

“I must have been mistaken,” said **Romantovski**, not looking at them. “Something seemed to have flown by. I saw once an airplane fall.”

“That happens,” **assented** Gustav. “**Listen**, we dropped in with a purpose. **Would you care** to buy this? Brand new. And there's a **nice** sheath.”

“Sheath? **Is that so**? Only, you know, I smoke **very** seldom.”

“Well, you'll smoke oftener. We sell it cheap. Three-fifty.”

“Three-fifty. **I see**.”

He fingered the pipe, biting his nether lip and pondering something. His **eyes** did not really look at the pipe, they moved **to and fro**.

Meanwhile the brothers began to swell, to grow, they filled up the whole room, the whole house, and then grew out of it. In comparison to them the young poplar was, by then, no bigger than one of those toy treelets, made of dyed cotton wool, that are so unstable on their round green supports. The **doll**house, a thing of dusty pasteboard with mica window**panes**, **barely** reached up to the brothers' knees. Gigantic, **imperiously** reeking of sweat and beer, with beefy voices and senseless **speeches**, with **fecal matter** replacing the **human** brain, they provoke a tremor of **ignoble** fear. I don't know why they push against me. I implore you, do leave me alone. I'm not touching you, so don't you touch me either. I'll give in, only do leave me alone.

“**All right**, but I don't have enough change,” said Romantovski in a low voice.

“Now if you can **give me six-fifty**—”

Разменяли и, ухмыляясь, ушли. Проверенную на свет ассигнацию Густав спрятал в железную копилку.

Соседу однако они покоя не дали. Их просто бесило, что, невзирая на состоявшееся знакомство, человек оставался все таким же неприступным. Он избегал с ними встреч, так что приходилось подстергать и ловить его, чтобы на миг заглянуть в его ускользающие зрачки. Обнаружив ночную жизнь его лампы, Антон не выдержал и, босиком подойдя к двери, из-под которой натянутой золотой нитью сквозил свет, постучал.

Но Романтовский не отозвался.

– Спать, спать, – сказал Антон, хлопая ладонью по двери.

Свет молча глядел сквозь щель. Антон потербил ручку. Золотая нить вдруг оборвалась.

С тех пор оба, особенно Антон, благо днем не работал, установили наблюдение за бессонницей соседа. Но враг был хитер и наделен тонким слухом. Как бы тихонько ни приближаться к двери, свет за ней мгновенно погасал, будто его и вовсе не было, ■ и только если очень долго стоять, затаив дыхание, в холодном коридоре, можно было дожидаться возвращения чуткого луча. Так падают в обморок жуки.

Слежка оказывалась весьма изнурительной. Наконец братья поймали его как-то на лестнице и затеснили.

– Предположим, я привык читать по ночам. Какое вам дело? Дайте мне пройти, пожалуйста.

Когда он повернулся, Густав в шутку сбил с него шляпу. Романтовский поднял ее, ничего не сказав.

They could, and went away, grinning. Gustav examined the ten-mark bill against the light and put it away in an iron money box.

Nevertheless, they did not leave their room neighbor in peace. It just maddened them that despite their having got acquainted with him, a man should remain as inaccessible as before. He avoided running into them; one had to waylay and trap him in order to glance fleetingly into his evasive eyes. Having discovered the nocturnal life of Romantovski's lamp, Anton could not bear it any longer. He crept up barefoot to the door (from under which showed a taut thread of golden light) and knocked.

Romantovski did not respond.

"Sleep, sleep," said Anton, slapping the door with his palm.

The light peered silently through the chink. Anton shook the door handle. The golden thread snapped.

Thenceforth both brothers (but especially Anton, thanks to his lacking a job) established a watch over their neighbor's insomnia. The enemy, however, was astute and endowed with a fine hearing. No matter how quietly one advanced toward his door, his light went out instantly, as if it never had been there; and only if one stood in the cold corridor for a goodish length of time, holding one's breath, could one hope to see the return of the sensitive lamp beam. Thus beetles faint and recover.

The task of detection turned out to be most exhausting. Finally, the brothers chanced to catch him on the stairs and jostled him.

"Suppose it's my habit to read at night. What business of yours is it? Let me pass, please."

When he turned away, Gustav knocked off his hat in jest. Romantovski picked it up without a word.

Через несколько дней вечером, уловив мгновение – он возвращался из уборной и не успел юркнуть к себе, – братья столпились вокруг него. Их было только двое, но все-таки они ухитрились столпиться – и пригласили его зайти к ним.

– Есть пиво, – сказал Густав, подмигнув.

Он попытался было отказаться.

– Ну чего там, пойдем! – крикнули братья, взяли его под мышки и повлекли. (При этом они чувствовали, какой он худой, тонкие предплечья, слабые, нестерпимый соблазн – эх бы, сжать хорошенько, до хруста, – эх, трудно сдержаться, ну хотя бы ощупать, на ходу, так, легонько...)

– Больно, – сказал Романтовский. – Оставьте, прошу вас. Я могу идти и один.

Пиво, большеротая невеста Густава, тяжелый дух. Романтовского попробовали напоить. Без воротничка, с медной запонкой под большим беззащитным кадыком, с длинным бледным лицом и трепещущими ресницами, он в сложной позе сидел на стуле, кое-что подкрутив, а кое-что выгнув, и когда встал, раскрутился как спираль. Его, впрочем, заставили скрутиться снова, и по совету братьев Анна села к нему на колени, и он, косясь на вздутый подъем ноги в слишком тесной упряжке туфли, преодолевал как мог тоску и не смел коснующую, рыжую сбросить.

На минуту им показалось, что он сломлен, что он свой, и Густав даже сказал:

– Вот видишь. Зря брезговал нашей компанией. Расскажи-ка нам что-нибудь.

Нам обидно, что ты все как-то помалкиваешь. Что это ты читаешь по ночам?

A few days later, choosing a moment at nightfall – he was on his way back from the W.C. and failed to dart back into his room **quickly enough** – the brothers crowded around him. There were only two of them, yet they managed to form a crowd. They invited him to their room.

“There will be some beer,” said Gustav with a wink.

He tried to refuse.

“Oh, come along!” cried the brothers; **they** grabbed him under the arms and swept him off (while at it, they could feel how thin he was – that weakness, that **slenderness** below the shoulder **offered** an irresistible temptation – ah, to give a good squeeze so as to make him crunch, ah, hard to control oneself, **let us**, at least, dig into him on the move, **just once**, lightly .

“You are hurting me,” said Romantovski. “Leave me alone, I can walk by myself.”

The **promised** beer, the large mouth of Gustav's fiancée, **a heavy smell in the room**. They tried to make him drunk. Collarless, with a copper stud under his **conspicuous** and defenseless Adam's apple, long-faced and pale, with quivering eyelashes, he sat in a complicated pose, partly doubled up, partly bent out, and when he got up from his chair he **seemed** to unwind like a spiral. However, they forced him to fold up again and, upon their suggestion, Anna sat in his lap. **He** kept glancing askance at the swell of her instep in the harness of a tight shoe, but **mastered** his dull anguish as **best** he could, not **daring** to get rid of the inert red-haired **creature**.

There was a minute when it seemed to them that he was broken, that he had become one of them. **In fact**, Gustav said, “You see, you were **silly** to look down on our company. We find offensive the way you have of keeping mum. What do you read all night?”

– Старые, старые сказки, – сказал Романтовский таким голосом, что братьям вдруг стало очень скучно. Скука была грозная, душная, но хмель не давал грозе разразиться, а напротив клонил ко сну. Анна сползла с колен Романтовского и задела уже спящим бедром стол: пустые бутылки качнулись, как кегли, и одна упала. Братья клонились, валялись, зевали, глядя сквозь сонные слезы на гостя. Он, трепеща и лучась, вытянулся и стал суживаться, и постепенно пропал.

Так дальше нельзя. Он отравляет жизнь честным людям. Еще, пожалуй, в конце месяца съедет – целый, неразобранный, гордо отворотив нос. Мало того, что он двигается и дышит не как все, – нам никак не удастся схватить разницу, нащупать ушко, за которое можно было бы его вытянуть. Ненавистно все то, что нельзя тронуть, взвесить, сосчитать.

Начались мелкие истязания. Им удалось в понедельник насыпать ему в простыни картофельной муки, которая, как известно, может ночью свести с ума. Во вторник он был встречен на углу – нес в охапке книги – и так был аккуратно взят в коробочку, что книги упали в избранную лужу. В среду смазали доску в уборной столярным клеем. В четверг фантазия братьев иссякла.

Он молчал, он молчал. А в пятницу, нагнав летучим своим аллюром Антона под воротами двора, сунул ему иллюстрированную газету – хотите, мол, посмотреть? Эта неожиданная вежливость озадачила и еще пуще разожгла братьев.

Густав велел своей невесте потормозить Романтовского для того, чтобы было к чему придраться.

“Old, old tales,” replied Romantovski in such a **tone** of voice that the brothers suddenly felt very bored. The boredom was suffocating and **grim**, but drink prevented the storm from bursting out, and, on the contrary, **weighed the eyelids down**. Anna slipped off Romantovski's knee, brushing the table with a drowsy hip; empty bottles swayed like ninepins, one **collapsed**. The brothers stooped, toppled, yawned, still looking through sleepy tears at their guest. He, vibrating and diffusing rays, stretched out, thinned, and gradually vanished.

This cannot go on. He poisons the life of honest folks. Why, it can **well happen** that he will move at the end of the month – **intact**, whole, never taken to pieces, proudly strutting about. It is not enough that he moves and breathes **differently from other people; the trouble is that** we **just** cannot put our finger upon the difference, cannot catch **the tip of** the ear by which to pull out the rabbit. Hateful is everything that cannot be palpated, measured, counted.

A series of trivial torments began. On Monday they managed to sprinkle his bedclothes with potato flour, which is said **to provoke** a maddening **itch**. On Tuesday they **ambushed** him at the corner **of their street** (he was **carrying** books **hugged to his breast**) and **hustled** him so neatly that his load **landed** in the puddle they had picked out **for it**. On Wednesday they **painted** the toilet seat with carpenter's glue. By Thursday the brothers' imagination was **exhausted**.

He said nothing, nothing whatever. On Friday, he **overtook** Anton, with his flying step, at the gate of the yard, and offered him an illustrated weekly – maybe you'd like to look at it? This unexpected courtesy perplexed the brothers and made them glow still hotter.

Gustav ordered his fiancée to stir up Romantovski, which would give one **the opportunity to pick a quarrel with him**.

Невольно норовишь покатить мяч, прежде чем ударить ногой. Игривые животные тоже предпочитают подвижной предмет. И хотя Анна, вероятно, была Романтовскому в высшей степени противна своей молочной в клопидных крапинках кожей, пустотой светлых глаз и мокрыми мысками **десен** между зубов, он счел уместным скрыть неприязнь, боясь, должно быть, пренебрежением к Анне разъярить ее жениха.

Так как он все равно раз в неделю ходил в кинематограф, то в субботу он взял ее с собой, надеясь, что этим отделается. Незаметно, на приличном расстоянии, оба в новых кепках и красных башмаках, братья потекли вслед, – и на этих сомнительных улицах, в пыльных этих сумерках, были сотни людей как они, но только один Романтовский.

В продолговатом зальце уже мерцала ночь – лунная ночь собственного производства, – когда братья, таясь и сутулясь, сели в задний ряд. Где-то впереди чувлось томительно-сладостное присутствие Романтовского. Анне по дороге ничего не удалось выудить из неприятного спутника, да и не совсем понимала она, чего Густаву от него нужно. Пока они шли, ей хотелось зевать от одного вида его худобы и грусти. Но в кинематографе она о нем забыла, прижавшись к нему равнодушным плечом. Призраки переговаривались трубными голосами. Барон пригубил вино и осторожно поставил бокал – со стуком оброненного ядра.

А потом барона ловили. Кто бы узнал в нем главного мошенника? За ним охотились страстно, исступленно. Со взрывчатым грохотом мчался автомобиль. В притоне дрались бутылками, стульями, столами. Мать укладывала спать упоительного ребенка.

You involuntarily **end** to set a **foot**ball rolling before kicking it. Frolicsome animals also prefer a mobile object. And though Anna, **no doubt**, **greatly** repelled Romantovski with those bug-**brown** freckles on her milky skin, the vacant look in her light eyes, and the little promontories of wet gums between her teeth, he found fit to conceal his distaste, fearing to infuriate Anna's **lover** by spurning her.

Since he went all the same to the cinema once a week, he took her with him on Saturday in the hope that **this attention would be enough**. Unnoticed, at a **discreet** distance, both wearing new caps and **orange**-red shoes, the brothers stole after **the pair**, and on those dubious streets, in that dusty dusk, there were hundreds of their likes but only one Romantovski.

In the small elongated movie house, night had started to flicker, a self-manufactured lunar night, when the brothers, furtively hunching, seated themselves in the back row. They sensed the **darkly delicious** presence of Romantovski somewhere in front. On the way to the cinema, Anna failed to worm anything out of her disagreeable companion, nor did she quite understand what exactly Gustav wanted of him. As they walked, the mere sight of his **lean figure** and **melancholy profile** made her want to yawn. But once the picture started, she forgot about him, pressing an insensate shoulder against him. Specters conversed in trumpet **tones** **on the newfangled speaking screen**. The baron tasted his wine and carefully put his glass down – with the sound of a **dropped cannonball**.

And after a while **the sleuths** were **pursuing** the baron. Who would have recognized in him the master crook? He was hunted passionately, frenziedly. Automobiles **sped** with bursts of thunder. In a nightclub they fought with bottles, chairs, tables. A mother was putting an enchanting child to bed.

Когда все кончилось, и Романтовский, споткнувшись, вышел в прохладу и мрак, Анна воскликнула: “Ах, это было чудно!..”

Он откашлялся и через минуту сказал: “Не будем преувеличивать. Все это на самом деле – гораздо скучнее”.

– Сам ты скучный, – возразила она хмуро, а потом тихо засмеялась, вспомнив миленькое дитя.

Сзади, все на том же расстоянии, текли за ними братья. Оба были мрачны. Оба накачивались мрачной энергией. Антон мрачно сказал:

– Это все-таки не дело – гулять с чужой невестой.

– Особенно в субботний вечер, – сказал Густав.

Пешеход, поровнявшись с ними, случайно взглянул на их лица и невольно пошел скорее.

Вдоль заборов ночной ветер гнал шуршащий мусор. Места пустынные и темные. Слева, над каналом, шурились кое-где огоньки. Справа наспех очерченные дома повернулись к пустырю черными спинами. Через некоторое время братья ускорили шаг.

– Мать и сестра в деревне, – говорила Анна тихо и довольно уютно среди мягкой ночи. – Когда выйду замуж, может быть съездим туда к ним. Моя сестра прошлым летом...

Романтовский вдруг обернулся.

– Прошлым летом выиграла в лотерею, – продолжала Анна, машинально оглянувшись тоже.

Густав звучно свистнул. – Ах, да это они! – воскликнула Анна и радостно захохотала. – Ах-ах, какие!..

When it was all over, and Romantovski, with a little stumble, followed her out into the cool darkness, Anna exclaimed, “Oh, that was wonderful!”

He cleared his throat and said after a pause, “Let's not exaggerate. In real life, it is all considerably duller.”

“It's you who's dull,” she retorted crossly, and presently chuckled softly as she recalled the pretty child.

Behind them, gliding along at the same distance as before, came the brothers. Both were gloomy. Both were pumping themselves up with gloomy violence. Gloomily, Anton said, “That's not done, after all – going out walking with another's bride.”

“And especially on Saturday night,” said Gustav.

A passerby, coming abreast of them, happened to glance at their faces – and could not help walking faster.

The night wind chased rustling rubbish along the fences. It was a dark and desolate part of Berlin. Far to the left of the road, above the canal, blinked scattered lights. On the right were vacant lots from which a few hastily silhouetted houses had turned their black backs away. After a little while the brothers accelerated their step.

“My mother and sister live in the country,” Anna was telling him in a rather cozy undertone amid the velvety night. “As soon as I get married, I hope to visit them with him. Last summer my sister –”

Romantovski suddenly looked back. “– won a lottery prize,” continued Anna, mechanically looking back too.

Gustav emitted a sonorous whistle.

“Why, it's them!” exclaimed Anna, and joyfully burst out laughing. “Ah, the rascals!”

– Доброй ночи, доброй ночи, – сказал Густав торопливым запыхавшимся голосом. – Ты что тут, осел, делаешь с моей невестой?

– Ничего не делаю, мы были...

– Но-но, – сказал Антон и с оттяжкой ударил его под ребра.

– Пожалуйста, не деритесь. Вы отлично знаете...

– Оставьте его, ребята, – сказала Анна со смешком.

– Должны проучить, – сказал Густав, разгораясь и с нестерпимым чувством предвкушая, как он тоже сейчас по примеру брата тронет эти хрящики, этот хрустящий хребет.

– Между прочим, со мной однажды случилась смешная история, – скороговоркой начал Романтовский, но тут Густав принялся в ребра ему ввинчивать, ввинчивать все пять горбов своего огромного кулака, и это было совершенно неопишимо больно. Отшатнувшись, Романтовский поскользнулся, чуть не упал, упасть значило бы тут же погибнуть.

– Пускай убирается, – сказала Анна.

Он повернулся и, держась за бок, пошел вперед, вдоль темных, шуршащих заборов. Братья двинулись за ним, почти наступая ему на пятки. Густав, томясь, рычал, это рычание вот-вот могло превратиться в прыжок.

Далеко впереди сквозил спасительный свет – там была освещенная улица, – и хотя должно быть это горел всего один какой-нибудь фонарь, она казалась, эта пройма в ночи, изумительной иллюминацией, счастливой, лучезарной областью, полной спасенных людей. Он знал, что если пуститься бежать, то все будет кончено, ибо невозможно успеть добежать; надо спокойно и ровно идти, так может быть дойдешь, и молчать, и не прикладывать руки к горящему боку.

“Good evening, good evening,” said Gustav hastily, in a panting voice. “What are you doing here, you ass, with my **girl**?”

“I’m not doing anything. We have just been –”

“Now, now,” said Anton and, drawing back **his elbow**, hit Romantovski **crisply** in the **lower** ribs.

“Please, don’t **use your fists**. You know perfectly well that –”

“Leave him alone, fellows,” said Anna with a **soft** snigger.

“Must teach him a lesson,” said Gustav, warming up and forefeeling with a poignant glow how he too would follow his brother’s example and feel those cartilages, that crumpy backbone.

“Apropos, a funny thing happened to me one day,” Romantovski started to say, talking fast, but here Gustav began to **jam** and twist the huge lumps of his knuckles **into his victim’s side**, causing utterly indescribable pain. In lurching back Romantovski slipped and nearly fell; to fall would have meant perishing then and there.

“Let him go,” said Anna.

He turned and, holding his side, walked off along the dark rustling fences. The brothers followed, all but treading upon his heels. Gustav rumbled in the anguish of **blood lust**, and that rumble might turn any moment into a pounce.

Far away before him a **bright twinkle promised safety**; **it meant** a lighted street, and although what could be **seen** was probably one lone lamp, that **slit** in the **blackness** seemed a marvelous festive **blaze**, a **blissful** region of radiance, full of rescued men. He knew that if he started to run it would be the end, since he could not get there **sufficiently fast**; he should go at a quiet and smooth walk, then he might **cover that distance**, keeping silent the while and trying not to press his hand against his burning ribs.

Он шагал, по привычке взлетая, и казалось, он это делает нарочно, чтобы глумиться, – еще пожалуй улетит.

Голос Анны: – Густав, отстань от него. Потом не удержишься, сам знаешь, – вспомни, что раз было, когда ты с каменотесом...

– Молчи, стерва, он знает, что нужно! (Это голос Антона).

Теперь до области света, где можно уже различить и листву каштана, и кажется тумбу, а там, слева, мост, – до этого замершего, умоляющего света, – теперь, теперь не так уж далеко... Но все-таки не следует бежать. И хотя он знал, что это оплошно, гибельно, он помимо воли, внезапно взлетев и всхлипнув, ринулся вперед.

Он бежал и будто хохотал на бегу. Густав его настиг в два прыжка. Оба упали, и среди яростного шороха и хруста был один особенный звук, скользкий, раз, и еще раз – по рукоять, – и тогда Анна мгновенно убежала в темноту, держа в руке свою шляпу.

Густав встал. Романтовский лежал на земле, кашлял и говорил по-польски. Все оборвалось.

– А теперь айда, – сказал Густав. – Я его ляпнул.

– Вынь, – сказал Антон. – Вынь из него.

– Уже вынул, – сказал Густав. – Как я его ляпнул!

Они бежали, но не к свету, а через темный пустырь, а когда, обогнув кладбище, вышли в переулок, то переглянулись и пошли обычным шагом.

Придя домой, они тотчас завалились спать. Антону приснилось, что он сидит на траве и мимо него плывет баржа. Густаву ничего не приснилось.

So he strode on, with his usual springy step, and the impression was that he did so on purpose, to mock nonflyers, and that next moment he might take off.

Anna's voice: "Gustav, don't tangle with him. You know quite well you won't be able to stop. Remember what you did once to that bricklayer."

"Hold your tongue, old bitch, don't teach him what must be done." (That's Anton's voice.)

Now at last, the region of light – where one could distinguish a chestnut's foliage, and what looked like a Morris pillar, and farther still, to the left, a bridge – that breathlessly waiting imploring light, at last, at last, was not so very remote. . . . And still one should not run. And though he knew he was making a fatal mistake, all at once, beyond the control of his will, he flew up and, with a sob, dashed forward.

He ran and seemed, as he ran, to be laughing exultingly. Gustav overtook him in a couple of leaps. Both fell, and amid the fierce rasping and crunching there occurred a special sound – smooth and moist, once, and a second time, up to the hilt – and then Anna instantly fled into the darkness, holding her hat in her hand.

Gustav stood up. Romantovski was lying on the ground and speaking in Polish. Abruptly his voice broke off.

"And now let's be gone," said Gustav. "I stuck him."

"Take it out," said Anton, "take it out of him."

"I did," said Gustav. "God, how I stuck him."

They scurried off, though not toward the light, but across dark vacant lots. After skirting the cemetery they reached a back alley, exchanged glances, and slowed down to a normal walk.

Upon coming home, they immediately fell asleep. Anton dreamed he was sitting on the grass and watching a barge drift by. Gustav did not dream of anything.

Рано утром явились полицейские, они обыскивали комнату убитого и кое о чем расспрашивали Антона, вышедшего к ним. Густав остался в постели – сытый, сонный, красный, как вестфальская ветчина, с торчащими белыми бровями.

Погодя полиция ушла, и Антон вернулся. Он был в необыкновенном состоянии, давился смехом и приседал, беззвучно ударяя кулаком по ладони.

– Вот умора! – сказал он. – Знаешь, кто он был? Королек!

Королек по-ихнему значило фальшивомонетчик. И Антон рассказал, что ему удалось узнать: состоял в шайке, оказывается, и только что вышел из тюрьмы, а до того рисовал деньги; вероятно, его пырнул сообщник.

Густав потрясся от смеха тоже, но потом вдруг переменялся в лице:

– Подсунул, надул мошенник! – воскликнул он и нагишом побежал к шкалу, где хранилась копилка.

– Ничего, спустим, – сказал Антон. – Кто не знает, не отличит.

– Нет, каков мошенник, – повторял Густав.

Мой бедный Романтовский! А я-то думал вместе с ними, что ты и вправду особенный. Я думал, признаться, что ты замечательный поэт, принужденный по бедности жить в том черном квартале. Я подумал, судя по иным приметам, что ты каждую ночь – выправляя стих или пестуя растущую мысль – празднуешь неуязвимую победу над братьями. Мой бедный Романтовский! Теперь все кончено. Собранные предметы разбредаются **опять**, увы. Тополек бледнеет и, снявшись, возвращается туда, откуда был взят. Тает кирпичная стена. Балкончики вдвигаются один за другим, и, повернувшись, дом уплывает. Уплывает все. Распадается гармония и смысл. Мир снова томит меня своей пестрой пустотой.

Early next morning police agents arrived; they searched the murdered man's room and briefly questioned Anton, who had come out into the passage. Gustav stayed in bed, replete and somnolent, his face the color of Westphalian ham, in contrast to the whitish tufts of his eyebrows.

Presently, the police left and Anton returned. He was in an unusual state of elation, choking with laughter, flexing his knees, noiselessly hitting his palm with his fist.

“What fun!” he said. “Do you know who the fellow was? A leonardo!”

In their lingo a leonardo (from the name of the painter) meant a maker of counterfeit bills. And Anton related what he had managed to find out: the fellow, it appeared, belonged to a gang and had just got out of jail. Before that he had been designing fake paper money; an accomplice had knifed him, no doubt.

Gustav shook with mirth too, but then his expression changed suddenly.

“He slipped us his slither, the rogue!” cried Gustav and ran, naked, to the wardrobe where he kept his money box.

“Doesn't matter, we'll pass it,” said his brother. “A nonexpert won't see the difference.”

“Yes, but what a rogue!” Gustav kept repeating.

My poor Romantovski! And I who believed with them that you were indeed someone exceptional. I believed, let me confess, that you were a remarkable poet whom poverty obliged to dwell in that sinister district. I believed, on the strength of certain indices, that every night, by working on a line of verse or nursing a growing idea, you celebrated an invulnerable victory over the brothers. My poor Romantovski! It is all over now. Alas, the objects I had assembled wander away. The young poplar dims and takes off – to return where it had been fetched from. The brick wall dissolves. The house draws in its little balconies one by one, then turns, and floats away. Everything floats away. Harmony and meaning vanish. The world irks me again with its variegated void.

4. Тяжелый дым

Когда зажглись, чуть ли не одним махом до самого Байришер Плац, висящие над улицей фонари, все в неосвещенной комнате слегка сдвинулось **со своих линий** под влиянием уличных лучей, снявших первым делом копию с узора кисейной занавески. Уже часа три, за вычетом краткого промежутка ужина (краткого и совершенно безмолвного, благо отец и сестра были опять в ссоре и читали за столом), он так лежал на кушетке, длинный, плоский юноша в пенсне, поблескивающим среди полумрака. Одурманенный хорошо знакомым ему томительным, протяжным чувством, он лежал, и смотрел, и прищуривался, и любая продольная черта, переключина, тень переключины, обращались в морской горизонт или в кайму далекого берега. Как только глаз научился механизму этих метаморфоз, они стали происходить сами по себе, как продолжают за спиной чудотворца зря оживать камушки, и теперь, то в одном, то в другом месте комнатного космоса, складывалась вдруг и **углублялась** мнимая перспектива, графический мираж, обольстительный своей прозрачностью и пустынностью: полоса воды, скажем, и черный мыс с маленьким силуэтом араукарии.

Из глубины соседней гостиной, отделенной от его комнаты раздвижными дверьми (сквозь слепое, зыбкое стекло которых горел рассыпанный по зыби желтый блеск тамошней лампы, а пониже сквозил, как в глубокой воде, расплывчато-темный прислон стула, ставимого так ввиду поползновения дверей медленно, с содроганиями, разъезжаться), слышался по временам невнятный, малословный разговор. Там (должно быть, на дальней оттоманке) сидела сестра со своим знакомым, и, судя по таинственным паузам, разрешавшимся, наконец, покашливанием или нежно-вопросительным

4. Torpid Smoke

When the streetlamps hanging **in the dusk** came on, practically in unison, all the way to Bayerischer Platz, every object in the unlit room shifted slightly under the influence of the outdoor rays, which started by taking a picture of the **lace** curtain's design. He had been lying **supine** (a long-**limbed** flat-**chested** youth with a pince-nez glimmering in the semiobscurity) for about three hours, apart from a brief interval for supper, which **had passed in merciful** silence; his father and sister, after yet another quarrel, had kept reading at table. Drugged by the oppressive, protracted feeling so familiar to him, he lay and looked through his lashes, and every line, every rim, or shadow of a rim, turned into a sea horizon or a strip of distant land. As soon as his eye got used to the mechanics of these metamorphoses, they began to occur of their own **accord** (thus small stones continue to come alive, **quite** uselessly, behind the wizard's back), and now, in this or that place of the room's cosmos, an illusionary perspective was formed, a **remote** mirage enchanting in its graphic transparency and isolation: a stretch of water, say, and a black **promontory** with the **minuscule** silhouette of an araucaria.

At intervals scraps of indistinct, **laconic** speech came from the adjacent parlor (the cavernal **centerpiece of one of those bourgeois flats which Russian émigré families used to rent in Berlin at the time**), separated from his room by sliding doors, through whose **rippy** matte glass the **tall** lamp beyond shone yellow, while lower down there showed through, as if in deep water, the fuzzy dark back of a chair placed in that position to **foil** the propensity of the door **leaves** to crawl apart in a series of jerks. In that parlor (probably on the divan at its farthest end) his sister sat with her boyfriend, and, to judge by the mysterious pauses, resolving at last in a **slight** cough or a tender

смешком, они целовались. Были еще звуки с улицы: завивался вверх, как легкий столб, шум автомобиля, венчаясь гудком на перекрестке, или, наоборот, начиналось с гудка и проносилось с дребезжанием, в котором принимала посильное участие дрожь дверей.

И как сквозь медузу проходит свет воды и каждое ее колебание, так все проникало через него, и ощущение этой текучести преображалось в подобие ясновидения: лежа плашмя на кушетке, относимой вбок течением теней, он вместе с тем сопутствовал далеким прохожим и воображал то панель у самых глаз, с дотошной отчетливостью, с какой видит ее собака, то рисунок голых ветвей на не совсем еще бескрасочном небе, то чередование витрин: куклу-парикмахера, анатомически не более развитую, чем дама червей; рамочный магазин с вересковыми пейзажами и неизбежной *Inconnue de la Seine*¹⁰¹ (столь популярной в Берлине) среди многочисленных портретов главы государства; магазин ламп, где все они горят, и невольно спрашиваешь себя, какая же из них там своя, обиходная...

Он спохватился, лежа мумией в темноте, что получается неловко: сестра, может быть, думает, что его нет дома. Но двинуться было невероятно трудно. Трудно, – ибо сейчас форма его существа совершенно лишилась отличительных примет и устойчивых границ; его рукой мог быть, например, переулок по ту сторону дома, а позвоночником – хребтообразная туча через все небо с холодком звезд на востоке. Ни полосатая темнота в комнате, ни освещенное золотою зыбью ночное море, в которое преобразилось стекло дверей, не давали ему верного способа отмерить и отмежевать самого себя, и он только тогда отыскивал этот способ,

¹⁰¹ Незнакомкой с <берегов> Сены (*франц.*).

questioning laugh, the two were kissing. Other sounds could be heard from the street: the noise of a car would curl up like a wispy column to be capitaled by a honk at the crossing; or, *vice versa*, the honk would come first, followed by an *approaching* rumble in which the shudder of the door leaves participated as best it could.

And in the same way as the luminosity of the water and its every throb pass through a medusa, so everything traversed his inner being, and that sense of fluidity became transfigured into something like *second sight*. As he lay flat on his couch, he *felt* carried sideways by the flow of shadows and, simultaneously, he escorted distant foot-passengers, and visualized now the sidewalk's surface right under his eyes [with the exhaustive accuracy *of a dog's sight*], now the design of bare branches against a sky still retaining some color, or else the alternation of shop windows: a hairdresser's dummy, hardly surpassing the queen of hearts in anatomic development; a picture framer's display, with *purple* heathscapes and the inevitable *Inconnue de la Seine*, so popular in *the Reich*, among numerous portraits of *President Hindenburg*; and then a lampshade shop with all *bulbs aglow*, so that one could not help wondering which of them was the *workaday lamp* belonging to the shop itself.

All at once it occurred to him, as he *reclined* mummylike in the dark, that it *was all rather* awkward – his sister might think that he was not at home, *or that he was eavesdropping*. To move was, however, incredibly difficult; difficult, because the very form of his being had now lost all distinctive marks, all fixed boundaries. For example, the lane on the other side of the house might be his own arm, while the *long skeletal* cloud that stretched across the whole sky with a chill of stars in the east might be his backbone. Neither the striped obscurity in his room nor the glass of the parlor door, which was transmuted into nighttime seas shining with golden undulations, offered him a dependable method of measuring and marking himself off; that method he found only

когда проворным чувствилищем вдруг повернувшегося во рту языка (бросившего как бы спросонья проверить, все ли благополучно) нащупал инородную мягкость застрявшего в зубах говяжьего волокна и заодно подумал, сколько уже раз в продолжение двадцатилетней жизни менялась эта невидимая, но осязаемая обстановка зубов, к которой язык привыкал, пока не выпадала пломба, оставляя за собой пропасть, которая со временем заполнялась вновь.

Понуждаемый не столько откровенной тишиной за дверьми, сколько желанием найти что-нибудь остренькое для подмоги одинокому слепому работнику, он, наконец, потянулся, приподнялся и, засветив лампу на столе, полностью восстановил свой телесный образ. Он увидел и ощутил себя (пенсне, черные усики, нечистая кожа на лбу) с тем омерзением, которое всегда испытывал, когда на минуту возвращался к себе и в себя из темного тумана, предвещавшего... что? Какой образ примет, наконец, мучительная сила, раздражающая душу? Откуда оно взялось, это растущее во мне? Мой день был такой как всегда, университет, библиотека, но по мокрой крыше трактира на краю пустыря, когда с поручением отца пришлось переть к Осиповым, стлался отяжелевший от сырости, сытый, сонный дым из трубы, не хотел подняться, не хотел отделиться от милого тлена, и тогда-то именно екнуло в груди, тогда-то...

На столе лоснилась клеенчатая тетрадь, и рядом валялся, на пегот от клякс бюваре, бритвенный ножичек с каемкой ржавчины вокруг отверстий. Кроме того лампа освещала английскую булавку. Он ее разогнул и острием, следуя несколько суетливым указаниям языка, извлек волокно, проглотил... лучше всяких яств... После чего язык, довольный, улегся.

when in a burst of agility the tactile tip of his tongue, performing a sudden twist in his mouth (as if dashing to check, half-awake, if all was well), palpated and started to worry a bit of soft foreign matter, a shred of boiled beef firmly lodged in his teeth; whereupon he reflected how many times, in some nineteen years, it had changed, that invisible but tangible householdry of teeth, which the tongue would get used to until a filling came out, leaving a great pit that presently would be refurnished.

He was now prompted to move not so much by the shamelessly frank silence behind the door as by the urge to seek out a nice, pointed little tool, to aid the solitary blind toiler. He stretched, raised his head, and switched on the light near his couch, thus entirely restoring his corporeal image. He perceived himself (the pince-nez, the thin, dark mustache, the bad skin on his forehead) with that utter revulsion he always experienced on coming back to his body out of the languorous mist, promising – what? What shape would the force oppressing and teasing his spirit finally take? Where did it originate, this thing growing in me? Most of my day had been the same as usual – university, public library – but later, when I had to trudge to the Osipovs on Father's errand, there was that wet roof of some pub on the edge of a vacant lot, and the chimney smoke hugged the roof, creeping low, heavy with damp, sated with it, sleepy, refusing to rise, refusing to detach itself from beloved decay, and right then came that thrill, right then.

Under the table lamp gleamed an oilcloth-bound exercise book, and next to it, on the ink-mottled blotter, lay a razor blade, its apertures encircled with rust. The light also fell on a safety pin. He unbent it, and following his tongue's rather fussy directions, removed the mote of meat, swallowed it – better than any dainties; after which the contented organ calmed down.

Вдруг, сквозь зыбкое стекло дверей, появилась, приложенная извне, русалочья рука; затем половины судорожно раздвинулись, и просунулась кудлатая голова сестры.

– Гришенька, – сказала она, – пожалуйста, будь ангел, достань папирос у папы.

Он ничего не ответил, и она совсем сузила яркие щели мохнатых глаз (очень плохо видела без своих роговых очков), стараясь рассмотреть, не спит ли он.

– Достань, Гришенька, – повторила она еще просительнее, – ну, сделай это. Я не хочу к нему ходить после вчерашнего.

– Я может быть тоже не хочу, – сказал он.

– Скоренько, – нежно произнесла сестра. – А, Гришенька?

– Хорошо, отстань, – сказал он наконец, и, бережно воссоединив дверные половины, она растворилась в стекле.

Он опять подвинулся к освещенному столу, с надеждой вспомнив, что куда-то засунул забытую однажды приятелем коробочку папирос. Теперь уже не видно было блестящей булавки, а клеенчатая тетрадь лежала иначе, полураскрывшись (как человек меняет положение во сне). Кажется – между книгами. Полки тянулись сразу над столом, свет лампы добирался до корешков. Тут был и случайный хлам (больше всего), и учебники по политической экономии (я хотел совсем другое, но отец настоял на своем); были и любимые, в разное время потрафившие душе, книги, “Шатер” и “Сестра моя жизнь”, “Вечер у Клэр” и “Bal du compte d'Orgel”¹⁰², “Защита Лужина” и “Двенадцать стульев”, Гофман и Гёльдерлин, Боратынский и старый русский Бэдекер.

¹⁰²“Бал графа д’Оржеля” (франц).

Suddenly a mermaid's hand was applied from the outside to the ripply glass of the door; then the leaves parted spasmodically and his sister thrust in her shaggy head.

"Grisha dear," she said, "be an angel, do get some cigarettes from Father."

He did not respond, and the bright slits of her furry eyes narrowed (she saw very poorly without her horn-rimmed glasses) as she tried to make out whether or not he was asleep on the couch.

"Get them for me, Grishenka," she repeated, still more entreatingly. "Oh, please! I don't want to go to him after what happened yesterday."

"Maybe I don't want to either," he said.

"Hurry, hurry," tenderly uttered his sister, "come on, Grisha dear!"

"All right, lay off," he said at last, and carefully reuniting the two halves of the door, she dissolved in the glass.

He examined again his lamp-lit island, remembering hopefully that he had put somewhere a pack of cigarettes which one evening a friend had happened to leave behind. The shiny safety pin had disappeared, while the exercise book now lay otherwise and was half-open (as a person changes position in sleep). Perhaps, between my books. The light just reached their spines on the shelves above the desk. Here was haphazard trash (predominantly), and manuals of political economy (I wanted something quite different, but Father won out); there were also some favorite books that at one time or another had done his heart good: Gumilyov's collection of poems *Shatyot* (Tent), Pasternak's *Sestra moya Zhizn'* {Life, My Sister), Gazdanov's *Vecher u Kler* (Evening at Claire's), Radiguet's *Le Bal du Comte d'Orgel*, Sirin's *Zashchita Luzhina* (Luzhin's Defense), Ilf and Petrov's *Dvenadtsat' Stul'ev* (Twelve Chairs), Hoffmann, Holderlin, Baratynski, and an old Russian guidebook.

Он почувствовал, уже не первый, – нежный, таинственный толчок в душе и замер, прислушиваясь – не повторится ли? Душа была напряжена до крайности, мысли затмевались, и, придя в себя, он не сразу вспомнил, почему стоит у стола и трогает книги. Бело-синяя картонная коробочка, засунутая между Зомбартом и Достоевским, оказалась пустой. По-видимому, не отвертеться. Была, впрочем, еще одна возможность.

Вяло и почти беззвучно волоча ноги в ветхих ночных туфлях и неподтянутых штанах, он из своей комнаты переместился в прихожую и там нащупал свет. На подзеркальнике, около щегольской бежевой кепки гостя, остался мягкий, мятый кусок бумаги; оболочка освобожденных роз. Он пошарил в пальто отца, проникая брезгливыми пальцами в бесчувственный мир чужого кармана, но не нашел в нем тех запасных папирос, которые надеялся добыть, зная тяжеловатую отцовскую предусмотрительность. Ничего не поделаешь, надо к нему...

Но тут, то есть в каком-то неопределенном месте сомнамбулического его маршрута, он снова попал в полосу тумана, и на этот раз возобновившиеся толчки в душе были так властны, а главное настолько живее всех внешних восприятий, что он не тотчас и не вполне признал собою, своим пределом и обликом, сутуловатого юношу с бледной небритой щекой и красным ухом, бесшумно проплывшего в зеркале. Догнав себя, он вошел в столовую.

Там, у стола, накрытого давно опочившей прислугой к вечернему чаю, сидел отец и, одним пальцем шурша в черной с проседью бороде, а в пальцах другой руки держа на отлете за упругие зажимчики пенсне, изучал большой, рвущийся на сгибах, план Берлина. На днях произошел страстный, русского порядка, спор у знакомых о том, как ближе пройти от такой-то до такой-то улицы,

Again that gentle mysterious shock. He listened. Would the thrill be repeated? His mind was in a state of extreme tension, logical thought was eclipsed, and when he came out of his trance, it took him some time to recall why he was standing near the shelves and fingering books. The blue-and-white package that he had stuck between Professor Sombart and Dostoyevski proved to be empty. Well, it had to be done, no getting out of it. There was, however, another possibility.

In worn bedroom slippers and sagging pants, listlessly, almost noiselessly, dragging his feet, he passed from his room to the hallway and groped for the switch. On the console under the looking glass, next to the guest's smart beige cap, there remained a crumpled piece of soft paper: the wrappings of liberated roses. He rummaged in his father's overcoat, penetrating with squeamish fingers into the insensate world of a strange pocket, but did not find there the spare pack he had hoped to obtain, knowing as he did his father's heavyish providence. Nothing to be done, I must go to him.

Here, that is at some indeterminate point of his somnambulist itinerary, he again stepped into a zone of mist, and this time the renewed vibration within him possessed such power, and, especially, was so much more vivid than all external perceptions, that he did not immediately identify as his proper confines and countenance the stoop-shouldered youth with the pale, unshaven cheek and the red ear who glided soundlessly by in the mirror. He overtook his own self and entered the dining room.

There, at the table which long since, before going to bed, the maid had laid for late-evening tea, sat his father: one finger was grating in his black, gray-streaked beard; between the finger and thumb of his other hand he held aloft a pince-nez by its springy clips; he sat studying a large plan of Berlin badly worn at the folds. A few days ago, at the house of some friends, there had been a passionate, Russian-style argument about which was the shortest way to walk from a certain street to another,

по которым, впрочем, никто из споривших никогда не хаживал, и теперь, судя по удивленно недовольному выражению на склоненном лице отца, с двумя розовыми восьмерками по бокам носа, выяснилось, что он был тогда неправ.

– Что тебе? – спросил он, вскинув глаза на сына (может быть, с тайной надеждой, что я сяду, сниму попону с чайника, налью себе, ему). – Папирос? – продолжал он тем же вопросительным тоном, уловив направление взгляда сына, который было зашел за его спину, чтобы достать коробку, стоявшую около его прибора, но отец уже передавал ее слева направо, так что случилась заминка.

– Он ушел? – задал он третий вопрос.

– Нет, – сказал сын, забрав горсть шелковистых папирос.

Выходя из столовой, он еще заметил, как отец всем корпусом повернулся на стуле к стенным часам с таким видом, будто они сказали что-то, а потом начал поворачиваться обратно, но тут дверь закрылась, я не досмотрел. Я не досмотрел, мне не до этого, но и это, и давешние морские дали, и маленькое горящее лицо сестры, и невнятный гул круглой, прозрачной ночи, все, по-видимому, помогало образоваться тому, что сейчас наконец определилось. Страшно ясно, словно душа озарилась бесшумным взрывом, мелькнуло будущее воспоминание, мелькнула мысль, что точно так же, как теперь иногда вспоминается манера покойной матери при слишком громких за столом ссорах делать плачущее лицо и хвататься за висок, вспоминать придется когда-нибудь, с беспощадной, непоправимой остротой, обиженные плечи отца, сидящего за рваной картой, мрачного, в теплой домашней куртке, обсыпанной пеплом и перхотью; и все это животворно смешалось с сегодняшним впечатлением от синего дыма, льнувшего к желтым листьям на мокрой крыше.

neither of which, incidentally, did any of the arguers ever frequent and now, to judge by the expression of displeased astonishment on his father's inclined face, with those two pink figure-eights on the sides of his nose, **the old man** had turned out to be wrong.

“What is it?” he asked, glancing up at his son (with the secret hope, perhaps, that I would sit down, divest the teapot of its cozy, pour a cup for him, for myself). “Cigarettes?” he went on in the same interrogatory tone, having noticed the direction in which his son gazed; **the latter** had started to go behind his father's back to reach for the box, which stood on the far side of the table, but his father was already handing it across so that there ensued a moment of muddle.

“Is he gone?” came the third question.

“No,” said the son, taking a silky handful of cigarettes.

On his way out of the dining room he noticed his father turn his whole torso in his chair **to face** the wall clock as if it had said something, and then begin turning back but there the door I was closing closed, and I did not see that bit to the end. I did not see it to the end, I had other things on my mind, yet that too, and the distant seas of a moment ago, and my sister's flushed little face, and the indistinct rumble on the circular **rim** of the transparent night — everything, somehow or other, helped to form what now had at last taken shape. With terrifying clarity, as if my soul were lit up by a noiseless explosion, I glimpsed a future recollection; **it dawned upon me** that exactly as I recalled **such images of the past as** the way my dead mother had of making a weepy face and clutching her temples when mealtime squabbles became too loud, so one day I would have to recall, with merciless, irreparable sharpness, the hurt look of my father's shoulders as he leaned over that torn map, morose, wearing his warm indoor jacket powdered with ashes and dandruff; and all this mingled creatively with the recent **vision** of blue smoke clinging to **dead** leaves on a wet roof.

Промеж дверей, невидимые, жадные пальцы отняли у него то, что он держал, и вот снова он лежал на кушетке, но уже не было прежнего томления. Громадная, живая, вытягивалась и загибалась стихотворная строка; на повороте сладко и жарко зажигалась рифма, и тогда появлялась, как на стене, когда поднимаешься по лестнице со свечой, подвижная тень дальнейших строк.

Пьяные от итальянской музыки аллитераций, от желания жить, от нового соблазна старых слов – “хлад”, “брег”, “ветр”, – ничтожные, бранные стихи, которые к сроку появления следующих неизбежно зачахнут, как зачахли одни за другими все прежние, записанные в черную тетрадь; но все равно: сейчас я верю восхитительным обещаниям еще не застывшего, еще вращающегося стиха, лицо мокро от слез, душа разрывается от счастья, и я знаю, что это счастье – лучшее, что есть на земле.

Through a **chink** between the door leaves, unseen, avid fingers took away what he held, and now he was lying again on his couch, but the former languor had vanished. Enormous, alive, a metrical line extended and bent; at the bend a rhyme **was coming** deliciously and hotly **alight**, **and as it glowed forth**, there appeared, like a shadow on the wall when you climb upstairs with a candle, the mobile **silhouette** of another verse.

Drunk with the italianate music of **Russian** alliteration, with the longing to live, the new temptation of obsolete words **(modern *bereg* reverting to *breg*, a farther “shore,” *holod* to *hlad*, a more classic “chill,” *veter* to *vetr*, a better Boreas)**, **puerile**, perishable poems, which, by the time the next were printed, would have been certain to wither as had withered one after the other all the previous ones written down in the black exercise book; but no matter: at this moment I **trust** the ravishing promises of the **still breathing**, still revolving verse, my face is wet with tears, my heart is bursting with happiness, and I know that this happiness is the greatest thing existing on earth.

5. Посещение музея

Несколько лет тому назад один мой парижский приятель, человек со странностями, чтобы не сказать более, узнав, что я собираюсь провести два-три дня **вблизи** Монтизера, попросил меня зайти в тамошний музей, где, **по его сведениям**, **должен был находиться** портрет его деда **кисти** Леруа. Улыбаясь и **разводя руками**, он мне **поведал** довольно **дымчатую** историю, которую я, признаться, **выслушал без** внимания, отчасти из-за того, что не люблю чужих навязчивых дел, но главное потому, что всегда сомневался в способности моего друга оставаться по его сторону фантазии. Выходило приблизительно так, что после **смерти** деда, скончавшегося в свое время в петербургском доме во время японской войны, **обстановка** его парижской квартиры была предана с торгов, **причем** после **неясных странствий** портрет был приобретен музеем города, где художник Леруа **родился**. Моему приятелю хотелось узнать, там ли действительно портрет, **и**, если там, можно ли его выкупить, **и**, если можно, то за какую цену. На мой вопрос, почему же ему с музеем не **списаться**, он отвечал, что писал туда несколько раз, но не **добился** ответа.

Про себя я решил, что просьбы не исполню: **сошлюсь** на **болезнь** или на изменение маршрута. **От всяческих** достопримечательностей, будь то музей или старинное здание, меня **тошнит**, да кроме того поручение **симпатичного** чудака **мне** казалось решительно вздорным. **От всяческих** достопримечательностей, будь то музей или старинное здание, меня **тошнит**, да кроме того поручение **симпатичного** чудака **мне** казалось решительно вздорным. Но так случилось, что, бродя в поисках писчебумажной лавки по **мертвым** монтизерским улицам и кляня шпиль одного и того же длинношеего собора, **выставшего** в каждом **пролете**,

5. The Visit to the Museum

Several years ago a friend of mine in Paris – a person with oddities, to put it mildly – learning that I was going to spend two or three days at Montisert, asked me to drop in at the local museum where there **hung**, **he was told**, a portrait of his grandfather by Leroy. Smiling and spreading out his hands, he **related** a rather **vague** story to which I confess I **paid** little **attention**, partly because I do not like other people's obtrusive affairs, but chiefly because I had always had doubts about my friend's capacity to remain this side of fantasy. It went more or less as follows: after the grandfather died in their St. Petersburg house back at the time of the **Russo**-Japanese War, the **contents** of his apartment in Paris were sold at auction. The portrait, after some **obscure peregrinations**, was acquired by the museum of Leroy's **native** town. My friend wished to know if the portrait was really there; if there, if it could be ransomed; and if it could, for what price. When I asked why he did not **get in touch** with the museum, he replied that he had written several times, but had never **received** an answer.

I **made an inward resolution** not to carry out the request – **I could always tell him I had fallen ill** or changed my itinerary. **The very notion of seeing** sights, whether they be museums or ancient buildings, is **loathsome** to me; besides, the **good** freak's commission seemed absolute nonsense. It so happened, however, that, while wandering about Montisert's **empty** streets in search of a stationery store, and cursing the spire of a long-necked cathedral, always the same one, that kept **popping up** at **the end of** every **street**,

куда ни повернешь, я был застигнут сильным дождем, который немедленно занялся ускорением кленового листопада. Южный октябрь держался уже на волоске. Я кинулся под навес и очутился на ступенях музея.

Это был небольшой, из пестрых камней сложенный дом с колоннами, с золотой надписью над фресками фронтона и с двумя каменными скамьями на львиных лапах по бокам бронзовой двери. Одна ее половина была отворена, и за ней казалось темно по сравнению с мерцанием ливня. Я постоял на ступеньках, которые, несмотря на выступ крыши, постепенно становились крапчатыми, а затем, видя, что дождь зарядил надолго, я от нечего делать решил войти. Только я ступил на гладкие, звонкие плиты вестибюля, как в дальнем углу громыхнул табурет, и навстречу мне поднялся, отстраняя газету и глядя на меня поверх очков музейный сторож, — банальный инвалид с пустым рукавом. Заплатив франк и стараясь не смотреть на какие-то статуи в сенях (столь же условные и незначительные, как первый номер цирковой программы), я вошел в залу.

Все было как полагается: серый цвет, сон вещества, обеспредметившаяся предметность. Шкап со стертыми монетами, лежащими на бархатных скатиках, а наверху шкапа — две совы. — одну звали в буквальном переводе “Великий князь”, другую “Князь средний”. Покоились заслуженные минералы в открытых гробах из пыльного картона; фотография удивленного господина с эспаньолкой висилась над собранием странных черных шариков различной величины, занимавших почетное место под наклонной витриной; они чрезвычайно напоминали подмороженный навоз, и я над ними невольно задумался, ибо никак не мог разгадать их природу, состав и назначение. Сторож, байковыми шажками следовавший за мной, но все остававшийся на скромном от меня расстоянии,

I was caught in a violent downpour which immediately went about accelerating the fall of the maple leaves. for the fair weather of a southern October was holding on by a mere thread. I dashed for cover and found myself on the steps of the museum.

It was a building of modest proportions, constructed of many colored stones, with columns, a gilt inscription over the frescoes of the pediment, and a lion-legged stone bench on either side of the bronze door. One of its leaves stood open, and the interior seemed dark against the shimmer of the shower. I stood for a while on the steps, but, despite the overhanging roof, they were gradually growing speckled. I saw that the rain had set in for good, and so, having nothing better to do, I decided to go inside. No sooner had I trod on the smooth, resonant flagstones of the vestibule than the clatter of a moved stool came from a distant corner, and the custodian – a banal pensioner with an empty sleeve – rose to meet me, laying aside his newspaper and peering at me over his spectacles. I paid my franc and, trying not to look at some statues at the entrance (which were as traditional and as insignificant as the first number in a circus program), I entered the main hall.

Everything was as it should be: gray tints, the sleep of substance, matter dematerialized. There was the usual case of old, worn coins resting in the inclined velvet of their compartments. There was, on top of the case, a pair of owls, Eagle Owl and Long-eared, with their French names reading “Grand Duke” and “Middle Duke” if translated. Venerable minerals lay in their open graves of dusty papier mache; a photograph of an astonished gentleman with a pointed beard dominated an assortment of strange black lumps of various sizes. They bore a great resemblance to frozen frass, and I paused involuntarily over them, for I was quite at a loss to guess their nature, composition, and function. The custodian had been following me with felted steps, always keeping a respectful distance.

теперь подошел, одну руку держа за спиной, а призрак другой в кармане, и переглатывая, судя по кадыку. “Что это?” – спросил я про шарики. – “Наука еще не знает, – отвечал он, несомненно зазубрив фразу. – Они были найдены, – продолжал он тем же фальшивым тоном, – в тысяча восемьсот девяносто пятом году муниципальным советником Луи Прадье, кавалером почетного ордена”, – и дрожащим перстом он указал на снимок. “Хорошо, – сказал я, – но кто и почему решил, что они достойны места в музее?” “А теперь обратите внимание на этот череп!” – бодро крикнул старик, явно меняя тему беседы. “Интересно все-таки знать, из чего они сделаны”, – перебил я его. “Наука...” – начал он сызнова, но осекся и недовольно взглянул на свои пальцы, к которым пристала пыль со стекла.

Я еще осмотрел китайскую вазу, привезенную вероятно морским офицером; компанию пористых окаменелостей; бледного червяка в мутном спирту; красно-зеленый план Монтизера в XVII веке; и тройку ржавых инструментов, связанных траурной лентой, – лопата, цапка, кирка. “...Копать прошлое”, – рассеянно подумал я, но уж не обратился за разъяснением к сторожу, который, лавируя между витрин, бесшумно и робко за мной следовал. За первой залой была другая, как будто последняя, и там, посредине, стоял, как грязная ванна, большой саркофаг, а по стенам были развешаны картины.

Сразу заправив мужской портрет между двумя гнусными пейзажами (с коровами и настроением), я подошел ближе и был несколько потрясен, найдя то самое, существование чего дотоле казалось мне

now, however, he came up, with one hand behind his back and the ghost of the other in his pocket, and gulping, if one judged by his Adam's apple.

“What are they?” I asked.

“Science has not yet determined,” he replied, undoubtedly having learned the phrase by rote. “They were found,” he continued in the same phony tone, “in 1895, by Louis Pradier, Municipal Councillor and Knight of the Legion of Honor,” and his trembling finger indicated the photograph.

“Well and good,” I said, “but who decided, and why, that they merited a place in the museum?”

“And now I call your attention to this skull!” the old man cried energetically, obviously changing the subject.

“Still, I would be interested to know what they are made of,” I interrupted.

“Science . . .” he began anew, but stopped short and looked crossly at his fingers, which were soiled with dust from the glass.

I proceeded to examine a Chinese vase, probably brought back by a naval officer; a group of porous fossils; a pale worm in clouded alcohol; a red-and-green map of Montisert in the seventeenth century; and a trio of rusted tools bound by a funereal ribbon – a spade, a mattock, and a pick. To dig in the past, I thought absentmindedly, but this time did not seek clarification from the custodian, who was following me noiselessly and meekly, weaving in and out among the display cases. Beyond the first hall there was another, apparently the last, and in its center a large sarcophagus stood like a dirty bathtub, while the walls were hung with paintings.

At once my eye was caught by the portrait of a man between two abominable landscapes (with cattle and atmosphere). I moved closer and, to my considerable amazement, found the very object whose existence had hitherto seemed to me but

попутной выдумкой блуждающего рассудка. Весьма дурно написанный маслом мужчина в сюртуке, с бакенбардами, в крупном пенсне на шнурке смахивал на Оффенбаха, но, несмотря на подлую условность работы, можно было, пожалуй, разглядеть в его чертах как бы горизонт схождения с моим приятелем. В уголке по черному фону была кармином выведена подпись “Леруа”, – такая же бездарная, как само произведение.

Я почувствовал у плеча укусное дыхание и, обернувшись, увидел добрые глаза сторожа.

– Скажите, – спросил я, – если б, положим, кто-нибудь захотел купить эту или другую картину, – к кому следовало бы обратиться?

– Сокровища музея, – честь города, – отвечал старик, – а честь не продается.

Я поспешил согласиться, боясь его красноречия, но все-таки попросил адрес опекуна музея. Он попробовал отвлечь мое внимание повестью о саркофаге, – однако я настаивал на своем. Наконец старик назвал некоего мосье Годара и объяснил, где его отыскать.

Мне, прямо скажу, понравилось, что портрет есть. Весело присутствовать при воплощении мечты, хотя бы и не своей. Я решил немедленно закончить дело, а когда я вхожу во вкус, то остановить меня невозможно. Скорым и звонким шагом выйдя из музея, я увидел, что дождь перестал, по небу распространилась синева, женщина в забрызганных чулках катила на серебряном велосипеде, и только на окрестных горах еще дымились тучи. Собор снова заиграл со мною в прятки, но я перехитрил его. Едва не попав под бешеные шины красного автокара, набитого поющими молодыми людьми, я пересек асфальтовый большак и через минуту звонил у калитки мосье Годара.

the **figment** of an **unstable** mind. The man, depicted in wretched oils, **wore** a frock coat, whiskers, and a large pince-nez on a cord; he bore a likeness to Offenbach, but, in spite of the work's **vile** conventionality, **I had the feeling** one could make out in his features the horizon of a resemblance, **as it were**, to my friend. In one corner, **meticulously traced** in carmine against a black background, was the signature *Leroy* **in a hand** as **commonplace** as the work itself.

I felt a vinegarish breath near my shoulder, and turned **to meet** the custodian's kindly **gaze**. "Tell me," I asked, "supposing someone wished to buy one of these paintings, whom should he **see**?"

"The treasures of the museum are the **pride** of the city," replied the old man, "and pride is not for sale."

Fearing his eloquence, I hastily concurred, but nevertheless asked for the name of the museum's **director**. He tried to distract me with the story of the sarcophagus, but I insisted. Finally he gave me the name of one M. Godard and explained where I could find him.

Frankly, I enjoyed **the thought** that the portrait existed. It is fun to be present at the **coming true** of a dream, even if it is not one's own. I decided to **settle** the matter **without delay**. When I **get in the spirit**, **no one can hold me back**. I left the museum with a brisk, resonant step, and **found** that the rain had stopped, blueness had spread across the sky, a woman in besplattered stockings was spinning along on a silver-**shining** bicycle, and only over the surrounding hills did clouds still **hang**. Once again the cathedral began playing hide-and-seek with me, but I outwitted it. Barely **escaping** the **onrushing** tires of a furious red **bus** packed with singing youths, I crossed the asphalt **thoroughfare** and a minute later was ringing at the garden gate of M. Godard.

Он оказался худеньким **пожилым человеком** в высоком воротничке в пластроне, с жемчужиной в узле галстука, лицом очень похожим на белую борзую. — мало того, он совсем по-собачьи облизнулся, наклеивая марку на конверт, когда я вошел в его небольшую, но богато обставленную комнату, с малахитовой чернильницей на письменном столе и странно знакомой китайской вазой на **камине**. Две фехтовальные **шпаги были** скрещены над зеркалом, в котором отражался его узкий, седой затылок и **несколько** фотографий военного корабля приятно прерывали голубую флору обоев.

— Чем могу вам служить? — спросил он, бросив запечатанное им письмо в мусорную корзину. — этот жест показался мне необычным, но я не счел нужным вмешаться. В кратких словах я **изложил** причину моего прихода и даже назвал **крупную** сумму, с которой мой друг был готов расстаться, хотя, **правда**, он просил меня ее не **называть**, а дождаться условий музея.

— Все это очень **мило**, — сказал мосье Годар. — да только вы ошибаетесь: такой картины нет в нашем музее.

— Как нет? — **воскликнул я**, — да я ее только что видел! Гюстав Леруа, портрет русского дворянина.

— Одно **полотно** Леруа у нас **действительно** имеется, — сказал мосье Годар, перелистав клеенчатую тетрадь и **длинным** черным ногтем остановившись на **найденной строке**. — Но это не портрет, а деревенский **мотив**: “Возвращение стада”.

Я повторил, что картину видел своими глазами пять минут тому назад, и что никакая сила не заставит меня в этом усомниться.

— Согласен, — сказал мосье Годар, — но и я тоже не сумасшедший.

He turned out to be a thin, middle-aged gentleman in high collar and dickey, with a pearl in the knot of his tie, and a face very much resembling a Russian wolfhound; as if that were not enough, he was licking his chops in a most doglike manner, while sticking a stamp on an envelope, when I entered his small but lavishly furnished room with its malachite inkstand on the desk and a strangely familiar Chinese vase on the mantel. A pair of fencing foils hung crossed over the mirror, which reflected the narrow gray back of his head. Here and there photographs of a warship pleasantly broke up the blue flora of the wallpaper.

“What can I do for you?” he asked, throwing the letter he had just sealed into the wastebasket. This act seemed unusual to me; however, I did not see fit to interfere. I explained in brief my reason for coming, even naming the substantial sum with which my friend was willing to part, though he had asked me not to mention it, but wait instead for the museum's terms.

“All this is delightful,” said M. Godard. “The only thing is, you are mistaken – there is no such picture in our museum.”

“What do you mean there is no such picture? I have just seen it! *Portrait of a Russian Nobleman* by Gustave Leroy.”

“We do have one Leroy,” said M. Godard when he had leafed through an oilcloth notebook and his black fingernail had stopped at the entry in question. “However, it is not a portrait but a rural landscape: *The Return of the Herd*.”

I repeated that I had seen the picture with my own eyes five minutes before and that no power on earth could make me doubt its existence.

“Agreed,” said M. Godard, “but I am not crazy either.

Я состою хранителем нашего музея вот уже скоро двадцать лет и знаю этот каталог как молитву Господню. Тут сказано «Возвращение стада», значит стадо возвращается, и ежели только дед вашего друга не изображен в виде пастуха, я не могу допустить, что его портрет у нас существует.

– Он в сюртуке, – крикнул я, – клянусь вам, что он в сюртуке!

– А как вообще – спросил мосье Годар подозрительно – вам понравился наш музей? Вы саркофаг оценили?

– Послушайте, – и была уже, кажется, вибрация в моем голосе, – сделайте мне одолжение, пойдемте туда сию минуту, и условимся так: если портрет висит там, то вы мне его продадите.

– А если его нет? – любопытствовал мосье Годар.

– Тогда я вам заплачу ту же сумму.

– Ладно, – сказал он. – Вот возьмите карандаш и красным, красным концом запишите мне это.

Я сгоряча исполнил его требование. Прочтя мою подпись, он пожаловался на трудность произношения русских фамилий, расписался под ней сам и, быстро сложив листок, сунул его в карманчик жилета.

– Пойдемте, – сказал он, высвобождая манжету.

По дороге он заглянул в лавку и купил фунтик липких леденцов, которыми стал настойчиво меня угощать, а когда я наотрез отказался, попытался мне высыпать штучки две в руку, – я отдернул ее, несколько леденцов упало на панель, он подобрал их и догнал меня рысью. Когда мы приблизились к музею, то увидели, что перед ним стоит красный автокар – пустой.

– Ага, – сказал мосье Годар довольненьким голосом, – я вижу, что у нас сегодня много посетителей.

I have been curator of our museum for almost twenty years now and know this catalogue as well as I know the Lord's Prayer. It says here *Return of the Herd* and that means the herd is returning, and, unless perhaps your friend's grandfather is depicted as a shepherd, I cannot conceive of his portrait's existence in our museum."

"He is wearing a frock coat," I cried. "I swear he is wearing a frock coat!"

"And how did you like our museum in general?" M. Godard asked suspiciously.

"Did you appreciate the sarcophagus?"

"Listen," I said (and I think there was already a tremor in my voice), "do me a favor — let's go there this minute, and let's make an agreement that if the portrait is there, you will sell it."

"And if not?" inquired M. Godard.

"I shall pay you the sum anyway."

"All right," he said. "Here, take this red-and-blue pencil and using the red — the red, please — put it in writing for me."

In my excitement I carried out his demand. Upon glancing at my signature, he deplored the difficult pronunciation of Russian names. Then he appended his own signature and, quickly folding the sheet, thrust it into his waistcoat pocket.

"Let's go," he said, freeing a cuff.

On the way he stepped into a shop and bought a bag of sticky-looking caramels which he began offering me insistently; when I flatly refused, he tried to shake out a couple of them into my hand. I pulled my hand away. Several caramels fell on the sidewalk; he stopped to pick them up and then overtook me at a trot. When we drew near the museum we saw the red tourist bus (now empty) parked outside.

"Aha," said M. Godard, pleased. "I see we have many visitors today."

Он снял шляпу и, держа ее перед собой, чинно вошел по ступеням.

В музее было нехорошо. Доносились **вакхические** восклицания, **бравурный** смех и как будто даже шум потасовки. Мы вошли в первую залу; там **старичок** сторож удерживал двух святотатцев с какими-то праздничными эмблемами в **петличках**, и вообще очень **сизо-румяных** и **энергичных**, старавшихся добыть из-под стекла черные чаврики муниципального советника. Прочие молодцы из **той же** сельско-спортивной **корпорации** громко **издевались**, кто над червем в спирту, кто над черепом. Один **весельчак восхищался** трубами парового отопления, будто **принятыми** им за экспонат; другой целился в сову из кулака и **пальца**. Всего было человек тридцать, так что **получалась** толкотня и густой шум от **шагов** и **возгласов**.

Мосье Годар захлопал в ладоши и указал на плакат с надписью: “Посетители музея должны быть прилично одеты”. Затем он протиснулся – и я за ним – во вторую залу. Все общество тотчас **повадило туда же**. Я **подтолкнул** Годара к портрету и он застыл перед ним, выставив грудь, потом чуть попятился, словно им любясь, и наступил своим дамским каблуком на чью-то ногу.

– Прекрасная картина, – воскликнул он **вполне** искренне, – что ж, не будем мелочны. Вы оказались правы, а в каталоге должно быть ошибка.

Говоря это, он **отвлеченными** пальцами **достал** наш контракт и разорвал его на мелкие части, которые, как снежинки, посыпались в массивную плевательницу.

– Кто эта старая обезьяна? – спросил **относительно портрета** некто в полосатом нательнике, а так как дед моего приятеля был изображен с сигарой **в руке**, другой **балагур** вынул папиросу и собрался у портрета прикурить.

He doffed his hat and, holding it in front of him, walked decorously up the steps.

All was not well at the museum. From within issued rowdy cries, lewd laughter, and even what seemed like the sound of a scuffle. We entered the first hall; there the elderly custodian was restraining two sacrilegists who wore some kind of festive emblems in their lapels and were altogether very purple-faced and full of pep as they tried to extract the municipal councillor's merds from beneath the glass. The rest of the youths, members of some rural athletic organization, were making noisy fun, some of the worm in alcohol, others of the skull. One joker was in rapture over the pipes of the steam radiator, which he pretended was an exhibit; another was taking aim at an owl with his fist and forefinger. There were about thirty of them in all, and their motion and voices created a condition of crush and thick noise.

M. Godard clapped his hands and pointed at a sign reading "VISITORS TO THE MUSEUM MUST BE DECENTLY ATTIRED." Then he pushed his way with me following into the second hall. The whole company immediately swarmed after us. I steered Godard to the portrait; he froze before it, chest inflated, and then stepped back a bit, as if admiring it, and his feminine heel trod on somebody's foot.

"Splendid picture," he exclaimed with genuine sincerity. "Well, let's not be petty about this. You were right, and there must be an error in the catalogue."

As he spoke, his fingers, moving as it were on their own, tore up our agreement into little bits which fell like snowflakes into a massive spittoon.

"Who's the old ape?" asked an individual in a striped jersey, and, as my friend's grandfather was depicted holding a glowing cigar, another funster took out a cigarette and prepared to borrow a light from the portrait.

– Давайте условимся о цене, – сказал я. – И во всяком случае уйдемте отсюда.

– Пропустите, **господа**, – крикнул мосье Годар, отстраняя любопытных. В конце залы оказался проход, которого я прежде не заметил, мы пробились туда. – Я ничего не могу решить, – **говорил** мосье Годар, перебивая шум. – Решимость только тогда хороша, когда подкреплена законом. Я должен сперва **посоветоваться** с мэром, который только что умер и еще не избран. **Думаю**, что купить портрет вам не удастся, но тем не менее хочу вам показать еще другие наши сокровища.

Мы очутились в зале **несколько** **больших** размеров. **Там**, на длинном столе под стеклом, раскрыты были **толстые**, **плохо** выпеченные книги с **желтыми пятнами** на грубых листах. Вдоль стен стояли военные куклы в ботфортах с раструбами.

– Давайте обсудим, – **взмолился** я, **порываясь** направить **пируэты** мосье Годара к плюшевому дивану в углу. Но мне помешал сторож. **Потрясая** **единственной** рукой, он **догонял** нас, **сопровождаемый** веселым **табуном** молодых людей, из которых один надел себе на голову медный шлем с рембрандтовским **бликом**.

– Снимите, снимите! – воскликнул мосье Годар, и от чьего-то толчка шлем со звоном слетел с хулигана.

– Дальше, – сказал мосье Годар, дергая меня за рукав, и мы **попали** в отдел античной скульптуры.

На минуту я заблудился среди громадных мраморных ног и дважды обежал кругом исполинского колена, покамест не увидел опять мосье Годара,

“All right, let us settle on the price,” I said, “and, in any case, let's get out of here.”

“Make way, please!” shouted M. Godard, pushing aside the curious.

There was an exit, which I had not noticed previously, at the end of the hall and we thrust our way through to it.

“I can make no decision,” M. Godard was shouting above the din. “Decisiveness is a good thing only when supported by law. I must first discuss the matter with the mayor, who has just died and has not yet been elected. I doubt that you will be able to purchase the portrait but nonetheless I would like to show you still other treasures of ours.”

We found ourselves in a hall of considerable dimensions. Brown books, with a half-baked look and coarse, foxed pages, lay open under glass on a long table. Along the walls stood dummy soldiers in jack boots with flared tops.

“Come, let's talk it over,” I cried out in desperation, trying to direct M. Godard's evolutions to a plush-covered sofa in a corner. But in this I was prevented by the custodian. Flailing his one arm, he came running after us, pursued by a merry crowd of youths, one of whom had put on his head a copper helmet with a Rembrandtesque gleam.

“Take it off, take it off!” shouted M. Godard, and someone's shove made the helmet fly off the hooligan's head with a clatter.

“Let us move on,” said M. Godard, tugging at my sleeve, and we passed into the section of Ancient Sculpture.

I lost my way for a moment among some enormous marble legs, and twice ran around a giant knee before I again caught sight of M. Godard,

который искал меня за белой **пятой** соседней великанши. Тут какой-то человек в котелке, видно на нее взобравшийся, вдруг с большой вышины упал на каменный пол. Его стал **поднимать** товарищ, но оба были **навеселе**, и, махнув на них рукой, мосье Годар **полетел** в следующую комнату, где сияли восточные ткани, гончие мчались по лазурным коврам, и на тигровой шкуре лежал лук с колчаном.

Но странное дело **от простора** и **пестроты** **было** только **тяжело**, **мутно**, – и потому ли, что все новые посетители проносились мимо, или потому, что **мне хотелось поскорее** выбраться из ненужно удлинившегося музея, чтобы **в свободной тишине** докончить с мосье Годаром деловой **разговор**, но меня **охватила** какая-то тревога. Между тем мы перенеслись еще в одну залу, которая уж совсем была громадная, судя по тому, что в ней **помещался** целый скелет кита, подобный остову фрегата **а далее открывались еще и** еще залы, косо **лоснились** **полотна** широких картин, полные грозowych облаков, среди которых плавали в синих и розовых ризах нежные идола религиозной **живописи**, и все это разрешалось внезапным волнением туманных завес, и **зажигались люстры**, и в освещенных аквариумах рыбы виляли прозрачными **шлейфами**, а когда мы **взбежали по лестнице, то сверху**, из галереи, увидели **внизу** толпу седых людей и зонтиков, осматривающих громадную модель мироздания.

Наконец, в каком-то пасмурном, но великолепном помещении, **отведенном** истории паровых машин, мне удалось остановить на мгновение моего беспечного жожака.

– Довольно **я** – крикнул **я** – я уйду. Мы поговорим завтра...

Его уже **не было**. Я повернулся, увидел **в верхке** от себя **высокие** колеса вспотевшего локомотива и долго пытался найти между **макетами** вокзалов обратный путь... Как странно горели лиловые **сигнальные огни**

who was looking for me behind the white ankle of a neighboring giantess. Here a person in a bowler, who must have clambered up her, suddenly fell from a great height to the stone floor. One of his companions began helping him up, but they were both drunk, and, dismissing them with a wave of the hand, M. Godard rushed on to the next room, radiant with Oriental fabrics; there hounds raced across azure carpets, and a bow and quiver lay on a tiger skin.

Strangely, though, the expanse and motley only gave me a feeling of oppressiveness and imprecision, and, perhaps because new visitors kept dashing by or perhaps because I was impatient to leave the unnecessarily spreading museum and amid calm and freedom conclude my business negotiations with M. Godard, I began to experience a vague sense of alarm. Meanwhile we had transported ourselves into yet another hall, which must have been really enormous, judging by the fact that it housed the entire skeleton of a whale, resembling a frigate's frame; beyond were visible still other halls, with the oblique sheen of large paintings, full of storm clouds, among which floated the delicate idols of religious art in blue and pink vestments; and all this resolved itself in an abrupt turbulence of misty draperies, and chandeliers came aglitter and fish with translucent frills meandered through illuminated aquariums. Racing up a staircase, we saw, from the gallery above, a crowd of gray-haired people with umbrellas examining a gigantic mock-up of the universe.

At last, in a somber but magnificent room dedicated to the history of steam machines, I managed to halt my carefree guide for an instant.

“Enough!” I shouted. “I’m leaving. We’ll talk tomorrow!”

He had already vanished. I turned and saw, scarcely an inch from me, the lofty wheels of a sweaty locomotive. For a long time I tried to find the way back among models of railroad stations. How strangely glowed the violet signals in the gloom

во мраке за веером мокрых рельсов, как сжималось мое бедное сердце... Вдруг опять все переменялось: передо мной тянулся бесконечно длинный проход, где было множество конторских шкапов и неуловимо спешивших людей, а кинувшись в сторону, я очутился среди тысячи музыкальных инструментов, – в зеркальной стене отражалась анфилада роялей, а посредине был бассейн с бронзовым Орфеем на зеленой глыбе. Тема воды на этом не кончилась, ибо, метнувшись назад, я угодил в отдел фонтанов, ручьев, прудков, и трудно было идти по извилистому и склизкому их краю.

Изредка, то с одной стороны, то с другой, каменные лестницы с лужами на ступенях, странно пугавшие меня, уходили в туманные пропасти, где раздавались свистки, звон посуды, стук пишущих машинок, удары молотков и много других звуков, словно там были какие-то выставочные помещения, уже закрывающиеся или еще недостроенные. Потом я попал в темноту, где натыкался на неведомую мебель, покамест, увидя красный огонек, я не вышел на платформу, лязгнувшую подо мной... а за ней вдруг открылась светлая, со вкусом убранная гостиная в стиле ампира, но ни души, ни души... Мне уже было непередаваемо страшно, но всякий раз как я поворачивался и старался вернуться по уже пройденным переходам, я оказывался в еще не виданном месте, – в зимнем саду с гортензиями и разбитыми стеклами, за которыми чернела искусственная ночь, или в пустой лаборатории, с пыльными алейками на столах. Наконец я вбежал в какое-то помещение, где стояли вешалки, чудовищно нагруженные черными пальто и каракулевыми шубами; там, в глубине за дверью, вдруг грянули аплодисменты, но когда я дверь распахнул, никакого театра там не было, а просто мягкая муть, туман, превосходно подделанный, с совершенно убедительными пятнами расплывающихся фонарей. Более, чем убедительными! Я двинулся туда,

beyond the fan of wet tracks, and what spasms shook my poor heart. Suddenly everything changed again: in front of me stretched an infinitely long passage, containing numerous office cabinets and elusive, scurrying people. Taking a sharp turn, I found myself amid a thousand musical instruments; the walls, all mirror, reflected an enfilade of grand pianos, while in the center there was a pool with a bronze Orpheus atop a green rock. The aquatic theme did not end here as, racing back, I ended up in the Section of Fountains and Brooks, and it was difficult to walk along the winding, slimy edges of those waters.

Now and then, on one side or the other, stone stairs, with puddles on the steps, which gave me a strange sensation of fear, would descend into misty abysses, whence issued whistles, the rattle of dishes, the clatter of typewriters, the ring of hammers, and many other sounds, as if, down there, were exposition halls of some kind or other, already closing or not yet completed. Then I found myself in darkness and kept bumping into unknown furniture until I finally saw a red light and walked out onto a platform that clanged under me — and suddenly, beyond it, there was a bright parlor, tastefully furnished in Empire style, but not a living soul, not a living soul... By now I was indescribably terrified, but every time I turned and tried to retrace my steps along the passages, I found myself in hitherto unseen places — a greenhouse with hydrangeas and broken windowpanes with the darkness of artificial night showing through beyond; or a deserted laboratory with dusty alembics on its tables. Finally I ran into a room of some sort with coat racks monstrously loaded down with black coats and astrakhan furs; from beyond a door came a burst of applause, but when I flung the door open, there was no theater, but only a soft opacity and splendidly counterfeited fog with the perfectly convincing blotches of indistinct streetlights. More than convincing! I advanced,

и сразу **отрадное** и несомненное ощущение действительности сменило наконец всю ту нереальную дрянь, среди которой я только что метался. Камень под моими ногами был настоящая панель, осыпанная чудно пахнущим, только что выпавшим снегом, на котором редкие пешеходы уже **успели** оставить черные, свежие следы. Сначала тишина и снежная **сырость** ночи, чем-то поразительно знакомые, были приятны мне после моих горячечных блужданий. Доверчиво я стал **соображать**, куда я **собственно** выбрался, и почему снег, и какие это фонари преувеличенно, но **мутно** лучащиеся там и сям в коричневом мраке. Я осмотрел и, нагнувшись, даже тронул каменную **тумбу**... потом взглянул на свою ладонь, полную мокрого, зернистого холодка, словно **думая**, что прочту на ней объяснение. Я почувствовал, как легко, как наивно одет, но ясное **сознание** того, что из музейных дебрей я **вышел на волю**, **опять в настоящую жизнь, это сознание** было еще так сильно, что в первые две-три минуты я не испытывал ни удивления, ни страха. Продолжая неторопливый осмотр, я оглянулся на дом, у которого стоял – и сразу **обратил внимание** на железные ступени с такими же перилами, спускавшиеся в подвальный снег. Что-то меня **кольнуло** в сердце и уже с новым, беспокойным любопытством я взглянул на мостовую, на белый ее покров, по которому тянулись черные линии, на бурое небо, по которому **изредка** **промахивал** **странный** свет, и на **толстый** парпет поодаль; за ним чуялся **провал**, поскрипывало и булькало что-то; а дальше, за впадиной **мрака**, тянулась цепь мохнатых огней. Промокшими туфлями **шурша** по снегу, я прошел несколько шагов и все посматривал на темный дом справа; только в одном окне **тихо** светила лампа под зеленым стеклянным колпаком, – а вот запертые деревянные ворота; а вот, должно быть, – ставни спящей лавки... и при свете фонаря, форма

and immediately a joyous and unmistakable sensation of reality at last replaced all the unreal trash amid which I had just been dashing to and fro. The stone beneath my feet was real sidewalk, powdered with wonderfully fragrant, newly fallen snow, in which the infrequent pedestrians had already left fresh black tracks. At first the quiet and the snowy coolness of the night, somehow strikingly familiar, gave me a pleasant feeling after my feverish wanderings. Trustfully, I started to conjecture just where I had come out, and why the snow, and what were those lights exaggeratedly but indistinctly beaming here and there in the brown darkness. I examined and, stooping, even touched a round spur stone on the curb, then glanced at the palm of my hand, full of wet granular cold, as if hoping to read an explanation there. I felt how lightly, how naively I was clothed, but the distinct realization that I had escaped from the museum's maze was still so strong that, for the first two or three minutes, I experienced neither surprise nor fear. Continuing my leisurely examination, I looked up at the house beside which I was standing and was immediately struck by the sight of iron steps and railings that descended into the snow on their way to the cellar. There was a twinge in my heart, and it was with a new, alarmed curiosity that I glanced at the pavement, at its white cover along which stretched black lines, at the brown sky across which there kept sweeping a mysterious light, and at the massive parapet some distance away. I sensed that there was a drop beyond it, something was creaking and gurgling down there. Further on, beyond the murky cavity, stretched a chain of fuzzy lights. Scuffling along the snow in my soaked shoes, I walked a few paces, all the time glancing at the dark house on my right, only in a single window did a lamp glow softly under its green-glass shade. Here, a locked wooden gate... There, what must be the shutters of a sleeping shop... And by the light of a streetlamp whose shape

которого уже давно мне кричала свою невозможную **весть**, я разобрал кончик вывески: "...инка сапог", – но не снегом, **не снегом** был **затерт** твердый знак. "Нет, я сейчас проснусь", – произнес я вслух и, дрожа, с **колотящимся** сердцем, повернулся, пошел, остановился опять, – и где-то **раздавался, удаляясь, мягкий ленивый и ровный** стук копыт, и снег ермолкой сидел на чуть косо **тумбе**, и он же смутно белел на поленнице **из-за** забора, и я уже **непоправимо** знал, где **нахожусь**. Увы, это была не Россия **моей памяти**, а **всамделишная**, сегодняшняя, заказанная мне, безнадежно рабская и безнадежно **родная**. Полупризрак в легком заграничном костюме стоял на равнодушном снегу, октябрьской ночью, где-то на Мойке или на Фонтанке, а может быть **и** на Обводном канале, **и** надо было что-то делать, куда-то идти, бежать, **дико** оберегать свою хрупкую, свою незаконную жизнь. О, как **часто** во сне мне **уже приходилось** испытывать нечто подобное, но теперь это была действительность, было действительным все, – и воздух, как бы **просеянный** снегом, и еще не замерзший канал, и рыбный **садок**, и особенная квадратность темных и желтых окон. Навстречу мне из тумана вышел человек в меховой шапке, с портфелем под мышкой и **кинул** на меня удивленный взгляд, а потом еще обернулся, пройдя. Я подождал, пока он скрылся, и тогда начал **страшно быстро** вытаскивать все, что у меня было в карманах, и рвать, бросать в снег, утаптывать, – бумаги, письмо от сестры из Парижа, пятьсот франков, платок, папиросы, но для того, чтобы совершенно **отделаться** от всех эмигрантских чешуй, необходимо было бы содрать и уничтожить одежду, **белье**, обувь, все, **и** остаться идеально нагим, **и** хотя меня и так трясло от тоски и холода, я сделал, что мог.

Но довольно. Не стану рассказывать ни о том, как меня задержали, ни о дальнейших моих

had long been shouting to me its impossible message, I made out the ending of a sign –”. . . INKA SAPOG” [“. . . OE REPAIR”] – but no, it was not the snow that had obliterated the “hard sign” at the end.”No, no, in a minute I shall wake up,” I said aloud, and, trembling, my heart pounding, I turned, walked on, stopped again. From somewhere came the receding sound of hooves, the snow sat like a skullcap on a slightly leaning spur stone and indistinctly showed white on the woodpile on the other side of the fence, and already I knew, irrevocably, where I was. Alas, it was not the Russia I remembered, but the factual Russia of today, forbidden to me, hopelessly slavish, and hopelessly my own native land. A semiphantom in a light foreign suit, I stood on the impassive snow of an October night, somewhere on the Moyka or the Fontanka Canal, or perhaps on the Obvodny, and I had to do something, go somewhere, run; desperately protect my fragile, illegal life. Oh, how many times in my sleep I had experienced a similar sensation! Now, though, it was reality. Everything was real – the air that seemed to mingle with scattered snowflakes, the still unfrozen canal, the floating fish house, and that peculiar squareness of the darkened and the yellow windows. A man in a fur cap, with a briefcase under his arm, came toward me out of the fog, gave me a startled glance, and turned to look again when he had passed me. I waited for him to disappear and then, with a tremendous haste, began pulling out everything I had in my pockets, ripping up papers, throwing them into the snow and stamping them down. There were some documents, a letter from my sister in Paris, five hundred francs, a handkerchief, cigarettes; however, in order to shed all the integument of exile, I would have to tear off and destroy my clothes, my linen, my shoes, everything, and remain ideally naked; and, even though I was already shivering from my anguish and from the cold, I did what I could.

But enough. I shall not recount how I was arrested, nor tell of my subsequent

испытаниях. Достаточно сказать, что мне стоило невероятного. Достаточно сказать, что мне стоило невероятного терпения и трудов обратно выбраться за границу и что с той поры я заклился исполнять поручения чужого безумия.

ordeals. Suffice it to say that it cost me incredible patience and effort to get back abroad, and that, ever since, I have forsworn carrying out commissions **entrusted one** by the insanity of others.

6. Облако, озеро, башня

Один из моих представителей, скромный, кроткий холостяк, прекрасный работник, как-то на благотворительном балу, устроенном эмигрантами из России, выиграл увеселительную поездку. Хотя берлинское лето находилось в полном разливе (вторую неделю было сыро, холодно, обидно за все зеленевшее зря, и только воробьи не унывали), ехать ему никуда не хотелось, но когда в конторе общества увеспоездок он попробовал билет свой продать, ему ответили, что для этого необходимо особое разрешение от министерства путей сообщения; когда же он и туда сунулся, то оказалось, что сначала нужно составить сложное прошение у нотариуса на гербовой бумаге, да кроме того раздобыть в полиции так называемое “свидетельство о невыезде из города на летнее время”, причем выяснилось, что издержки составят треть стоимости билета, т. е. как раз ту сумму, которую, по истечении нескольких месяцев, он мог надеяться получить. Тогда, повздыхав, он решил ехать. Взял у знакомых алюминиевую фляжку, подновил подошвы, купил пояс и фланелевую рубашку вольного фасона, – одну из тех, которые с таким нетерпением ждут стирки, чтобы сесть. Она, впрочем, была велика этому милому, коротковатому человеку, всегда аккуратно подстриженному, с умными и добрыми глазами. Я сейчас не могу вспомнить его имя и отчество. Кажется, Василий Иванович.

Он плохо спал накануне отбытия. Почему? Не только потому, что утром надо вставать непривычно рано и таким образом брать с собой в сон личико часов, тикающих рядом на столике, а потому что в ту ночь ни с того, ни с сего ему начало мниться, что эта поездка, навязанная ему случайной судьбой в открытом платье, поездка, на которую он решился так неохотно, принесет ему вдруг чудное,

6. Cloud, Castle, Lake

One of my representatives – a modest, mild bachelor, very efficient – happened to win a pleasure trip at a charity ball given by Russian refugees. That was in 1936 or 1937. The Berlin summer was in full flood (it was the second week of damp and cold, so that it was a pity to look at everything which had turned green in vain, and only the sparrows kept cheerful); he did not care to go anywhere, but when he tried to sell his ticket at the office of the Bureau of Pleasantrips he was told that to do so he would have to have special permission from the Ministry of Transportation; when he tried them, it turned out that first he would have to draw up a complicated petition at a notary's on stamped paper; and besides, a so-called “certificate of nonabsence from the city for the summertime” had to be obtained from the police.

So he sighed a little, and decided to go. He borrowed an aluminum flask from friends, repaired his soles, bought a belt and a fancy-style flannel shirt – one of those cowardly things which shrink in the first wash. Incidentally, it was too large for that likable little man, his hair always neatly trimmed, his eyes so intelligent and kind. I cannot remember his name at the moment. I think it was Vasiliy Ivanovich.

He slept badly the night before the departure. And why? Because he had to get up unusually early, and hence took along into his dreams the delicate face of the watch ticking on his night table; but mainly because that very night, for no reason at all, he began to imagine that this trip, thrust upon him by a feminine fate in a low-cut gown, this trip which he had accepted so reluctantly, would bring him some wonderful,

дрожащее счастье, чем-то **схожее** и с его детством, и с волнением, возбуждаемым в нем **лучшими произведениями** русской поэзии, и с каким-то когда-то виденным во сне вечерним **горизонтом**, и с тою **чужою** женой, которую он **восьмой** год безвыходно любил **но еще полнее и значительнее всего этого**. И кроме того он **думал** о том, что **всякая** настоящая хорошая жизнь должна быть обращением к чему-то, к кому-то.

Утро **поднялось** пасмурное, но теплое, парное, с внутренним солнцем, и было совсем приятно трястись в трамвае на далекий вокзал, где был сборный пункт: в экскурсии, увы, участвовало несколько персон. Кто они будут, эти сонные – как все еще нам незнакомые – спутники? У кассы номер шесть, в семь утра, как было указано в примечании к билету, он и увидел их (**его** уже ждали: минуты на три он **все-таки** опоздал). Сразу выделился долговязый блондин в тирольском костюме, загорелый до цвета петушиного гребня, с огромными, **золотисто-оранжевыми**, волосатыми коленями и лакированным носом. Это был снаряженный обществом жоак, и как только новоприбывший присоединился к группе (состоявшей из четырех женщин и стольких же мужчин), он ее повел к **запрятанному** за поездами поезду, с утрашающей легкостью неся **на спине** свой чудовищный рюкзак и крепко цокая **подкованными** башмаками. **Разместились** в пустом вагончике **сугубо-третьего** класса, и Василий Иванович, сев **в сторонке** и положив в рот мятку, **тотчас** раскрыл томик Тютчева, которого давно собирался перечитать (**“Мы слизь. Реченная есть ложь”, – и дивное о румянном восклицании**); но его попросили отложить книжку и присоединиться ко **всей** группе. Пожилой почтовый чиновник в очках, со щетинисто **сизыми** черепом, подбородком и верхней губой, словно он сбрил ради этой поездки какую-то необыкновенно

tremulous happiness. This happiness would have something in common with his childhood, and with the excitement aroused in him by Russian lyrical poetry, and with some evening skyline once seen in a dream, and with that lady, another man's wife, whom he had hopelessly loved for seven years — but it would be even fuller and more significant than all that. And besides, he felt that the really good life must be oriented toward something or someone.

The morning was dull, but steam-warm and close, with an inner sun, and it was quite pleasant to rattle in a streetcar to the distant railway station where the gathering place was: several people, alas, were taking part in the excursion. Who would they be, these drowsy beings, drowsy as seem all creatures still unknown to us? By Window Number 6, at seven a.m., as was indicated in the directions appended to the ticket, he saw them (they were already waiting; he had managed to be late by about three minutes).

A lanky blond young man in Tyrolese garb stood out at once. He was burned the color of a cockscomb, had huge brick-red knees with golden hairs, and his nose looked lacquered. He was the leader furnished by the Bureau, and as soon as the newcomer had joined the group (which consisted of four women and as many men) he led it off toward a train lurking behind other trains, carrying his monstrous knapsack with terrifying ease, and firmly clanking with his hobnailed boots.

Everyone found a place in an empty car, unmistakably third-class, and Vasiliy Ivanovich, having sat down by himself and put a peppermint into his mouth, opened a little volume of Tyutchev, whom he had long intended to reread; but he was requested to put the book aside and join the group. An elderly bespectacled post-office clerk, with skull, chin, and upper lip a bristly blue as if he had shaved off some extraordinarily

обильную растительность, тотчас сообщил, что бывал в России и знает немножко по-русски, например, “пацлуй”, да так подмигнул, вспоминая проказы в Царицыне, что его толстая жена набросала в воздухе начало оплеухи наотмашь. Вообще становилось шумно. Перекидывались пудовыми шутками четверо, связанные тем, что служили в одной и той же строительной фирме. – мужчина постарше, Шульц, мужчина помоложе, Шульц тоже, и две девицы с огромными ртами, задастые и непоседливые. Рыжая, несколько фарсового типа вдова в спортивной юбке тоже кое-что знала о России (Рижское взморье). Еще был темный, с глазами без блеска, молодой человек, по фамилии Шрам, с чем-то неопределенным, бархатно-гнусным, в обличье и манерах, все время переводивший разговор на те или другие выгодные стороны экскурсии и дававший первый знак к восхищению: это был, как узналось впоследствии, специальный подогреватель от общества увеспоездов.

Паровоз, шибко-шибко работая локтями, бежал сосновым лесом, затем – облегченно – полями и понимая еще только смутно всю чушь и ужас своего положения, и, пожалуй, пытаюсь уговорить себя, что все очень мило, Василий Иванович ухитрялся наслаждаться мимолетными дарами дороги. И действительно, как это все увлекательно, какую прелесть приобретает мир, когда заведен и движется каруселью! Какие выясняются вещи! Жгучее солнце пробиралось к углу окошка и вдруг обливало желтую лавку. Безумно быстро неслась плохо выглаженная тень вагона по травяному скату, где цветы сливались в цветные строки. Шлагбаум: ждет велосипедист, опираясь одной ногой на землю. Деревья появлялись партиями и отдельно, поворачивались равнодушно и плавно, показывая новые моды. Синяя сырость оврага. Воспоминание любви, переодетое лугом. Перистые облака, вроде небесных борзых.

luxuriant and tough growth especially for this trip, immediately announced that he had been to Russia and knew some Russian — for instance, *patzlui* — and, recalling philanderings in Tsaritsyn, winked in such a manner that his fat wife sketched out in the air the outline of a backhand box on the ear. The company was getting noisy. Four employees of the same building firm were tossing each other heavy-weight jokes: a middle-aged man, Schultz; a younger man, Schultz also, and two fidgety young women with big mouths and big rumps. The redheaded, rather burlesque widow in a sport skirt knew something too about Russia (the Riga beaches). There was also a dark young man by the name of Schramm, with lusterless eyes and a vague velvety vileness about his person and manners, who constantly switched the conversation to this or that attractive aspect of the excursion, and who gave the first signal for rapturous appreciation: he was, as it turned out later, a special stimulator from the Bureau of Pleasantrips.

The locomotive, working rapidly with its elbows, hurried through a pine forest, then — with relief — among fields. Only dimly realizing as yet all the absurdity and horror of the situation, and perhaps at tempting to persuade himself that everything was very nice, Vasiliy Ivanovich contrived to enjoy the fleeting gifts of the road. And indeed how enticing it all is, what charm the world acquires when it is wound up and moving like a merry-go-round! The sun crept toward a corner of the window and suddenly spilled over the yellow bench. The badly pressed shadow of the car sped madly along the grassy bank, where flowers blended into colored streaks. A crossing: a cyclist was waiting, one foot resting on the ground. Trees appeared in groups and singly, revolving coolly and blandly, displaying the latest fashions. The blue dampness of a ravine. A memory of love, disguised as a meadow. Wispy clouds — greyhounds of heaven.

Нас с ним всегда поражала эта страшная для души анонимность всех частей пейзажа, невозможность никогда узнать, куда ведет вон та тропинка, – а ведь какая соблазнительная глушь! Бывало, на дальнем склоне или в лесном просвете появится и как бы замрет на мгновение, как задержанный в груди воздух, место до того очаровательное, – полянка, терраса, – такое полное выражение нежной, благожелательной красоты, – что, кажется, вот бы остановить поезд и – туда, навсегда, к тебе, моя любовь... но уже бешено заскакали, вертась в солнечном кипятке, тысячи буковых стволов, и опять прозевал счастье. А на остановках Василий Иванович смотрел иногда на сочетание каких-нибудь совсем ничтожных предметов – пятно на платформе, вишневая косточка, окурок, – и говорил себе, что никогда-никогда не запомнит и не вспомнит более вот этих трех штучек в таком-то их взаимном расположении, этого узора, который однако сейчас он видит до бессмертности ясно; или еще, глядя на кучку детей, ожидающих поезда, он изо всех сил старался высмотреть хоть одну замечательную судьбу – в форме скрипки или короны, пропеллера или лиры, – и досматривался до того, что вся эта компания деревенских школьников являлась ему как на старом снимке, воспроизведенном теперь с белым крестиком над лицом крайнего мальчика: детство героя.

Но глядеть в окно можно было только урывками. Всем были розданы нотные листки со стихами от общества:

Распротись с пустой тревогой,

Палку толстую возьми

И шагай большой дорогой

Вместе с добрыми людьми.

We both, Vasiliy Ivanovich and I, have always been impressed by the anonymity of all the parts of a landscape, so dangerous for the soul, the impossibility of ever finding out where that path you see leads – and look, what a tempting thicket! It happened that on a distant slope or in a gap in the trees there would appear and, as it were, stop for an instant, like air retained in the lungs, a spot so enchanting – a lawn, a terrace – such perfect expression offender well-meaning beauty – that it seemed that if one could stop the train and go thither, forever, to you, my love . . . But a thousand beech trunks were already madly leaping by, whirling in a sizzling sun pool, and again the chance for happiness was gone.

At the stations, Vasiliy Ivanovich would look at the configuration of some entirely insignificant objects – a smear on the platform, a cherry stone, a cigarette butt – and would say to himself that never, never would he remember these three little things here in that particular interrelation, this pattern, which he now could see with such deathless precision; or again, looking at a group of children waiting for a train, he would try with all his might to single out at least one remarkable destiny – in the form of a violin or a crown, a propeller or a lyre – and would gaze until the whole party of village schoolboys appeared as in an old photograph, now reproduced with a little white cross above the face of the last boy on the right: the hero's childhood.

But one could look out of the window only by snatches. All had been given sheet music with verses from the Bureau:

Stop that worrying and moping,

Take a knotted stick and rise,

Come a-tramping in the open

With the good, the hearty guys!

По холмам страны родимой
 Вместе с добрыми людьми,
 Без тревоги нелюдимою,
 Без сомнений, черт возьми.

Километр за километром

Ми-ре-до и до-ре-ми,

Вместе с солнцем, вместе с ветром,

Вместе с добрыми людьми.

Это надо было петь хором. Василий Иванович, который не то что петь, а даже плохо мог произносить немецкие слова, воспользовался неразборчивым ревом слившихся голосов, чтобы только приоткрывать рот и слегка покачиваться, будто в самом деле пел, – но предводитель по знаку вкрадчивого Шрама вдруг резко приостановил общее пение и, подозрительно щурясь в сторону Василия Ивановича, потребовал, чтоб он пропел соло. Василий Иванович прочистил горло, застенчиво начал и после минуты одиночного мучения подхватили все, но он уже не смел выпасть.

У него было с собой: любимый огурец из русской лавки, булка и три яйца. Когда наступил вечер и низкое алое солнце целиком вошло в замызганный, закачанный, собственным грохотом оглушенный вагон, было всем предложено выдать свою провизию, дабы разделить ее поровну, – это тем более было легко, что у всех кроме Василия Ивановича было одно и то же. Огурец всех рассмешил, был признан несъедобным и выброшен в окошко. Ввиду недостаточности пая, Василий Иванович получил меньшую порцию колбасы.

Его заставляли играть в скат, тормозили, расспрашивали, проверяли,

Tramp your country's grass and stubble,

With the good, the hearty guys,

Kill the hermit and his trouble

And to hell with doubts and sighs!

In a paradise of heather

Where the field mouse screams and dies,

Let us march and sweat together

With the steel-and-leather guys!

This was to be sung in chorus. Vasiliy Ivanovich, who not only could not sing but could not even pronounce German words clearly, took advantage of the drowning roar of mingling voices and merely opened his mouth while swaying slightly, as if he were really singing – but the leader, at a sign from the subtle Schramm, suddenly stopped the general singing and, squinting askance at Vasiliy Ivanovich, demanded that he sing solo. Vasiliy Ivanovich cleared his throat, timidly began, and after a minute of solitary torment all joined in; but he did not dare thereafter to drop out.

He had with him his favorite cucumber from the Russian store, a loaf of bread, and three eggs. When evening came, and the low crimson sun entered wholly the soiled seasick car, stunned by its own din, all were invited to hand over their provisions, in order to divide them evenly – this was particularly easy, as all except Vasiliy Ivanovich had the same things. The cucumber amused everybody, was pronounced inedible, and was thrown out of the window. In view of the insufficiency of his contribution, Vasiliy Ivanovich got a smaller portion of sausage.

He was made to play cards. They pulled him about, questioned him, verified

может ли он показать на карте маршрут **предпринятого** путешествия, – словом, все занимались им, сперва добродушно, потом с **угрозой**, растущей по мере приближения ночи. Обеих девиц звали Гретами, рыжая вдова была чем-то похожа на самого петуха-предводителя; Шрам, Шульц и другой Шульц, почтовый чиновник и его жена, все они сливались постепенно, срастаясь, образуя одно сборное, **мягкое**, многорукое существо, от которого **некуда** было деваться. Оно **налезало** на него со всех сторон. Но вдруг на какой-то станции все повывлезли, и это было уже в темноте, хотя на западе еще **стояло** длиннейшее, розовейшее облако, и, пронзая душу, подальше на пути, **горел** дрожащей звездой фонарь сквозь медленный дым **паровоза**, и во мраке цыкали сверчки, и откуда-то пахло жасмином и сеном, моя любовь.

Ночевали в **кривой харчевне**. Матерой клоп ужасен, но есть известная грация в движении шелковистой лепизмы. Почтового чиновника отделили от жены, помещенной с **рыжей**, и подарили на ночь Василию Ивановичу. Кровати занимали всю комнату. Сверху **перина**, снизу горшок. Чиновник сказал, что **спать** ему что-то **не хочется**, и стал рассказывать о своих русских впечатлениях, несколько подробнее, чем в поезде. Это было упрямое и обстоятельное **чудовище** в **арестантских** подштанниках, с перламутровыми когтями на грязных **ногах** и медвежьим мехом между толстыми грудями. Ночная бабочка **металась** по потолку, чокаясь со своей тенью. — В Царицыне, – говорил чиновник, – теперь имеются три школы: немецкая, чешская и китайская. **Так**, по крайней мере, уверяет мой зять, ездивший туда строить тракторы.

На другой день с раннего утра и до пяти пополудни пылили по шоссе, лениво **переходившему** с холма на холм, а затем пошли зеленой дорогой через густой **бор**. Василию Ивановичу, как наименее нагруженному, дали

whether he could show the route of the trip on a map – in a word, all busied themselves with him, at first good-naturedly, then with **malevolence**, which grew with the approach of night. Both girls were called Greta; the red-headed widow somehow resembled the rooster-leader; Schramm, Schultz, and the other Schultz, the post-office clerk and his wife, all gradually melted together, merged together, forming one collective, **wobbly**, many-handed being, from which one could not escape. It **pressed upon** him from all sides. But suddenly at some station all climbed out, and it was already dark, although in the west there still **hung** a very long, very pink cloud, and farther along the track, with a soul-piercing **light**, the star of a lamp trembled through the slow smoke of the **engine**, and crickets chirped in the dark, and from somewhere there came the odor of jasmine and hay, my love.

They spent the night in a **tumble-down inn**. A mature bedbug is awful, but there is a certain grace in the motions of silky silverfish. The post-office clerk was separated from his wife, who was put with the **widow**; he was given to Vasiliy Ivanovich for the night. The **two** beds took up the whole room. **Quilt** on top, chamber pot below. The clerk said that somehow he did not **feel sleepy**, and began to talk of his Russian **adventures**, rather more circumstantially than in the train. He was **a great bully of a man**, thorough and obstinate, **clad in long cotton** drawers, with mother-of-pearl claws on his dirty **toes**, and bear's fur between fat breasts. A moth **dashed about** the ceiling, hobnobbing with its shadow. "In Tsaritsyn," the clerk was saying, "there are now three schools: a German, a Czech, and a Chinese one. At any rate, that is what my brother-in-law says; he went there to build tractors."

Next day, from early morning to five o'clock in the afternoon, they raised dust along a highway, which **undulated** from hill to hill; then they took a green road through a dense **fir** wood. Vasiliy Ivanovich, as the least burdened, was given

нести под мышкой огромный круглый хлеб. До чего я тебя ненавижу, насущный! И все-таки его драгоценные, опытные глаза примечали что нужно. На фоне еловой черноты вертикально висит сухая иголка на невидимой паутинке.

Опять ввалились в поезд, и опять было пусто в маленьком, без перегородок, вагоне. Другой Шульц стал учить Василия Ивановича играть на мандолине. Было много смеху. Когда это надоело, затеяли славную забаву, которой руководил Шрам. Она состояла вот в чем: женщины ложились на выбранные лавки, а под лавками уже спрятаны были мужчины, и вот, когда из-под той или другой вылезала красная голова с ушами или большая, с подыбочным направлением пальцев, рука (вызывавшая визг), то и выяснялось, кто с кем попал в пару. Трижды Василии Иванович ложился в мерзкую тьму, и трижды никого не указывалось на скамейке, когда он из-под нее выползал. Его признали проигравшим и заставили съесть окурок.

Ночь провели на соломенных тюфяках в каком-то сарае и спозаранку отправились снова пешком. Елки, обрывы, пенистые речки. От жары, от песен, которые надо было беспрестанно горланить, Василий Иванович так изнемог, что на полднемном привале немедленно уснул и только тогда проснулся, когда на нем стали шлепать мнимых оводов. А еще через час ходьбы вдруг и открылось ему то самое счастье, о котором он как-то вполгрезы подумал.

Это было чистое, синее озеро с необыкновенным выражением воды. Посередине отражалось полностью большое облако. На той стороне, на холме, густо облепленном древесной зеленью (которая тем позитичнее, чем темнее), высилась прямо из дактиля в дактиль старинная черная башня. Таких, разумеется, видов в средней

an enormous round loaf of bread to carry under his arm. How I hate you, our daily! But still his precious, experienced eyes noted what was necessary. Against the background of fir-tree gloom a dry needle was hanging vertically on an invisible thread.

Again they piled into a train, and again the small partitionless car was empty. The other Schultz began to teach Vasiliy Ivanovich how to play the mandolin. There was much laughter. When they got tired of that, they thought up a capital game, which was supervised by Schramm. It consisted of the following: the women would lie down on the benches they chose, under which the men were already hidden, and when from under one of the benches there would emerge a ruddy face with ears, or a big outspread hand, with a skirt-lifting curve of the fingers (which would provoke much squealing), then it would be revealed who was paired off with whom. Three times Vasiliy Ivanovich lay down in filthy darkness, and three times it turned out that there was no one on the bench when he crawled out from under. He was acknowledged the loser and was forced to eat a cigarette butt.

They spent the night on straw mattresses in a barn, and early in the morning set out again on foot. Firs, ravines, foamy streams. From the heat, from the songs which one had constantly to bawl, Vasiliy Ivanovich became so exhausted that during the midday halt he fell asleep at once, and awoke only when they began to slap at imaginary horseflies on him. But after another hour of marching, that very happiness of which he had once half dreamt was suddenly discovered.

It was a pure, blue lake, with an unusual expression of its water. In the middle, a large cloud was reflected in its entirety. On the other side, on a hill thickly covered with verdure (and the darker the verdure, the more poetic it is), towered, arising from dactyl to dactyl, an ancient black castle. Of course, there are plenty of such views in Central

Европе сколько угодно, но именно, именно этот, по невыразимой и неповторимой согласованности его трех главных частей, по улыбке его, по какой-то таинственной невинности, – любовь моя! послушная моя! – был чем-то таким единственным, и родным и давно обещанным, так понимал созерцателя, что Василий Иванович даже прижал руку к сердцу, словно смотрел тут ли оно, чтоб его отдать.

Поодаль Шрам, тыкая в воздух альпенштоком предводителя, обращал Бог весть на что внимание экскурсантов, расположившихся кругом на траве в любительских позах, а предводитель сидел на пне, задом к озеру, и закусывал. Потихоньку, прячась за собственную спину, Василий Иванович пошел берегом и вышел к постоялому двору, где, прижимаясь к земле, смеясь, истово бия хвостом, его приветствовала молодая еще собака. Он вошел с нею в дом, пегий, двухэтажный, с прищуренным окном под выпуклым черепичным веком и нашел хозяина, рослого старика, смутно инвалидной внешности, столь плохо и мягко изъяснявшегося по-немецки, что Василий Иванович перешел на русскую речь; но тот понимал как сквозь сон и продолжал на языке своего быта, своей семьи. Наверху была комната для приезжих. – Знаете, я сниму ее на всю жизнь, – будто бы сказал Василий Иванович, как только в нее вошел. В ней ничего не было особенного, – напротив, это была самая дюжинная комнатка, с красным полом, с ромашками, намалеванными на белых стенах, и небольшим зеркалом, наполовину полным ромашкового настоя, – но из окошка было ясно видно озеро с облаком и башней, в неподвижном и совершенном сочетании счастья. Не рассуждая, не вникая ни во что, лишь беспрекословно

Europe, but just this one – in the inexpressible and unique harmoniousness of its three principal parts, in its smile, in some mysterious innocence it had, my love! my obedient one! – was something so unique, and so familiar, and so long-promised, and it so *understood* the beholder that Vasiliy Ivanovich even pressed his hand to his heart, as if to see whether his heart was there in order to give it away.

At some distance, Schramm, poking into the air with the leader's alpenstock, was calling the attention of the excursionists *to something or other*; they had settled themselves *around* on the grass in poses *seen in* amateur *snapshots*, while the leader sat on a stump, his back to the lake, and was having a snack. Quietly, concealing himself in his own *shadow*, Vasiliy Ivanovich *followed* the shore, and came to *a kind of inn*. A dog still quite young greeted him; it *crept on its belly*, its *laws* laughing, its tail fervently beating *the ground*. *Vasiliy Ivanovich accompanied* the dog into the house, a piebald two-storied *dwelling* with a winking window beneath a convex tiled eyelid; and he found the owner, a tall old man vaguely resembling a *Russian war* veteran, who *spoke* German so poorly and with such a soft *drawl* that Vasiliy Ivanovich changed to *his own tongue*, but *the man* understood as in a dream and continued in the language of his *environment*, his family.

Upstairs was a room for *travelers*. "You know, I shall take it for the rest of my life," Vasiliy Ivanovich *is reported to* have said as soon as he had entered it. *The room itself* had nothing *remarkable* about it. On the contrary, it was a most ordinary room, with a red floor, daisies daubed on the white walls, and a small mirror half *filled with* the *yellow* infusion of the *reflected* *flowers* – but from the window one could clearly see the lake with its cloud and its *castle*, in a motionless and perfect correlation of happiness. Without reasoning, without considering, only *entirely* surrendering

отдаваясь влечению, правда которого заключалась в его же силе, никогда еще не испытанной, Василий Иванович в одну солнечную секунду понял, что здесь, в этой комнатке с прелестным до слез видом в окне, наконец-то так пойдет жизнь, как он всегда этого желал. Как именно пойдет, что именно здесь случится, он этого не знал, конечно, но все кругом было помощью, обещанием и отрадой, так что не могло быть никакого сомнения в том, что он должен тут поселиться. Мигом он сообразил, как это исполнить, как сделать, чтобы в Берлин не возвращаться более, как выписать сюда свое небольшое имущество – книги, синий костюм, ее фотографию. Все выходило так просто! У меня он зарабатывал достаточно на малую русскую жизнь.

– Друзья мои, – крикнул он, прибежав снова вниз на прибрежную полянку. – Друзья мои, прощайте! Навсегда остаюсь вон в том доме. Нам с вами больше не по пути. Я дальше не еду. Никуда не еду. Прощайте!

– То есть как это? – странным голосом проговорил предводитель, выдержав небольшую паузу, в течение которой медленно линия улыбка на губах у Василия Ивановича, между тем как сидевшие на траве привстали и каменными глазами смотрели на него.

– А что? – пролепетал он. – Я здесь решил...

– Молчать! – вдруг со страшной силой заорал почтовый чиновник. – Опомнись, пьяная свинья!

– Постойте, господа, – сказал предводитель, – одну минуточку, – и, облизнувшись, он обратился к Василию Ивановичу:

– Вы должно быть, действительно, подвыпили, – сказал он спокойно. – Или сошли с ума. Вы совершаете с нами увеселительную поездку. Завтра по указанному маршруту – посмотрите у себя на билете –

to an attraction the truth of which consisted in its own strength, a strength which he had never experienced before, Vasiliy Ivanovich in one radiant second realized that here in this little room with that view, beautiful to the verge of tears, life would at last be what he had always wished it to be. What exactly it would be like, what would take place here, that of course he did not know, but all around him were help, promise, and consolation – so that there could not be any doubt that he must live here. In a moment he figured out how he would manage it so as not to have to return to Berlin again, how to get the few possessions that he had – books, the blue suit, her photograph. How simple it was turning out! As my representative, he was earning enough for the modest life of a refugee Russian.

“My friends,” he cried, having run down again to the meadow by the shore, “my friends, good-bye. I shall remain for good in that house over there. We can't travel together any longer. I shall go no farther. I am not going anywhere. Good-bye!”

“How is that?” said the leader in a queer voice, after a short pause, during which the smile on the lips of Vasiliy Ivanovich slowly faded, while the people who had been sitting on the grass half rose and stared at him with stony eyes.

“But why?” he faltered. “It is here that ...”

“Silence!” the post-office clerk suddenly bellowed with extraordinary force. “Come to your senses, you drunken swine!”

“Wait a moment, gentlemen,” said the leader, and, having passed his tongue over his lips, he turned to Vasiliy Ivanovich.

“You probably have been drinking,” he said quietly. “Or have gone out of your mind. You are taking a pleasure trip with us. Tomorrow, according to the appointed itinerary – look at your ticket –

мы все возвращаемся в Берлин. Речи не может быть о том, чтобы кто-либо из нас – в данном случае вы – отказался продолжать совместный путь. Мы сегодня пели одну песню, – вспомните, что там было сказано. Теперь довольно! Собирайтесь, дети, мы идем дальше.

– Нас ждет пиво в Эвальде, – ласково сказал Шрам. – Пять часов поездом. Прогулки. Охотничий павильон. Угольные копи. Масса интересного.

– Я буду жаловаться, – завопил Василий Иванович. – Отдайте мне мой мешок. Я вправе остаться где желаю. Да ведь это какое-то приглашение на казнь, – будто добавил он, когда его подхватили под руки.

– Если нужно, мы вас понесем, – сказал предводитель, – но это вряд ли будет вам приятно. Я отвечаю за каждого из вас и каждого из вас доставлю назад живым или мертвым.

Увлекаемый, как в дикой сказке по лесной дороге, зажатый, скрученный, Василий Иванович не мог даже обернуться и только чувствовал, как сияние за спиной удаляется, дробимое деревьями, и вот уже нет его, и кругом чернеет бездейственно ропщущая чаша. Как только сели в вагон и поезд двинулся, его начали избивать, – били долго и довольно изощренно. Придумали, между прочим, буравить ему штопором ладонь, потом ступню. Почтовый чиновник, побывавший в России, соорудил из палки и ремня кнут, которым стал действовать, как черт, ловко. Молодчина! Остальные мужчины больше полагались на свои железные каблуки, а женщины пробавлялись щипками да пощечинами. Было превесело.

По возвращении в Берлин он побывал у меня. Очень изменился. Тихо сел, положив на колени руки. Рассказывал. Повторял без конца, что принужден отказаться от должности, умолял отпустить, говорил, что больше не может, что сил больше нет быть человеком. Я его отпустил, разумеется.

we are all returning to Berlin. There can be no question of anyone – in this case you – refusing to continue this communal journey. We were singing today a certain song – try and remember what it said. That's enough now! Come, children, we are going on.”

“There will be beer at Ewald,” said Schramm in a caressing voice. “Five hours by train. Hikes. A hunting lodge. Coal mines. Lots of interesting things.”

“I shall complain,” wailed Vasiliy Ivanovich. “Give me back my bag. I have the right to remain where I want. Oh, but this is nothing less than an invitation to a beheading” – he told me he cried when they seized him by the arms.

“If necessary we shall carry you,” said the leader grimly, “but that is not likely to be pleasant. I am responsible for each of you, and shall bring back each of you, alive or dead.”

Swept along a forest road as in a hideous fairy tale, squeezed, twisted, Vasiliy Ivanovich could not even turn around, and only felt how the radiance behind his back receded, fractured by trees, and then it was no longer there, and all around the dark firs fretted but could not interfere. As soon as everyone had got into the car and the train had pulled off, they began to beat him – they beat him a long time, and with a good deal of inventiveness. It occurred to them, among other things, to use a corkscrew on his palms, then on his feet. The post-office clerk, who had been to Russia, fashioned a knout out of a stick and a belt, and began to use it with devilish dexterity. Atta boy! The other men relied more on their iron heels, whereas the women were satisfied to pinch and slap. All had a wonderful time.

After returning to Berlin, he called on me, was much changed, sat down quietly, putting his hands on his knees, told his story, kept on repeating that he must resign his position, begged me to let him go, insisted that he could not continue, that he had not the strength to belong to mankind any longer. Of course, I let him go.

7. Уста к устам

Еще рыдали скрипки, исполняя как будто гимн страсти и любви, но уже Ирина и взволнованный Долинин быстро направлялись к выходу из театра. Их манила весенняя ночь, манила тайна, которая напряженно встала между ними. Сердца их дрожали в унисон.

– Дайте мне ваш номер от гардеробной вешалки, – промолвил Долинин (вычеркнуто).

– Позвольте, я достану вашу шляпку и манто (вычеркнуто).

– Позвольте, – промолвил Долинин, – я достану ваши вещи (между “ваши” и “вещи” вставлено “и свои”). Долинин подошел к гардеробу и, предъявив номерок (переделано: “оба номерка”)...

Тут Илья Борисович задумался. Неловко, неловко замешкать у гардероба. Только что был вдохновенный порыв, вспышка любви между одиноким, пожилым Долининым и случайной соседкой по ложе, девушкой в черном; они решили бежать из театра, подальше от мундиров и декольте. Впереди мерещился автору Купеческий или Царский сад, акации, обрывы, звездная ночь. Автору не терпелось дорваться вместе с героями до этой звездной ночи. Однако надо было получить вещи, а это нарушало эффект. Илья Борисович перечел написанное, надул щеки, уставился на хрустальный шар пресс-папье и, подумав, решил пожертвовать эффектом ради правдоподобия. Это оказалось нелегко. Талант у него был чисто лирический, природа и переживания давались удивительно просто, но зато он плохо справлялся с житейскими подробностями,

7. Lips to Lips

The violins were still weeping, performing, it seemed, a hymn of passion and love, but already Irina and the deeply moved Dolinin were rapidly walking toward the exit. They were lured by the spring night, by the mystery that had tensely stood up between them. Their two hearts were beating as one.

“Give me your cloakroom ticket,” uttered Dolinin (crossed out).

“Please, let me get your hat and manteau” (crossed out).

“Please,” uttered Dolinin, “let me get your things” (“and my” inserted between “your” and “things”).

Dolinin went up to the cloakroom, and after producing his little ticket (corrected to “both little tickets”) –

Here Ilya Borisovich Tal grew pensive. It was awkward, most awkward, to dawdle there. Just now there had been an ecstatic surge, a sudden blaze of love between the lonely, elderly Dolinin and the stranger who happened to share his box, a girl in black, whereupon they decided to escape from the theater, far, far away from the décolletés and military uniforms. Somewhere beyond the theater the author dimly visualized the Kupecheskiy or Tsarskiy Park, locusts in bloom, precipices, a starry night. The author was terribly impatient to plunge with his hero and heroine into that starry night. Still one had to get one's coats, and that interfered with the glamour. Ilya Borisovich reread what he had written, puffed out his cheeks, stared at the crystal paperweight, and finally made up his mind to sacrifice glamour to realism. This did not prove simple. His leanings were strictly lyrical, descriptions of nature and emotions came to him with surprising facility,

как например открывание и закрывание дверей или рукопожатия, когда в комнате много действующих лиц и один или двое здороваются со многими. При этом Илья Борисович постоянно воевал с местоимениями, например с “она”, которое норовило заменять не только героиню, но и **сумочку или там кушетку**, а потому, чтобы не повторять имени собственного, приходилось говорить “**молодая** девушка” или “его собеседница”, хотя никакой беседы и не происходило. Писание было для Ильи Борисовича неравной борьбой с предметами **первой необходимости**; предметы роскоши казались гораздо покладистее, но, впрочем, и они подчас артачились, застревали, мешали свободе движений, – и теперь, тяжело покончив с возней у гардероба и готовясь героя наделить тростью, Илья Борисович чистосердечно радовался блеску ее массивного набалдашника и, увы, не предчувствовал, какой к нему иск предъявит эта дорогая трость, как мучительно потребует она упоминания, когда Долинин, ощущая в руках гибкое молодое тело, будет переносить Ирину через весенний ручей.

Долинин был просто “пожилой”; Илье Борисовичу шел пятьдесят пятый год. Долинин был “колоссально богат” – без точного объяснения источников дохода; Илья Борисович, директор фирмы, занимавшейся устройством ванных помещений и, кстати сказать, получившей в тот год заказ облицевать изразцами пещерные стены нескольких станций подземной дороги, был вполне состоятелен. Долинин жил в России, вероятно на юге России, и познакомился с Ириной задолго до последней войны. Илья Борисович жил в Берлине, куда эмигрировал с женой и сыном в 1920 году. Его литературный стаж был давлен, но невелик: некролог в “Южном вестнике” о местном либеральном купце (1910 год), два стихотворения в прозе (август 1914 года и март 1917 года) там же, и книжка, содержащая этот же некролог и эти же два стихотворения в прозе, –

but on the other hand he had a lot of trouble with routine-items, such as, for instance, the opening and closing of doors, or shaking hands when there were numerous characters in a room, and one person or two persons saluted many people. Furthermore Ilya Borisovich tussled constantly with pronouns, as for example “she,” which had a teasing way of referring not only to the heroine but also to her mother or sister in the same sentence, so that in order to avoid repeating a proper name one was often compelled to put “that lady” or “her interlocutress” although no interlocution was taking place. Writing meant to him an unequal contest with indispensable objects; luxury goods appeared to be much more compliant, but even they rebelled now and then, got stuck, hampered one’s freedom of movement – and now, having ponderously finished with the cloakroom fuss and being about to present his hero with an elegant cane, Ilya Borisovich naively delighted in the gleam of its rich knob, and did not foresee, alas, what claims that valuable article would make, how painfully it would demand mention, when Dolinin, his hands feeling the curves of a supple young body, would be carrying Irina across a vernal rill.

Dolinin was simply “elderly”; Ilya Borisovich Tal would soon be fifty-five. Dolinin was “colossally wealthy,” without precise explanation of his source of income; Ilya Borisovich directed a company engaged in the installation of bathrooms [that year, incidentally, it had been appointed to panel with enameled tiles the cavernous walls of several underground stations] and was quite well-to-do. Dolinin lived in Russia [South Russia, probably] and first met Irina long before the Revolution. Ilya Borisovich lived in Berlin, whither he had migrated with wife and son in 1920. His literary output was of long standing, but not big: the obituary of a local merchant, famous for his liberal political views, in the Kharkov Herald (1910), two prose poems, *ibid.* (August 1914 and March 1917) and one book, consisting of that obituary and those two prose poems –

хорошенькая книжка, появившаяся в разгар гражданской войны. Наконец, уже в Берлине, Илья Борисович написал небольшой этюд “Плавающие и путешествующие” и напечатал его в русской газете, скромно выходившей в Чикаго; но вскоре эта газета **как-то** испарилась, другие же **органы печати** рукописей не возвращали и **ни в какие** не вступали переговоры. Затем было два года литературного затишья: болезнь и смерть жены, инфляция, тысяча дел. Сын кончил в Берлине гимназию, поступил во Фрейбургский университет. И вот, в 1925 году, вместе с началом старости, благополучный и в общем очень одинокий Илья Борисович почувствовал такой писательский зуд, такую жажду – о нет, не славы, а просто теплоты и внимания со стороны читающей публики, – что решил дать себе полную волю, написать роман и издать его на собственный счет.

Уже к тому времени, когда герой, тоскующий, много испытавший Долинин, слышал зов новой жизни и, едва не застряв **навек** у гардероба, ушел с молодой девушкой в весеннюю ночь, найдено было название романа: **а именно**: “Уста к устам”. Долинин поселил Ирину у себя, но ничего между ними еще не было, – он хотел, чтоб она сама к нему пришла и воскликнула:

– Возьми меня, мою чистоту, мое страдание... Я твоя. Твое одиночество – мое одиночество, и как бы долго или кратко ты ни любил меня, я готова на все, ибо вокруг нас весна зовет к человечности и добру, ибо твердь и небеса блещут божественной красотой, ибо я тебя люблю...

– Сильное место, – сказал Евфратский. – Очень сильное.

– **Что** – не скучно? – спросил Илья Борисович, взглянув поверх роговых очков. – А? Вы прямо скажите...

– Она, вероятно, ему отдастся, – предположил Евфратский.

a pretty volume that landed right in the raging middle of the civil war. Finally, upon reaching Berlin, Ilya Borisovich wrote a little etude, “Travelers by Sea and Land,” which appeared in a humble emigre daily published in Chicago; but that newspaper soon vanished like smoke, while other periodicals did not return manuscripts and never discussed rejections. Then followed two years of creative silence: his wife's illness and death, the *Inflationszeit*, a thousand business undertakings. His son finished high school in Berlin and entered Freiburg University. And now, in 1925, at the onset of old age, this prosperous and on the whole very lonely person experienced such an attack of writer's itch, such a longing – oh, not for fame, but simply for some warmth and heed on the part of readerdom – that he resolved to let himself go, write a novel and have it published at his own cost.

Already by the time that its protagonist, the heavy-hearted, world-weary Dolinin, hearkened to the clarion of a new life and (after that almost fatal stop at the cloakroom) escorted his young companion into the April night, the novel had acquired a title: *Lips to Lips*. Dolinin had Irina move to his flat, but nothing had happened yet in the way of lovemaking, for he desired that she come to his bed of her own accord, exclaiming:

“Take me, take my purity, take my torment. Your loneliness is my loneliness, and however long or short your love may be, I am prepared for everything, because around us spring summons us to humanness and good, because the sky and the firmament radiate divine beauty, and because I love you.”

“A powerful passage,” observed Euphratski. “Terra firma meant, I dare say. Very powerful.”

“And it is not boring?” asked Ilya Borisovich Tal, glancing over his horn-rimmed glasses. “Eh? Tell me frankly.”

“I suppose he'll deflower her,” mused Euphratski.

– Мимо, читатель, мимо, – ответил Илья Борисович (в смысле “пальцем в небо”), улыбнулся не без лукавства, слегка встряхнул рукописью, поудобнее скрестил полные ляжки и продолжал чтение.

Он читал Евфратскому роман небольшими порциями по мере производства. Евфратский, как-то раз нагрянувший к нему по случаю концерта, на который продавал билеты, был журналист с именем – вернее, с дюжиной псевдонимов. до тех пор Илья Борисович водил знакомство только в немецкой индустриальной среде, но уже теперь, посещая собрания, доклады, мелкие спектакли, знал в лицо кое-кого из так называемой пишущей братии, с Евфратским же очень подружился и ценил мнение его, как стилиста, хотя стиль у Евфратского был известно какой. злободневный. Илья Борисович часто звал его к себе, они пили коньяк и говорили о литературе – точнее, говорил хозяин, а гость жадно копил впечатления, чтобы потом ими развлекать приятелей. Правда, в литературе у Ильи Борисовича был вкус несколько тяжеловатый. Пушкина он, конечно, признавал, но знал его более по операм, вообще находил его “олимпийски спокойным и неспособным волновать”. Из всей поэзии он наизусть помнил только “Море” Вейнберга и одно стихотворение Скитальца, где рифмуется “повешен” и “замешан”. Любил ли Илья Борисович подтрунить над декадентами? Да, любил, но ведь, с другой стороны, он сам честно оговаривался, что в стихах мало смыслит. Зато о русской прозе он рассуждал охотно, с жаром — уважал Лугового, ценил Короленко, находил, что Арцыбашев развращает молодежь...

"Mimo, chitatel', mimo!" ("Wrong, reader, wrong!") answered Ilya Borisovich (misinterpreting Turgenev). He smiled rather smugly, gave his manuscript a resettling shake, crossed his fat-thighed legs more comfortably, and continued his reading.

He read his novel to Euphratski bit by bit, at the rate of production. Euphratski, who had once swooped upon him on the occasion of a concert with a charitable purpose, was an emigre journalist "with a name," or, rather, with a dozen pseudonyms. Hitherto Ilya Borisovich's acquaintances used to come from German industrial circles; now he attended emigre meetings, lectures, amateur theatricals, and had learned to recognize some of the belles-lettres brethren. He was on especially good terms with Euphratski and valued his opinion as coming from a stylist, although Euphratski's style belonged to the topical sort we all know. Ilya Borisovich frequently invited him, they sipped cognac and talked about Russian literature, or more exactly Ilya Borisovich did the talking, and the guest avidly collected comical scraps with which to entertain his own cronies later. True, Ilya Borisovich's tastes were on the heavyish side. He gave Pushkin his due, of course, but knew him mainly through the medium of three or four operas, and in general found him "olympically serene and incapable of stirring the reader." His knowledge of more recent poetry was limited to his remembering two poems, both with a political slant, "The Sea" by Veynberg (1830-1908) and the famous lines of Skitaletz (Stepan Petrov, born 1868) in which "dangled" (on the gallows) rhymes with "entangled" (in a revolutionary plot). Did Ilya Borisovich like to make mild fun of the "Decadents"? Yes, he did, but then, one must note that he frankly admitted his incomprehension of verse. Per contra, he was fond of discussing Russian fiction; he esteemed Lugovoy (a regional mediocrity of the 1900s), appreciated Korolenko, and considered that Artsybashev debauched young readers.

О беллетристике поновее он говорил, разводя руками: “Скучно пишут!”, чем повергал Евфратского в какой-то тихий экстаз.

– Писатель должен быть с душой, – твердил Илья Борисович, – участлив, отзывчив, справедлив. Я может быть пустяк, ничтожество, но у меня есть свое кредо. Пускай хоть одно мое писательское слово западет кому-нибудь в душу... – И Евфратский мутными глазами смотрел на него, предвкушая с мучительной нежностью завтрашний мимический пересказ, утробный гогот того, чревовещательный писк этого...

И вот настал день, когда черновик романа был окончен. На предложение Евфратского пойти посидеть в кафе Илья Борисович ответил с таинственной вескостью:

– Не могу. Я полирую слог.

Полировка состояла в том, что, ополчившись на слово “молодая”, попадавшееся слишком часто, он заменил его там и сям словом “юная”, которое произносил как будто в нем два “эн”; “юнная”.

Через день, вечером, в кафе. Красный диванчик. Двое. По виду скажешь: дельцы. Один – солидный, осанистый, некурящий, с выражением доброты и доверия на полном лице; другой – тощий, густобровый, с двумя брезгливыми складками, идущими от рысых ноздрей к опущенным углам рта, из которого косо торчит еще незажженная папироса. Тихий голос первого:

– Конец я написал одним порывом. Он умирает, да, умирает...

Молчание. Красный диванчик мягок. За окном проплывает, как рыба в аквариуме, насквозь освещенный трамвай.

In regard to the novels of modern émigré writers he would say, with the “empty-handed” Russian gesture of inutility, “Dull, dull!,” which sent Euphratski into a kind of rapturous trance.

“An author should be soulful,” Ilya Borisovich would reiterate, “and compassionate, and responsive, and fair. Maybe I’m a flea, a nonentity, but I have my credo. Let at least one word of my writings impregnate a reader’s heart.” And Euphratski would fix reptilian eyes upon him, foretasting with agonizing tenderness tomorrow’s mimetic report, A’s belly laugh, Z’s ventriloquistic squeak.

At last came the day when the first draft of the novel was finished. To his friend’s suggestion that they repair to a café, Ilya Borisovich replied in a mysterious and weighty tone of voice, “Impossible. I’m polishing my phrasing.”

The polishing consisted of his launching an attack on the too frequently occurring adjective *molodaya*, “young” (feminine gender), replacing it here and there by “youthful,” *yunaya*, which he pronounced with a provincial doubling of the consonant as if it were spelled *yunnaya*.

One day later Twilight Café on Kurfurstendamm. Settee of red plush. Two gentlemen. To a casual eye: businessmen. One – respectable-looking, even rather majestic, a nonsmoker, with an expression of trust and kindness on his fleshy face; the other – lean, beetle-browed, with a pair of fastidious folds descending from his triangular nostrils to the lowered corners of his mouth from which protrudes obliquely a cigarette not yet lit. The first man’s quiet voice: “I penned the end in one spurt. He dies, yes, he dies.”

Silence. The red settee is nice and soft. Beyond the picture window a translucent tram floats by like a bright fish in an aquarium tank.

Евфратский щелкнул зажигалкой, выпустил дым из ноздрей и сказал:

– А почему **бы вам**, Илья Борисович, до выхода романа **отдельным изданием**, не **пропустить его через** журнал?

– Я же не имею **протекций**... **Кто возьмет**? Печатают все одних и тех же.

– Пустяки. У меня есть **идейка**, но ее еще надо **хорошенько** обмозговать.

– Я бы **с** радостью... – мечтательно **произнес** Илья Борисович.

Еще через несколько дней, в кабинете у Ильи Борисовича, изложение идейки:

– Пошлите вашу вещь, – Евфратский прищурился и вполголоса **докончил**: – “Ариону”.

– “Ариону”? – **переспросил** Илья Борисович, нервно погладив рукопись.

– Ничего страшного. Название журнала. Неужели не знаете? Ай-я-яй! Первая книжка вышла весной, осенью **выйдет** вторая. Нужно немножко следить за литературой, Илья Борисович.

– Как же так – просто послать?

– Ну да, в Париж, редактору. Уж имя-то Галатова вы, **небось**, знаете?

Илья Борисович виновато пожал толстым плечом. Евфратский, **морщась**, объяснил: беллетрист, новые формы, мастерство, сложная конструкция, русский Джойс...

– Джойс, – смиренно повторил Илья Борисович.

– Сперва дайте перестукать, – сказал Евфратский. – И, **пожалуйста**, ознакомьтесь с журналом.

Он ознакомился. В магазине ему дали пухлую розовую книгу, он ее купил, вслух заметив:

Euphratski clicked his cigarette lighter, expelled smoke from his nostrils, and said, “Tell me, Ilya Borisovich, why not have a literary magazine run it as a serial before it comes out in book form?”

“But, look, I’ve no pull with that crowd. They publish always the same people.”

“Nonsense. I have a little plan. Let me think it over.”

“I’d be happy. . . .” murmured Tal dreamily.

A few days later in I. B. Tal’s room at the office, The unfolding of the little plan.

“Send your thing” Euphratski narrowed his eyes and lowered his voice “to *Arion*.”

“*Arion*? What’s that?” said I.B., nervously patting his manuscript

“Nothing very frightening. It’s the name of the best émigré review. You don’t know it? Ay-ya-yay! The first number came out this spring, the second is expected in the fall. You should keep up with literature a bit closer, Ilya Borisovich!”

“But how to contact them? Just mail it?”

“That’s right. Straight to the editor. It’s published in Paris. Now don’t tell me you’ve never heard Galatov’s name?”

Guiltily Ilya Borisovich shrugged one fat shoulder. Euphratski, his face working wryly, explained: a writer, a master, new form of the novel, intricate construction, Galatov the Russian Joyce.

“Djoys,” meekly repeated Ilya Borisovich after him.

“First of all have it typed,” said Euphratski. “And for God’s sake acquaint yourself with the magazine.”

He acquainted himself. In one of the Russian bookshops of exile he was handed a plump pink volume. He bought it, thinking aloud, as it were: “Young venture. Must be encouraged.”

– Молодое начинание. Нужно, знаете, поощрять.

– Прекратилось молодое начинание, – сказал хозяин магазина. – Один номер всего и вышел.

– Вы не в курсе, – с улыбкой возразил Илья Борисович. – Я знаю достоверно, что следующий выйдет осенью.

Вернувшись домой, он бережно разрезал книжку. В ней он нашел малопонятную вещь Галатова, два-три рассказа смутно-знакомых авторов, какие-то туманные стихи и весьма дельную статью о немецкой индустрии, подписанную “Тигрин”. “Никогда не возьмут, – с тоской подумал Илья Борисович. – Тут своя компания”.

Все же он вызвал по объявлению в газете некую госпожу Любанскую (стенография и машинка) и стал с чувством ей диктовать, волнуясь, повышая голос, и все смотрел, какое впечатление **производит** на нее роман. Она порхала карандашом по блокноту – маленькая, черненькая, с экземой на лбу, а Илья Борисович ходил кругами по кабинету, суживая круги, когда приближалось эффектное место. К концу первой главы в комнате стоял крик.

– И вся прежняя жизнь показалась ему страшной ошибкой, – возопил Илья Борисович – и уже обыкновенным конторским голосом **сказал**: – Все это к завтрашнему дню перепишите, **четыре** копии, **оставьте** поля **пошире**, **завтра** приходите, **как сегодня**.

Ночью он придумывал, что напишет Галатову, когда будет посылать роман: “...на строгий суд... сотрудничал там-то и там-то...” А наутро (такова прелестная предупредительность судьбы) Илья Борисович получил письмо:

“Finished, the young venture,” said the bookseller. “One number was all that came out.”

“You are not in touch,” rejoined Ilya Borisovich with a smile. “I definitively know that the next number will be out in autumn.”

Upon coming home, he took an ivory paperknife and neatly cut the magazine's pages. Therein he found an unintelligible piece of prose by Galatov, two or three short stories by vaguely familiar authors, a mist of poems, and an extremely capable article about German industrial problems signed Tigris.

Oh, they'll never accept it, reflected Ilya Borisovich with anguish. They all belong to one crew.

Nevertheless he located one Madame Lubansky (“stenographer and typist”) in the advertisement columns of a Russian-language newspaper and, having summoned her to his apartment, started to dictate with tremendous feeling, boiling with agitation, raising his voice — and glancing ever and again at the lady to see her reaction to his novel. Her pencil kept flitting as she bent over her writing pad — a small, dark woman with a rash on her forehead — and Ilya Borisovich paced his study in circles, and the circles would tighten around her at the approach of this or that spectacular passage. Toward the end of the first chapter the room vibrated with his cries.

“And his entire yore seemed to him a horrible error,” roared Ilya Borisovich, and then added, in his ordinary office voice, “Type this out for tomorrow, five copies, wide margins, I shall expect you here at the same hour.”

That night, in bed, he kept thinking up what he would tell Galatov when sending the novel (“... awaiting your stern judgment . . . my contributions have appeared in Russia and America. . .”), and on the following morning — such is the enchanting obligingness of fate — Ilya Borisovich received this letter from Paris:

“Глубокоуважаемый Борис Григорьевич! Я узнал от **нашего** общего знакомого о новом вашем произведении. Редакции “Ариона” было бы интересно **прочитать** его, так как хотелось бы поместить в очередной книжке что-нибудь “свежее”.

P. S. Как странно: я недавно вспоминал Ваши изящные миниатюры в “**Южном вестнике**”...

“Просит. Помнит...” – растерянно произнес Илья Борисович. Затем он позвонил Евфратскому и, **как-то** боком отвалился в кресле, облокотясь о стол рукой, в которой держал трубку, а другой делая широкий жест, и весь сияя, затянул:

– Ну-у, голубчик, ну-у, голубчик, – и вдруг **увидел**, что блестящие предметы на столе дрожат, дwoятся, плывут мокрым миражем. Он перемигнул, и все стало по своим местам, и **усталый** голос Евфратского томно отвечал:

– Что вы... между коллегами... обыкновенная услуга...

Поднимались все выше пять **ровных** пачек. Долинин, еще ни разу не обладавший Ириной, случайно узнал, что она увлечена другим, молодым художником... Иногда Илья Борисович диктовал в конторском кабинете, и тогда немки-машинистки, слыша отдаленный крик, дивились, кого это так распекает добродушный их шеф. Долинин с ней поговорил по душам, она ему сказала, что никогда не покинет его, потому что слишком ценит его прекрасную одинокую душу, но, увы, **телом** принадлежит другому, и Долинин молча поклонился. Наконец, настал день, когда он сделал завещание в ее пользу, настал день, когда он застрелился (из маузера), настал день, когда Илья Борисович, блаженно улыбаясь, спросил Любанскую, принесшую последнюю порцию переписанных страниц, сколько он ей должен, и попытался ей переплатить.

Dear Boris Grigorievich,

I learn from a common friend that you have completed a new opus. The editorial board of Arion would be interested in seeing it, since we would like to have something “refreshing” for our next issue.

How strange! Only the other day I found myself recalling your elegant miniatures in the Kharkov Herald!

“I’m remembered, I’m wanted,” distractedly uttered Ilya Borisovich. Thereupon he rang up Euphratski, and throwing himself back in his armchair, sideways – with the uncouthness of triumph – leaning the hand that held the receiver upon his desk, while outlining an ample gesture with the other, and beaming all over, he drawled, “Well, oh-old boy, well, oh-old boy” – and suddenly the various bright objects upon the desk began to tremble and twin and dissolve in a moist mirage. He blinked, everything resumed its right place, and Euphratski’s languid voice replied, “Oh, come! Brother writers. Ordinary good turn.”

Five stacks of typed pages grew higher and higher. Dolinin, who with one thing and another had not yet possessed his fair companion, happened to discover that she was infatuated with another man, a young painter. Sometimes I.B. dictated in his office, and then the German typists in the other rooms, hearing that remote roar, wondered who on earth was being bawled out by the usually good-natured boss. Dolinin had a heart-to-heart talk with Irina, she told him she would never leave him, because she prized too highly his beautiful lonely soul, but, alas, she belonged physically to another, and Dolinin silently bowed. At last, the day came when he made a will in her favor, the day came when he shot himself (with a Mauser pistol), the day came when Ilya Borisovich, smiling blissfully, asked Madame Lubansky, who had brought the final portion of the typescript, how much he owed her, and attempted to overpay.

Он с увлечением перечел “Уста к устам” и одну копию передал Евфратскому для исправления (кое-какие изменения, там, где в скорописи были пробелы, внесла уже переписчица). Евфратский ограничился тем, что в одной из первых строк вставил красным карандашом темпераментную запятую. Илья Борисович аккуратно перевел эту запятую на экземпляр, предназначенный “Ариону”, подписал роман псевдонимом, выведенным из имени покойной жены, закрепил страницы зажимчиками, приложил длинное письмо, все это всунул в большой удобный конверт, взвесил, сам пошел на почтамт и отправил роман заказным.

Квитанцию он положил в бумажник и приготовился к неделям трепетного ожидания. Однако ответ Галатова пришел с чудесной скоростью, – на пятый день: “Глубокоуважаемый Илья Григорьевич! Редакция в полном восторге от Вами присланного материала. Редко доводилось нам читать страницы, на которых был бы так явственен отпечаток “человеческой души”. Ваш роман волнует своим лица не общим выражением. В нем есть “горечь и нежность”. Некоторые описания, как, например, в самом начале описание театра, соперничают с аналогичными образами в произведениях наших классиков и, в известном смысле, одерживают верх. Я говорю это с полным сознанием “ответственности” такого суждения. Ваш роман был бы истинным украшением “Ариона”.

Как только Илья Борисович немного успокоился, он вместо того, чтобы ехать в контору, пошел в Тиргартен, сел на скамейку и стал думать о жене, как она порадовалась бы вместе с ним. Погода он отправился к Евфратскому.

With ravishment he reread *Lips to Lips* and handed over one copy to Euphratski for corrections (some discreet editing had already been accomplished by Madame Lubansky at such points where chance omissions garbled her shorthand notes). All Euphratski did was to insert in one of the first lines a temperamental comma in red pencil. Ilya Borisovich religiously transported that comma to the copy destined for *Arion*, signed his novel with a pseudonym derived from “Anna” (the name of his dead wife), fastened every chapter with a trim clip, added a lengthy letter, slipped all this into a huge solid envelope, weighed it, went to the post office himself, and sent the novel by registered mail.

With the receipt tucked away in his wallet, Ilya Borisovich braced himself for weeks and weeks of tremulous waiting. Galatov's reply came, however, with miraculous promptness – on the fifth day.

Dear Ilya Grigorievich,

The editors are more than entranced with the material you sent us. Seldom have we had the occasion to peruse pages upon which a “human soul” has been so clearly imprinted. Your novel moves the reader with a face's singular expression, to paraphrase Baratynski, the singer of the Finnish crags. It breathes “bitterness and tenderness.” Some of the descriptions, such as for example that of the theater, in the very beginning, compete with analogous images in the works of our classical writers and in a certain sense gain the ascendancy. This I say with a full awareness of the “responsibility” attached to such a statement. Your novel would have been a genuine adornment of our review.

As soon as Ilya Borisovich had somewhat recovered his composure, he walked over to the Tiergarten instead of riding to his office and sat there on a park bench, tracing arcs on the brown ground, thinking of his wife, and imagining how she would have rejoiced with him. After a while he went to see Euphratski.

Евфратский лежал в постели и курил. Они вместе исследовали каждую фразу письма. Когда дошли до последней Илья Борисович кротко поднял глаза и спросил:

– Почему, скажите, стоит “был бы”, а не “будет”, ведь я же им даю с радостью, – или это просто для изящества оборота?

– Нет, тут, к сожалению, другое, – ответил Евфратский – Вероятно они из гордости скрывают. Но дело в том, что журналу крышка – да, это на днях выяснилось публике, знаете, читает всякое дерьмо, а “Арион” рассчитан на требовательного читателя. Вот и получается...

– Я уже это слышал, – с тревогой сказал Илья Борисович – но я думал, это клевета конкурентов или невежество. Неужели второго номера не будет? Это же ужасно!

– Денег нет. Журнал бессеребряный, идеалистический – такие, увы, погибают.

– Но как же, как же! – крикнул Илья Борисович, всплеснув руками. – Ведь они одобрили мою вещь, ведь они хотели бы ее напечатать!..

– Да не повезло, – равнодушным голосом произнес Евфратский. – А скажите, Илья Борисович.., – и он заговорил о другом.

Ночью Илья Борисович плотно подумал, кое-что сам с собой обсудил и, позвонив утром Евфратскому, поставил ему некоторые вопросы финансового свойства. Евфратский отвечал вяло, но чрезвычайно точно. Илья Борисович подумал еще, и на следующий день сделал Евфратском предложение для передачи “Ариону”. Предложение было принято, и Илья Борисович перевел в Париж некоторую сумму. В ответ на это он получил письмо с выражением нашей живейшей благодарности и с сообщением, что вторая книга выйдет через месяц.

The latter lay in bed, smoking. They analyzed together every line of the letter. When they got to the last one, Ilya Borisovich meekly raised his eyes and asked, “Tell me, why **do you think** he put 'would have been' and not 'will be'? **Doesn't he understand** that I'm overjoyed to give them **my novel**? Or is it simply **a stylistic device**?”

“**I'm afraid there's another reason**,” answered Euphratski. “No doubt **it's a case of** concealing **something** out of **sheer** pride. In point of fact the magazine is folding up – yes, **that's what I've just learned**. **The émigré public** consumes as you know all sorts of trash, and *Arion* is meant for the **sophisticated** reader. Well, that's the result.”

“I've also heard **rumors**,” said **very much** perturbed Ilya Borisovich, “but I thought it was slander **spread** by competitors, or **mere** stupidity. Can it be **really** possible that no second issue will **ever** come out? It is awful!”

“**They have** no funds. The review is a disinterested, idealistic **enterprise**. Such publications, alas, perish.”

“But how, how can it be!” cried Ilya Borisovich, with a **Russian splash**-gesture of **helpless dismay**. “Haven't they approved my thing, don't they want to print it?”

“Yes, **too bad**,” said Euphratski **calmly**. “**By the way**, tell me –” and he **changed the subject**.

That night Ilya Borisovich did some hard thinking, conferred with his inner self, and next morning phoned his friend to submit to him certain questions of a financial nature. Euphratski's replies were listless **in tone** but most accurate **in sense**. Ilya Borisovich pondered some more and on the following day made Euphratski an offer to be submitted to *Arion*. The offer was accepted, and Ilya Borisovich transferred to Paris a certain amount of money. In reply he got a letter with expressions of deep gratitude and a communication to the **effect** that the **next** issue **of Arion** would come out in a month's time.

Постскрипtum заключал вежливую просьбу: “Позвольте нам подписать роман не И. Анненский, как Вы предлагаете, а Илья Анненский”. “Вы совершенно правы, – ответил Илья Борисович. – Я просто не знал, что уже есть литератор, пишущий под этим именем. Радуюсь, что мой роман увидит у Вас свет. Будьте добреньки, как только выйдет журнал, вышлите мне пять экземпляров”. (Он имел в виду старуху-родственницу и двух-трех деловых знакомых. Сын по-русски не читал.)

Тут начался период в жизни Ильи Борисовича, который острословы обозначили коротким термином “кстати”. То в книжной лавке, то на каком-нибудь собрании, то просто на улице, подходил к вам с приветом (“А! Как живете?”) малознакомый, приятный и солидный на вид господин в роговых очках, заводил с вами разговор о том и о сем, заметно переходил от того и сего к литературе и вдруг говорил: “Кстати...”; при этом его рука судорожно ныряла за пазуху и мгновенно извлекала письмо, “Вот, кстати, что мне пишет Галатов – знаете? Галатов, русский Джойс”. Вы берете письмо и читаете: “...редакция в полном восторге... наших классиков... украшением...” “Спутал мое отчество, – говорит Илья Борисович с добродушным смешком.

A postscript contained a courteous request:

Allow us to put, a novel by Ilya Annenski, and not, as you suggest, 'I. Annenski, otherwise there might be some confusion with the Hast swan of Tsarskoe Selo, as Gumilyov calls him.

Ilya Borisovich answered:

Yes, of course. I just did not know that there already existed an author writing under that name. I am delighted my work will be printed. Please have the kindness to send me five specimens of your journal as soon as it is out.

(He had in view an old female cousin and two or three business acquaintances. His son did not read Russian.)

Here began the era in his life which the wits denoted by the term “apropos.” Either in a Russian bookshop, or at a meeting of the Friends of Expatriate Arts, or else simply on the sidewalk of a West Berlin street, you were amiably accosted (“Ah! How goes it?”) by a person you knew slightly, a pleasant and dignified gentleman wearing horn-rimmed glasses and carrying a cane, who would engage you in casual conversation about this and that, would imperceptibly pass from this and that to the subject of literature, and would suddenly say: “Apropos, here's what Galatov writes me. Yes – Galatov. Galatov the Russian Djoys.”

You take the letter and scan it:

. . . editors are more than entranced . . . our classical writers . . . adornment of our review.

“He got my patronymic wrong,” adds Ilya Borisovich with a kindly chuckle.

– Знаете – писатель... Рассеянный... А журнал выйдет в сентябре, прочтете мою вещьцу). И спрятав письмо, он прощается с вами и озабоченно спешит дальше.

Литературные неудачники, мелкие журналисты, корреспонденты каких-то бывших газет измывались над ним с диким сладострастием. С таким гиком великовозрастное хулиганье мучит кошку с таким огоньком в глазах немолодой, несчастливый в наслаждениях мужчина рассказывает гнусный анекдот. Глумились, разумеется, за его спиной, но громко, развязно, совершенно не опасаясь превосходной акустики в местах сплетен. Вероятно до тетеревиного слуха Ильи Борисовича не доходило ничего. Он расцвел, он ходил новой, беллетристической походкой, он стал писать сыну по-русски с подстрочным немецким переводом большинства слов. В конторе уже знали, что Илья Борисович не только превосходный человек, но еще Schriftsteller¹⁰³, и некоторые из знакомых коммерсантов поверяли ему любовные свои тайны; “Вот вы опишите...” К нему, почуяв некий теплый ветерок, стала шляться изо дня в день – кто с черного хода, кто с парадного – разноцветная нищета. С ним был почитителен не один известный в эмиграции человек. Да что говорить – Илья Борисович оказался и впрямь окруженным уважением и славой. Не было такого званого вечера в интеллигентном доме, где бы не упоминалось его имени, – а как, с какой искрой, не все ли равно? Важно не как, а что, – говорит истинная мудрость.

В конце месяца Илье Борисовичу пришлось по делу уехать, и он пропустил появившееся в русских газетах объявление о скором выходе “Ариона”. Вернулся он в Берлин усталый, озабоченный, поглощенный деловыми мыслями. На столе в прихожей лежал большой, кубообразный пакет. Он, не снимая пальто, мгновенно

¹⁰³ (Писатель (нем.)).

“You know how writers are: absentminded! The journal will come out in September, you will read my little work.” And replacing the letter in his wallet, he takes leave of you and with a worried air hurries away.

Literary failures, hack journalists, special correspondents of forgotten newspapers derided him with savage volupty. Such hoots are emitted by delinquents torturing a cat, such a spark glows in the eyes of a no longer young, sexually unlucky fellow telling a particularly dirty story. Naturally, it was behind his back that they jeered, but they did so with the utmost *sans-gêne*, disregarding the superb acoustics of every locus of tattle. Being, however, as deaf to the world as a grouse in courtship, he probably did not catch one sound of all this. He blossomed, he walked his cane with a new, novelistic stance, he started writing to his son in Russian with an interlinear German translation of most of the words. At the office one knew already that I. B. Tal was not only an excellent person but also a *Schрифsteller*, and some of his business friends confided their love secrets to him as themes he might use. To him, sensing a certain warm zephyr, there began to flock in, through front hall or back door, the motley mendicancy of emigration. Public figures addressed him with respect. The fact could not be denied: Ilya Borisovich was indeed surrounded by esteem and fame. Not a single party in a cultured Russian milieu passed without his name being mentioned. How it was mentioned, with what kind of snicker, hardly matters: the thing, not the way, is important, says true wisdom.

At the end of the month Ilya Borisovich had to leave town on a tedious business trip and so he missed the advertisements in Russian-language newspapers regarding the coming publication of *Arion* 2. When he returned to Berlin, a large cubical package awaited him on the hallway table. Without taking his topcoat off, he instantaneously

пакет вскрыл. Розовое, холодное, пухлое. И пурпурными буквами: “Арион”. Пять экземпляров.

Илья Борисович хотел распахнуть один из них, книга сладко хрустнула, но не разжмурилась — еще слепая, новорожденная. Он попробовал опять, — мелькнули какие-то чужие, чужие стишки. Он перебросил тяжесть сложенных листов справа налево и попал на страницу с оглавлением. Он проехался взглядом по именам и названиям, но не нашел, не нашел... Книга попыталась закрыться, он попридержал ее, дошел до конца перечня — нету! Что же это такое, Господи, что же это... Не может быть... Просто выпало из оглавления,— это бывает, это бывает... Он уже оказался в кабинете и вот всадил белый нож в толстое слоистое тело книги. На первом месте — Галатов, потом — стихи, потом два рассказа, опять стихи, опять проза, — а уже дальше какие-то обозрения, какие-то статейки. Илья Борисович почувствовал вдруг утомление, равнодушие ко всему. Ну, что ж... Может быть, слишком много было матерьяла. Напечатают в следующем номере. Это уже наверняка. Но опять ждать, ждать... Ну, что ж... Он машинально выпускал из-под большого пальца нежные страницы. Хорошая бумага. Что ж, я все-таки помог... Нельзя требовать, чтобы меня вместо Галатова или... И тут... выпрыгнуло и закружилось, и пошло, пошло, подбоченься, родное, милое: “...юная, едва оформившаяся грудь... еще рыдали скрипки... гардероб... весенняя ночь их встретила лас...” и на обороте страницы неизбежное, как продолжение рельсов после туннеля, “...ковым и страстным дуновением...” — Как же я сразу не догадался! — воскликнул Илья Борисович.

Озаглавлено было “Пролог к роману”. Подписано было “А. Ильин” и в скобках: “Продолжение следует”. Маленький кусок, три с половиной странички,

undid the parcel. Pink, plump, cool tomes. And, on the covers, *ARION* in purple-red letters. Six copies.

Ilya Borisovich attempted to open one; the book crackled deliciously but refused to uncloset. Blind, newborn! He tried again, and caught a glimpse of alien, alien versicles. He swung the mass of uncut pages from right to left – and happened to spot the table of contents. His eye raced through names and titles, but *he was not there*, *he was not there*! The volume endeavored to shut, he applied force, and reached the end of the list. Nothing! How could that be, good God? Impossible! Must have been omitted by chance from the table, such things happen, they happen! He was now in his study, and seizing his white knife, he stuck it into the thick, foliated flesh of the book. First Galatov, of course, then poetry, then two stories, then again poetry, again prose, and farther on nothing but trivia – surveys, critiques, and so forth. Ilya Borisovich was overwhelmed all at once by a sense of fatigue and futility. Well, nothing to be done. Maybe they had too much material. They'll print it on the next number. Oh, that's for certain! But a new period of waiting – Well, I'll wait. Mechanically he kept sifting the soft pages between finger and thumb. Fancy paper. Well, I've been at least of some help. One can't insist on being printed instead of Galatov or – And here, abruptly, there jumped out and whirled and went tripping, tripping along, hand on hip, in a Russian dance, the dear, heart-warm words: "... her youthful, hardly formed bosom . . . violins were still weeping . . . both little tickets ... the spring night welcomed them with a car –" and on the reverse page, as inevitably as the continuation of rails after a tunnel: "essing and passionate breath of wind –"

"How the deuce didn't I guess immediately!" ejaculated Ilya Borisovich.

It was entitled "Prologue to a novel." It was signed "A. Ilyin" with, in parentheses, "To be continued." A small bit, three pages and a half,

но какой кусок... Увертюра. Изячно. Ильин лучше Анненского, иначе все-таки могли бы спутать. Но почему “Пролог к роману”, а не просто “Уста к устам”, глава 1? Ах, это совершенно неважно.

Он перечел свои страницы трижды. Затем отложил книгу, прошелся по кабинету, небрежно посвистывая, как будто ровно ничего не случилось, – ну да, лежит книга, – книга как книга – в чем дело? Затем он бросился к ней и перечел себя еще восемь раз подряд. Затем он посмотрел в оглавление – А. Ильин, стр. 205 – нашел стр. 205, и, смакуя слова, перечел снова. Он еще долго так играл.

Журнал сменил письмо. Илья Борисович всюду ходил с “Арионом” под мышкой и при всякой встрече раскрывал его на привыкшей к этому странице. В газетах появились рецензии. В первой из них Ильин не был упомянут вовсе. Во второй написали: “Пролог к роману” г. Ильина – какое-то недоразумение”. В третьей было просто: “Еще помещены такой-то и А. Ильин”. В четвертой, наконец (милый, скромный журнальчик, выходивший где-то в Польше), сказано было так: “Произведение Ильина подкупает своей искренностью. Автор отображает зарождение любви на фоне музыки. К несомненным достоинствам следует отнести литературность изложения”. Начался третий период, после периода “кстати” и периода ношения книги: Илья Борисович извлекал из бумажника рецензию.

Он был счастлив. Он выписал еще пять экземпляров. Он был счастлив. Умалчивание объяснялось косностью, придирки – недоброжелательством. Он был счастлив. Продолжение следует. И вот, как-то в воскресенье, позвонил Евфратский:

– Угадайте, – сказал он, – кто хочет с вами говорить? Галатов! Да, он приехал на пару дней.

but what a *nice* bit! Overture. Elegant. “Ilyin” is better than “Annenski.” Might have been a mix-up *even if they had put “Ilya Annenski.”* But why “Prologue” and not simply *Lips to Lips*, Chapter One? Oh, that's quite unimportant.

He reread the *piece* thrice. Then he laid the magazine aside, paced his study, whistling negligently the while, as if nothing whatever had happened; well, yes, there's that book lying there – some book or other – *who cares*? Whereupon he rushed toward it and reread himself eight times in a row. Then he looked up “A. Ilyin, p. 205” in the table of contents, found p. 205, and, relishing *every word*, reread *his “Prologue.”* He kept playing that way for quite a time.

The magazine replaced the letter. Ilya Borisovich *constantly* carried a copy of *Arion* under his arm, and upon *running into* any sort of *acquaintance*, opened the volume at a page that had grown accustomed to *presenting itself*. *Arion* *was reviewed* in the papers. The first of those reviews did not mention Ilyin at all. The second had: “Mr. Ilyin's 'Prologue to a novel' must *surely* be *a joke* of some kind.” The third noted merely that Ilyin and another were newcomers *to the magazine*. Finally, a fourth *reviewer* (in a charming, modest little periodical appearing somewhere in Poland) wrote as follows: “Ilyin's piece attracts one by its sincerity. The author pictures the birth of love against a background of music. Among the indubitable qualities of the piece one should *mention* the *good style of the narration.*” A *new era* started (after the “apropos” period and the book-carrying one): Ilya Borisovich would extract that review from his wallet.

He was happy. He purchased *six* more copies. He was happy. Silence was readily explained by inertia, *detraction* by *enmity*. He was happy. “To be continued.” And then, one Sunday, came a telephone call from Euphratski: : “Guess,” he said, “who wants to speak to you? Galatov! Yes, he's *in Berlin* for a couple of days. *I pass the receiver.*”

Зазвучал **незнакомый**, **играющий**, **напористый**, сладкоо**дуряющий** голос.

Условились.

– Завтра в пять часов у меня. Жалко, что не сегодня.

– Не могу, – отвечал **играющий** голос. – Меня тащат на “Черную Пантеру”. Я **кстати** давно не видался с Евгенией Дмитриевной...

Актриса, приехавшая из Риги в русский Берлин на гастроль. Начало в половине девятого. Илья Борисович **посреди** ужина вдруг посмотрел на часы, хитро улыбнулся и **поехал** в театр. Театр **был плохонький** – не театр **даже**, а зал, предназначенный скорее для лекций, нежели для **представлений**. Спектакль еще не начинался, в холодном вестибюле потрескивал русский разговор. Илья Борисович **сдал** старухе в черном трость, котелок, пальто, заплатил, опустил жетон в жилетный карманчик и, **медленно** потирая руки, огляделся. Рядом стояла группа из трех людей: молодой человек, про которого Илья Борисович только и знал, что он пишет **о кинематографе**, жена молодого человека, угловатая, с лорнетом, и **незнакомый господин**, в пижонистом **пиджаке**, бледный, с черной бородкой, красивыми бараньими глазами и золотой цепочкой на волосатой кисти.

– Но почему, почему, – живо говорила дама, – почему вы это **поместили**? **Вить...**

– Ну что вы к бедняге **пристали?** – радужным баритоном отвечал **господин**. – **Бездарно**, **допустим**. Но, очевидно,

A voice never yet heard took over. A shimmering, urgeful, mellow, narcotic voice. A meeting was settled.

“Tomorrow at five at my place,” said Ilya Borisovich, “what a pity you can't come tonight!”

“Very regrettable,” rejoined the shimmering voice; “you see, I'm being dragged by friends to attend *The Black Panther* – terrible play – but it's such a long time since I've seen dear Elena Dmitrievna.”

Elena Dmitrievna Garina, a handsome elderly actress, who had arrived from Riga to star in the repertoire of a Russian-language theater in Berlin. Beginning at half-past eight. After a solitary supper Ilya Borisovich suddenly glanced at his watch, smiled a sly smile, and took a taxi to the theater.

The “theater” was really a large hall meant for lectures, rather than plays. The performance had not yet started. An amateur poster featured Garina reclining on the skin of a panther shot by her lover, who was to shoot her later on. Russian speech crepitated in the cold vestibule. Ilya Borisovich relinquished into the hands of an old woman in black his cane, his bowler, and his topcoat, paid for a numbered jetton, which he slipped into his waistcoat pocket, and leisurely rubbing his hands looked around the vestibule. Close to him stood a group of three people: a young reporter whom Ilya Borisovich knew slightly, the young man's wife (an angular lady with a lorgnette), and a stranger in a flashy suit, with a pale complexion, a little black beard, beautiful ovine eyes, and a gold chainlet around his hairy wrist.

“But why, oh why,” the lady was saying to him vivaciously, “why did you print it? Cause you know –”

“Now stop attacking that unfortunate fellow,” replied her interlocutor in an iridescent baritone voice. “All right, he's a hopeless mediocrity, I grant you that,

были причины...

Он добавил что-то вполголоса, и дама, звякнув лорнетом, воскликнула:

– Извините, по-моему, если вы печатаете только потому, что он дает деньги...

– Тише, тише, – сказал господин. – Не разглашайте наших тайн.

Тут Илья Борисович встретился глазами с молодым человеком, мужем угловатой дамы, и тот как бы замер, а потом, вздрогнув, застонал и начал как-то напирать на жену, которая, однако, продолжала:

– Дело не в этом несчастном Ильине, а в принципах.

– Иногда приходится ими жертвовать, – сдержанно отвечал баритон.

Но Илья Борисович уже не слышал и видел сквозь туман и, совершенно потерявшись, совершенно еще не сознавая ужаса происшедшего, а только стремясь инстинктивно поскорее отойти от чего-то стыдного, гнусного, нестерпимого, подвинулся было к смутному столику, где смутно продавались билеты, но вдруг судорожно повернул вспять, толкнул при этом спешившего к нему Евфратского и, очутившись опять у гардероба, протянул свой жетон. Старуха в черном, – 79, вон там... Он страшно заторопился, он уже размахнулся, чтобы влезть в рукав пальто, но тут подскочил Евфратский и с ним тот, тот...

– Вот и наш редактор, – сказал Евфратский, и Галатов, выкатив глаза и пытаясь не дать Илье Борисовичу опомниться, хватал его за рукав, помогая ему, и быстро говорил:

– Очень рад познакомиться, очень рад познакомиться, позвольте помочь.

but evidently we had reasons –”

He added something in an undertone and the lady, with a click of her lorgnette, retorted in anger, “Excuse me, but in my opinion, if you print him only because he supports you financially –”

“*Doucement, doucement.* Don't proclaim our editorial secrets.”

Here Ilya Borisovich caught the eye of the young reporter, the angular lady's husband, and the latter froze for an instant and then moaned with a start, and proceeded to push his wife away with his whole body, but she continued to speak at the top of her voice: “I'm not concerned with the wretched Ilyin, I'm concerned with matters of principle –”

“Sometimes, principles have to be sacrificed,” coolly said the opal-voiced fop.

But Ilya Borisovich was no longer listening. He saw things through a haze, and being in a state of utter distress, not yet realizing fully the horror of the event, but instinctively striving to retreat as fast as possible from something shameful, odious, intolerable, he moved at first toward the vague spot where vague seats were being sold, but then abruptly turned back, almost collided with Euphratski who was hurrying toward him, and made for the cloakroom.

Old woman in black. Number 79. Down there. He was in a desperate hurry, had already swept his arm back to get into a last coat sleeve, but here Euphratski caught up with him, accompanied by the other, the other –

“Meet our editor,” said Euphratski, while Galatov, rolling his eyes and trying not to let Ilya Borisovich regain his wits, kept catching the sleeve in a semblance of assistance and talking fast: “Innokentiy Borisovich, how are you? Very glad to make your acquaintance. Pleasant occasion. Allow me to help you.”

– Ах, Боже мой, оставьте, – **сказал** Илья Борисович, борясь с пальто, с Галатовым, – **оставьте меня**. Это гадость. Я не могу. Это гадость.

– Явное недоразумение, – молниеносно вставил Галатов.

– Оставьте, **пожалуйста**, – крикнул Илья Борисович и, **вырвавшись из его рук**, **сгреб** с прилавка котелок и, все еще надевая пальто, вышел.

– **Что это, что это, ах, что это**, – шептал он, шагая по тротуару, но **вдруг** растопырил руки: забыл трость.

Он машинально пошел дальше, а **потом** тихонько споткнулся и стал, точно кончился завод.

– **Зайду** за ней, когда **они там** начнут. Надо подождать...

Мимо проезжали автомобили, звонил трамвай, ночь была ясная, сухая, нарядная. Он медленно двинулся **назад**, к театру. Он думал о том, что стар, одинок, что у него **очень** мало радостей и что старики должны за радости платить. Он думал о том, что может быть еще нынче, а завтра **наверное**, Галатов будет объяснять, увещевать, оправдываться. Он знал, что надо все простить, иначе продолжения не будет. И еще он **думал** о том, что его полностью оценят, когда он умрет, и вспоминал, собирал в кучку крупницы похвал, **слышанных им** за последнее время, и тихо ходил взад и вперед **по тротуару**, и погода вернулся за тростью.

“For God's sake, leave me alone,” muttered Ilya Borisovich, struggling with the coat and with Galatov. “Go away. Disgusting. I can't. It's disgusting.”

“Obvious misunderstanding,” put in Galatov at top speed.

“Leave me alone,” cried Ilya Borisovich, wrenched himself free, scooped up his bowler from the counter, and went out, still putting on his coat.

He kept whispering incoherently as he marched along the sidewalk; then he spread his hands: he had forgotten his cane!

Automatically he continued to walk, but presently with a quiet little stumble came to a stop as if the clockwork had run out.

He would go back for the thing once the performance had started. Must wait a few minutes.

Cars sped by, tramcars rang their bells, the night was clear, dry, spruced up with lights. He began to walk slowly toward the theater. He reflected that he was old, lonely, that his joys were few, and that old people must pay for their joys. He reflected that perhaps even to night, and in any case, tomorrow, Galatov would come with explanations, exhortations, justifications. He knew that he must forgive everything, otherwise the “To be continued” would never materialize. And he also told himself that he would be fully recognized after his death, and he recollected, he gathered up in a tiny heap, all the crumbs of praise he had received lately, and slowly walked to and fro, and after a while went back for his cane.

8. Ultima Thule

Помнишь, мы как-то завтракали (принимали пищу) года за два до твоей смерти? Если, конечно, память может жить без головного убора. Кстатическая мысль: вообразим новейший письмовник. К безрукому: крепко жму вашу [многоточие]. К покойнику: призрачно ваш. Но оставим эти виноватые виньетки. Если ты не помнишь, то я за тебя помню: память о тебе может сойти, хотя бы грамматически, за твою память, и ради крашеного слова вполне могу допустить, что если после твоей смерти я и мир еще существуем, то лишь благодаря тому, что ты мир и меня вспоминаешь. Сейчас обращаюсь к тебе вот по какому поводу. Сейчас обращаюсь к тебе вот по какому случаю. Сейчас обращаюсь к тебе только затем, чтобы поговорить с тобой о Фальтере. Вот судьба! Вот тайна! Вот почерк! Когда мне надоедает уверять себя, что он полоумный или квак (как на английский лад ты звала шарлатанов), я вижу в нем человека, который... который... потому, что его не убила бомба истины, разорвавшаяся в нем... вышел в боги! – и как же ничтожны перед ним все прозорливцы прошлого: пыль, оставляемая стадом на [вечерней] заре, сон во сне (когда снится, что проснулся), первые ученики в нашем герметически закрытом учебном заведении, он-то вне нас, в яви, – вот раздутое голубиное горло змеи, чарующей меня. Помнишь, мы как-то завтракали в ему принадлежавшей гостинице, на роскошной, многоярусной границе Италии, где асфальт без конца умножается на глицинии и воздух пахнет резиной и раем? Адам Фальтер тогда был еще наш, и если ничто в нем не предвещало – как это сказать? – скажу: прозрения, – зато весь его сильный склад (не хрящи, а подшипники, карамбольная связность телодвижений,

8. Ultima Thule

Do you remember **the day** you and I were lunching (partaking of nourishment) a couple of years before your death? **Assuming**, of course, that memory can live without its headdress? Let us imagine **– just** an **“apositional”** thought **–** some **totally** new **handbook** of epistolary samples. To **a lady** who has lost **her right** hand: I **kiss** your ellipsis. To a deceased: Respecterfully yours. But enough of these **sheepish** vignettes. If you don't remember, then I remember for you: the memory of you can pass, grammatically speaking at least, for your memory, and I am perfectly **willing to grant** for the sake of an **ornate phrase** that if, after your death, I and the world still **endure**, it is only because you recollect the world and me. I address you now for the following reason. I address you now on the following occasion. I address you now simply to chat with you about Falter. What a fate! What a mystery! What a handwriting! When I tire of trying to persuade myself that he is a half-wit or a *kvak* (as you **used to Russianize** the English **synonym** for “charlatan”), he **strikes me** as a person who . . . who, because he **survived** the bomb of truth that exploded in him . . . became a god! Beside him, how paltry seem all the bygone clairvoyants: the dust raised by the herd at sunset, the dream within a dream (when you dream you have awakened), the **crack** students in our institute of learning hermetically closed **to outsiders**; for Falter stands *outside* our **world**, in **the true** reality. **Reality!** – that is the **pouter-pigeon** throat of the snake that fascinates me. **Remember the time we lunched** at the hotel managed by Falter near the luxuriant, many-terraced Italian border, where the asphalt is infinitely **exalted** by the wisteria, and the air smells of rubber and paradise? Adam Falter was still **one of us** then, and, if nothing about him presaged . . . what shall I call it? – **say**, **seerhood** – nevertheless his whole strong cast (the caromlike coordination of his bodily movements,

точность, орлиный холод) теперь, задним числом, объясняет то, что он выжил: было из чего вычитать.

О, моя милая, как улыбнулось тобой с того лукоморья, – и никогда больше, и кусаю себе руки, чтобы не затрястись, и вот не могу, съезжаю, плачу на тормозах, на б и на у, и все это такая унижительная физическая чушь: горячее мигание, чувство удушья, грязный платок, судорожная, вперемежку со слезами, зевота, – ах не могу без тебя... и, высморкавшись, переглотнув, вот опять начинаю доказывать стулу, хватая его, столу, стуча по нему, что без тебя не бобу. Слышишь ли меня? Банальная анкета, на которую не откликаются духи, – но как охотно за них отвечают односмертники наши; я знаю! (пальцем в небо) вот позвольте я вам скажу... Милая твоя голова, ручеек виска, незабудочная серость косящего на поцелуй глаза, тихое выражение ушей, когда поднимала волосы, как мне примириться с исчезновением, с этой дырой в жизни, куда все теперь осыпается, скользит вся моя жизнь, мокрый гравий, предметы, привычки... и какая могильная ограда может помешать мне тихо и сытно повалиться в эту пропасть. Душекружение. Помнишь, как тотчас после твоей смерти я выбежал из санатория и не шел, а как-то притоптывал и даже пританцовывал (прищевив не палец, а жизнь), один на той витой дороге между чрезвычайно чешуйчатых сосен и колючих щитов агав, в зеленом забронированном мире, тихонько подтягивавшем ноги, чтобы от меня не заразиться. О да, все кругом опасливо и внимательно молчало, и только когда я смотрел на что-нибудь, это что-нибудь, спохватившись, принималось деланно двигаться или шелестеть или жужжать, словно не замечая меня. “Равнодушная природа” – какой вздор!

as though he had **ball** bearings for cartilages, his precision, his aquiline **aloofness**) now, in **retrospect**, explains why he survived **the shock**: **the original figure was large enough to withstand** the subtraction.

Oh, my love, how **your presence** smiles from that **fabled** bay – and nevermore! – **oh**, I bite my **knuckles** so as not to start shaking **with sobs**, but **there is no holding them back**: down **I slide with locked brakes**, making “hoo” and “boohoo” **sounds**, and it is all such humiliating physical nonsense: the hot blinking, the feeling of suffocation, the dirty handkerchief, the convulsive yawning alternating with the tears – I just can't, can't **live** without you. I blow my nose, swallow, and then all over again try to persuade the chair which I clutch, the desk which I pound, that I can't **boohoo** without you. Are you **able to** hear me? That's from a banal questionnaire, which ghosts do not answer, but how willingly our death-cell-mates respond for them; “I know!” (pointing skyward **at random**), “I'll be **glad** to tell you!” Your darling head, the **hollow** of your temple, the forget-me-not gray of an eye squinting at an **incipient** kiss, the placid expression of your ears when you would lift up your hair... how can I reconcile myself to your disappearance, to this **gaping** hole, into which slides everything **■** my whole life, wet gravel, objects, and habits **■** and what tombal **tailings** can prevent me from tumbling, with silent relish, into this abyss? Vertigo of the soul. Remember how, right after you died, I hurried out of the sanatorium, not walking but sort of stamping and even dancing **with pain** (**life having got jammed in the door like a finger**), alone on that winding road among the exaggeratedly scaly pines and the prickly shields of agaves, in a green armored world that quietly drew in its feet so as not to catch the disease. Ah, yes **■** everything around **me** kept warily, attentively silent, and only when I looked at something did that something **give a start** and begin **ostentatiously** to move, rustle, or buzz, **pretending** not to notice me. “Indifferent nature,” **says Pushkin**. Nonsense!

Сплошное чураание, вот это вернее.

Жалко же. Такая была дорогая. И, держась снутри за тебя, за пуговку, наш ребенок за тобой **последовал**. Но, мой бедный господин, не делают женщине брюха, когда у нее горловая чахотка. Невольный перевод с французского на адский. Умерла ты на шестом своем месяце и унесла остальные, как бы не погасив полностью долга. А как мне хотелось, сообщил красноносый вдовец стенам, иметь от нее ребеночка. Êtes vous tout a fait certain, docteur, que la science ne connait pas de ces cas exceptionnels où l'enfant naît dans la tombe?¹⁰⁴ И сон, который я видел: будто этот чесночный доктор (он же не то Фальтер, не то Александр Васильевич) необыкновенно охотно отвечал, что да, как же, это бывает, и таких (то есть посмертно рожденных) зовут трупсиками.

Ты-то мне еще ни разу **с тех пор** не приснилась. **Цензура**, что ли, **не пропускает**, или сама уклоняешься от этих тюремных со мной свиданий. Первое время я суеверно, унизительно, подлый невежда, боялся тех мелких тресков, которые всегда издает комната по ночам, но которые теперь страшной вспышкой отражались во мне, ускоряя бег кудахтающего низкокрылого сердца. Но еще хуже были ночные ожидания, когда я лежал и старался не думать, что ты вдруг можешь мне ответить стуком, если об этом подумаю, но это значило только усложнять скобки, фигурные после простых (думал о том, что стараюсь не думать), и страх в середине рос да рос. Ах, как был ужасен этот сухонький стук ноготка внутри столешницы, и как не похож, конечно, на интонацию твоей души, твоей жизни. Вульгарный дух с повадками дятла, или бесплотный шалун, призрак-пошляк, который пользуется моим голым горем. Днем же, напротив, я был

¹⁰⁴ Вы совершенно уверены, доктор, что наука не знает таких исключительных случаев, когда ребенок рождается в могиле ? (Франц.) .

A continuous **shying-away** would be a more accurate **description**.

What a shame, **though**. **You were** such a darling. And, holding on to you from within by a little button, our child **went** with you. But, my poor sir, one does not make a child to a woman when she has tuberculosis of the throat. Involuntary translation from French into Hadean. You died in your sixth month and took the remaining **twelve weeks** with you, not paying off your debt in full, **as it were**. How much I wanted her to bear me a child, the red-nosed widower informed the walls. *Êtes-vous tout à fait certain, docteur, que la science ne connaît pas de ces cas exceptionnels où l'enfant naît dans la tombe?* And the dream I had: that garlicky doctor (who was at the same time Falter, or was it Alexander Vasilievich?) replying with exceptional readiness, that yes, of course it sometimes did happen, and that such children (i.e., the posthumously born) were known as cadaverkins.

As to you, never once **since you died** have you appeared in my dreams. Perhaps **the authorities** **intercept** you, or you yourself avoid such prison visits with me. At first, base ignoramus that I was, I feared – superstitiously, humiliatingly – the small cracklings that a room always emits at night, but that were now reflected within me by terrifying flashes which **made my clucking heart scuttle away faster with low-spread** wings. Even worse, however, was the nighttime waiting, when I would lie in bed, trying not to think how you might suddenly **give me an answering** knock if I thought about it, but this only meant complicating the **mental** **parenthesization**, **placing** **brackets within braces** (thinking about trying not to think), and the fear within **them** grew and grew. Oh, how awful was the dry tap of the **phantasmal** fingernail inside the tabletop, and how little it resembled, of course, the intonation of your soul, of your life. A vulgar ghost with the tricks of a woodpecker, a disincarnate **humorist**, a corny **cobold** taking advantage of my **stark-naked** grief. In the daytime, on the other hand, I was

смел, я вызывал тебя на любое проявление отзывчивости, пока сидел на камушках пляжа, где когда-то вытягивались твои золотые ноги, ■ и как тогда волна прибежала, запыхавшись, но, так как ей нечего было сообщить, рассыпалась в извинениях. Камни, как кукушкины яйца, кусок черепицы в виде пистолетной обоймы, осколок топазового стекла, что-то вроде мочального хвоста, совершенно сухое, мои слезы, микроскопическая бусинка, коробочка из-под папирос, с желтобородым матросом в середине спасательного круга, камень, похожий на ступню помпеянца, чья-то косточка или шпатель, жестянка из-под керосина, осколок стекла гранатового, ореховая скорлупа, безотносительная ржавка, фарфоровый иверень, – и где-то ведь непременно должны были быть остальные, дополнительные к нему части, и я воображал вечную муку, каторжное задание, которое служило бы лучшим наказанием таким, как я, при жизни слишком далеко забежавшим мыслью, а именно найти и собрать все эти части, чтобы составить опять тот соусник, ту супницу, – горбатые блуждания по дико туманным побережьям, а ведь если страшно повезет, то можно в первое же, а не триллионное утро целиком восстановить посудину – и вот он, этот наимучительнейший вопрос *везения*, лотерейного счастья, – того самого билета, без которого, может быть, не дается благополучия в вечности.

В эти ранние весенние дни узенькая полоса гальки проста и пуста, но по набережной надо мной проходили гуляющие, и кто-нибудь, я думаю, говорил, глядя на мои лопатки, вот художник Синеусов, на днях потерявший жену. И, вероятно, я бы так просидел вечно, ковыряя сухой морской брак, глядя на спотыкавшуюся пену, на фальшивую нежность длинных серийных облачков вдоль горизонта и на темно-лиловые тепловые подточины в студеной сине-зелени моря, если бы действительно кто-то с панели меня не узнал.

fearless, and would challenge you to manifest your responsiveness in any way you liked, as I sat on the pebbles of the beach, where once your golden legs had been extended; and, as before, a wave would arrive, all out of breath, but, as it had nothing to report, it would disperse in apologetic salaams. Pebbles like cuckoo eggs; a piece of tile shaped like a pistol clip, a fragment of topaz-colored glass, something quite dry resembling a whisk of bast, my tears, a microscopic bead, an empty cigarette package with a yellow-bearded sailor in the center of a life buoy, a stone like a Pompeian's foot, some creature's small bone or a spatula, a kerosene can, a shiver of garnet-red glass, a nutshell, a nondescript rusty thingum related to nothing, a shard of porcelain, of which the companion fragments must inevitably exist somewhere – and I imagined an eternal torment, a convict's task, that would serve as the best punishment for such as I, whose thoughts had ranged too far during their life span; namely, to find and gather all these parts, so as to re-create that gravy boat or soup tureen – hunchbacked wanderings along wild, misty shores. And, after all, if one is supremely lucky, one might restore the dish on the first morning instead of the trillionth – and there it is, that most agonizing question of luck, of Fortune's Wheel, of the right lottery ticket, without which a given soul might be denied eternal felicity beyond the grave.

On these early spring days the narrow strip of shingle is unadorned and forlorn, but strollers would pass along the promenade above, and this person or that, no doubt, must have said, on observing my shoulder blades, “There's Sineusov, the artist – lost his wife the other day.” And I would probably have sat like that forever, picking at the desiccated jetsam, watching the stumbling foam, noting the sham tenderness of elongated serial cloudlets all along the horizon and the wine-dark washes of warmth in the chill blue-green of the sea, if someone indeed had not recognized me from the sidewalk.

Но (путаясь в рваных шелках слога) возвращаюсь к Фальтеру. Как ты теперь вспомнила, мы однажды отправились туда, ползя в этот жарчайший день как два муравья по ленте цветочной корзины, потому что мне было любопытно взглянуть на бывшего моего репетитора, уроки которого сводились к остроумной полемике с Краевичем, а сам был упругий и опрятный, с большим белым носом и лаковым пробором; по этой прямой дорожке он потом и пошел к коммерческому счастью, а отец его, Илья Фальтер, был всего лишь старшим поваром у Менара, **повар ваш Илья на боку**. Ангел мой, ангел мой, может быть, и все наше земное ныне кажется тебе каламбуром, вроде “ветчины и вечности” (помнишь?), а настоящий смысл сущего, этой пронзительной фразы, очищенной от странных, сонных, маскарадных толкований, теперь звучит так чисто и сладко, что тебе, ангел, смешно, как это мы могли сон принимать всерьез (мы-то, впрочем, с тобой догадывались, почему все рассыпается от прикосновения исподтишка: слова, житейские правила, системы, личности, – так что, знаешь, я думаю, что смех это какая-то потерянная в мире случайная обезьянка истины).

И вот я увидел его **опять** после двадцатилетнего, **что ли**, перерыва, и оказалось, что я правильно делал, когда, приближаясь к гостинице, трактовал все ее классические прикрасы, – кедр, эвкалипт, банан, терракотовый теннис, автомобильный загон за газоном, – как церемониал счастливой судьбы, как символ тех поправок, которых требует теперь Прошлый образ Фальтера. За годы разлуки со мной, вполне нечувствительной для обоих, он из бедного жилистого студента с живыми как ночь глазами и красивым крепким налево накренным почерком, превратился в осанистого, довольно полного господина, сохранив при этом и живость взгляда, и красоту крупных рук, но только я бы никогда не узнал его со спины,

However (as I fumble among the torn silks of phrase), let me re-turn to Falter. As you have by now remembered, we went there once, on a torrid day, crawling like two ants up a flower-basket ribbon, because I was curious to take a look at my former tutor [whose lessons were limited to witty polemics with the compilers of my manuals], a resilient-looking, well-groomed man with a large white nose and a flossy parting in his hair; and it was along this straight line that he later traveled to business success, while his father, Ilya Falter, was only the senior chef at Menard's in St. Petersburg: *il y a pauvre Ilya, turning on povar*, which is “man cook” in Russian. My angel, oh my angel, perhaps our whole earthly existence is now but a pun to you, or a grotesque rhyme, something like “dental” and “transcendental” (remember?), and the true meaning of reality, of that piercing term, purged of all our strange, dreamy, masquerade interpretations, now sounds so pure and sweet that you, angel, find it amusing that we could have taken the dream seriously (although you and I did have an inkling of why everything disintegrated at one furtive touch – words, conventions of everyday life, systems, persons – so, you know, I think laughter is some chance little ape of truth astray in our world).

I was now seeing him after an interval of twenty years; and how right I had been, when approaching the hotel, to construe all of its classical ornaments – the cedar of Lebanon, the eucalyptus, the banana tree, the terra-cotta tennis court, the enclosure for cars beyond the lawn – as a ceremonial of fortunate fate, as a symbol of the corrections that the former image of Falter now required. During our years of separation [quite painless for us both] he had changed from a poor, wiry student with animated night-dark eyes and a beautiful, strong, sinistral handwriting into a dignified, rather corpulent gentleman, though the liveliness of his glance and the beauty of his large hands were undiminished – only I would never have recognized him from the back,

т. к. вместо толстых гладких, в скобку остриженных волос, виднелась посреди черного пуха коричневая от загара плешь почти иезуитской формы. В шелковой, цвета пареной репы рубашке, с клетчатым галстуком, в широких гриперловых панталонах и пегих туфлях, он показался мне ряженым, но большой нос был все тот же, и им-то он безошибочно почуял тонкий запах прошлого, когда, подойдя, я хлопнул его по мускулистому плечу и задал ему мою загадку. Ты стояла чуть поодаль, сдвинув голые лодыжки на кубовых каблуках и сдержанно, с лукавым интересом оглядывая обстановку громадного пустого в этот час холла, гиппопотамовую кожу кресел, строгого **стиля** бар, английские журналы на стеклянном столе, нарочно простые фрески, изображающие жидкогрудых бронзоватых дев на золотом фоне, одна из которых, с параллельными прядями стилизованных волос, спадающих вдоль щеки, почему-то стояла на одном колене. Могли ли мы думать, что хозяин всей этой красоты когда-нибудь перестанет ее видеть? Ангел мой... Пока что, приняв мои руки в свои, сжимая их, морща переносицу и вглядываясь, в меня темными прищуренными глазами, он выдерживал ту паузу, прерывающую жизнь, которую выдерживает собирающийся чихнуть, не совсем еще зная, удастся ли это, – но вот удалось, вспыхнуло прошлое, и он громко назвал меня по имени. Он поцеловал твою ручку, не наклоняя головы, и благожелательно засуется, явно наслаждаясь тем, что я, бывший человек, теперь застал его в полном блеске той жизни, которую он сам создал силой своей ваятельской воли, усадил нас на террасе, заказал коктейли и завтрак, познакомил нас со своим зятем, интеллигентным человеком в темном партикулярном платье, странно отличавшемся от экзотического франтовства самого Фальтера. Мы попили, поели, поговорили о прошлом, как о тяжело больном, мне удалось сбалансировать нож на спинке вилки, ты приласкала

for, instead of the thick, sleek hair and shaven nape, there was now a nimbus of black fluff encircling a sun-browed bald spot akin to a tonsure. With his silk shirt, the color of stewed rutabaga, his checked tie, his wide pearl-gray pants, and his piebald shoes, he struck me as being dressed up for a fancy-dress ball; but his large nose was the same as ever, and with it he infallibly caught the light scent of the past when I came up, slapped him on his muscular shoulder, and posed him my riddle. You were standing a little way off, your bare ankles pressed together on their high cobalt-blue heels, examining with restrained but mischievous interest the furnishings of the enormous hall, empty at that hour – the hippopotamus hide of the armchairs, the austere bar, the British magazines on the glass-topped table, the frescoes, of studied simplicity, depicting scanty-breasted bronzed girls against a golden background, one of whom, with parallel strands of stylized hair falling along her cheek, had for some reason gone down on one knee. Could we conceive that the master of all this splendor would ever cease to see it? My angel. . . . Meanwhile, taking my hands in his, squeezing them, puckering the skin between his brows and fixing me with dark, narrowed eyes, he was observing that life-suspending pause observed by those who are about to sneeze but are not quite sure if they will succeed ... but he succeeded, the past burst into light, and he loudly pronounced my nickname. He kissed your hand, without bending his head, and then, in a benevolent fuss, obviously enjoying the fact that I, a person who had seen better days, had now found him in the full glory of the life he had himself created by the power of his sculptitory will, he seated us on the terrace, ordered cocktails and lunch, introduced us to his brother-in-law, Mr. L., a cultured man in a dark business suit that contrasted oddly with Faker's exotic foppishness. We drank, we ate, we talked about the past as about someone gravely ill, I managed to balance a knife on the back of a fork, you petted

чудную нервную собаку, **явно** боявшуюся хозяина, – и после минуты молчания, среди которого Фальтер вдруг отчетливо сказал “Да”, словно кончая консилиум, расстались, пообещав друг другу то, что ни он, ни я не собирались сдержать.

Ты ничего не нашла замечательного нем, не правда ли? И точно, ух как заезжен этот тип, в серой молодости содержавший спившегося отца при помощи уроков, а затем медленно, упрямо и бодро добившийся благосостояния, ибо кроме не очень доходной гостиницы у него были виноторговые дела, шедшие весьма успешно. Но, как я потом понял, ты была неправа, когда говорила, что это скучновато, что от таких энергичных удачников всегда несет потом. Нет, теперь я безумно завидую основной черте бывшего Фальтера, точности и крепости его “волевой субстанции”, как, помнишь, совсем по другому поводу выражался бедный Адольф. Сидел ли он в окопе или в канцелярии, спешил ли на поезд, вставал ли в темное утро в нетопленной комнате, налаживал ли деловые связи, преследовал ли кого-нибудь дружбой или враждой, он не только всегда владел всеми своими способностями, не только всегда жил со взведенным курком, но всегда был уверен, что сегодняшней и завтрашней, и всей череды постепенных своих целей он добьется непременно, и притом работал экономно, ибо метил невысоко я точно знал границу своих **возможностей**. Его главная заслуга перед собой та, что он сознательно обходил собственные таланты, делая ставку на дюжинное, общепринятое, а ведь он был одарен странными, чем-то обаятельными способностями, которые другой, менее осмотрительный, постарался бы практически применить. Пожалуй, только еще в самой молодости он не всегда умел сдержаться и мешал казенное натаскивание гимназиста по казенному предмету с необыкновенно изящными проявлениями математической мысли, оставлявшими а моей классной какой-то холодок поэзии,

the wonderful nervous dog that feared its master, and after a minute of silence, in the midst of which Falter suddenly uttered a distinct “Yes,” as if concluding a **diagnostic deliberation**, we parted, making each other promises that neither he nor I had the least intention of keeping.

You didn't find anything remarkable about him, did you? And **to be** sure – that type **has been done to death**: throughout a **drab** youth supported his alcoholic father by giving lessons, and then slowly, obstinately, buoyantly achieved prosperity; for, in addition to the not very profitable hotel, he had **flourishing interests** in the wine business. But, as I understood later, you were wrong when you said that it was all somewhat dull and that energetic, **successful** fellows **like him** always reek of sweat. Actually, I am madly envious now of the early Faker's basic trait: the precision and power of his “volitional substance,” as – you remember? – poor Adolf put it in a quite different **context**. Whether sitting in a trench or in an office, whether catching a train or getting up on a dark morning in an unheated room, whether arranging business connections or pursuing someone in friendship or enmity, **Adam Falter** not only was always in possession of all his faculties, not only lived **every moment** cocked like a pistol, but was always certain of unfailingly achieving today's aim, and tomorrow's, and the whole gradual **progression** of his aims, at the same time working economically, for he did not aim high, and knew his limitations exactly. His greatest service to himself was that he deliberately disregarded his talents, and banked on the ordinary, the commonplace; for he was endowed with strange, **mysteriously** fascinating **gifts**, which some other, less circumspect person might have tried to put to practical use. Perhaps only in the **very beginning of life** had he sometimes been unable to control himself, intermixing the **humdrum** coaching of a schoolboy in a humdrum subject with unusually elegant manifestations of mathematical thought, which left a certain chill of poetry

когда он, спеша , уходил. Я с завистью думаю, что, обладай я крепостью его нервов, упругостью души, сгущенностью волн, он бы теперь мне передал сущность нечеловеческого открытия, сделанного недавно им, то есть не боялся бы, что **сто** сообщение меня раздавит; я же со своей стороны был бы достаточно упорен, чтобы заставить его все сказать до конца.

С набережной сипловато и деликатно кто-то меня окликнул, но, так как со дня нашего завтрака с Фальтером прошло больше года, я не сразу узнал в человеке, бросившем на мои камни тень, его смиренного зятя. Из машинальной вежливости я поднялся к нему на панель, и он выразил мне свое болезненное, соболиное: случайно-де заглянул в мой пансион, где добрые люди не только сообщили ему о твоей смерти, но издали указали ему на мою фигуру среди пустого пляжа – фигуру, ставшую некоторого рода достопримечательностью (мне на минуту стало стыдно, что горб моего горя виден со всех террас).

– Мы познакомились у Адама Ильича, – сказал он, показывая корешки резцов и занимая свое место в моем вялом сознании. Я, должно быть, что-то спросил про Фальтера.

– Как, вы разве не знаете? – удивился болтун, и тогда-то я узнал всю историю.

Как-то прошлой осенью Фальтер отправился по делу в винограднейший из приморских городов, и, как обыкновенно, остановился в тихом маленьком отеле, хозяин которого был его давним должником. Надо себе представить этот отель, расположенный под перистой мышкой холма, поросшего мимозником, и не полностью застроенную улочку с полдюжиной каменных дачек, где пели радиолы в небольшом человеческом пространстве между

hanging about my schoolroom after he had hurried away to his next lesson. I think with envy that if my nerves were as strong as his, my soul as resilient, my willpower as condensed, he would have imparted to me nowadays the essence of the superhuman discovery he recently made – that is, he would not have feared that the information would crush me; I, on the other hand, would have been sufficiently persistent to make him tell me everything to the end.

A slightly husky voice hailed me discreetly from the promenade, but, as more than a year had passed since our luncheon with Falter, I did not immediately recognize his humble brother-in-law in the person who now cast a shadow on my stones. Out of mechanical politeness I went up to join him on the sidewalk, and he expressed his deepest et cetera: he had happened to stop by at my *pension*, he said, and the good people there had not only informed him of your death, but also indicated to him from afar my figure upon the deserted beach, a figure that had become a kind of local curiosity (for a moment I felt ashamed that the round back of my grief should be visible from every terrace).

“We met at Adam Ilyich's,” he said, showing the stumps of his incisors and taking his place in my limp consciousness. I must have proceeded to ask him something about Falter.

“Oh, so you haven't heard?” the prattler said in surprise, and it was then that I learned the whole story.

It happened that the previous spring Falter had gone on business to a particularly viny Riviera town, and, as usual, stopped at a quiet little hotel, whose proprietor was a debtor of his of long standing. One must picture this hotel, tucked up in the feathered armpit of a hill overgrown with mimosa, and the little lane, not fully built up yet, with its half-dozen tiny villas, where radio sets sang in the small human space between

млечным путем и олеандровой дремой, и пустыри, где вырабатывали свой ночной цирк кузнечики, и растворенное окно Фальтера в третьем этаже. Проведя гигиенический вечер в небольшом женском общежитии на Бульваре Взаимности, он, в отличном настроении, с ясной головой и легкими чреслами, вернулся около одиннадцати в отельчик, и сразу поднялся к себе. Пепельное от звезд чело ночи, тихо-безумное ее выражение, роение огней в старом городе, забавная математическая задача, по поводу которой он в прошлом году переписывался со шведским ученым, сухой и сладкий запах, как бы сидящий без мысли и дела там и сям в ямах мрака, метафизический вкус удачно купленного и перепроданного вина, на днях полученное из далекого, мало соблазнительного государства известие о смерти единоутробной сестры, образ которой давно увял в памяти, – все это, мне так представляется, плыло в сознании у Фальтера, пока он шел по улице и потом поднимался к себе, и хотя в отдельности эти мысли и впечатления ничуть не были какими-либо новыми или особенными для этого крепконосого, не совсем заурядного, но поверхностного человека (ибо по своей человеческой сути мы делимся на профессионалов и любителей, – Фальтер, как и я, был любитель), они в своей совокупности образовали быть может наиболее благоприятную среду для вспышки, для катастрофической, как главный выигрыш, чудовищно случайной, никак не предсказанной обиходом его рассудка, **сверхжизненной молнии**, поразившей его в ту ночь в том отеле.

Минуло около получаса со времени его возвращения, когда собранный сон небольшого белого дома, едва зыблившийся антикомариным крепом да ползучим цветком, был внезапно – нет, не нарушен, а разъят, расколот, взорван звуками, оставшимися незабвенными для слышавших, дорогая моя, эти звуки, эти ужасные звуки. То были не свиные вопли неженки, торопливыми злодеями

the Stardust and the sleeping oleanders, while crickets zinked the night with their stridulation in the vacant lot under Faker's open third-story window. After having passed a hygienic evening in a small bordello on the Boulevard de la Mutualité, he returned at about eleven to the hotel, in an excellent mood, clear of head and light of loin, and immediately went up to his room. The star-ashed brow of night her expression of gentle insanity the swarming of lights in the old town an amusing mathematical problem about which he had corresponded the year before with a Swedish scholar the dry, sweet smell that seemed to loll, without thought or task, here and there in the hollows of the darkness the metaphysical taste of a wine, well bought and well sold the news, recently received from a remote, unattractive country, of the death of a half-sister, whose image had long since wilted in his memory – all of this, I imagine, was floating through Falter's mind as he walked up the street and then mounted to his room and while taken separately none of these reflections and impressions was in the least new or unusual for this hard-nosed, not quite ordinary, but superficial man (for, on the basis of our human core, we are divided into professionals and amateurs Falter, like me, was an amateur), in their totality they formed perhaps the most favorable medium for the flash, the unearthly lightning, as catastrophic as a sweepstakes win, monstrously fortuitous, in no way foretold by the normal function of his reason, that struck him that night in that hotel.

About half an hour had passed since his return when the collective slumber of the small white building, with its barely rippling crape-like mosquito netting and wall flowers, was abruptly – no, not interrupted, but rent, split, blasted by sounds that remained unforgettable to the hearers, my darling – those sounds, those dreadful sounds. They were not the porcine squeals of a mollycoddle being dispatched by hasty villains

убиваемого в канаве, и не рев раненого солдата, которого озверелый хирург кое-как освобождает от гигантской ноги, они были хуже, о, хуже... и если уж сравнивать, говорил потом м-сье Раон, hôtelier¹⁰⁵, то, пожалуй, они скорее всего напоминали захлебывающиеся, почти ликующие крики бесконечно тяжело рожающей женщины, но женщины с мужским голосом и с великаном во чреве. Трудно было разобрать, какая главенствовала нота среди этой бури, разрывавшей человеческую гортань – боль, или страх, или труба безумия, или же, и последнее вернее всего, выражение чувства неведомого, и оно-то наделяло вой, вырывавшийся из комнаты Фальтера, чем-то, что возбуждало в слушателях паническое желание немедленно это прервать. Молодожены в ближайшей постели остановились, параллельно скосив глаза и затаив дыхание, голландец, живший внизу, выкатился в сад, где уже находились экономка и восемнадцать белевшихся горничных (всего две, размноженные перебежками). Хозяин, сохранивший, по его словам, полное присутствие духа, кинулся наверх и удостоверился, что дверь, за которой продолжался ураган криков, столь мощный, что против него было трудно идти, снутри заперта и не открывается ни на стук, ни на слово. Орущий Фальтер поскольку можно было догадываться, что орет именно он, – его отворенное окно было темно, а невыносимые звуки, исходившие оттуда, не носили печати чьей-либо личности, распространился далеко за пределы дома, и в окрестной черноте набирались соседи, у одного негодяя было пять карт в руке, все козыри. Теперь уже совсем нельзя было постигнуть, как могли чьи бы то ни было связки выдержать... по одним сведениям, Фальтер кричал около четверти часа, по другим, пожалуй более достоверным, минут пять подряд. Вдруг (покамест хозяин решал вопрос, взломать

¹⁰⁵ Содержатель гостиницы (франц.)

in a ditch, not the roar of a wounded soldier whom a savage surgeon relieves of a monstrous leg – no, they were worse, far worse. . . . And if, said later the innkeeper, Monsieur Paon, one were going to make comparisons, those sounds resembled most of all the paroxysmal, almost exultant screams of a woman in the throes of infinitely painful childbirth – a woman, however, with a man's voice and a giant in her womb. It was hard to identify the dominant note amid the storm rending that human throat – whether it was pain, fear, or the clarion of madness, or again, and most likely of all, the expression of an unfathomable sensation, whose very unknowability imparted to the exultation bursting from Faker's room something that aroused in the hearers a panical desire to put an immediate stop to it. The newlyweds who were toiling in the nearest bed paused, diverting their eyes in parallel and holding their breath; the Dutchman living downstairs scuttled out into the garden, which already contained the housekeeper and the white shimmer of eighteen maids (only two, really, multiplied by their darting to and fro). The hotel keeper, who, according to his own account, had retained full presence of mind, rushed upstairs and ascertained that the door behind which continued the hurricane of howling, so mighty that it seemed to thrust one back, was locked from within and would yield neither to thump nor entreaty. Roaring Falter, insofar as one could assume it was indeed he that roared (his open window was dark, and the intolerable sounds issuing from within did not bear the imprint of anyone's personality), spread out far beyond the limits of the hotel, and neighbors gathered in the surrounding darkness, and one rascal had five cards in his hand, all trumps. By now it was completely incomprehensible how anyone's vocal cords could endure the strain; according to one account, Faker screamed for at least fifteen minutes; according to another and probably more accurate one, for about five without interruption. Suddenly (while the landlord was deciding whether to break down

ли общими усилиями дверь, приставить ли лестницу извне, или вызвать полицию), крики, достигнув последнего предела муки, ужаса, изумления и того, что никак нельзя было определить, превратились в какое-то месиво стонов и оборвались. Настала такая тишина, что в первую минуту присутствующие переговаривались шепотом.

На всякий случай хозяин опять постучал в дверь, из-за нее донеслись вздохи, неверные шаги. **потом** стало слышно, как кто-то теребит замок, словно не умея отпереть. Слабый, мягкий кулак зашмякал изнутри. Тогда хозяин сделал то, что, собственно говоря, мог бы сделать гораздо раньше: нашел другой подходящий ключ и отпер.

– Света бы, – тихо сказал Фальтер в темноте. Мельком подумав, что он во время припадка разбил лампу, хозяин машинально проверил выключатель... но послушно отверзся свет, и Фальтер, мигая, с болезненным удивлением перебежал глазами от руки, давшей свет, к налившейся стеклянной груше, точно впервые видел, как это делается.

Странная, противная перемена произошла во всей его внешности: казалось, из него вынули костяк. Потное и теперь как бы обрюзгшее лицо с отвисшей губой и розовыми глазами выражало не только тупую усталость, но еще облегчение, животное облегчение после чудовищных **родов**. По пояс обнаженный, в одних пижамных штанах, он стоял, опустив лицо, и тер ладонью одной руки тыльную сторону другой. На естественные вопросы хозяина и жильцов он ничего не ответил, только надул щеки, отстранил подошедших и, выйдя из **комнаты**, стал обильно мочиться прямо на ступени **лестницы**. Затем лег на постель и заснул.

Утром хозяин предупредил по телефону его сестру, что Фальтер помешался, и полусонный, вялый, он был увезен восвояси.

down the door with a joint effort, place a ladder outside, or call the police) the screams, having attained the ultimate limits of agony, horror, amazement, and of that other quite undefinable something, turned into a medley of moans and then stopped **altogether**. It grew so quiet that at first those present conversed in whispers.

Cautiously, the landlord again knocked at the door, and from behind it came sighs and unsteady footfalls. **Presently** one heard someone fumbling at the lock, as though he did not **know** how to open it. A weak, soft fist began smacking **feebly** from within. Then **Monsieur Paon** did what he could **actually** have done much sooner – he found another key and opened **the door**.

“**One would like some** light,” Falter said softly in the dark. Thinking for an instant that Falter had broken the lamp during his fit, the landlord automatically checked the switch, but the light obediently came on, and Falter, blinking in sickly surprise, turned his eyes from the hand that had engendered light to the **newly** filled glass bulb, as if seeing for the first time how it was done.

A strange, repulsive change had come over his entire exterior: he looked as if his skeleton had been removed. His sweaty and now somehow flabby face, with its hanging lip and pink eyes, expressed not only a dull fatigue, but also relief, an animal relief as after the **pangs** of monster-**bearing**. Naked to the waist, wearing only his pajama bottoms, he stood with lowered face, rubbing the back of one hand with the palm of the other. To the natural questions of **Monsieur Paon** and the **hotel** **guests** he gave no answer; he **merely** puffed out his cheeks, pushed aside those who had **surrounded** him, came out **on the landing**, and began urinating copiously right on the stairs. Then he **went back**, lay down on his bed, and fell asleep.

In the morning the hotel keeper called up **Mrs. L.**, Falter's sister, to warn her that her brother had gone mad, and he was **bundled off** home, listless and half-asleep.

Врач, обычно лечивший у них, предположил наличие ударчика и прописал соответствующее лечение. Но Фальтер не поправился. Правда, он через некоторое время качал свободно двигаться, и даже иногда посвистывать, и громко говорить оскорбительные вещи, и хватать еду, запрещенную врачом. Перемена, однако, осталась. Это был человек, как бы потерявший все: уважение к жизни, всякий интерес к деньгам и делам, общепринятые или **освященные** традиции чувства, житейские навыки, манеры, решительно все. Его было небезопасно отпускать куда-либо одного, ибо с совершенно поверхностным, быстро забываемым, но обидным для других любопытством, он заговаривал со случайными прохожими, расспрашивал о происхождения шрама на чужом лице или **о точном смысле слов**, подслушанных в разговоре, не обращенном к нему. Мимоходом он брал с лотка апельсин и ел его с кожей, равнодушной полуулыбкой отвечая на скороговорку его **догнавшей** **торговки**. Утомясь или заскучав, он присаживался по-турецки на панель и старался от нечего делать поймать в кулак женский каблук как муху. Однажды он присвоил себе несколько шляп, пять фетровых и две панамы, которые старательно собирал по кафе, – и были неприятности с полицией.

Его состоянием заинтересовался какой-то известный итальянский психиатр, навещавший кого-то в фальтеровой гостинице. Это был не старый еще **господин**, изучавший, как он сам охотно толковал, “динамику душ” и в печатных работах, весьма популярных не в одних научных кругах, доказывавший, что все психические заболевания объяснимы подсознательной памятью о несчастьях предков пациента и что если больной страдает, скажем, мегаломанией, то для полного его излечения стоит лишь установить, кто из его прадедов был властолюбивым неудачником, и правнуку объяснить, что пращур умер, навсегда успокоившись, хотя в сложных случаях приходилось прибегать

The family doctor suggested it was just a slight stroke and prescribed the correspondent treatment. But Falter did not get better. After a time, it is true, he began walking about freely, and even whistling at times, and uttering loud insults, and grabbing food the doctor had forbidden. However, the change remained. He was like a man who had lost everything: respect for life, all interest in money and business, all customary and traditional feelings, everyday habits, manners, absolutely everything. It was unsafe to let him go anywhere alone, for, with a curiosity quite superficial and quickly forgotten but offensive to others, he would address chance passersby, to discuss the origin of a scar on someone's face or a statement, not addressed to him, that he had overheard in a conversation between strangers. He would take an orange from a fruit stand as he passed, and eat it unpeeled, responding with an indifferent half-smile to the jabber of the fruit-woman who had run after him. When he grew tired or bored he would squat on the sidewalk Turkish fashion and, for something to do, try to catch girls' heels in his fist like flies. Once he appropriated several hats, five felts and two panamas, which he had painstakingly collected in various cafes, and there were difficulties with the police.

His case attracted the attention of a well-known Italian psychiatrist, who happened to have a patient at Falter's hotel. This Dr. Bonomini, a youngish man, was studying, as he himself would willingly explain, "the dynamics of the psyche," and sought to demonstrate in his works, whose popularity was not confined to learned circles, that all psychic disorders could be explained by subliminal memories of calamities that befell the patient's forebears, and that if, for example, the subject were afflicted by megalomania, to cure him completely it sufficed to determine which of his great-grandfathers was a power-hungry failure, and explain to the great-grandson that the ancestor being dead had found eternal peace, although in complex cases it was actually necessary to resort

чуть ли не к театральному, в костюмах эпохи, действию, изображающему определенный род смерти предка, роль которого давалась пациенту. Эти живые картины так вошли в моду, что профессору пришлось печатно объяснять публике опасность их постановки вне его непосредственного контроля.

Порасспросив сестру Фальтера, итальянец выяснил, что предков своих Фальтеры не знают, их отец, правда, был не прочь напиться пьяным, не, так как по теории “болезнь отражает лишь давно прошедшее”, как, скажем, народный эпос сублимирует лишь давние дела, подробности о Фальтере-рèге были ему ненужны. Все же он предложил, что попробует заняться больным, надеясь путем остроумных расспросов добиться от него самого объяснения его состояния, после него предки выведутся из суммы сами; что такое объяснение существовало, подтверждалось тем, что, когда удавалось близким проникнуть в молчание Фальтера, он кратко и отстранительно намекал на нечто из ряда вон выходящее, испытанное им в ту непонятную ночь.

Однажды итальянец уединился с Фальтером в комнате последнего и, так как был сердцевед опытный, в роговых очках и с платочком в грудном карманчике, по видимому, добился от него исчерпывающего ответа о причине его ночных воплей. Вероятно, дело не обошлось без гипнотизма, так как Фальтер потом уверял следователя, что проговорился против воли и что ему было не по себе. Впрочем, он добавил, что все равно, рано или поздно, произвел бы этот опыт, но что уж наверное никогда его не повторит. Как бы то ни было, бедный автор “Героики Безумия” оказался жертвой Фальтеровой медузы. Так как задушевное свидание между врачом и пациентом неестественно затянулось, сестра Фальтера, вязавшая серый шарф на террасе

to theatrical representation, in costumes of the period, depicting the specific demise of the ancestor whose role was assigned to the patient. These *tableaux vivants* grew so fashionable that Bonomini was obliged to explain to the public in print the dangers of staging them without his direct control.

Having questioned Falter's sister, Bonomini established that the Falters did not know much about their forebears; true, Ilya Falter had been addicted to drink but since, according to Bonomini's theory, "the patient's illness reflects only the distant past," as, for instance, a folk epic "sublimates" only remote occurrences, the details about Falter *perè* were useless to him. Nevertheless he offered to try to help the patient, hoping by means of clever questioning to make Falter himself produce the explanation for his condition, after which the necessary Ancestors could become deducible of their own accord; that an explanation did exist was confirmed by the fact that when Falter's intimates succeeded in penetrating his silence he would succinctly and dismissively allude to something quite out of the ordinary that he had experienced on that enigmatic night.

One day Bonomini closeted himself with Falter in the latter's room, and, like the knower of human hearts he was, with his horn-rimmed glasses and that hankie in his breast pocket, managed apparently to get out of him an exhaustive reply about the cause of his nocturnal howls. Hypnotism probably played its part in the business, for at the subsequent inquest Falter insisted that he had blabbed against his will, and that it rankled. He added, however, that never mind, sooner or later he would have made the experiment anyway, but that now he would definitely never repeat it. Be that as it may, the poor author of *The Heroics of Insanity* became the prey of Falter's Medusa. Since the intimate encounter between doctor and patient seemed to be lasting abnormally long, Eleonora L., Falter's sister, who had been knitting a gray shawl on the terrace,

и уж давно не слышавшая разымчивого, молодецкого или фальшиво-вкрадчивого тенорка, невнятно доносившегося вначале из полуоткрытого окошка, поднялась к брату, которого нашла рассматривающим со скучным любопытством рекламную брошюрку с горко-санаторскими **видами**, вероятно принесенную врачом, между тем как сам врач, наполовину съехавший с кресла на ковер, с интервалом белья между жилетом и панталонами, лежал растопырив маленькие ноги и откинув бледно-кофейное лицо, сраженный, как потом выяснилось, разрывом сердца. Деловито вмешавшимся полицейским **властям** Фальтер отвечал рассеянно и кратко; когда же наконец эти приставания ему надоели, он объяснил, что, случайно разгадав “загадку мира”, он поддался изошренным увещеваниям и поведal се любознательному собеседнику, который от удивления и помер. Газеты подхватили эту историю, соответственно ее изукрасив, и личность Фальтера, переодетая тибетским мудрецом, в продолжение нескольких дней подкармливала непривередливую хронику.

Но, как ты знаешь, я в те дни газет не читал: ты тогда умирала. Теперь же, выслушав подробный рассказ о Фальтере, я испытал некое весьма сильное и слегка как бы стыдливое желание.

Ты, конечно, понимаешь. В том состоянии, в котором я был, люди без воображения, то есть лишенные его поддержки и изысканий, обращаются к рекламным волшебникам, к хиромантам в маскарадных тюрбанах, промышляющим промеж магических дел крысиным ядом или розовой резиной, к жирным, смуглым гадалкам, – но особенно к спиритам, подделывающим неизвестную еще энергию под млечные черты призраков и глупо предметные их выступления. Но я воображением наделен, и потому у меня были две возможности: первая из них была моя работа, мое искусство, утешение моего

and for a long time already had not heard the psychiatrist's release-inducing, high-spirited, or falsely cajoling little tenor, which at first had been more or less audible through the half-open French window, entered her brother's room, and found him examining with dull curiosity the alpine sanatoriums in a brochure that had probably been brought by the doctor, while the doctor himself sprawled half on a chair and half on the carpet, with a gap of linen showing between waistcoat and trousers, his short legs spread wide and his pale café-au-lait face thrown back, felled, as was later determined, by heart failure. To the questions of the officiously meddling police Falter replied absently and tersely; but, when he finally grew tired of this pestering, he pointed out that, having accidentally solved "the riddle of the universe," he had yielded to artful exhortation and shared that solution with his inquisitive interlocutor, whereupon the latter had died of astonishment. The local newspapers caught up the story, embellished it properly, and the person of Falter, in the guise of a Tibetan sage, for several days nourished the not overparticular news columns.

But, as you know, during those days I did not read the papers: you were dying then. Now, however, having heard the story of Falter in detail, I experienced a certain very strong and perhaps slightly shame faced desire.

You understand, of course. In the condition I was in, people with out imagination — i.e., deprived of its support and inquiry — turn to the advertisements of wonder-workers, to chiromancers in comedy turbans, who combine the magic business with a trade in rat poison or rubber sheaths; to fat, swarthy women fortune-tellers; but particularly to spiritualists, who fake a still unidentified force by giving it the milky features of phantoms and getting them to manifest themselves in silly physical ways. But I have my share of imagination, and therefore two possibilities existed: the first was my work, my art, the consolation of my

искусства; вторая заключалась в том, чтобы вдруг взять да поверить, что довольно, в сущности, обыкновенный, несмотря на “**пти же**” бывалого ума, и даже чуть вульгарный человек вроде Фальтера действительно и окончательно узнал то, до чего ни один пророк, ни один волшебник никогда-никогда не мог додуматься.

Искусство мое? Ты помнишь, не правда ли, этого странного шведа, или датчанина, или исландца, **черт его знает, словом**, этого длинного, оранжево-загорелого блондина с ресницами старой лошади, который рекомендовался мне “известным писателем” и заказал мне за гонорар, обрадовавший тебя (ты уже не вставала с постели и не могла говорить, но писала мне цветным мелком на грифельной дощечке смешные вещи вроде того, что больше всего в жизни ты любишь “стихи, полевые цветы и иностранные деньги”), заказал мне, **говорю я**, серию иллюстраций к поэме “Ultima Thule”, которую он на своем языке только что написал. О том же, чтобы мне подробно ознакомиться с его манускриптом, не могло быть, конечно, речи, так как французский язык, на котором мы мучительно переговаривались, был ему знаком больше понаслышке, и перевести мне свои символы он не мог. Мне удалось понять только, что его герой – какой-то северный король, несчастный и нелюдимый; что в его государстве, в тумане моря, на грустном и далеком острове, развиваются какие-то политические интриги, убийства, мятежи, серая лошадь, потеряв всадника, летит в тумане по вереску... Моим первым blanc et noir¹⁰⁶ он остался доволен, и мы условились о темах остальных рисунков. Так как он не явился через неделю, как обещал, я к нему позвонил в гостиницу и узнал, что он отбыл в Америку.

Я от тебя тогда скрыл исчезновение работодателя, но рисунков не продолжал, да и ты уже была так больна, что не хотелось мне думать о моем

¹⁰⁶ Черно-белый (франц.).

art; the second consisted of taking the plunge and believing that a person like Falter, rather average when you come down to it, despite a shrewd mind's parlor games, and even a little vulgar, had actually and conclusively learned that at which no seer, no sorcerer had ever arrived.

My art? You remember him, don't you, that strange Swede or Dane — or Iclander, for all I know — anyway, that lanky, orange-tanned blond fellow with the eyelashes of an old horse, who introduced himself to me as “a well-known writer,” and, for a price that gladdened you (you were already confined to your bed and unable to speak, bin would write me funny trifles with colored chalk on slate — for instance, that the things you liked most in life were “verse, wildflowers, and foreign currency”), commissioned me to make a series of illustrations for the epic poem *Ultima Thule*, which he had just composed in his language. Of course there could be no question of my acquainting myself thoroughly with his manuscript, since French, in which we agonizingly communicated, was known to him mostly by hearsay, and he was unable to translate his imagery for me. I managed to understand only that his hero was some Northern king, unhappy and unsociable; that his kingdom, amid the sea mists, on a melancholy and remote island, was plagued by political intrigues of some kind, assassinations, insurrections, and that a white horse which had lost its rider was flying along the misty heath. . . . He was pleased with my first *blanc et noir* sample, and we decided on the subjects of the other drawings. As he did not turn up in a week as he had promised, I called his hotel, and learned that he had left for America.

I concealed my employer's disappearance from you, but did not go on with the drawings; then again, you were already so ill that I did not feel like thinking about my

золотом пере и кружевной туши. Но, когда ты умерла, когда ранние утра и поздние вечера стали особенно невыносимы, я с жалкой болезненной охотой, сознание которой вызывало у меня самого слезы, продолжал работу, за которой, я знал, никто не придет, но именно потому она мне казалась кстати, – ее призрачная беспредметная природа, отсутствие цели и вознаграждения, уводила меня в родственную область с той, в которой для меня пребываешь ты, моя призрачная цель, мое милое, мое такое милое земное творение, за которым никто никуда никогда не придет; а так как все отвлекало меня, подсовывая мне краску временности взамен графического узора вечности, муча меня твоими следами на пляже, камнями на пляже, твоей синей тенью на ужасном солнечном пляже, я решил вернуться в Париж, чтобы по-настоящему засесть за работу. “Ultima Thule”, остров, родившийся в пустынном и тусклом море моей тоски по тебе, меня теперь привлекал, как некое отечество моих наименее выразимых мыслей.

Однако прежде чем оставить юг, я должен был непременно повидать Фальтера. Это была вторая помощь, которую я придумал себе. Мне удалось себя убедить, что он все-таки не просто сумасшедший, что он не только верит в открытие, сделанное им, но что именно это открытие – источник его сумасшествия, а не наоборот. Я узнал, что на осень он переехал в наши места. Я узнал также, что его здоровье слабо, что пыл жизни, угасший в нем, оставил его тело без присмотра и без поощрения; что, вероятно, он скоро умрет. Я узнал, наконец, и это мне было особенно важно, что последнее время, несмотря на упадок сил, он стал необыкновенно разговорчив и целыми днями угощает посетителей – а к нему, увы, проникали другого рода любопытные, чем я, – придирчивыми к механике человеческой мысли, странно извилистыми, ничего не раскрывающими, но по ритму и шипам почти сократовскими разговорами. Я

golden pen and trceries in India ink. But when you died, when the early mornings and late evenings became especially unbearable, then, with a pitiful, feverish eagerness, the awareness of which would bring tears to my own eyes, I would continue the work for which I knew no one would come, and for that very reason that task seemed to me appropriate – its spectral, intangible nature, the lack of aim or reward would lead me away to a realm akin to the one in which, for me, you exist, my ghostly goal, my darling, such a darling earthly creation, for which no one will ever come anywhere; and since everything kept distracting me, fobbing upon me the paint of temporality instead of the graphic design of eternity, tormenting me with your tracks on the beach, with the stones on the beach, with your blue shadow on the loathsome bright beach, I decided to return to our lodging in Paris and settle down to work seriously. *Ultima Thule*, that island born in the desolate, gray sea of my heartache for you, now attracted me as the home of my least expressible thoughts.

However, before leaving the Riviera, I absolutely had to see Falter. This was the second solace I had invented for myself. I managed to convince myself that he was not simply a lunatic after all, that not only did he believe in the discovery he had made, but that this very discovery was the source of his madness, and not vice versa. I learned that he had moved to an apartment next to my pension. I also learned that his health was flagging; that when the flame of life had gone out in him it had left his body without supervision and without incentive; that he would probably die soon. I learned, finally, and this was especially important to me, that lately, in spite of his failing strength, he had grown unusually talkative and for days on end would treat his visitors (and alas, a different kind of curiosity-seeker than I got through to him) to speeches in which he caviled at the mechanics of human thought, oddly meandering speeches, exposing nothing, but almost Socratic in rhythm and sting. I

предложил, что посету его, но его зять мне ответил, что бедняге приятно всякое развлечение и что он достаточно силен, чтобы добраться до моего дома.

И вот они явились, то есть этот самый зять в своем неизменном черном костюмчике, его жена (рослая, молчаливая женщина, крепостью и отчетливостью телосложения напоминавшая прежний облик брата и теперь как бы служившая ему житейским укором, смежной нравоучительной картинкой) и сам Фальтер... вид которого меня поразил, несмотря на то что я был к перемене подготовлен. Как бы это выразить? Зять говорил, что из Фальтера словно извлекли скелет; мне же показалось иначе, что вынули душу, но зато удесятерили в нем дух. Я хочу этим сказать, что одного взгляда на Фальтера было довольно, чтобы понять, что никаких человеческих чувств, практикуемых в земном быту, от него не дождешься, что любить кого-нибудь, жалеть, даже только самого себя, благоволить к чужой душе и ей сострадать при случае, посильно и привычно служить добру, хотя бы собственной пробы, – всему этому Фальтер совершенно разучился, как разучился здороваться или пользоваться платком. А вместе с тем он не производил впечатления умалишенного – о нет, совсем напротив! – в его странно рассыревших чертах, в неприятном сытом взгляде, даже в плоских ногах, обутих уже не в модные башмаки, а в дешевые провансальские туфли на веревочных подошвах, чуялась какая-то сосредоточенная сила, и этой силе не было никакого дела до дряблости и явной тленности тела, которым она брезгливо руководила.

В личном отношении ко мне он был теперь не таков, как во время последней короткой нашей встречи, а таков, каким я его помнил по нашим урокам в юности. Не сомневаюсь, что он отлично сознавал, что в календарном смысле с тех пор прошло почти четверть века, а все же, как бы вместе с душой потеряв

offered to visit him, but his brother-in-law replied that the poor fellow enjoyed any diversion, and had the strength to reach my house.

And so they arrived — that is, the brother-in-law in his inevitable shabby black suit, his wife Eleonora (a tall, taciturn woman, whose clear-cut sturdiness recalled the former frame of her brother, and now served as a kind of living lesson to him, an adjacent moralistic picture), and Falter himself, whose appearance shocked me, even though I was prepared to see him changed. How can I express it? Mr. L. had said that he looked as if his bones had been removed; I, on the other hand, had the impression that his soul had been extracted but his mind intensified tenfold in recompense. By this I mean that one look at Falter was sufficient to understand that one need not expect from him any of the human feelings common in everyday life, that Falter had utterly lost the knack of loving anyone, of feeling pity, if only for himself, of experiencing kindness and, on occasion, compassion for the soul of another, of habitually serving, as best he could, the cause of good, if only that of his own standard; just as he had lost the knack of shaking hands or using his handkerchief. And yet he did not strike one as a madman — oh, no, quite the contrary! In his oddly bloated features, in his unpleasant, satiated gaze, even in his flat feet, shod no longer in fashionable Oxfords but in cheap espadrilles, one could sense some concentrated power, and this power was not in the least interested in the flabbiness and inevitable decay of the flesh that it squeamishly controlled.

His attitude toward me now was not that of our last brief encounter, but that which I remembered from the days of our youth, when he would come to coach me. No doubt he was perfectly aware that, chronologically, a quarter of a century had passed since those days, and yet as though along with his soul he had lost

чувство времени (без которого душа не может жить), он не столько на словах, а в **рассуждении** всей манеры, явно относился ко мне так, как если бы все это было вчера – и вместе с тем ни **малейшей** симпатии ко мне, никакого тепла, ничего, ни **пылинки**.

Его усадили в кресло, и он странно развалился в ней, как рассаживается шимпанзе, которого сторож заставляет пародировать сибарита. Его сестра занялась вязанием и во все время разговора ни разу не приподняла седой стриженной головы. Ее муж вынул из кармана две газеты, местную и марсельскую, и тоже онемел. Только когда Фальтер, заметя твою большую фотографию, случайно стоявшую как раз на линии его взгляда, спросил, где же ты, зять, не отрываясь от газеты, неестественно громко, как говорят с глухими, проговорил:

– Вы же отлично знаете, что она умерла.

– Ах, да, – заметил Фальтер с нечеловеческой беспечностью и, обратившись ко мне, добавил: – Что же, царствие ей небесное, – так, кажется, полагается в обществе говорить?

Затем началась следующая между нами беседа; я записал ее по памяти, но, кажется, верно:

– Мне хотелось вас повидать, Фальтер, – сказал я (называя его на самом деле по имени-отчеству, но, при переносе, его вневременный образ не терпит этого прикрепления человека к определенной стране и кровному прошлому), – мне хотелось вас повидать, чтобы поговорить с вами откровенно. Если бы вы сочли возможным попросить ваших родственников нас оставить вдвоем...

– Они не в счет, – отрывисто заметил Фальтер.

– Под откровенностью, – продолжал я, – мной подразумевается взаимная возможность задавать любые вопросы и готовность отвечать на них. Но так как

his sense of time (without which the *soul* cannot live), he obviously regarded me – a matter not so much of words, but of his whole manner – as if it had all been yesterday; yet he had no sympathy, no warmth whatever for me – nothing, not even a speck of it.

They seated him in an armchair, and he spread his limbs strangely, as a chimpanzee might do when his keeper makes him parody a Sybarite in a recumbent position. His sister settled down to her knitting, and during the whole course of the conversation did not once raise her short-haired gray head. Her husband took two newspapers – a local one, and one from Marseilles – out of his pocket, and was also silent. Only when Falter, noticing a large photograph of you that happened to be standing right in his line of sight, asked where were you hiding did Mr. L. say, in the loud, artificial voice people use to address the deaf, and without looking up from his newspaper: “Come, you know perfectly well she is dead.”

“Ah, yes,” remarked Falter with inhuman unconcern, and, addressing me, added, “Oh well, may the kingdom of heaven be hers – isn't that what one is supposed to say in society?”

Then the following conversation began between us; total recall, rather than shorthand notes, now allows me to transcribe it exactly.

“I wanted to see you, Falter,” I said (actually addressing him by first name and patronymic, but, in narration, his timeless image does not tolerate any conjunction of the man with a definite country and a genetic past), “I wanted to see you in order to have a frank talk with you. I wonder if you would consider it possible to ask your relatives to leave us alone.”

“They do not count,” abruptly observed Falter.

“When I say 'frank,'” I went on, “I presuppose the reciprocal possibility of asking no matter what questions, and the readiness to answer them. But since it is

вопросы буду ставить я, а ответов ожидаю от вас, то все зависит от того, даете ли вы мне гарантию вашей прямоты; моя вам не требуется.

– На прямой вопрос отвечу прямо, – сказал Фальтер.

– В таком случае позвольте бить в лоб. Мы попросим ваших родственников на минуточку выйти, и вы скажете мне дословно то, что вы сказали итальянскому врачу.

– Вот тебе раз, – проговорил Фальтер.

– Вы не можете мне отказать в этом. Во-первых, я от вашего сообщения не умру, – ручаюсь; вы не смотрите, что у меня усталый невзрачный вид, сил найдется достаточно. Во-вторых, я обещаю вашу тайну держать при себе и даже, если хотите, застрелиться тотчас после вашего сообщения. Видите, я допускаю, что моя болтливость вам может быть еще неприятнее, чем моя смерть. Ну так как же, согласны?

– Решительно отказываюсь, – ответил Фальтер и скинул со стоявшего рядом с ним столика мешавшую ему облокотиться книгу.

– Ради того, чтобы как-нибудь завязать разговор, я временно примирюсь с вашим отказом. Начнем же с яйца. Итак, Фальтер, вам открылась сущность вещей.

– После чего точка, – вставил Фальтер.

– Согласен: вы мне ее не скажете; все же я делаю два важных вывода: у вещей есть сущность, и эта сущность может открыться уму.

Фальтер улыбнулся:

– Только не называйте это выводами, синьор. Это так – полустанки. Логические рассуждения очень удобны при небольших расстояниях, как пути мысленного сообщения, но круглота земли, увы, отражена и в логике:

shall ask the questions, and expect answers from you, everything depends upon your consent to be straightforward; you do not need that assurance from me.”

“To a straightforward question I shall give a straightforward answer,” said Falter.

“In that case allow me to come right to the point. We shall ask Mr. and Mrs. L. to step outside for a moment, and you will tell me verbatim what you told the Italian doctor.”

“Well, I’ll be damned,” said Falter.

“You cannot refuse me this. In the first place, the information won’t kill me – this I guarantee you; I may look tired and seedy but don’t you worry, I still have enough strength left. In the second place, I promise to keep your secret to myself, and even to shoot myself, if you like, immediately after learning it. You see, I allow that my loquacity may bother you even more than my death. Well, do you agree?”

“I refuse absolutely,” replied Falter, and swept away a book from the table next to him to make room for his elbow.

“For the sake of somehow starting our talk, I shall temporarily accept your refusal. Let us proceed *ab ovo*. Now then, Falter, I understand that the essence of things has been revealed to you.”

“Yes, period,” said Falter.

“Agreed – you will not tell me about it; nevertheless, I draw two important deductions: things do have an essence, and this essence can be revealed to the mind.”

Falter smiled. “Only do not call them deductions, mister. They are but flag stops. Logical reasoning may be a most convenient means of mental communication for covering short distances, but the curvature of the earth, alas, is reflected even in logic:

при идеально **последовательном** продвижении мысли вы вернетесь к отправной точке... с созданием гениальной простоты, с приятнейшим чувством, что обняли истину, между тем как обняли лишь самого себя. Зачем же пускаться в путь? Ограничьтесь этим положением – открылась сущность вещей, – в котором, впрочем, уже допущена вами ошибка; я объяснить ее вам не могу, так как малейший намек на объяснение уже был бы проблеском. При неподвижности положения ошибка незаметна. Но все, что вы зовете выводом, уже вскрывает порок: развитие роковым образом становится свитком.

– Хорошо, удовлетворюсь покамест этим. Теперь позвольте мне вопрос. Гипотезу, пришедшую на ум ученому, он проверяет выкладкой и испытанием, то есть мимикрией правды и ее пантомимой. Ее правдоподобие заражает других, и гипотеза почитается истинным объяснением данного явления, покуда кто-нибудь не найдет в ней погрешности. Если не ошибаюсь, вся наука состоит из таких опальных, или отставных, мыслей: а ведь каждая когда-то ходила в чинах; осталась **слава** или пенсия. В вашем же случае, Фальтер, я подозреваю, что у вас оказался какой-то другой метод нахождения и проверки. Можно ли назвать его – откровением ?

– Нельзя, – сказал Фальтер.

– Погодите. Меня сейчас не столько интересует способ открытия, сколько ваша уверенность в истинности находки. Другими словами, либо у вас есть способ проверить находку, либо сознание истины заложено в ней.

– Видите ли, – отвечал Фальтер, – в Индокитае, при розыгрыше лотереи, номера вытягивает обезьяна. Этой обезьяной оказался я. Другой образ: в стране честных людей у берега был пришвартован ялик, никому не принадлежавший; но никто не знал, что он никому не принадлежит; мнимая же его принадлежность

an ideally rational progression of thought will finally **bring you back** to the point of departure where you return aware of the simplicity of genius, with a delightful sensation that you have embraced truth, while **actually** you have merely embraced your own self. Why set out on that journey, then? **Be content with the formula**: the essence of things has been revealed – wherein, incidentally, a blunder of yours is already present; I cannot explain it to you, since the least hint at an explanation would be a **lethal** glimpse. As long as the proposition **remains static**, one does not notice the blunder. But anything you might term a deduction already exposes the flaw: **logical** development **inexorably** becomes an **envelopment**.”

“All right, for the present I shall be content with that much. Now allow me a question. When a hypothesis enters a scientist's mind, he checks it by calculation and experiment, that is, by the mimicry and the pantomime of truth. Its plausibility infects others, and the hypothesis is **accepted** as the true explanation for the given phenomenon, until someone finds its faults. **I believe** the whole of science consists of such **exiled** or retired ideas: and yet at one time each of them boasted high rank; now only a **name** or a pension is left. But in your case, Falter, I suspect that you have **found** some different method of discovery and test. May I call it 'revelation' **in the theological sense**?”

“**You may not**,” said Falter.

“Wait a minute. Right now I am interested not so much in the method of discovery as in your conviction that the **result** is true. In other words, either you have a method of checking the **result**, or the awareness of its truth is **inherent** in it.”

“You see,” answered Falter, “in Indochina, at the lottery drawings, the numbers are extracted by a monkey. I happen to be that monkey. Another **metaphor**: in a country of honest **men** a yawl was moored at the shore, and it did not belong to anyone; but no one knew that it did not belong

кому-то делала его невидимым для всех. Я случайно в него сел. Но, может быть, проще всего будет, если скажу, что в минуту игривости, не непременно математической игривости, – математика, предупреждаю вас, лишь вечная чехарда через собственные плечи при собственном своем размножении, – я комбинировал различные мысли, ну и вот скомбинировал и взорвался, как Бертгольд Шварц. Я выжил; может быть, выжил бы и другой на моем месте. Но после случая с моим прелестным врачом у меня нет ни малейшей охоты возиться опять с полицией.

– Вы разогреваетесь, Фальтер. Но вернемся к главному: что именно вам говорит, что это есть истина? Обезьяна **чужда** жребию.

– Истин, теней истин, – сказал Фальтер, – на свете так мало, – в смысле видов, а не особей, разумеется, – а те, что налицо, либо так ничтожны, либо так засорены, что... как бы сказать... *отдача* при распознавании истины, мгновенный отзыв всего существа – явление мало знакомое, мало изученное. Ну, еще там у детей... когда ребенок просыпается или приходит в себя после скарлатины... электрический разряд действительности, сравнительной, конечно, действительности, другой у вас нет. Возьмите любой трюизм, т. е. труп сравнительной истины. Разберитесь теперь в физическом ощущении, которое у вас вызывают слова: черное темнее коричневого, или лед холоден. Мысль ваша ленится даже привстать, как если бы все тот же учитель раз сто за один урок входил и **выходил** из вашего класса. Но ребенком в сильный мороз я однажды лизнул блестящий замок калитки. Оставим в стороне физическую боль, или гордость **собственного** открытия, ежели оно из приятных, – не это есть настоящая реакция на истину. Видите, так мало известно это чувство, что нельзя даже подыскать точного слова... Все нервы разом отвечают “да” – так, что ли.

and its assumed appurtenance to someone rendered it invisible to all. I happened to get into it. But perhaps it would be simplest of all if I said that in a moment of playfulness, not mathematical playfulness, necessarily – mathematics, I warn you, is but a perpetual game of leapfrog over its own shoulders as it keeps breeding – I kept combining various ideas, and finally found the right combination and exploded, like Berthold Schwartz. Somehow I survived; perhaps another in my place might have survived, too. However, after the incident with my charming doctor I do not have the least desire to be bothered by the police again.”

“You’re warming up, Falter. But let’s get back to the point: what exactly makes you certain that it is the truth? That monkey is not really a party to the cast lots.”

“Truths, and shadows of truths,” said Falter, “in the sense of species, of course, not specimens, are so rare in the world, and available ones are either so trivial or tainted, that – how shall I put it? – that the recoil upon perceiving Truth, the instant reaction of one’s whole being, remains an unfamiliar, little-studied phenomenon. Oh, well, sometimes in children – when a boy wakes up or regains his senses after a bout with scarlet fever and there is an electric discharge of reality, relative reality, no doubt, for you, humans, possess no other. Take any truism, that is, the corpse of a relative truth. Now analyze the physical sensation evoked in you by the words ‘black is darker than brown,’ or ‘ice is cold.’ Your thought is too lazy even to make a polite pretense of raising its rump from its bench, as if the same teacher were to enter your classroom a hundred times in the course of one lesson in old Russia. But, in my childhood, one day of great frost, I licked the shiny lock of a wicket. Let us dismiss the physical pain, or the pride of discovery, if it is a pleasant one – all that is not the real reaction to truth. You see, its impact is so little known that one cannot even find an exact word for it. All your nerves simultaneously answer ‘yes!’ – something like that.

Откинем и удивление, как лишь непривычность усвоения *предмета* истины, не ее самой. Если вы мне скажете, что такой-то – вор, то я, немедленно соображая в уме все те вдруг осветившиеся мелочи, которые сам наблюдал, все же успеваю удивиться тому, что человек, казавшийся столь порядочным, на самом деле мошенник, но истина уже мною незаметно впитана, так что самое мое удивление тотчас принимает обратный образ (как это такого явного мошенника можно было считать честным) ; другими словами, чувствительная точка истины лежит как раз на полпути между первым удивлением и вторым.

– Так. Это все довольно ясно.

– Удивление же, доведенное до потрясающих, невообразимых размеров, – продолжал Фальтер, – может подействовать крайне болезненно, и все же оно ничто в сравнении с самим ударом истины. И этого уже не “впитаешь”. Она меня не убила случайно ■ столь же случайно, как грянула в меня. Сомневаюсь, что при такой силе ощущения можно было бы думать о его проверке. Но постфактум такая проверка может быть осуществлена, хотя в ее механизме я лично не нуждаюсь. Представьте себе любую проходную правду, скажем, что два угла, равные третьему, равны между собой; заключено ли в этом утверждении то, что лед горяч или что в Канаде есть камни? Иначе говоря, данная истинка никаких других родовых истиннок не содержит, а тем менее таких, которые принадлежали бы к другим породам и плоскостям знания или мышления. Что же вы скажете об истине, которая заключает в себе объяснение и доказательство всех возможных мысленных утверждений? Можно верить в поэзию полевого цветка или в силу денег, но ни то, ни другое не предопределяет веры в гомеопатию или в необходимость истреблять антилоп на островках озера Виктория Ньянджи; но, узнав то, что я узнал, – если можно это назвать узнаванием, – я получил ключ

Let us also set aside a kind of astonishment, which is merely the unaccustomed assimilation of the *thingness* of truth, not of Truth itself. If you tell me that So-and-so is a thief, then I combine at once in my mind a number of suddenly illuminated trifles that I had myself observed, yet I have time to marvel that a man who had seemed so upright turned out to be a crook, but unconsciously I have already absorbed the truth, so that my astonishment itself promptly assumes an inverted form (how could one have ever thought honest such an obvious crook?); in other words, the sensitive point of truth lies exactly halfway between the first surprise and the second.”

“Right. This is all fairly clear.”

“On the other hand, surprise carried to stunning, unimaginable dimensions,” Falter went on, “can have extremely painful effects, and it is still nothing compared to the shock of Truth itself. And *that* can no longer be 'absorbed.' It was by chance that it did not kill me, just as it was by chance that it struck me. I doubt one could think of checking a sensation of such intensity. A check can, however, be made *ex post facto*, though I personally have no need for the complexities of the verification. Take any commonplace truth – for instance, that two angles equal to a third are equal to each other; does the postulate also include anything about ice being hot or rocks occurring in Canada? In other words, a given truthlet, to coin a diminutive, does not contain any other related truthlets and, even less, such ones that belong to different kinds or levels of knowledge or thought. What, then, would you say about a Truth with a capital T that comprises in itself the explanation and the proof of all possible mental affirmations? One can believe in the poetry of a wildflower or the power of money, but neither belief predetermines faith in homeopathy or in the necessity to exterminate antelope on the islands of Lake Victoria Nyanza; but in any case, having learned what I have – if this can be called learning – I received a key

решительно ко всем дверям и шкатулкам в мире, только незачем мне употреблять его, раз всякая мысль об его прикладном значении *уже* сама по себе переходит во всю серию откидываемых крышек. Я могу сомневаться в моей физической способности представить себе до конца все последствия моего открытия, то есть в какой мере я еще не сошел с ума или, напротив, как далеко оставил за собой все, что понимается под помешательством, – но сомневаться никак не могу в том, что мне, как вы выразились, “открылась суть”. Воды, пожалуйста.

– Вот вам вода. Но позвольте, Фальтер, правильно ли я понял вас? Неужели вы отныне кандидат всепознания? Извините, не чувствую этого. Допускаю, что вы знаете что-то главное, но в ваших словах нет конкретных признаков абсолютной мудрости.

– Берегу силы, – сказал Фальтер. – Да я и не утверждал, что теперь знаю все, – например, арабский язык, или сколько раз вы в жизни брились, или кто набирал строки вон в той газете, которую читает мой дурак-зять. Я только говорю, что знаю все, что мог бы узнать. То же может сказать всякий, просмотрев энциклопедию, не правда ли, но только энциклопедия, точное заглавие которой я узнал (вот, кстати, даю вам более изящный термин: я знаю заглавие вещей), действительно всеобъемлющая – и вот в этом разница между мною и самым сведущим человеком. Видите ли, я узнал – и тут я вас подвожу к самому краю итальянской пропасти, дамы, не смотрите, я узнал одну весьма простую вещь относительно мира. Она сама по себе так ясна, так забавно ясна, что только моя несчастная человеческая природа может счесть ее чудовищной. Когда я сейчас скажу “соответствует”, я под соответствием буду разумеать нечто бесконечно далекое от всех соответствий, вам известных, точно так же как самая природа моего открытия ничего не имеет общего с природой физических или

to absolutely all the doors and treasure chests in the world; only I have no need to use it, since every thought about its practical significance automatically, by its very nature, grades into the whole series of hinged lids. I may doubt my physical ability to imagine to the very end all the consequences of my discovery, and namely, to what degree I have not yet gone insane, or, inversely, how far behind I have left all that is meant by insanity; but I certainly cannot doubt that, as you put it, 'essence has been revealed to me.' Some water, please."

"Here you are. But let me see, Falter – did I understand you correctly? Are you really henceforth a candidate for omniscience? Excuse me, but I don't have that impression. I can allow that you know something fundamental, but your words contain no concrete indications of absolute wisdom."

"Saving my strength," said Falter. "Anyway, I never affirmed that I know everything now – Arabic, for example, or how many times in your life you have shaved, or who set the type for the newspaper which that fool over there is reading. I only say that I know everything I might want to know. Anyone could say that – couldn't he? – after having leafed through an encyclopedia; only, the encyclopedia whose exact title I have learned (there, by the way – I am giving you a more elegant definition: I know the title of things) is literally all-inclusive, and therein lies the difference between me and the most versatile scholar on earth. You see, I have learned – and here I am leading you to the very edge of the Riviera precipice, ladies don't look – I have learned one very simple thing about the world. It is by itself so obvious, so amusingly obvious, that only my wretched humanity can consider it monstrous. When in a moment I say 'congruent' I shall mean something infinitely removed from all the congruencies known to you, just as the nature itself of my discovery has nothing in common with the nature of any physical or

философских домыслов: итак, то главное во мне, что соответствует главному в мире, не подлежит телесному трепету, который меня так разбил. Вместе с тем возможное знание всех вещей, вытекающее из знания главной, не располагает во мне достаточно прочным аппаратом. Я усилием воли приучаю себя не выходить из клетки, держаться правил вашего мышления, как будто ничего не случилось, то есть поступаю, как бедняк, получивший миллион, а продолжающий жить в подвале, ибо он знает, что малейшей уступкой роскоши он загубит свою печень.

– Но сокровище есть у вас, Фальтер, – вот что мучительно. Оставим же рассуждения о вашем к нему отношении и потолкуем о нем самом. Повторяю, ваш отказ дать мне взглянуть на вашу медузу принят мною к сведению, а кроме того, я готов не делать даже самых очевидных заключений, потому что, как вы намекаете, всякое логическое заключение есть заключение мысли в себе. Я вам предлагаю другой метод вопросов и ответов: я вас не стану спрашивать о составе вашего сокровища, но ведь вы не выдадите его тайны, если скажете мне, лежит ли оно на востоке, или есть ли в нем хоть один топаз, или прошел ли хоть один человек в соседстве от него. При этом если вы ответите на любой из моих вопросов утвердительно или отрицательно, я не только обязуюсь не избирать данного пути для дальнейшего продвижения однородных вопросов, но обязуюсь и вообще прекратить разговор.

– Теоретически вы увлекаете меня в грубую ловушку, – сказал Фальтер, слегка затрясаясь, как если б смеялся. – На практике же это есть ловушка, лишь поскольку вы способны задать мне хоть один вопрос, на который я мог бы ответить простым да или нет. Таких шансов весьма мало. Посему, если вам нравится пустая забава, – пожалуйста, валяйте.

Я подумал и сказал:

philosophical conjectures. Now the main thing in me that is congruent with the main thing in the universe could not be affected by the bodily spasm that has thus shattered me. At the same time the possible knowledge of all things, consequent to the knowledge of the fundamental one, did not dispose in me of sufficiently solid apparatus. I am training myself by willpower not to leave the vivarium, to observe the rules of your mentality as if nothing had happened; in other words, I act like a beggar, a versifier, who has received a million in foreign currency, but goes on living in his basement, for he knows that the least concession to luxury would ruin his liver.”

“But the treasure is in your possession, Falter – that’s what hurts. Let us drop the discussion of your attitude toward it, and talk about the thing itself. I repeat – I have taken note of your refusal to let me peek at your Medusa, and am further willing to refrain from the most evident inferences, since, as you hint, any logical conclusion is a confinement of thought in itself. I propose to you a different method for our questions and answers: I shall not ask you about the contents of our treasure; but, after all, you will not give away its secret by telling me if, say, it lies in the East, or if there is even one topaz in it, or if even one man has ever passed in its proximity. At the same time, if you answer ‘yes’ or ‘no’ to a question, I not only promise to avoid choosing that particular line for a further series of related questions, but pledge to end the conversation altogether.”

“Theoretically, you are luring me into a clumsy trap,” said Falter, shaking slightly, as another might do when laughing. “Actually, it would be a trap only if you were capable of asking me at least one such question. There is very little chance of that. Therefore, if you enjoy pointless amusement, fire away.”

I thought a moment and said,

– Позвольте мне, Фальтер, начать так, как начинает традиционный турист, с осмотра старинной церкви, известной ему по снимкам. Позвольте мне спросить вас: существует ли Бог?

– Холодно,— сказал Фальтер.

Я не понял и переспросил.

– Бросьте, – огрызнулся Фальтер. – Я сказал “холодно”, как говорится в игре, когда требуется найти запятанный предмет. Если вы ищете под стулом или под тенью стула и предмета там быть не может, потому что он **просто** в другом месте, то вопрос существования стула или тени стула не имеет ни малейшего отношения к игре. Сказать же, что, может быть, стул-то существует, но предмет не там, то же, что сказать, что, может быть, предмет-то там, но стула не существует, то есть вы опять попадаетесь в излюбленный человеческой мыслью круг.

– Но согласитесь, Фальтер, если вы говорите, что искомое не находится ни в каком соседстве с понятием Бога, а искомое это есть по вашей терминологии “заглавное”, то, следовательно, понятие о Боге не есть заглавное, а если так, то нет заглавной необходимости в этом понятии, и раз нет нужды в Боге, то и Бога нет.

– **Значит**, вы не поняли моих слов о соотношении между возможным местом и невозможностью в нем нахождения предмета. Хорошо, скажу вам яснее. Тем, что вы упомянули о данном понятии, вы себя самого поставили в положение тайны, как если бы ищущий спрятался сам. Тем же, что вы упорствуете в своем вопросе, вы не только сами прячетесь, но еще верите, что, разделяя с искомым предметом свойство “спрятанности”, вы его приближаете к себе. Как я могу вам ответить, есть ли Бог, когда речь, может быть, идет о сладком горошке

“Falter, allow me to begin like the traditional tourist – with an inspection of an ancient church, familiar to him from pictures. Let me ask you: does God exist?”

“Cold,” said Falter.

I did not understand and repeated the question.

“Forget it,” snapped Falter. “I said 'cold,' as they say in the game, when one must find a hidden object. If you are looking under a chair or under the shadow of a chair, and the object cannot be in that place, because it happens to be somewhere else, then the question of there existing a chair or its shadow has nothing whatever to do with the game. To say that perhaps the chair exists but the object is not there is the same as saying that perhaps the object is there but the chair does not exist, which means that you end up again in the circle so dear to human thought.”

“You must agree, though, Falter, that if as you say the thing sought is not anywhere near to the concept of God, and if that thing is, according to your terminology, a kind of universal 'title,' then the concept of God does not appear on the title page; hence, there exists no true necessity for such a concept, and since there is no need for God, no God exists.”

“Then you did not understand what I said about the relationship between a possible place and the impossibility of finding the object in it. All right, I shall put it more clearly. By the very act of your mentioning a given concept you placed your own self in the position of an enigma, as if the seeker himself were to hide. And by persisting in your question, you not only hide, but also believe that by sharing with the sought-for object the quality of 'hiddenness' you bring it closer to you. How can I answer you whether God exists when the matter under discussion is perhaps sweet peas

или футбольных флажках? Вы не там и не так ищете, шер мосье, вот все, что я могу вам ответить. А если вам кажется, что из этого ответа можно сделать малейший вывод о ненужности или нужности Бога, то так получается именно потому, что вы не там и не так ищете. А не вы ли обещали, что не будете мыслить логически ?

– Сейчас поймаю и вас, Фальтер. Посмотрим, как вам удастся избежать прямого утверждения. Итак, нельзя искать заглавия мира в иероглифах божества?

– Простите, – ответил Фальтер. – Посредством цветистости слога и грамматического трюка вы просто гримируете ожидаемое вами отрицание под ожидаемое да. Я сейчас только отрицаю. Я отрицаю целесообразность искания истины в области общепринятой теологии, – а во избежание лишней работы со стороны вашей мысли спешу добавить, что употребленный мной эпитет – тупик. Не сворачивайте туда. Я прекращу разговор за *неимением собеседника*, если вы воскликнете “Ага, есть *другая* истина!” – ибо это будет значить, что вы так хорошо себя запрятали, что потеряли себя.

– Хорошо. Поверю вам. Допустим, что теология засоряет вопрос. Так, Фальтер?

– Барыня прислала сто рублей, – сказал Фальтер.

■ Ладно, оставим и этот неправильный путь. Хотя, вероятно, вы могли бы мне объяснить, почему именно он неправилен (ибо тут есть что-то странное, неуловимое, заставляющее вас сердиться), и тогда мне было бы ясно ваше нежелание отвечать?

– Мог бы, – сказал Фальтер, – но это было бы равносильно раскрытию сути, то есть как раз тому, чего вы от меня не добьетесь.

– Вы повторяетесь, Фальтер.

or a soccer **linesman's** flag? You are looking in **the wrong place and in the wrong way**, *cher monsieur*, that is all the answer I can give you. And if it seems to you that from this answer you can draw the least conclusion about the uselessness or necessity of God, it is just because you are looking in **the wrong place and in the wrong way**. Wasn't it you, though, that promised not to follow logical **patterns** of thought?"

"Now I too am going to trap you, Falter. Let's see how you'll manage to avoid a direct statement. One cannot, then, seek the title of the world in the hieroglyphics of deism?"

"Pardon me," replied Falter, "by means of ornate **language** and grammatical trickery **Moustache-Bleue** is merely **disguising** the expected non as an expected out. At the moment **all I** do is deny. I deny the **expediency** of the search for **Truth** in the realm of **common** theology, and, to save your mind **empty** labor, I hasten to add that the epithet I have used is a dead end; **I** do not turn into it. I shall have to terminate the discussion *for lack of an interlocutor* if you exclaim 'Aha, then there is *another*, **"uncommon,"** truth!' – for this would mean that you have hidden yourself so well as to have lost yourself."

"All right. I shall believe you. Let us grant that theology muddies the issue. Is that right, Falter?"

"This is the house that Jack built," said Falter **I**

"All right, we dismiss this false trail as well. Even though you could probably explain to me why it is false (for there is something queer and elusive here, something that irritates you), and then your reluctance to reply would be clear to me **I**"

"I could," said Falter, "but it would be equivalent to revealing the **gist** **of the matter**, that is, exactly what you are not going to get out of me."

"You repeat yourself, Falter.

Неужели вы будете так же изворачиваться, если я, скажем, спрошу, можно ли рассчитывать на загробную жизнь.

– Вам это очень интересно?

– Так же, как и вам, Фальтер. Что бы вы ни знали о смерти, мы оба смертны.

– Во-первых, – сказал Фальтер, – обратите внимание на следующий любопытный подвох: всякий человек смертен; вы (или я) – человек; значит, вы можете быть и *не смертны*. Почему? Да потому что выбранный человек тем самым уже перестает быть *всяким*. Вместе с тем мы с вами все-таки смертны, но я смертен иначе, чем вы.

– Не шпыняйте мою бедную логику, а ответьте мне просто, есть ли хоть подобие существования личности за гробом, или все кончается идеальной тьмой.

– Вон, – сказал Фальтер по привычке русских во Франции. – Вы хотите знать, вечно ли господин Синеусов будет пребывать в уюте господина Синеусова, или же все вдруг исчезнет? Тут есть две мысли, не правда ли? Перманентное освещение и черная чепуха. Мало того, несмотря на разность метафизической масти, они чрезвычайно друг на друга похожи. При этом они движутся параллельно. Они движутся даже весьма быстро. Да здравствует тотализатор! У-тю-тю, смотрите в бинокль, они **у вас** бегут наперегонки, и вы очень хотели бы знать, какая прибежит первая к столбу истины, но тем, что вы **требуете** от меня ответа, да или нет, на любую из них, вы хотите, чтобы я одну на всем бегу поймал за шиворот – а шиворот у бесенят скользкий, – но если бы я для вас одну из них и перехватил, то просто прервал бы состязание, или добежала бы другая, не схваченная мной, в чем не было бы никакого прока ввиду прекращения соперничества. Если же вы спросите, какая из двух бежит скорее,

Don't tell me you will be just as evasive if, for instance, I ask you: can one expect an afterlife?"

"Does it interest you very much?"

"Just as much as it does you, Falter. Whatever you may know about death, we are both mortal."

"In the first place," said Falter, "I call your attention to the following curious catch: any man is mortal; you are a man; therefore, it is also possible that *you are not mortal*. Why? Because a specified man (you or I) for that very reason ceases to be *any man*. Yet both of us are indeed mortal, but I am mortal in a different way than you."

"Don't spite my poor logic, but give me a plain answer: is there even a glimmer of one's identity beyond the grave, or does it all end in ideal darkness?"

"*Bon*," said Falter, as is the habit of Russian émigrés in France. "You want to know whether Gospodin Sineusov will forever reside within the snugness of Gospodin Sineusov, otherwise Moustache-Bleue, or whether everything will abruptly vanish. There are two ideas here, aren't there? Round-the-clock lighting and the black inane. Actually, despite the difference in metaphysical color, they greatly resemble each other. And they move in parallel. They even move at considerable speed. Long live the totalizator! Hey, hey, look through your turf glasses, they're racing each other, and you would very much like to know which will arrive first at the post of truth, but in asking me to give you a yes or no for either one or the other, you want me to catch one of them at full speed by the neck – and those devils have awfully slippery necks – but even if I were to grab one of them for you, I would merely interrupt the competition, or the winner would be the other, the one I did not snatch, an utterly meaningless result inasmuch as no rivalry would any longer exist. If you ask, however, which of the two runs faster, I shall retort with another question: what runs faster,

то ответу вам вопросом же: что скорее бежит – сильное желание или сильная боязнь?

– Думаю, что одинаково.

– То-то и оно. Ведь как же получается в рассуждении человечинки, – либо никак нельзя выразить то, что ожидает вас, т. е. нас, за смертью, и тогда полное беспамятство исключается, – ведь оно-то вполне доступно нашему воображению, – каждый из нас испытал полную тьму крепкого сна; либо, наоборот, – представить себе смерть можно, и тогда, естественно, выбирает рассудок не вечную жизнь, т. е. нечто само по себе неведомое, ни с чем земным несообразное, а именно наиболее вероятное – знакомую тьму. Ибо как же в самом деле может человек, доверяющий своему рассудку, допустить, что, скажем, некто мертвецки пьяный, умерший в крепком сне от случайной внешней причины, то есть случайно лишившийся того, чем, в сущности, он уже не обладал, как же это он приобретает способность снова мыслить и чувствовать благодаря лишь продлению, утверждению и усовершенствованию его неудачного состояния? Поэтому, если бы вы у меня спросили **даже** только одно **—** известно ли мне по-человечески то, что находится за смертью, то есть попытались бы предотвратить обреченное на нелепость состязание двух противоположных, но, в сущности, одинаковых представлений, из моего отрицания вы бы логически должны были вывести, что ваша жизнь небытием не может кончиться, а из моего утверждения вывели бы заключение обратное. И в том и в другом случае, как видите, вы бы остались точно в таком же положении, как были всегда, ибо сухое нет доказало бы вам, что я не более вас знаю о данном предмете, а влажное да предложило бы вам принять существование международных небес, в котором ваш рассудок не может не сомневаться.

strong desire or strong fear?"

"Same **pace**, I suppose."

"That's just it. For look what happens in the case of the **poor** little human mind. Either it has no way to express what awaits you – I mean, us – after death, and then total unconsciousness is excluded, for *that* is quite accessible to our imagination – every one of us has experienced the total darkness of **dreamless** sleep; or, on the contrary, death *can* be imagined, and then one's reason naturally **adopts** not **the notion of** eternal life, an unknown **entity**, incongruent with anything terrestrial, but precisely that which **seems** more probable – the familiar darkness **of stupor**. **Indeed**, how can a man who trusts in his reason admit, for instance, that someone who is dead drunk and dies while sound asleep from a chance external cause – thus losing by chance what he no longer really possessed – again acquires the ability to reason and feel thanks to the mere extension, consolidation, and perfection of his unfortunate condition? Hence, if you were to ask me only one thing: do I know, in human terms, what lies beyond death – that is, if you attempted to avert the absurdity in which must **peter out** the competition between two opposite, but basically similar concepts – **a negative reply on my part** would logically make you conclude that your life cannot end in **nothingness**, while from an affirmative you would draw the opposite conclusion. In either case, as you see, you would remain in exactly the same situation as before, since a dry 'no' would prove to you that I know no more than you about the given subject, while a moist 'yes' would suggest that you accept the existence of an international heaven which your reason cannot fail to doubt."

– Вы просто увильваете от прямого ответа, но позвольте мне все-таки заметить, что в разговоре о смерти вы не отвечаете мне : холодно.

– Вот вы опять, – вздохнул Фальтер. – Но я же вам только что объяснил, что всякий вывод следует кривизне мышления. Он по-земному правилен, покуда вы остаетесь в области земных величин, но когда вы пытаетесь забраться дальше, то ошибка растет по мере пути. Мало того: ваш разум воспримет всякий мой ответ исключительно с прикладной точки, ибо иначе чем в образе собственного креста вы смерть мыслить не можете, а это в свою очередь так извратит смысл моего ответа, что он тем самым станет ложью. Будем же соблюдать пристойность и в трансцендентальном. Яснее выразиться не могу – и скажите мне спасибо за увильвание. Вы догадываетесь, я полагаю, что тут есть одна загвоздка в самой постановке вопроса, загвоздка, которая, кстати сказать, страшнее самого страха смерти. Он у вас, по-видимому, особенно силен, не так ли?

– Да, Фальтер. Ужас, который я испытываю при мысли о своем будущем беспамятстве, равен только отвращению перед умозрительным тленом моего тела.

– Хорошо сказано. Вероятно, налицо и прочие симптомы этой подлунной болезни? Тупой укол в сердце, вдруг среди ночи, как мелькание дикой твари промеж домашних чувств и ручных мыслей: ведь я когда-нибудь... Правда, это бывает у вас? Ненависть к миру, который будет очень бодро продолжаться без вас... Коренное ощущение, что все в мире пустяки и призраки по сравнению с вашей предсмертной мукой, а значит, и с вашей жизнью, ибо, говорите вы себе, жизнь и есть предсмертная мука... Да, да, я вполне себе представляю болезнь, которой вы все страдаете в той или другой мере, и одно могу сказать:

“You are simply evading a straightforward answer, but allow me to observe nevertheless that on the subject of death you do not give me the answer 'cold.' “

“There you go again,” sighed Falter. “Didn't I just explain to you that any deduction **whatsoever** conforms to the curvature of thought? It is correct, as long as you remain in the sphere of earthly dimensions, but when you attempt to go beyond, **your** error grows in proportion to the **distance you cover**. And that's not all: your mind will **construe** any answer of mine exclusively from a **utilitarian viewpoint**, for you are unable to **conceive** death otherwise than in the image of your own **gravestone**, and this in turn would distort to such an extent the sense of my answer as to turn it into a lie, ipso facto. So let us observe decorum even **when dealing with** the transcendental. I cannot express myself more clearly – and you ought to be grateful for any evasiveness. You have an inkling, I gather, that there is a little hitch in the very formulation of the question, a hitch, incidentally, that is more terrible than the fear itself of death. It's particularly strong in you, isn't it?”

“Yes, Falter. The terror I feel at the thought of my future unconsciousness is equal only to the revulsion caused in me by a **mental foreview** of my decomposing body.”

“Well put. Probably other symptoms of this sublunary malady are present as well? A dull pang in the heart, suddenly, in the middle of the night, like the flash of a wild creature among domestic emotions and pet thoughts: 'Someday I **also must die**.' It happens to you, doesn't it? Hatred for the world, which will very cheerfully carry on without you. A basic sensation that all things in the world are trifles and phantasmata compared to your mortal agony, and therefore to your life, for, you say to yourself, life **itself** is the agony before death. Yes, oh yes, I can imagine perfectly **well** that sickness from which you all suffer to a lesser or greater degree, and I can say one thing:

не понимаю, как люди могут жить при таких условиях.

– Ну вот, Фальтер, мы, кажется, **договорились**. Выходит так, что если я признался бы в том, что в минуты счастья, восхищения, обнажения души я вдруг чувствую, что небытия за гробом нет; что рядом в запертой комнате, из-под двери которой дует стужей, готовится, **как в детстве**, многоочитое сияние, пирамида утех; что жизнь, родина, **весна**, звук ключевой **воды** или милого голоса, – все только путаное предисловие, а главное впереди; выходит, что если я так чувствую, Фальтер, можно жить, можно жить, – скажите мне, что можно, и я больше у вас ничего не спрошу.

– В таком случае, – сказал Фальтер, опять затрясаясь, – я еще менее понимаю. Перескочите предисловие, – и дело в шляпе!

– Un bon mouvement¹⁰⁷, Фальтер, скажите мне вашу тайну.

– Это что же, хотите взять врасплох? Какой вы. Нет, об этом не может быть речи. В первое время... Да, в первое время мне казалось, что можно попробовать... поделиться. Взрослый человек, если только он не такой бык, как я, не выдерживает, допустим, но, думалось мне, нельзя ли воспитать новое поколение *знающих*, т. е. не обратиться ли к детям. Как видите, я не сразу справился с заразой местной диалектики. Но на деле что же бы получилось? Во-первых, едва ли мыслимо связать ребят порукой жреческого молчания, так, чтобы ни один из них мечтательным словом не совершил убийства. Во-вторых, как только ребенок разовьется, сообщенное ему когда-то, принятое на веру и заснувшее на задворках сознания, дрогнет и проснется с трагическими последствиями. Если тайна моя не всегда бьет матерого сапьенса, то никакого юноши она, конечно, не пощадит. Ибо кому не знакомо то время жизни, когда всякая всячина – звездное небо

¹⁰⁷ Здесь: одно усилие (*франц.*)

I fail to understand how people can live under such conditions.”

“There, Falter, we seem to be getting somewhere. Apparently, then, if I admitted that, in moments of happiness, of rapture, when my soul is laid bare, I suddenly feel that there is no extinction beyond the grave; that in an adjacent locked room, from under whose door comes a frosty draft, there is being prepared a peacock-eyed radiance, a pyramid of delights akin to the Christmas tree of my childhood; that everything – life, patria, April, the sound of a spring or that of a dear voice – is but a muddled preface, and that the main text still lies ahead – if I can feel that way, Falter, is it not possible to live, to live – tell me it's possible, and I'll not ask you anything more.”

“In that case,” said Falter, shaking again in soundless mirth, “I understand you even less. Skip the preface, and it's in the bag!”

“*Un bon mouvement*, Falter – tell me your secret.”

“What are you trying to do, catch me off guard? You're crafty, I see. No, that is out of the question. In the first days – yes, in the first days I thought it might be possible to share my secret. A grown man, unless he is a bull like me, would not stand it – all right; but I wondered if one could not bring up a new generation of the *initiated*, that is, turn my attention to children. As you see, I did not immediately overcome the infection of local dialects. In practice, however, what would happen? In the first place, one can hardly imagine pledging kiddies to a vow of priestly silence lest any of them with one dreamy word commit manslaughter. In the second place, as soon as the child grows up, the information once imparted to him, accepted on faith, and allowed to sleep in a remote corner of his consciousness may give a start and awake, with tragic consequences. Even if my secret does not always destroy a mature member of the species, it is unthinkable that it should spare a youth. For who is not familiar with that period of life when all kinds of things – the starry sky

в **Ессентуках**, книга, прочитанная в клозете, собственные догадки о мире, сладкий ужас солипсизма – и так доводит молодую человеческую особь до иступления всех чувств. В палачи мне идти незачем; вражеских полков истреблять через мегафон не собираюсь... словом, довериться мне некому.

– Я задал вам два вопроса, Фальтер, и вы дважды доказали мне невозможность ответа. Мне кажется, было бы бесполезно спрашивать вас о чем-либо еще, скажем, о пределах мироздания или о происхождении жизни. Вы мне предложили бы, вероятно, удовлетвориться пестрой минутой на второсортной планете, обслуживаемой второсортным солнцем, или опять все свели бы к загадке: гетерологично ли самое слово “гетерологично”.

– Вероятно, – подтвердил Фальтер и протяжно зевнул.

Его зять тихонько зачерпнул из жилета часы и переглянулся с супругой.

– Но вот что странно, Фальтер. Как совмещается в вас сверхчеловеческое знание сути с ловкостью площадного софиста, не знающего ничего? Признайтесь, все ваши вздорные отводы лишь изощренное зубоскальство?

– Что же, это моя единственная защита, – сказал Фальтер, косясь на сестру, которая проворно вытягивала длинный серый шерстяной шарф из рукава пальто, уже подаваемого ему зятем. – Иначе, знаете, вы бы добились... Впрочем, – добавил он, не той, потом той рукой влезая в рукав и одновременно отодвигаясь от вспомогательных толчков помощников, – впрочем, если я немножко и покуражился над вами, то могу вас утешить: среди всякого вранья я нечаянно проговорился, – всего два-три слова, но в них промелькнул краешек истины, – да вы по счастью не обратили внимания.

above a Caucasian spa, a book read in the toilet, one's own conjectures about the cosmos, the delicious panic of solipsism – are in themselves enough to provoke a frenzy in all the senses of an adolescent human being. There is no reason for me to become an executioner; I have no intention of annihilating enemy regiments through a megaphone; in short, there is no one for me to confide in.”

“I asked you two questions, Falter, and you have twice proved to me the impossibility of an answer. It seems to me useless to ask you about anything else – say, about the limits of the universe, or the origin of life. You would probably suggest that I be content with a speckled minute on a second-rate planet, served by a second-rate sun, or else you would again reduce everything to a riddle: is the word 'heterologous' heterologous itself.”

“Probably,” agreed Falter, giving a lengthy yawn.

His brother-in-law quietly scooped his watch out of his waistcoat and glanced at his wife.

“Here's the odd thing, though, Falter. How does superhuman knowledge of the ultimate truth combine in you with the adroitness of a banal sophist who knows nothing? Admit it, all your absurd quibbling was nothing more than an elaborate sneer.”

“Oh well, that is my only defense,” said Falter, squinting at his sister, who was nimbly extracting a long gray woolen scarf from the sleeve of the overcoat already being offered to him by his brother-in-law. “Otherwise, you know, you might have teased it out of me. However,” he added, inserting the wrong arm, and then the right one in the sleeve, and simultaneously moving away from the helping shoves of his assistants, “however, even if I did browbeat you a little, let me console you: amid all the piffle and prate I inadvertently gave myself away – only two or three words, but in them flashed a fringe of absolute insight – luckily, though, you paid no attention.”

Его увели, и тем окончился наш довольно-таки дьявольский диалог. Фальтер не только ничего мне не сказал, но даже не дал мне подступиться, и, вероятно, его последнее слово было такой же издевкой, как и все предыдущие. На другой день скучный голос его зятя сообщил мне по телефону, что за визит Фальтер берет сто франков; я спросил, почему, собственно, меня не предупредили об этом, и он тотчас ответил, что, в случае повторения сеанса, два разговора мне обойдутся всего в полтора ста. Покупка истины, даже со скидкой, меня не прельщала и, отослав ему свой непредвиденный долг, я заставил себя не думать больше о Фальтере. Но вчера... да, вчера, я получил от него самого записку – из госпиталя: четко пишет, что во вторник умрет и что на прощание решается мне сообщить, что – тут следует две строчки, старательно и как бы иронически вымаранные. Я ответил, что благодарю за внимание и желаю ему интересных загробных впечатлений и приятного препровождения вечности.

Но все это не приближает меня к тебе, мой ангел. На всякий случай держу все окна и все двери жизни настежь открытыми, хотя чувствую, что ты не снизойдешь до старинных приемов привидений. Страшнее всего мысль, что, поскольку ты отныне сияешь во мне, я должен беречь свою жизнь. Мой бранный состав единственный, быть может, залог твоего идеального бытия: когда я скончаюсь, оно окончится тоже. Увы, я обречен с нищей страстью пользоваться земной природой, чтобы себе самому договорить тебя и затем положиться на свое же многоточие...

He was led away, and thus ended our rather diabolical dialogue. Not only had Falter told me nothing, he had not even allowed me to get close, and no doubt his last pronouncement was as much of a mockery as all the preceding ones. The following day his brother-in-law's dull voice informed me on the telephone that Falter charged 100 francs for a visit; I asked why on earth had I not been warned of this, and he promptly replied that if the interview were to be repeated, two conversations would cost me only 150. The purchase of Truth, even at a discount, did not tempt me, and, after sending him the sum of that unexpected debt, I forced myself not to think about Falter any more. Yesterday, though. . . . Yes, yesterday I received a note from Falter himself, from the hospital: he wrote, in a clear hand, that he would die on Tuesday, and that in parting he ventured to inform me that – here-followed two lines which had been painstakingly and, it seemed, ironically, blacked out. I replied that I was grateful for his thoughtfulness and that I wished him interesting posthumous impressions and a pleasant eternity.

But all this brings me no nearer to you, my angel. Just in case, I am keeping all the windows and doors of life wide open, even though I sense that you will not condescend to the time-honored ways of apparitions. Most terrifying of all is the thought that, inasmuch as you glow henceforth within me, I must safeguard my life. My transitory bodily frame is perhaps the only guarantee of your ideal existence: when I vanish, it will vanish as well. Alas, with a pauper's passion I am doomed to use physical nature in order to finish recounting you to myself, and then to rely on my own ellipsis....

Anexo III – Cronologia

De 1899 a 1919 – Rússia

1899. Vladímir Vladímirovitch Nabókov (doravante VN) nasce em São Petersburgo no dia 23 de abril, na rua Bolcháia Môrskaya, 47. Seu pai, Vladímir Dmítrievitch Nabókov, era um proeminente jurista, político liberal, membro da Duma. Sua mãe, Elena Rukávichnikov, era filha de uma rica família aristocrática.

1900. Nasce Serguêi, seu primeiro irmão. VN aprende inglês e francês com várias governantas. A família Nabókov fala uma mistura de francês, inglês e russo em casa.

1902. Chegada de Rachel Home, primeira governanta inglesa de VN.

1903. Nasce Olga, primeira irmã de VN. Em “Speak, Memory” (1951), Nabókov observa que suas primeiras memórias da infância remontam a 1903.

1904. Primeiro congresso nacional de *zemstvo*¹⁰⁸ é realizado em São Petersburgo. A última sessão é realizada na casa dos Nabókov.

1905. “Domingo Sangrento” – tropas do czar abrem fogo em uma manifestação de operários em direção ao Palácio de Inverno. Greve geral na Rússia, em outubro. Chegada de “Mademoiselle”, a governanta suíça de Lausanne que permaneceria com os Nabókov até 1912.

¹⁰⁸ Administrações locais e provinciais dirigidas pela nobreza e a burguesia na Rússia tsarista.

1906. Nasce a segunda irmã de VN, Elena. O pai de VN é eleito para a primeira Duma, mas é banido da política por ter assinado um manifesto em oposição à conscrição e a impostos.

1908. O pai é preso e cumpre sentença de 90 dias na prisão Krestí¹⁰⁹.

1911. Nasce o segundo irmão de VN, Kiríl. Começa a frequentar a escola “Tiênichev” – célebre escola liberal.

1914. Escreve os primeiros poemas.

1916. Publicação, por conta própria, do primeiro livro de poesia, “Стихи” (Stikhí), em São Petersburgo. Seu tio Rúka falece, deixando-lhe uma propriedade rural, espólio e uma considerável fortuna.

1917. Revolução de Fevereiro na Rússia. O pai aceita um posto no Governo Provisório. Após a Revolução de Outubro, o lar aristocrático dos Nabókov é atacado. 2 de novembro: VN e seu irmão Serguêi partem de São Petersburgo à Criméia, onde oferecem refúgio para a família perto de Ialta, na propriedade de um amigo. A mãe e as irmãs vão logo depois.

¹⁰⁹ Кресты (Krestí), “cruzes”, é a denominação coloquial de uma prisão, oficialmente Следственный Изолятор № 1 УФСИН по г. Санкт-Петербургу (Sliédstvenni Izoliátor No 1 UFCIN), 1o Centro de Detenção da Administração do Serviço Federal de Execução de Castigos de São Petersburgo.

1919 a 1939 – Europa

1919. A família Nabókov parte para o exílio: sai de Sebastópol em um velho navio grego de carga, que ia em direção à Constantinopla. Eles se estabelecem em Londres provisoriamente. O pai leva a família para Berlim, primeiro centro de emigrantes russos. VN e seu irmão Serguêi permanecem na Inglaterra e ingressam na Universidade de Cambridge. De 1919 a 1922 VN estuda literatura francesa e russa no “Trinity College Cambridge”, enquanto seu irmão vai para o “Christ College”.

1920. A família se estabelece em Berlim, onde o pai de VN se torna editor do jornal liberal russo “Рул” (Rul), do qual foi fundador. É nesse jornal que são publicados muitos dos primeiros trabalhos em prosa de VN, além de traduções do francês e do inglês.

1922. 28 de março. O pai é assassinado quando tenta impedir o assassinato do político Pável Miliukov por monarquistas de direita (Esse episódio aparece depois em “Дар” [Dar]). VN traduz “Alice’s Adventure in Wonderland”, de Lewis Carroll, para o russo. Fica noivo de Svetlana Siewert em Berlim. Recebe seu diploma de Cambridge em francês e russo e se transfere para morar com a família em Berlim. Publicação de “Гроздь” (Grozd) Berlim: Gamaiun.

1923. VN se estabelece em Berlim, onde sobrevive dando aulas de inglês e tênis, e trabalha como figurante em filmes. O noivado se desfaz. Publica poemas, resenhas, problemas sobre xadrez, e contos em “Рул” (Rul). A mãe e a irmã Elena se mudam para Praga, onde lhe oferecem uma pensão do governo por ser a viúva de V.D. Nabókov. Publicação de “Горний путь” (Górni Put), Berlim: Грани (Grani); “Скитальцы”

(Skitáltsi), Berlim: Грани (Grani), “uma suposta tradução do primeiro ato de uma peça de uma autora inglesa inexistente, ‘Vivian Calmbrood’ (anagrama de Vladímir Nabókov)”, segundo Dmítri Nabókov; e “Аня в стране чудес” (Ánia v stranié tchudiés, tradução de “Alice’s Adventure in Wonderland”), Berlim: Гамаюн (Gamaion). VN conhece sua futura mulher, Véra Slónim, em Berlim. Publica dramas no jornal “Рул” (Rul) entre maio e dezembro – “Смерть”(Smiêrt), drama em verso em dois atos; “Дедушка” (Diéduchka), drama em verso em um ato; “Агасфэр” (Agasfer), “um monólogo dramático escrito como um prólogo a uma sinfonia encenada” (legenda de VN).

1925. 15 de abril. Casa-se com Véra Evssiêiena Slónim em Berlim. Publicação do conto “Драка” (Dráka) no “Рул” (Rul). VN escreve “Машенька” (Máchenka), sua primeira novela.

1926. Publica “Машенька” (Máchenka), Berlim: Слово (Slovo), que passa despercebida; e o conto “Бритва” (Britva), no “Рул” (Rul). A segunda peça de VN, “Человек из СССР” (Tcheloviék iz SSSR), é produzida em Berlim.

1927. Publicação do primeiro ato de “Человек из СССР” (Tcheloviék iz SSSR), no “Рул” (Rul).

1928. Publicação de “Король, дама, валет” (Koról, dáma, valiét), Berlim: Слово (Slovo), que causa as primeiras manifestações de interesse e controvérsia; e do conto “Рождественский рассказ” (Rójdiestvienski rasskáz), no “Рул” (Rul).

1929. VN começa a trabalhar em “Защита Лужина” (Zaschíta Lújina), sua terceira novela. VN desenvolve círculos de leitura em Berlim e Paris – “segundo” centro de

emigração russa. Publicação de “Возвращение Чорба” (Vozvrashchênie Tchôrba), Berlim: Слово (Slovo), coletânea de contos, muitos dos quais já haviam sido publicados entre 1924 e 1927 no “Рул” (Rul), e poemas. Publicação de um capítulo de “Защита Лужина” (Zaschíta Lújina), no “Рул” (Rul), depois em “Современные записки” (Sovremiênnie zapíski), e depois em forma de livro, Berlim: Слово (Slovo).

Publica a novela “Соглядатай” (Sogliadátai) em “Современные записки” (Sovremiênnie zapíski) 1930. Ataques da crítica aos escritos de VN começam em círculos de imigrantes.

1931. Publica “Подвиг” (Pódvig), sua quarta novela, em “Современные записки” (Sovremiênnie zapíski).

1932. Publica “Камера обскура” (Kámara Obskúra) em “Современные записки” (Sovremiênnie zapíski). Publicação do livro “Подвиг” (Pódvig), Paris: Современные записки (Sovremiênnie zapíski).

1933. Começa a trabalhar em “Дар” (Dar). Publicação do livro “Камера обскура” (Kámara Obskúra), Paris: Современные записки (Sovremiênnie zapíski).

1934. 10 de maio. Nasce Dmítri Vladímirovitch Nabókov, único filho de VN. Publicação de “Отчаяние” (Otcháianie) em “Современные записки” (Sovremiênnie zapíski).

1935. Interrompe o trabalho de “Дар” (Dar) para escrever “Приглашение на казнь” (Priglachênie na kazn), que aparece em capítulos e suscita muitos comentários da crítica.

1936. Publicação do livro “Отчаяние” (Otcháianie), Berlim: Петрополис (Petropolis), e de “Приглашение на казнь” (Priglachênie na kazn) em “Современные записки” (Sovremiênnie zapíski). VN começa a ganhar notoriedade nos pequenos círculos literários, que o colocam ao lado de outros grandes escritores russos.

1937. “Дар” (Dar) começa a aparecer em capítulos. Os Nabókov se mudam a Paris para escapar a crescente ameaça do Nazismo. VN se envolve com “La Nouvelle Revue Française”, conhece Jean Paulhan e James Joyce. Escreve um ensaio sobre Púchkin em francês, intitulado “Pouchkine, ou le vrai et le vraisemblable”.

1938. VN escreve duas peças produzidas em russo em Paris: “Sobítia” e “Izobretiênie Walsa”, publicadas em “Rússkie zapíski”. Começa a escrever “The Real Life of Sebastian Knight”, em inglês. Publicação dos capítulos 1, 2, 3, e 5 de “Дар” (Dar) “Современные записки” (Sovremiênnie zapíski). Publicação dos livros “Приглашение на казнь” (Priglachênie na kazn), Paris: Dom Knigi, e “Соглядатай” (Sogliadátai), Paris: “Русские записки” (Rússkie zapíski).

1939. Escreve a novela “Волшебник” (Volchêbnik), “um primeiro esboço do tema de “Lolita”. Também escreve “Mademoiselle O”, em francês.

1940 a 1960 – Estados Unidos

1940. Os Nabókov partem para os Estados Unidos a bordo do *Champlain*. VN começa seus estudos de lepidopterologia no “Museum of Natural History e conhece Edmund

Wilson, que o apresentará para o *The New Yorker*. Publica o fragmento “Solus Rex” (romance inacabado) em “Современные записки” (Sovremienníe zapísiki).

1941. Começa a lecionar literatura comparada no “Wellesley College”. Publica o primeiro romance em inglês, “The Real Life of Sebastian Knight”, Norfolk, CT: New Directions.

1942. É nomeado pesquisador do “Museum of Comparative Zoology” da “Universidade de Harvard”; continua a lecionar literatura russa no Wellesley College. O segundo fragmento de “Solus Rex”, intitulado “Ultima Thule”, é publicado em “Новый журнал” (Nôvi jurnál).

1943. VN recebe o “Prêmio Guggenheim”.

1944. Publicação de “Nikolai Gogol”, Norfolk, CT: New Directions, e “Three Russian Poets”, Norfolk, CT: New Directions – traduções de Púchkin, Liêrmontov e Tiútchev. É nomeado professor titular do Wellesley College.

1945. VN e Véra tornam-se cidadãos norte-americanos. O irmão Serguêi morre em campo de concentração nazista.

1947. Publicação de “Bend Sinister”, (New York: Holt), e “Nine Stories”, Norfolk, Direction Two, algumas traduzidas do russo, algumas já escritas em inglês; Começa a idealizar “Lolita”.

1948. Recebe a proposta de lecionar literatura russa e européia na “Cornell University” como professor titular e VN aceita.

1951. VN leciona em Harvard como professor convidado. Publicação da autobiografia “Conclusive Evidence”, New York: Harper (“Speak, Memory”, Londres: Gollancz).

1953. Segundo “Prêmio Guggenheim” e “Prêmio da Academia Americana de Artes e Letras”. Finaliza “Lolita”.

1954. Trabalha em “Pnin” e na tradução de “Евгений Онегин” (Evguêni Oniêguin), de Púchkin.

1955. “Lolita”, recusada por quatro editoras norte-americanas, é publicado em Paris (Paris: Olympia Press).

1956. Publicação de “Весна в Фиальте” (Vesná v Fiálte), New York: изд-во им. Чехова (izd-vo im. Tchékhova).

1957. Publicação de “Pnin”, Garden City, NY: Doubleday. Um excerto de “Lolita” é publicado em “The Anchor Review”.

1958. Publicação da tradução de Dmítri Nabókov e VN de “Герой нашего времени” (Guerói náchevo vrêmia), “A Hero of Our Time”, Garden City, NY: Doubleday, de Liêrmontov. Publica, ainda “Nabokov's Dozen”, Garden City, NY: Doubleday, e “Lolita”, New York: Putnam.

1959. “Lolita” torna-se um best-seller internacional. VN renuncia às aulas para se dedicar inteiramente ao trabalho de criação artística. Publicação de “Poems”, Garden City, NY: Doubleday.

1960 a 1977 – Suíça

1960. Publicação da tradução de VN de “Слово о полку Игореве”, (Slovo o pótku Ígoreve) “The Song of Igor's Campaign”, New York: Random House, poema épico anônimo. VN escreve o roteiro de “Lolita” para Stanley Kubrick. Inicia “Pale Fire”. VN e Véra deixam os EUA para a Suíça, para ficar perto de Dmítri, que estava estudando ópera na Itália.

1961. Muda-se com Véra para o “Palace Hotel”, onde permanece para o resto de sua vida.

1962. Publicação de “Pale Fire”, New York: Putnam. Lançamento do filme “Lolita”, de Stanley Kubrick. VN é capa da “Newsweek”

1964. Publicação da tradução comentada de “Евгений Онегин” (Evguêni Oniêguin), Princeton, NJ: Princeton University Press/Bollingen Foundation. Kiríl falece em Munique.

1967. Publicação de “Speak, Memory”, New York: Putnam. Publicação dos primeiros trabalhos críticos sobre Nabókov: “Escape into Aesthetics”, New York: The Dial Press, de Page Stegner, e “Nabokov, His Life in Art”, Boston: Little, Brown & Co, de Andrew Field.

1969. Publicação de “Ada or Ardor: A Family Chronicle”, New York: McGraw-Hill. Nabókov é capa da “Time Magazine”.

1971. Publicação de “Poems and Problems”, New York: McGraw-Hill.

1972. Publicação de “Transparent Things”, New York: McGraw-Hill.

1973. Publicação de “A Russian Beauty and Other Stories”, New York: McGraw-Hill, de contos, alguns traduzidos do russo, alguns escritos em inglês; e “Strong Opinions”, New York: McGraw-Hill. Rompimento com o biógrafo Andrew Field.

1974. Publicação de “Lolita: A Screenplay”, New York: McGraw-Hill, que não foi usado por Kubrick para o filme. Publicação de “Look at the Harlequins”, New York: McGraw-Hill.

1975. Publicação de “Tyrants Destroyed and Other Stories”, New York: McGraw-Hill, de contos, alguns traduzidos do russo, alguns escritos em inglês.

1976. Publicação de “Details of a Sunset and Other Stories”, New York: McGraw-Hill, de contos traduzidos do russo.

1977. 2 de julho. Nabókov falece em Lausanne no dia 2 de julho. É enterrado em Clarens, e sob sua lápide lê-se: “*Vladimir Nabokov, écrivain*”.

Trabalhos publicados postumamente

1979. “The Nabokov-Wilson Letters, 1940-1971”, ed. Simon Karlinsky. New York: Harper & Row. “Стихи” (Stikhí). Ann Arbor: Ardis.

1980. “Lectures on Literature”, ed. Fredson Bowers. New York: Harcourt Brace Jovanovich/Bruccoli Clark.

1981. “Lectures on Russian Literature”, ed. Fredson Bowers. New York: Harcourt Brace Jovanovich/Bruccoli Clark.

1983. “Lectures on Don Quixote”, ed. Fredson Bowers. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich/Bruccoli Clark.

1984. “The Man from the USSR and Other Plays”, ed. Dmítri Nabokov. Harcourt Brace Jovanovich/Bruccoli Clark.

1985. “Переписка с сестрой” (Perepíska s sestrói). Ann Arbor: Ardis.

1986. “The Enchanter”, traduzido por Dmítri Nabókov. New York: Putnam. (Título original: “Волшебник” [Volchêbnik]).

1989. “Selected Letters, 1940-1977”, ed. Dmítri Nabókov e Matthew J. Bruccoli. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich/Bruccoli Clark.

1995. "The Stories of Vladimir Nabokov". New York: Knopf.

2009. "The Original of Laura". New York: Knopf.